

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

**TAMIRES FERREIRA COELHO**

**PROCESSOS COMUNICATIVOS DIGITAIS E PRESENCIAIS NA COMUNIDADE  
CS POA: RELAÇÕES CULTURAIS/IDENTITÁRIAS  
E PERSPECTIVAS DE CIDADANIA COMUNICATIVA E CULTURAL**

**SÃO LEOPOLDO**

**2014**

Tamires Ferreira Coêlho

**PROCESSOS COMUNICATIVOS DIGITAIS E PRESENCIAIS NA COMUNIDADE  
CS POA: RELAÇÕES CULTURAIS/IDENTITÁRIAS  
E PERSPECTIVAS DE CIDADANIA COMUNICATIVA E CULTURAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2014

C672t

Coelho, Tamires Ferreira.

Processos comunicativos digitais e presenciais na comunidade CS POA: relações culturais/identitárias e perspectivas de cidadania comunicativa e cultural / Tamires Ferreira Coelho. – 2014.

246 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014.

"Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jiani Adriana Bonin."

1. Couchsurfing. 2. Comunidades virtuais. 3. Identidade Cultural. 4. Cidadania cultural e comunicativa. 4. Processos comunicativos. I. Título.

CDU 659.3

Tamires Ferreira Coêlho

**PROCESSOS COMUNICATIVOS DIGITAIS E PRESENCIAIS NA COMUNIDADE  
CS POA: RELAÇÕES CULTURAIS/IDENTITÁRIAS  
E PERSPECTIVAS DE CIDADANIA COMUNICATIVA E CULTURAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 21 de janeiro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliane Dutra Brignol – Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho – Universidade de São Paulo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jiani Adriana Bonin – Unisinos (Orientadora)

Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus avós e ao Cris. Ao Fernando Pfeff (*in memoriam*), que foi um grande exemplo de amizade, de companheirismo e de doação no CS. A todos aqueles que acreditam na importância da ciência para a construção de uma sociedade mais ética e humana e, principalmente, aos que acreditam no espírito *couchsurfer* de ser e de receber, fazendo do mundo um lugar melhor em cada sofá. *Keep Couchsurfing*.

*“Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído.*

*[...]*

*Ao espetáculo dos fenômenos mais interessantes, mais espantosos, o homem vai naturalmente com todos os seus desejos, com todas as suas paixões, com toda a alma.”*

Gaston Bachelard

## AGRADECIMENTOS

A construção de uma dissertação requer amadurecimento para organizar as ideias, buscar conhecimento e confrontar teorias e dados. Mas requer humildade para que busquemos o aperfeiçoamento da pesquisa: um pesquisador não constrói uma dissertação sozinho. Assim, preciso agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente com esta dissertação.

A Deus, pela determinação e pela força de vontade que me foram dadas e que não me deixaram desistir deste sonho acadêmico.

Aos meus pais e meus irmãos, que sempre me apoiaram e não mediram esforços para me incentivar nesta jornada do mestrado, suportando ausências em momentos importantes nestes dois anos.

Ao Cristiano, meu companheiro maravilhoso que tem me apoiado, me estimulado e cuidado de mim. Foi ele o meu maior porto seguro neste período.

Sou imensamente grata à minha orientadora Jiani, pela paciência, pela seriedade, pela cumplicidade, pelo aprendizado constante e pelo apoio. Agradeço por ela ter me acolhido como uma mãe, elogiando e criticando minhas atitudes nos momentos oportunos.

Aos professores e pesquisadores do PPGCC da Unisinos, por terem me acolhido e me ensinado a amar e respeitar ainda mais essa universidade. Sobretudo ao professor Efendy, pelos muitos ensinamentos, e a todos do grupo Processocom: as discussões e o companheirismo no grupo foram indispensáveis para o meu amadurecimento científico.

Obrigada ao CNPq pelo apoio, sob forma de bolsa, que financiou este período fecundo.

A muitos dos meus amigos, sobretudo ao Orlando, por ter me inserido e me viciado no mundo da pesquisa científica em Comunicação, por me instigar a conhecer melhor a realidade comunicacional da região de onde venho e por sempre acreditar em mim. A todos os amigos que fiz no Sul e aos que deixei em outros lugares do Brasil e do mundo, que me apoiaram sempre.

À comunidade CS POA, que foi tão receptiva a mim e à minha pesquisa. Principalmente às pessoas que pude entrevistar e que foram bastante solícitas.

Ao Raoni, que me apresentou ao CS em 2010, à Natália, ao Guto, à Cíntia e ao Wagner, pela otimização de meus primeiros momentos em Porto Alegre e por me apresentarem pessoas tão especiais em CS POA.

## RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é investigar os processos comunicativos presenciais e digitais nas relações culturais/identitárias da comunidade CS POA (*Couchsurfing* em Porto Alegre) e as perspectivas que oferecem para a cidadania comunicativa e cultural, pensando nas marcas, mediações e interações da comunidade. Para dar conta da complexidade de nosso objeto, fazemos uma contextualização que envolve os processos transmidiáticos, de midiaticização e de globalização, apresentando as redes sociais *Couchsurfing* e *Facebook*, a partir das quais CS POA constitui seu cenário digital, e a própria comunidade. Nossa pesquisa tem base em conceitos e teorias relativos às comunidades, às comunidades virtuais e às redes sociais, para entender uma comunidade configurada por cenários presenciais e digitais. Nossa base teórica também é constituída por teorias que tratam das apropriações, das mediações, da cultura, da identidade, da cultura da hospitalidade e da cidadania cultural e comunicativa. Nas estratégias metodológicas, trabalhamos uma combinação dos métodos etnográfico e netnográfico, cuja aproximação empírica contou com a realização de uma pesquisa exploratória. A pesquisa sistemática contou com a entrevista de oito membros da comunidade, com a elaboração de um diário de campo e com observações das interações presenciais e digitais de CS POA. Dentre os resultados obtidos, houve a constatação que marcas culturais gaúchas podem tanto potencializar a hospitalidade na comunidade quanto restringir pontualmente suas práticas cidadãs. As regras tácitas e explícitas da comunidade constituem aspectos de sua identidade e visam o respeito à diversidade dos sujeitos, embora haja subversões. As interações digitais muitas vezes convergem para um estímulo às interações presenciais entre os integrantes de CS POA.

**Palavras-chave:** Couchsurfing. Comunidades virtuais. Identidade Cultural. Cidadania Cultural e Comunicativa. Processos comunicativos.



## ABSTRACT

Our research main objective is investigating how face and digital communication processes permeate cultural and identity relations of CS POA community (Couchsurfing's community in Porto Alegre) and also investigating which prospects are offered by that processes for communicative and cultural citizenship: we are thinking about traces, mediations and community interactions. In order to cover our object complexity, our research context involves transmedia, globalization and mediatization processes, which also presents Couchsurfing and Facebook social networks, which constitute CS POA digital scene, and the community itself. Our research is based on concepts and theories related to communities, virtual communities and social networks in order to understand a community which is configured by real and digital scenes. Our theoretical framework also consists in theories linked to appropriations, mediations, culture, identity, hospitality culture and communicative and cultural citizenship in order to analyze cultural traces that constitute that community and how the relations between social actors and alterities are. Methodology strategies permeated all research's construction. We have used a combination between ethnographic and netnographic methods and our empirical approach included an exploratory research. In our systematic research we have interviewed eight community members, we have elaborated a diary and we have observed face and digital interactions in CS POA. We have found that cultural traces from Rio Grande do Sul can potentiate hospitality in that community, but also can restrict its citizen practices. Tacit and explicit rules constitute community identity aspects and aim to respect subjects diversity, although there are subversions. Digital interactions often converge to face interactions among CS POA members.

**Key words:** Couchsurfing. Virtual communities. Cultural Identity. Communicative and Cultural Citizenship. Communicative Processes.

## SUMÁRIO

<b>1. DESENHO DO PROBLEMA-OBJETO: ELABORAÇÕES MUITO ALÉM DE UM PONTO DE PARTIDA .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>16</b>
1.1.1 Objetivo Geral .....	16
1.1.2 Objetivos Específicos .....	16
<b>1.2 Justificativa .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 Esquema Sinóptico: Um Panorama da Problemática .....</b>	<b>20</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO: CENÁRIOS NOS QUAIS A PROBLEMÁTICA ESTÁ INSERIDA.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 Sociedade em Processo de Mídiação.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Emergência de Comunidades Virtuais em Cenários Globalizados e Transmídiação .....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 A Rede Internacional Couchsurfing.....</b>	<b>31</b>
2.3.1 Comunidade CS POA: A Chegada do Couchsurfing em Porto Alegre.....	42
2.3.2 Transformações Recentes no Couchsurfing .....	46
2.3.3 Facebook: Um Espaço Digital Incorporado a CS POA.....	49
<b>3. COMUNIDADES E REDES SOCIAIS EM UMA SOCIEDADE CONECTADA .....</b>	<b>54</b>
<b>3.1 Proposições para Pensar a Configuração das Comunidades Virtuais .....</b>	<b>55</b>
3.1.1 Entendendo o Conceito Clássico de Comunidade.....	55
3.1.2 As Comunidades Virtuais.....	63
<b>3.2 Redes Sociais .....</b>	<b>70</b>
<b>4. PERSPECTIVAS PARA PENSAR AS APROPRIAÇÕES DE CS POA .....</b>	<b>80</b>
<b>4.1 Perspectiva da Recepção e das Mediações .....</b>	<b>83</b>
<b>4.2 Identidades Culturais, Hibridismos e Interculturalidade .....</b>	<b>89</b>
4.2.1 Marcas Culturais Gaúchas .....	98
4.2.2 Cultura da Hospitalidade: Diferentes Possibilidades de Acolhida .....	102
<b>4.3 Cidadania Cultural e Comunicativa .....</b>	<b>104</b>
<b>5. ESTRATÉGIAS E PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS: OS BASTIDORES DA PESQUISA .....</b>	<b>113</b>
<b>5.1 Teorização Metodológica .....</b>	<b>114</b>
<b>5.2 Pesquisa da Pesquisa .....</b>	<b>119</b>
<b>5.3 Experimentações e Combinações para a Construção do Método de Pesquisa .....</b>	<b>126</b>
<b>5.4 Movimentos Exploratórios.....</b>	<b>132</b>
5.4.1 Questionário .....	135
5.4.2 Observação de CS POA no Couchsurfing .....	140
5.4.3 Entrevistas Presenciais .....	142
5.4.4 Observação das Atividades Presenciais.....	145
5.4.5 As Recentes Mudanças no Couchsurfing e a Expressão dos Membros de CS POA no Facebook .....	148

5.5 Organização e Procedimentos da Pesquisa Sistemática.....	151
<b>6. RELAÇÕES INTERCULTURAIS/IDENTITÁRIAS NA COMUNIDADE CS POA</b> .....	<b>159</b>
6.1 Temas, Interações e Negociações.....	159
6.2 Marcas Culturais .....	185
6.3 Mediações .....	197
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>205</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>211</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>221</b>
<b>APÊNDICE A - PLANO DE PESQUISA EXPLORATÓRIA.....</b>	<b>222</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA COMUNIDADE .....</b>	<b>224</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EXPLORATÓRIA .....</b>	<b>226</b>
<b>APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA SISTEMÁTICA ..</b>	<b>230</b>
<b>APÊNDICE F – ENTREVISTA COM LUISA.....</b>	<b>233</b>

## **1. DESENHO DO PROBLEMA-OBJETO: ELABORAÇÕES MUITO ALÉM DE UM PONTO DE PARTIDA**

Durante as primeiras formulações do projeto que deu o pontapé inicial para a realização desta pesquisa e para o ingresso no mestrado, não tínhamos ideia da complexidade dos fluxos comunicativos que uma comunidade com elementos virtuais e presenciais poderia apresentar. Havia convicção da riqueza e da necessidade de investigar a fundo processos ainda incompreendidos à luz do senso comum e de um olhar superficial: o interesse científico ainda não tinha sido articulado a teorias e conceitos que nos permitissem ver além do que os olhos de simples internauta enxergavam.

O desenvolvimento da pesquisa foi marcado por mudanças bruscas, por alterações rotineiras e desavisadas, por tantos acontecimentos, discussões e interações que seriam impossíveis de serem analisados por completo em apenas dois anos de dedicação ao nosso objeto. Os objetos compostos por cenários digitais nos fascinam por sua complexidade e por suas características muitas vezes inéditas, mas também nos surpreendem com sua mutabilidade, com sua capacidade de transformação rápida e desconcertante, com a impossibilidade de guardar e gravar absolutamente tudo o que o pesquisador presenciou, vivenciou, observou. Hoje sabemos que é impossível captar tudo de um objeto, principalmente quando tratamos de identidades, de culturas, de tecnologias, de usos, de sujeitos comunicantes que não estão estagnados, mas mudam diariamente.

Os atores dos processos comunicativos são sujeitos que, mais do que produzir e/ou receber uma mensagem, compartilham contextos, sentimentos, ideologias e características socioculturais. Nossa pesquisa parte de uma concepção comunicativa que suplanta linearidades, desnaturaliza e desconstrói processos, questiona lógicas culturais. A comunicação é resultado de múltiplas linguagens, não é um processo padronizado ou pré-moldado, se reinventando junto à humanidade e às suas demandas.

Pesquisadores<sup>1</sup> de tecnologias e de culturas midiáticas têm refletido criticamente sobre a questão da cultura, da identidade e da sociabilidade, de forma a mostrar uma relação intrínseca entre tecnologia e cultura, a considerar os fluxos virtuais e presenciais não como antagonicos, mas como complementares nesse processo de entendimento dos fenômenos. Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que o estudo dos processos comunicacionais vinculados às tecnologias não deve ser reduzido ao âmbito das materialidades e da técnica; os

---

<sup>1</sup> Entre eles podemos citar Cicília Peruzzo, Raquel Recuero e Liliane Brignol.

novos fenômenos que surgem simultaneamente ao desenvolvimento tecnológico comunicacional podem ser compreendidos a partir das relações entre dispositivos técnicos, sujeitos, práticas, interações, lugares e culturas.

O estudo de fenômenos ligados à internet torna-se de maior relevância quando percebemos que o acesso à rede tem alcançado mais e mais indivíduos, inclusive no Brasil – que já tem cerca de 50 milhões de usuários considerados ativos<sup>2</sup>. E, mesmo diante dessa expansão, há o contraste entre a quantidade de pessoas conectadas à rede e a de analfabetos digitais, ou mesmo de pessoas cujas competências tecnológicas ainda não estão desenvolvidas em nível satisfatório.

Esse contexto nos leva a inquietações sobre usos, apropriações e práticas que podem estar sendo feitos por esses sujeitos no ambiente virtual, sobre a construção identitária no ciberespaço e sobre como essas apropriações incidem sobre as práticas comunicativas presenciais dos indivíduos. Sabemos que o relacionamento social dos sujeitos conectados à rede foi impulsionado pelo surgimento de redes sociais e de comunidades no espaço virtual. Se já era notório que, antes do surgimento da internet, já havia um processo de mediação que incidia sobre a construção das identidades (através do cinema, da TV, do rádio etc.) nas redes e comunidades existentes na sociedade, com a mediação digital as negociações identitárias se complexificaram. A globalização trouxe possibilidades de reconfiguração de identidades e de articulação de culturas, sem que especificidades locais fossem apagadas.

Os processos de globalização e de mediação, em vez de acabar com comunidades, deram a elas subsídios para se recriarem e, embora o conceito de comunidade tenha sofrido alterações diante dos novos contextos, ele ainda está relacionado a uma noção “de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo dos relacionamentos” (PERUZZO, 2002, p.02). Como observa Cynthia Corrêa (2004), no ciberespaço há uma potencialização em termos do surgimento de comunidades “que estão delineadas em torno de interesses comuns, de traços de identificação, pois ele é capaz de aproximar, de conectar indivíduos que talvez nunca tivessem oportunidade de se encontrar pessoalmente”.

Tanto a internet pode modificar o comportamento dos sujeitos quanto os indivíduos podem se apropriar de suas potencialidades a fim de ampliar suas capacidades comunicativas e criativas. As apropriações estão relacionadas a lógicas dos contextos de uso, do próprio dispositivo e também do sujeito que se apropria. Existem protocolos de uso nos dispositivos,

---

<sup>2</sup> Pesquisa divulgada pelo IBOPE Nielsen Online em 22 de junho de 2012. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Noticias&docid=D25A52C86049094283257A250068DEF2>>.

mas cada sujeito utiliza-os de acordo com suas competências individuais – que também estão alicerçadas na cultura em que o sujeito está inserido.

Quanto às possibilidades que a internet tem proporcionado, Corrêa ressalta que “os comportamentos são amplificados pelos meios tecnológicos, fazendo com que indivíduos localizados em diferentes partes do globo e munidos de equipamentos adequados possam conectar idéias, crenças, valores, e emoções” (2004) – assim, é importante considerar a mediação tecnológica no processo de construção de vínculos comunitários.

Partindo das mediações enquanto estruturas que atravessam processos e que contribuem para a produção de significados e as apropriações dos sujeitos na trilha trabalhada por pesquisadores como Martín Barbero (1987), ressaltamos na nossa pesquisa, além da tecnologia, a cultura, as identidades culturais e a cultura da hospitalidade como mediações relevantes para a compreensão do cenário das comunidades contemporâneas. Abordamos a mediação da cultura e das identidades a partir da autodefinição identitária da comunidade, de sua estrutura constitutiva e dos papéis designados aos sujeitos a ela pertencentes, além das regras que regem o ambiente comunitário, das marcas identitárias (práticas culturais, linguajar, símbolos etc.) e das relações interculturais (conflitos e tensões, relações de poder, trocas e intercâmbios) que atravessam as comunidades.

A interculturalidade e as heterogeneidades que permeiam as comunidades contemporâneas nos levam também a uma reflexão sobre seu potencial cidadão. Partindo das dimensões cultural e comunicacional do conceito de cidadania, também nos propomos a analisar uma comunidade a partir das suas perspectivas de diálogo intercultural e de um horizonte para pensar as possibilidades de relação entre sujeitos de culturas distintas.

As constatações obtidas em relação às pesquisas às quais tivemos acesso por meio de bancos de dados<sup>3</sup> sobre redes sociais e comunidades virtuais nos levam a um cenário no qual poucos estudos voltam-se às identidades das comunidades e à relação entre comunidade e sujeito nos âmbitos online e presencial<sup>4</sup>. Isso sinaliza a necessidade de desenvolver pesquisas empíricas que considerem os aspectos constitutivos e as marcas identitárias em comunidades constituídas por interações virtuais e presenciais, bem como a questão dos agrupamentos e relações (dentro e fora da rede) no interior dessas comunidades – percebendo tensões, conflitos, engajamentos e diferenças culturais entre os sujeitos que as compõem.

---

<sup>3</sup> Repositórios de textos científicos utilizados durante o processo de “pesquisa da pesquisa” para fazer busca e mapeamento de assuntos relacionados à nossa pesquisa.

<sup>4</sup> Essa pesquisa e seus resultados mais detalhados estarão explicitados no capítulo denominado “Estratégias e perspectivas metodológicas: os bastidores da pesquisa”.

Nosso objeto empírico de referência é a comunidade do *CouchSurfing.org* (CS) em Porto Alegre-RS, denominada CS POA. Além da rede social *Couchsurfing*, essa comunidade também tem seu ambiente digital constituído pela rede social *Facebook* (*Face* ou FB).

O CS é uma rede em atividade desde 2004, que reúne *backpackers* (mochileiros) e viajantes em geral, provenientes de todo o mundo. Nesta rede, cada viajante tem um perfil – que também pode representar mais de um indivíduo, como um casal, por exemplo – no qual expõe suas experiências, objetivos, *hobbies*, preferências etc. Cada integrante do site busca hospitalidade e trocas culturais a cada viagem que fizer. O “surfe através dos sofás” remete às viagens de cada indivíduo e às suas experiências pelos sofás que são ofertados por outros *couchsurfers* (membros do *Couchsurfing*). Cada *couchsurfer* molda relações a partir da “cultura do receber” e não só solicita como oferta hospitalidade – que não consiste necessariamente em hospedagem, mas também na disponibilidade em mostrar pontos turísticos da cidade, conversar, interagir etc.

*Abrir as portas para o desconhecido e construir um mundo melhor, sofá por sofá:* eis a proposta do site CouchSurfing.org. De modo grosseiro, podemos definir o CouchSurfing (ou simplesmente “CS”) como uma rede social organizada em ambiente on-line que coordena intercâmbios de hospedagem (MOURA, 2011, p.15-16, grifo da autora).

No site, os perfis apresentam fotos, informações em texto verbal, depoimentos de outros *couchsurfers* que fazem parte da rede de relacionamento dos indivíduos, marcadores de locais para onde o viajante já foi em um mapa, entre outros elementos. É possível, a partir dessa rede, participar de comunidades e organizar *meetings* (encontros) entre membros. O *CouchSurfing* vem ganhando destaque por ser uma rede que estimula o contato físico entre seus participantes, além de promover o intercâmbio cultural e de já contar com mais de 7 milhões de membros em todo o planeta<sup>5</sup>.

O *Facebook* é uma rede social com uma proposta de conexão diferente do CS: as conexões são principalmente entre sujeitos que têm um vínculo anterior ao contato no *Face*, a rede social não estimula tão veementemente o contato presencial e a cultura da hospitalidade quanto o CS. Por outro lado, em ambas as redes os sujeitos são representados por perfis construídos e podem criar vínculos comunitários em torno de interesses comuns.

A pesquisadora deste fenômeno, que possui um perfil ativo no CS e também um perfil ativo no *Facebook*, é membro da rede *Couchsurfing* desde janeiro de 2011 e teve diversas

---

<sup>5</sup> Dado obtido no site do *Couchsurfing* em abril de 2013 e atualizado em janeiro de 2014.

experiências dentro e fora do Brasil através do site e de algumas de suas comunidades (denominadas “grupos” dentro da rede, ex.: Grupo CS POA). A partir destas experiências, foi possível constatar que a rede social CS seria um objeto de pesquisa em potencial na área da Comunicação e das Ciências Sociais Aplicadas, tendo em vista a riqueza das interações (entre sujeitos e culturas) que proporciona e a grande quantidade de pessoas interligadas no planeta, teoricamente em torno de interesses comuns, voltados ao intercâmbio cultural.

É interessante perceber que os membros do CS passaram também a utilizar a rede social *Facebook* como plataforma de contato entre *couchsurfers*. Nos últimos anos, observamos que várias comunidades brasileiras do CS (comunidades de Recife, Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Porto Alegre, Belo Horizonte etc.) criaram grupos fechados no *Facebook*, como extensão do espaço que elas possuem no site do CS, bem como também surgiram grupos no *Facebook* para reunir *couchsurfers* de todas as partes do mundo que também estivessem conectados por essa outra rede social<sup>6</sup>.

A partir do contato em 2011 com integrantes do grupo do CS de Porto Alegre-RS (CS POA) – o qual foi criado em 2007 e possui atualmente mais de 7 mil membros –, tivemos oportunidade de visualizar características peculiares ao grupo, além de uma frequência de atividades presenciais que não é comum a todas as outras comunidades do *Couchsurfing*. Esses fatores despertaram, desde o início, um interesse significativo por pesquisar essa comunidade.

Partimos aqui de uma noção de rede social como agrupamento social configurado por interações e que pode estar ou não amparado por tecnologias de comunicação, sendo necessariamente constituído por atores e conexões (RECUERO, 2009). Quando nos referimos ao *Couchsurfing* e ao *Facebook* como redes sociais, sabemos que há nelas um enlace entre sujeitos, grupos, comunidades e contatos. Essas redes são formadas por sites que são interfaces<sup>7</sup> desenvolvidas para operacionalizá-las e também por laços que se mantêm no âmbito presencial. Enxergando o CS e o *Face* sob a perspectiva de rede, reconhecemos neles dimensões corporativas, objetivos próprios e vínculos entre si.

---

<sup>6</sup> Exemplos de grupos que reúnem *couchsurfers* no *Facebook* são: “Couchsurfing Latin America” (9820 membros), disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/cslatinamerica/>>; “Couchsurfers” (2870 membros), disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/2337592630/>>; “CS” (465 membros), disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/CSMEMBERS/>>; “Couchsurfing” (5072 membros), disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/2258175004/>>; “Couch Surfing Brasil” (553 membros), disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/148797731831582/>>. Quantidade de membros dos grupos supracitados verificada em junho de 2013 e atualizada em janeiro de 2014.

<sup>7</sup> Os sites são ferramentas, sistemas, softwares que estruturam tecnicamente a rede a partir de uma proposição de uso. O site não abarca toda a complexidade da rede social, mas funciona enquanto forma operativa.



Entendemos comunidades como adensamentos interacionais, espaços de fortalecimento de vínculos e de construção identitária, gerando senso de pertencimento. São estruturas marcadas por elementos como territorialidade – embora não haja necessidade de localização dos sujeitos no mesmo espaço geográfico – e cooperação – para o alcance de interesses em comum. CS POA<sup>8</sup> é uma comunidade, dentre outros aspectos, por ter uma construção identitária que perpassa os sujeitos e que gera vínculos. Há interesses comuns relacionados a trocas culturais e ligações dos sujeitos (em diferentes escalas) com Porto Alegre e o Rio Grande do Sul.

Tendo como pressuposto a ideia de que o *Couchsurfing* é uma rede social agregadora de comunidades, torna-se essencial conhecer a forma como os membros de CS POA se apropriam dela para interagir culturalmente e constituir uma comunidade a partir dela, bem como de outros espaços como o *Facebook*. Assim, partindo da constatação de que a comunidade CS POA é configurada por membros de perfis heterogêneos e por trocas interculturais, a pesquisa focaliza dinâmicas culturais específicas dessa comunidade da rede CS constituídas nos cenários presencial e virtual tendo como questão central norteadora: *Como se constituem os processos comunicativos presenciais e digitais nas relações culturais/identitárias da comunidade CS POA e que perspectivas oferecem para a cidadania comunicativa e cultural?*

E, a partir desta questão principal, também são feitos outros questionamentos, relativos a aspectos específicos que compõem a orientação da pesquisa voltada à comunidade CS POA:

- Quais são os *temas* que nucleiam as relações comunicativas presenciais e digitais?
- Que *negociações, conflitos e relações de poder* constituem os processos interacionais de CS POA?
- Como são construídas as *marcas identitárias culturais* nos processos comunicativos presenciais e digitais da comunidade?
- Como os membros da comunidade CS POA *se apropriam* dos cenários presenciais e digitais que a constituem?
- Que possibilidades e perspectivas estes processos comunicativos oferecem para a constituição de cidadania comunicativa e cultural?
- Como as mediações *tecnologia, cultura/identidades culturais e configuração da*

---

<sup>8</sup> Há distinções entre os conceitos de grupo e de comunidade: grupo é um conceito bem mais amplo e genérico que comunidade. No entanto, vamos nos referir à comunidade CS POA como grupo algumas vezes no decorrer da pesquisa, porque a comunidade surgiu de um grupo no *Couchsurfing* (Grupo de Porto Alegre) e posteriormente se apropriou de um grupo fechado no *Facebook*, incorporando-o ao seu cenário digital.

*comunidade CS (identidade, regras/papéis)* interferem nesses processos comunicativos de CS POA?

Estes questionamentos nos levaram à construção de objetivos norteadores da proposta, que são detalhados na sequência.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Investigar como se constituem os processos comunicativos presenciais e digitais nas relações culturais/identitárias da comunidade CS POA e que perspectivas oferecem para a cidadania comunicativa e cultural.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Contextualizar aspectos relativos à emergência de comunidades no cenário atravessado pelos processos de mídiatização digital, à comunidade CS POA e ao seu espaço na rede social *Facebook*;
- Registrar, descrever e analisar os temas, as interações, as negociações, os conflitos e relações de poder que constituem os processos interacionais de CS POA;
- Analisar como são construídas as marcas culturais/identitárias nos processos comunicativos presenciais e digitais da comunidade;
- Identificar as apropriações que os sujeitos da comunidade fazem dos cenários presenciais e digitais;
- Analisar os processos comunicativos da comunidade na perspectiva de entender suas vinculações com a construção de cidadania comunicativa das culturas/identidades presentes;
- Investigar como as mediações *tecnologia, cultura/identidades culturais e configuração da comunidade CS (identidade, regras/papéis)* interferem nos processos comunicativos de CS POA.

## 1.2 Justificativa

A pesquisa proposta justifica-se, em termos de sua relevância científica, pela análise de aspectos do *CouchSurfing* e, sobretudo, da comunidade dessa rede social em Porto Alegre. De acordo com nosso levantamento de pesquisas relacionadas à comunidade CS POA, foi possível constatar que não há muitas pesquisas desenvolvidas no Brasil que envolvam o estudo do *Couchsurfing.org* – pelo menos não em âmbito dos estudos relacionados às ciências da Comunicação<sup>9</sup>.

É preciso destacar também a necessidade de aprofundar as investigações referentes às identidades das comunidades e à relação entre comunidade e sujeito dentro e fora do espaço virtual, em uma perspectiva comunicacional. Encontramos poucas pesquisas<sup>10</sup> nos bancos de dados acessados durante a pesquisa exploratória que estivessem preocupadas com um aprofundamento nas questões identitárias ou com estudos de caso sistematizados.

O CS é um objeto de referência empírico explorado em campos como o Turismo e a Antropologia, no entanto não foram realizadas constatações referentes a estudos que se debruçassem especificamente sobre a comunidade CS POA – referentes à configuração das identidades culturais/ marcas identitárias da comunidade e de seus membros no ambiente digital; às apropriações dos membros da comunidade sobre o ambiente digital; e ao vínculo entre as apropriações dos membros e as práticas comunicativas presenciais de grupo. Dentre os registros de nosso mapeamento, conseguimos encontrar somente uma monografia<sup>11</sup> em âmbito comunicacional que abordasse a comunidade CS POA – e mesmo essa pesquisa não tinha como foco principal a comunidade, mas a construção do capital social no site do *Couchsurfing*, e trazia CS POA como uma das referências para falar dos encontros presenciais entre os membros da rede CS, não se aprofundando na complexidade da comunidade gaúcha.

---

<sup>9</sup> O processo que denominamos de “pesquisa da pesquisa” inicia com o levantamento de pesquisas já realizadas, disponíveis em bancos de dados, a partir de palavras-chave relacionadas ao nosso objeto empírico de referência. Essa busca pode ajudar o pesquisador a encontrar elementos que contextualizem melhor seu objeto de pesquisa e que possibilitem o avanço da pesquisa a partir de dados já levantados por outros investigadores anteriormente. Nossa pesquisa da pesquisa foi realizada nos seguintes bancos de dados: *Intercom* (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), *Compós* (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação); *Domínio Público* (pesquisa por conteúdo em teses e dissertações na base da Biblioteca Digital do Ministério da Comunicação); *Banco de Teses da Capes* (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); *Univerciencia* (Portal da Produção Científica em Ciências da Comunicação); *Redalyc* (Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal); *SciELO* (*Scientific Electronic Library Online*); e *Google Acadêmico* (busca específica de conteúdo acadêmico na plataforma *Google*).

<sup>10</sup> A exemplo da dissertação “Sobre buscas e sentidos em uma rede mundial de viajantes: The Couchsurfing Project”, de Ana Flávia Andrade de Figueiredo.

<sup>11</sup> Monografia intitulada “A construção do capital social nas interações através do site de redes sociais Couchsurfing”, disponível em: <<https://www.repositorioceme.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37489/000820356.pdf?sequence=1>>. Acesso em abril de 2013.

Dessa forma, a presente proposta de pesquisa se diferencia de outros estudos sobre o *Couchsurfing* em Porto Alegre tendo em vista seu objetivo de investigar as relações entre culturas na comunidade levando em conta os cenários presenciais e virtuais e, ainda, que sua constituição em âmbito digital suplanta o próprio site do CS, promovendo interações também através da rede social *Facebook*.

É possível argumentar também que esta pesquisa oferece uma contribuição científica para a compreensão de fluxos, relações e dinâmicas no cenário digital e em novas estruturas comunitárias configuradas pela conexão de interações presenciais e digitais, inclusive em múltiplos cenários digitais, como no caso de CS POA.

Esta investigação sobre a comunidade CS POA também possibilita compreender a influência da cultura local de um grupo constituído a partir de uma rede global, além de conceder subsídios para entender como a comunidade interage e lida com os aspectos interculturais próprios da rede *Couchsurfing*. Como argumenta (LEMOS, 2008, p.61), “O desafio hoje é compreender essas novas dimensões massivas e pós-massivas da cibercultura e os tipos de relações sociais que daí emergem”. Além disso, a comunidade de Porto Alegre, assim como o próprio CS, possui uma configuração complexa, que se expressa tanto em termos numéricos, como de articulação. Assim, considerando a rede social e a comunidade anteriormente citadas como lócus de relações interculturais complexas, pensamos ser necessário que a academia se preocupe com eles, respondendo a questões comunicacionais relevantes.

Quanto à relevância sociocultural desta pesquisa, podemos pensar na significação cultural, social e política do fenômeno que nos propusemos a investigar. Pesquisar os hibridismos culturais, as tensões e as heterogeneidades que constituem a comunidade CS POA nos dá elementos para pensar como se dá a convivência entre culturas na contemporaneidade, sobre a amplitude dessas relações culturais e, inclusive, para refletir se as dinâmicas dessa comunidade fazem parte de uma tendência mais ampla, dentro e fora do CS, de novos modos de socialização. Além disso, essa comunidade tem milhares de membros e faz parte de uma rede de milhões de adeptos; milhares de intercâmbios culturais já foram viabilizados pelo CS, (rede espalhada no mundo e nos continentes) e provavelmente centenas de intercâmbios já foram realizados na comunidade CS POA. Esta pesquisa contribui também para repensar as práticas comunicacionais em comunidades constituídas no espaço virtual e a própria constituição dessas comunidades, tendo em vista que, no grupo CS POA, a tecnologia é constitutiva da identidade comunitária e das relações interculturais que se estabelecem dentro dela.

Em nível individual, a pesquisa se justifica, também, pela afinidade e vínculo da pesquisadora com o fenômeno – adepta do CS desde janeiro de 2011, participante de comunidades no site *CouchSurfing.org* –, que é membro de 15 grupos/locais no CS (não necessariamente com vínculo de pertencimento comunitário a todos esses grupos), já viajou sozinha por alguns países através do *Couchsurfing*, fez viagens com outros membros do CS, já frequentou encontros de *couchsurfers* em algumas cidades e enxerga nessa rede fenômenos que têm relevância, como a promoção de intercâmbios e interações interculturais e o horizonte de cidadania que norteia o CS. Além disso, é muito interessante observar como as comunidades lidam com a interação entre culturas e sujeitos heterogêneos ao mesmo tempo em que estão inseridas em contextos culturais que as circundam e interferem em suas práticas. Assim, além da proximidade com o tema e da identificação pessoal com a comunidade e com a rede, existe uma relação de vínculo biográfico entre a pesquisadora e o CS.

A experiência da investigadora com outras comunidades do *Couchsurfing* possibilitou uma contraposição de elementos durante a análise, de forma que, mesmo observando CS POA enquanto membro integrante da comunidade, houve subsídios que ajudaram a observar as práticas e os hábitos do grupo com um olhar de estranhamento. Santaella (2013, informação verbal)<sup>12</sup> argumenta que a pesquisa das redes virtuais só pode ser possível quando o pesquisador está dentro das redes, de forma que consideramos bastante interessante a perspectiva de pesquisa sob o ângulo do investigador que está imerso no objeto pesquisado, mas que, simultaneamente, faz um esforço de distanciamento para evitar naturalizar os processos atrelados ao fenômeno.

Há ainda interesse particular em contribuir para a disseminação, em âmbito acadêmico, de informações sobre o CS e para o fortalecimento do campo de investigações que constroem suas problemáticas relacionando questões relativas às comunidades, identidades culturais e cidadania a partir de uma perspectiva comunicacional.

---

<sup>12</sup> Palestra de Lúcia Santaella durante o Seminário de Interação Mediada por Computador (SIMC) em 15 de abril de 2013, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### 1.3 Esquema Sinóptico: Um Panorama da Problemática

Segue um esquema que sintetiza os aspectos da problemática investigada conforme nossa proposta investigativa.

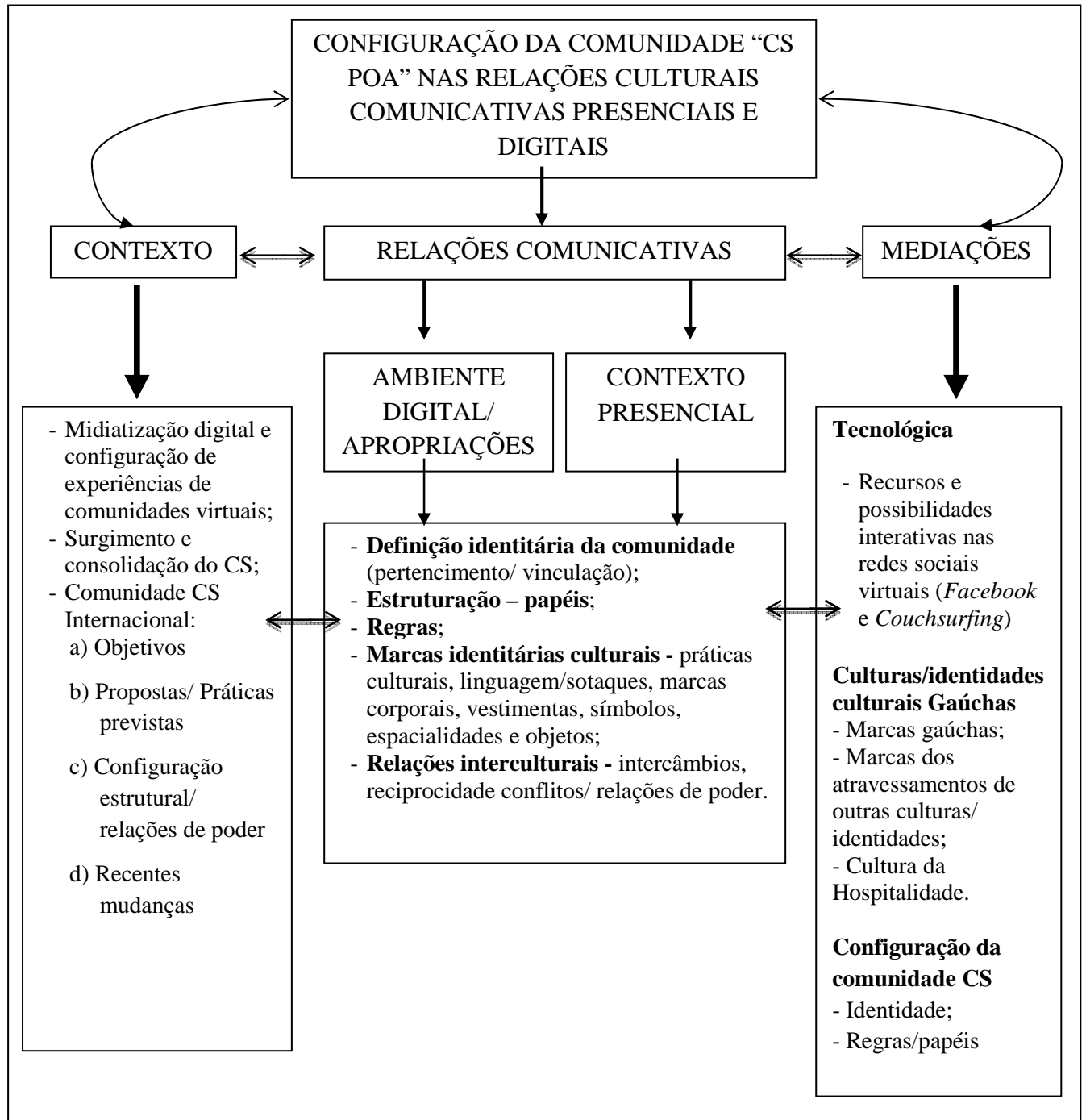


Figura 1: Esquema sinóptico da problemática. Fonte: Elaboração própria.

\*\*\*

No decorrer deste capítulo apresentamos a problemática, os objetivos, a justificativa e um esquema sinóptico de nossa pesquisa sobre CS POA. O esquema foi intensamente reformulado no desenvolvimento desta investigação para construir um panorama de elementos que a orientaram.

O segundo capítulo é constituído por uma contextualização desta investigação. Ele baseia-se em uma relação entre os processos transmidiático, de midiatização e de globalização e a emergência de comunidades virtuais. É também nesse capítulo que fazemos uma apresentação das redes sociais *Couchsurfing* e *Facebook* e da comunidade CS POA.

Parte de nossa problematização teórica é explorada no terceiro capítulo, abordando conceitos e teorias essenciais para o embasamento de nossa pesquisa. Nele nos aprofundamos nos conceitos de comunidade, comunidade virtual e rede social, pensando esses conceitos para a pesquisa de CS POA, constituída por cenários que permeiam os âmbitos digital e presencial.

No quarto capítulo trazemos discussões sobre os conceitos de cultura, identidade cultural, cultura da hospitalidade e cidadania cultural e comunicativa. Ao tratar de cultura e de identidade, também trazemos aspectos relativos às marcas culturais gaúchas. Neste momento também abordamos as apropriações e as mediações, como elementos importantes para compreender nosso objeto.

O quinto capítulo explica nossa concepção metodológica de pesquisa, que foi fruto de muito amadurecimento nestes dois anos e de discussões no grupo de pesquisa Processocom. Esse capítulo fala dos bastidores de nosso processo investigativo, dando espaço para detalhes e processualidades da pesquisa exploratória e da pesquisa sistemática, inclusive para embasar teoricamente nossas escolhas quanto aos métodos e ferramentas de pesquisa.

Antes das considerações finais de nosso trabalho, apresentamos o capítulo analítico-descritivo (sexto capítulo), que resulta principalmente dos esforços, descobertas e reflexões a partir dos dados coletados na pesquisa sistemática. Os dados são contrapostos e interpretados para além das falas e posicionamentos dos sujeitos analisados na comunidade CS POA, possibilitando ao leitor uma visão mais crítica e abrangente.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO: CENÁRIOS NOS QUAIS A PROBLEMÁTICA ESTÁ INSERIDA**

Consideramos nesta investigação que os contextos são elementos fundamentais na realização da pesquisa científica, pois concebemos que seria impensável analisar ou compreender um objeto/fenômeno sem situá-lo na trama de aspectos que o constituem. A própria relação entre teoria e empiria é profundamente marcada pelo âmbito contextual e ganha especificidades a partir dele. Para chegar à análise do fenômeno investigado, faz-se necessário conhecer aspectos relativos aos macrocontextos e ao contexto específico que circunda o objeto de pesquisa e que são imprescindíveis à compreensão do problema.

Compartilhando as ideias de Maldonado (2011b), entendemos que a tentativa de fazer uma contextualização adequada da problemática sinaliza um compromisso do investigador: uma pesquisa que apresenta, de maneira pertinente, os contextos que atravessam o objeto/fenômeno a ser investigado, tem maior potencial para entender os vínculos de seu problema com a realidade em que se insere.

A contextualização, como pensa Bonin (2006, p.26-27), “pode traduzir-se na recuperação/reconstrução de linhas históricas de constituição do fenômeno investigado em planos diversos requeridos pelo problema/objeto de pesquisa (político, social, cultural etc.), que permitem entender sua configuração atual”. Dessa forma, a atual forma ou configuração de um objeto/fenômeno traz marcas e influências de aspectos de cunho histórico, sociocultural, tecnológico ou geopolítico – levando-nos a acreditar que um objeto não pode ser considerado exatamente o mesmo em contextos diferentes.

Além de ser, como argumenta Maldonado (2011b, p.281) um processo reflexivo e que confere “valor sócio-histórico e científico aos projetos”, concordamos com sua ideia de que “a contextualização permite uma visão abrangente e ao mesmo tempo particular, e situa o contexto do problema como articulador dos outros contextos na estruturação da pesquisa” (2011b, p.281). Todos os problemas e objetos de pesquisa são constituídos, entre outros elementos, por contextos que os articulam com realidades e situações.

Nossa proposta de estudo de CS POA remete a alguns pontos ressaltados por Turner (2006) como, por exemplo, o fato de a pesquisa levar em conta, em termos de contexto, as continuidades, discontinuidades e apropriações históricas das tecnologias da comunicação ao longo do tempo, de forma a analisar não apenas os conteúdos disseminados nessa rede social, mas perceber o contexto e a época em que essa nova rede está inserida. Analisar as relações e processos comunicativos de CS POA já pressupõe um estudo cultural e contextualizado em



relação à comunidade, explicitando inovações de dispositivos e de formas de interação criadas na internet, que afetam a vida dos sujeitos em nível virtual e presencial. A análise contextual também evita o isolamento do objeto de pesquisa – o que nos leva a questionar se essas apropriações da comunidade supracitada ocorrem tendo em vista a manutenção de relações e hierarquias, ou se pretendem atuar em contraposição a isso, por exemplo. Hillis (2006), de forma complementar a Turner, também não apresenta as tecnologias somente enquanto aparato técnico, mas inseridas em infraestruturas institucionais e intelectuais. Assim, pensamos que para analisar CS POA, precisamos entender não somente suas mediações tecnológicas, mas as culturas e os cenários que a circundam, inclusive elementos da rede social (CS) a partir da qual essa comunidade surgiu.

Na construção dos movimentos de contextualização desta pesquisa, partiremos da consideração de aspectos relativos à midiaticização – processo no qual a sociedade contemporânea e, conseqüentemente, a comunidade CS POA estão inseridas –, e à emergência de comunidades no cenário digital – associadas aos processos globalizantes e transmidiáticos. Além disso, faz-se necessário apresentar elementos específicos referentes ao CS e ao *Facebook*, no que concerne aos seus objetivos, cenários, espaços, características, transformações e configuração.

## **2.1 Sociedade em Processo de Midiaticização**

Estudar um objeto a partir da perspectiva comunicacional requer que o contextualizemos no cenário de transformações vinculadas aos processos de midiaticização. É preciso de início ressaltar que não há consenso entre os teóricos e comunicólogos em relação à configuração da sociedade contemporânea e que várias denominações têm tentado dar conta da complexidade dos processos comunicacionais que a entremeiam: “sociedade dos meios”, “sociedade midiaticizada” e “sociedade em midiaticização” são alguns exemplos disso.

No campo comunicacional, dentre os bens simbólicos não condicionados aos mercados tradicionais (meios de comunicação) estão os “modos de comunicação digitais” (MALDONADO, 2013, p.32). Para entender esses modos de comunicar-se na contemporaneidade não podemos dissociá-los dos “modos de vida midiaticizados” e dos “modos de produção simbólicos midiáticos”, como explica Maldonado (2013, p.35), que configuraram as dimensões técnica e simbólica dos sujeitos.

Nesta pesquisa, mais especificamente, entendemos que a sociedade está em processo de midiaticização (ou em vias de midiaticização), considerando que ela está permeada por

constantes transformações e adaptações em um emaranhado de processos, nos quais as fronteiras culturais estão cada vez menos fixas. Novas complexidades ainda estão surgindo a partir das experimentações midiáticas e os campos, as instituições e os atores sociais, estão cada vez mais atravessados por lógicas dos meios.

É importante que compreendamos a dimensão societária atrelada à mediação, formada por descontinuidades e noções comunicativas permeadas por fragmentações e heterogeneidades. Para essa compreensão, faz-se necessário um esforço reflexivo para perceber como os cenários midiáticos são constituídos e atualizados, levando em conta que “quanto mais se media uma sociedade, mais ela se torna complexa”<sup>13</sup> (VERÓN, 2002).

Tanto as lógicas dos meios interferem nas ações dos sujeitos quanto os usos sociais que os indivíduos fazem dos dispositivos são relevantes no processo de mediação: “um mesmo dispositivo tecnológico pode inserir-se em contextos de utilização múltiplos e diversificados” (VERÓN, 1997, p.12) e esses contextos diferentes geram formas de uso distintas. Essas lógicas não foram inauguradas pelos dispositivos relacionados à internet, tanto que Verón argumenta que “o qualificativo tecnologia permite incluir os processos de reprodução mecânica como a imprensa, e também os processos eletrônicos próprios das novas tecnologias de comunicação” (VERÓN, 1997, p. 12).

A comunicação dos meios gera um processo de mediação que faz circular mensagens entre sujeitos que não necessariamente tenham acesso direto a esses meios de onde as mensagens partiram em um primeiro momento. Apesar de a noção de mediação de Verón (1997) ter sido formulada há mais de uma década e ter suas limitações, é interessante ressaltar que o autor já destacava a ausência de linearidade nos processos comunicacionais – que se emaranham em complexos circuitos de *feedback* (1997, p.14). Baseando-nos no pensamento de Verón, é possível argumentar que o processo de mediação vai além da produção e recepção de mensagens através de dispositivos tecnológicos (1997, p.12).

Verón caracteriza os meios de comunicação de forma diferenciada das novas tecnologias da comunicação, evidenciando o caráter coletivo dos meios e a acessibilidade de suas mensagens a uma “pluralidade de indivíduos” (1997, p.12), a partir de uma perspectiva sociológica. O autor também argumenta que o processo de mediação vai muito além do que é produzido e recebido via meios de comunicação social.

Está em gestação um novo conceito referente à comunicação no qual a “nova vida tecno-social é origem e meio de um novo ambiente” em meio a “novas estruturas de

---

<sup>13</sup> Tradução livre do excerto “[...] cuanto más se media una sociedad, tanto más se complejiza”.

conexões” e interações estabelecidas, sobretudo, por “ligações sócio-técnicas” e viabilizadas por dispositivos de circulação (FAUSTO NETO, 2006, p.04). Entender a esfera da circulação é um dos pontos chave para compreender a sociedade midiaticizada, porque é nela que são estabelecidos contatos e interações que extrapolam qualquer previsão feita pelas teorias clássicas da comunicação e de ciências afins: surgem novos modos de mediação/intermediação e “passamos do ato social, à rede. Do vínculo ao fluxo. Do contrato social às formas de terceirização” (FAUSTO NETO, 2006, p.05). Pensar os circuitos e os processos de circulação – enquanto características do processo de midiaticização da sociedade – é pensar nos “pontos de fuga” existentes nos fluxos comunicacionais: não há um processo linear entre a produção e a recepção, mas existem diversas formas de circulação de significações e sentidos na sociedade em rede que não podem ser apreendidos em sua totalidade. Para o teórico supracitado, “[...] a atividade da midiaticização realiza-se de modo **transversal** e, ao mesmo tempo, **relacional**” (2006, p.10, grifos do autor), incidindo sobre diversos campos sociais e sobre seus processos de sentido.

Os processos de circulação supracitados estão vinculados à ideia de midiaticização enquanto ambiência, como *bios midiático*, defendida por Sodré (2002). Essa perspectiva traz a sociedade (em processo de midiaticização) como “pano de fundo” e, simultaneamente, como constituinte dos processos comunicacionais, de forma que os dispositivos tecnológicos estariam atrelados a um fluxo comunicativo (SODRÉ, 2002, p.20) e a lógicas da sociedade na qual se inserem. Para Sodré, a midiaticização se constitui como “uma ordem de mediações socialmente realizadas caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica” (SODRÉ, 2006, p. 20).

No estudo sobre a comunidade CS POA, realizamos movimentos levando em conta a articula o entre formas mais tradicionais de intera o e novas formas advindas com a emergência do digital em complexos espaços e cenários (situados entre o presencial e o virtual), tal como Sodré (2002) nos sugere pensar o novo *bios* da midiaticiza o.

Um ponto importante para a nossa pesquisa   que, com a emergência do digital, o processo de midiaticiza o também tem proporcionado novas concep es de tempo e de espaço destoantes das no es espaço-temporais clássicas<sup>14</sup>, considerando a “passagem da comunica o de massa [centralizada, vertical e unidirecional] para a dimensão tecnológica do virtual” (SODRÉ, 2002, p.75). Partindo da ideia de que os fluxos comunicacionais e

---

<sup>14</sup> “[...] tempo real e espaço virtual operam midiaticamente o redimensionamento da rela o espaço-temporal clássica” (SODRÉ, 2002, p.20).

midiáticos participam da construção da sociedade contemporânea, Sodré (2002) também propõe a existência de um *bios virtual* que trouxe novas formas de representação e de códigos, constituindo um novo meio, o qual vai muito além de um dispositivo técnico e configura-se como “o fluxo comunicacional, acoplado a um dispositivo técnico e socialmente produzido pelo mercado capitalista, em tal extensão que o código produtivo pode tornar-se ‘ambiência’ existencial. Assim, a Internet, não o computador, é medium” (SODRÉ, 2002, p.20). No entanto, observamos aqui que nem todo fluxo comunicacional, como propõe Sodré, é produzido pelo mercado, como acontece nas produções comunicativas de CS POA.

Entendemos, assim, que cada vez mais as tecnologias se voltam a processos de conexões e de fluxos, a novas maneiras de interação, de forma que os meios de comunicação deixam de ocupar somente o posto da mediação para constituírem uma nova matriz e serem integrados a esse entorno (ou ambiência midiaticizada). Para o desenvolvimento da nossa investigação, foi preciso também relacionar a comunidade CS POA – situada na ambiência complexa da midiaticização –, com o surgimento de novos espaços de vínculo comunitário e das lógicas adaptadas ao cenário digital. Afinal, a midiaticização envolve instituições, sujeitos, práticas e apropriações que se modificam e se atualizam diante de novas concepções espaço-temporais.

O processo de midiaticização reconfigura a relação entre espaço e tempo, que assume uma perspectiva distinta dos moldes tradicionais, de forma que podemos utilizar essas mudanças para pensar a cultura. A midiaticização é concebida por Mata (1999) a partir de mudanças e reconfigurações também de modelos culturais:

A midiaticização da sociedade – a cultura midiática – nos apresenta a necessidade de reconhecer que é o processo coletivo de produção de significados através do qual uma ordem social se compreende, se comunica, se reproduz e se transforma, o que se tem redesenhado a partir da existência das tecnologias e meios de produção e transmissão de informação e a necessidade de reconhecer que esta transformação não é uniforme (MATA, 1999, p.85).

A cultura midiática está articulada a processualidades, meios e tecnologias (MATA, 1999, p.83). O processo de midiaticização traz consigo novas formas de disseminação informacional, a partir de incidências distintas nos campos sociais. É um processo que ultrapassa as fronteiras do campo midiático e que envolve interações redesenhadas e reestruturação de práticas sociais (MATA, 1999, p.85).

Assim, percebemos uma transição de fronteiras culturais concretas para fronteiras menos fixas. Os processos midiáticos são intensificados e há uma tendência de mobilidade

dos processos sociotécnicos, atravessando práticas sociais de maneira diversa. A flexibilização de fronteiras geográficas e culturais, principalmente a partir do processo de midiatização digital, nos leva a refletir também sobre aspectos relativos à convivência intercultural potencializada por esse processo – o que abordaremos mais profundamente na problematização teórica da nossa pesquisa.

Maldonado (2003a, p.04) explica que, atualmente, os meios de comunicação industriais (a grande mídia) “são confrontados com a existência de redes digitais, nas quais as possibilidades de construção multimídia de hipertextos que combinam vários suportes e linguagens numa articulação informacional”. Essas redes digitais potencializam a circulação informacional e constituem “tecnoculturas midiáticas” – o que articula-se ao pensamento de Mata – que viabilizaram o surgimento de meios de comunicação alternativos, promovendo “ampla distribuição de bens simbólicos” (MALDONADO, 2003a, p.05) e diversificando a constituição do próprio campo midiático.

De acordo com Maldonado, o campo midiático passou a ser articulado a todos os outros campos, constituindo as formações sociais e, conseqüentemente, as sociedades:

*A midiatização estruturada pelos processos histórico/econômicos/políticos geram formas de vida social e culturas específicas que constroem modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. Ele possui a característica de atravessar todos os outros campos, condicioná-los e adequá-los as formas expressivas e representativas da mídia (MALDONADO, 2002, p.06, grifo do autor).*

O campo midiático vincula-se a significados e bens simbólicos socialmente compartilhados. As mídias “são um *lugar* obrigado de passagem, definições e publicização dos outros campos, uns com maior dependência que outros, mas todos atravessados pelos fatores midiáticos” (MALDONADO, 2002, p.07). Esses atravessamentos midiáticos balizadores do processo de midiatização são construídos a partir de processos de mediação que configuram matrizes estruturais da sociedade (MALDONADO, 2002, p.11).

O surgimento das redes digitais e o processo de midiatização digital possibilitam novas maneiras de interação entre os sujeitos, como ocorre em CS POA – comunidade constituída por interações presenciais e virtuais. As novas formas de estruturação comunitária trazem consigo outras lógicas, bem como novas formas de disseminação de informação e bens simbólicos.

## 2.2 Emergência de Comunidades Virtuais em Cenários Globalizados e Transmidiáticos

Os estudos e questionamentos voltados à compreensão do cenário digital ganharam força a partir das investigações e teorizações acerca do fenômeno da globalização e do entrelaçamento de culturas que o processo globalizador vem proporcionando. Sérgio Mattos (2009) articula, em suas incursões pelos processos e características atrelados ao contexto midiático, o conceito de Anthony Giddens (entre outros autores) acerca do que seria a globalização, definida como:

[...] a intensificação das relações sociais mundiais que ligam localidades distantes, de tal modo que acontecimentos locais podem ser influenciados por eventos que estão ocorrendo a centenas de quilômetros de distância e vice-versa. Desta forma, a globalização está relacionada também com a interseção de presença e ausência, o entrelaçamento dos eventos sociais e relações sociais à distância com contextualidades locais (MATTOS, 2009, p.20).

A intensificação das relações sociais à qual Giddens, citado por Mattos, se refere, acarretou a formação de novas comunidades por sujeitos não necessariamente próximos em termos geográficos. Mattos explica que “[...] a Internet além de eliminar as distâncias geográficas e as barreiras de comunicação, a baixo custo, contribui para a constituição de uma rede global, a ponto de Karl Kaiser afirmar que a Internet se transformou num ‘turbinador da globalização’ [...]” (2009, p.50). No entanto, é preciso abordar o cenário digital e suas características com cautela porque, mesmo eliminadas distâncias palpáveis e facilitada a comunicação em rede, existem obstáculos à comunicação, como a precariedade do acesso à internet e a ausência de competências necessárias para utilizar os recursos digitais, por exemplo.

Compartilhamos com Giddens (2000) a ideia de que o processo de globalização potencializa relações sociais e conexões entre diversos sujeitos e culturas existentes no mundo, sem apagar manifestações locais, transcendendo o âmbito político-econômico. A globalização é, entre outras dimensões, tecnológica e cultural, sendo um fenômeno possibilitado pelos avanços comunicacionais (GIDDENS, 2000). A partir desses avanços, foi possível que surgissem comunidades – como CS POA – e redes sociais – como o CS e o *Facebook* –, conectando sujeitos espalhados pelo planeta, viabilizando um contato intercultural cuja dimensão era até então impossível, devido a obstáculos geográficos.

É fato que a popularização das tecnologias midiáticas trouxe novas dimensões quanto à atuação dos meios de comunicação e também proporcionou um redimensionamento das

configurações de comunidade, resultando em uma tendência à virtualização e em uma ampliação quanto às estratégias e formas de se comunicar. Turner (2006) também relaciona as mudanças na tecnologia da computação ao aumento das possibilidades de uso das novas tecnologias e à facilitação de relações sociais: “changes in computer technology expanded the range of uses to which computers could be put and the types of social relations they were able to facilitate” (2006, p.02)<sup>15</sup>.

Se a própria globalização contribuiu com novas possibilidades de configuração das comunidades, o impacto de novas tecnologias fez aumentar a quantidade de informação e fez surgir comunidades virtuais ligadas à ideia de interatividade, de “inter-relação entre homens, informações e imagens” e de uma “interconexão diversa e crescente” (MARTINS, 2008, p.02). As relações mantidas online não são mais vistas como estrita ou necessariamente separadas das relações presenciais, mas constituem-se enquanto experiências conectadas (STERNE, 1999). O mesmo sujeito que se conecta a vários outros espalhados pelo mundo, está inserido em culturas e identidades específicas, em um contexto local que pode dizer muito sobre suas posturas e características frente às alteridades.

Essas experiências conectadas surgiram em espaços não somente globalizados e em processo de mediação, mas também transmidiáticos, considerando estruturas colaborativas, como as redes sociais e comunidades em âmbito presencial e virtual. Comunidades transmidiáticas, como CS POA, são mediadas por tecnologias, com expressão de características comunitárias a partir de elementos presenciais e virtuais, com a onipresença da comunicação digital na rotina dos sujeitos que as compõem, cujas interações podem se dar via encontros presenciais, via interações em diferentes espaços virtuais (CS e *Facebook*) e a partir de diferentes dispositivos tecnológicos (computador, notebook, tablet, celular etc.).

Gosciola (2013), explica que a narrativa transmídia surge a partir dessa conexão entre o digital e o presencial nas interações convergentes entre os sujeitos, que pode ser resultado de vínculos sociais obtidos em comunidades:

A narrativa transmídia e seus recursos resultam de articulações de histórias narradas entre o mundo real e o mundo virtual e estão um passo além do ciberespaço, por integrar mais objetivamente e estruturadamente o mundo real e virtual promovidas pelas redes colaborativas, como um movimento intensamente sociabilizador. Cabe atentar para o fato de que uma ou outra comunidade virtual pode desenvolver porosidades de maneira a não conseguir impedir deturpações de seus princípios em estruturas frágeis

---

<sup>15</sup> Tradução livre: “Mudanças na tecnologia da computação ampliaram o alcance de usos dos computadores e os tipos de relações sociais que eles seriam capazes de facilitar”.

formadas por oportunistas, conforme lembra Howard Rheingold, que propõe uma saída para o problema: são as comunidades virtuais apenas enclaves computadorizados, torres intelectuais de marfim? A resposta deve ser encontrada no mundo real, onde as pessoas tentam usar a tecnologia com a finalidade de atender a problemas sociais (GOSCIOLA, 2013, p.284).

Hoje, as tecnologias da velocidade, da transmissão, do contágio e da propagação à distância são privilegiadas e, em termos de espacialidades, houve desterritorialização do tempo físico. A evolução de recursos e ferramentas comunicacionais permite que as narrativas se atravessem, configurando “um estágio das redes colaborativas e de comunicação instantânea em que a situação física é predominante tanto quanto a virtual, como sensação de pertencimento” (GOSCIOLA, 2013, p.285). Para Gosciola, esse pertencimento é articulado a uma convergência de “mundos narrativos” e à emergência do que ele denomina de “ciberconvívio”, que seria uma intensa conexão “interpervasiva” entre as realidades física e ciberespacial (p.285). O aspecto transmidiático das redes e comunidades é intensificado ao passo que os recursos digitais estão facilmente disponíveis durante as interações presenciais dos sujeitos, que por sua vez são mais conectados socialmente (GOSCIOLA, 2013; JENKINS, 2008).

Reconhecer os vínculos e usos dos sujeitos em relação às tecnologias e dispositivos é pensar suas identidades junto às comunidades, “submetidas às lógicas mais amplas do contexto global/local” (BONIN, 2011a, p.150). As interfaces não são mais vistas somente enquanto dispositivos físicos – com uma arquitetura específica –, mas como dispositivos lógicos, que exigem competências e que dispõem de possibilidades e limitações, sendo concretizadas conforme os usos e apropriações dos sujeitos, afinal, a adoção de novos comportamentos traz mudanças muito mais complexas que o uso de novas ferramentas. Diante de algumas limitações em relação ao uso da plataforma do CS pelos membros de CS POA, houve uma migração de algumas interações para o *Facebook*, que é uma rede social mais confortável e que exige competências diferentes de seus usuários.

Peruzzo (2002) lembra que havia correntes que acreditavam que, com o processo de globalização, as comunidades estariam fadadas ao desaparecimento e que seus próprios conceitos estariam ultrapassados. No entanto, houve um processo adaptativo dessas comunidades em relação às novas lógicas:

Enquanto para alguns comunidade e seus conceitos eram coisa do passado, eis que eles ressurgem, recriados. No processo de transformação constante da sociedade, as comunidades tem se mantido vivas, outras se extinguem ou se revigoram, outras foram criadas. Ou seja, há toda uma dinâmica de



criação e recriação de comunidades em processo correlato ao da globalização, que à primeira vista foi considerada como algo que iria acabar com as formas comunitárias de comunicação (PERUZZO, 2002, p.01-02).

A recriação dos conceitos relativos às comunidades foi uma tentativa de acompanhar a manutenção e a modificação de características desses aglomerados. Além disso, essa reformulação conceitual tentou abarcar as novas complexidades advindas do contexto no qual essas comunidades estão inseridas, permeado pelos processos de globalização e de mediatização.

Como observa Corrêa (2004), há comunidades virtuais que ainda promovem atividades e encontros fora do cenário digital, de forma a reforçar o contato “face-a-face” e a incentivar que as pessoas se conheçam pessoalmente – o que pode complementar as relações sociais estabelecidas no âmbito do ciberespaço. O *Couchsurfing*, rede social a partir da qual CS POA surgiu, estimula *meetings* (encontros) entre os participantes das comunidades (*couchsurfers*), fazendo com que sujeitos que iniciaram suas relações online passem a também relacionar-se presencialmente e vice-versa.

Trabalhamos neste tópico as comunidades e sua emergência no cenário digital de maneira a situar contextualmente nosso objeto de investigação. Posteriormente, na problematização teórica (capítulo seguinte), construiremos proposições para pensar a configuração das comunidades. Contextualizaremos, a seguir, a comunidade CS POA e seus cenários digitais.

### **2.3 A Rede Internacional *Couchsurfing***

A cultura das tradições populares tanto hoje quanto no passado (nas comunidades da Idade Média) construiu vínculos de solidariedade a partir da hospitalidade e da acolhida de pessoas que vinham de outros lugares – algo que também se transformou ao longo do tempo e que foi ganhando ressalvas em relação às formas de solidariedade e hospitalidade entre os sujeitos, principalmente com a intensificação de processos que geraram inseguridades e violência nos contextos urbanos. Na contemporaneidade, a constituição de dispositivos digitais tem aberto a possibilidade de a mediação tecnológica viabilizar o contato entre sujeitos e culturas de maneira a promover mudanças culturais ou a recriação de antigas práticas e interações da tradição popular, manifestando a sobrevivência de matrizes culturais antigas. A partir de uma proposta de rede complexa, agregadora das dimensões digital e

presencial que lida com as alteridades, o *Couchsurfing* emerge como uma rede social que ganhou repercussão em todo o mundo.

O *Couchsurfing* é uma rede internacional que conecta mais de 7 milhões (4 milhões desses adeptos reunidos nos últimos três anos) de pessoas em mais de 100 mil cidades no mundo<sup>16</sup>, principalmente sujeitos com interesse em viajar e em trocas culturais. A rede social oferece serviços gratuitos e permite manter contato entre pessoas que querem viajar e que moram em diversos locais do globo. “‘Couch surfing’ refers to the practice of temporarily lodging with a stranger – free of charge, unless you count being incessantly sociable as payment”<sup>17</sup> (MARX, 2012).

A intenção dessa rede social, segundo o próprio site, é dar mais significado às viagens e mais fluidez aos contatos culturais entre turistas e “nativos”, na tentativa de promover trocas culturais e de extinguir preconceitos. Através do *Couchsurfing* é possível viajar pelo mundo, redescobrir sua própria cidade ao apresentá-la a outros membros do CS e ao participar de comunidades do CS formadas na sua região geográfica, além de desfrutar de experiências de uma forma que o dinheiro não pode pagar. A rede social CS desperta interesse porque trata de processos ligados à internet, ao espaço digital, que se voltam à vida real, envolvendo explicitamente atividades presenciais entre seus membros, além de trazer à tona uma processualidade sobre algo que já se fazia antes de seu surgimento: viajar e conhecer outros locais e culturas.

Os fundadores da rede social são Casey Fenton, Daniel Hoffer, Sebastien Le Tuan e Leonardo Bassani da Silveira. Atualmente o CEO (cargo executivo máximo) do CS é ocupado por Tony Espinoza. A história<sup>18</sup> dessa rede começou com um pequeno projeto amador de Casey Fenton, a partir de um e-mail enviado a um grupo de estudantes na Islândia com a ideia de que pessoas em qualquer lugar pudessem compartilhar suas casas com estranhos (ou amigos que você ainda não conhece).

O *Couchsurfing*, seu “estilo de vida” e sua proposta de contato com outras culturas têm sido bastante explorados nos últimos anos pelos meios de comunicação. Veículos de comunicação como *Los Angeles Times*, *The New York Times*, *Canada AM*, *CNN*, *TIME*, *NBC*, *Condé Nast Traveler*, *Forbes* e *The Huffington Post* são alguns exemplos de meios que já publicaram matérias sobre o CS.

---

<sup>16</sup> Dados coletados no site do *Couchsurfing* em janeiro de 2014.

<sup>17</sup> Tradução livre: “O “surfe nos sofás” refere-se à prática de hospedagem temporária com um desconhecido, gratuitamente, a menos que você considere ‘ser incessantemente sociável’ como forma de pagamento”.

<sup>18</sup> Alguns dados históricos sobre o surgimento do CS estão disponíveis em: <<https://www.couchsurfing.org/n/about/>>.

O site é protegido<sup>19</sup> por leis estadunidenses e internacionais no que concerne aos seus direitos autorais, em concordância com o que é vigente no estado da Califórnia. No entanto cada membro, ao fazer uso dos serviços da rede social, está sujeito às leis locais, estaduais e nacionais, além das leis em vigor nos EUA.

No início, todo o site do CS era em língua inglesa, de forma a restringir a participação de usuários que, porventura, não tivessem competências desenvolvidas neste aspecto. Atualmente, há uma tentativa de oferta da rede social em outras línguas – inclusive em português –, mas ainda há serviços e informações disponíveis apenas em inglês.

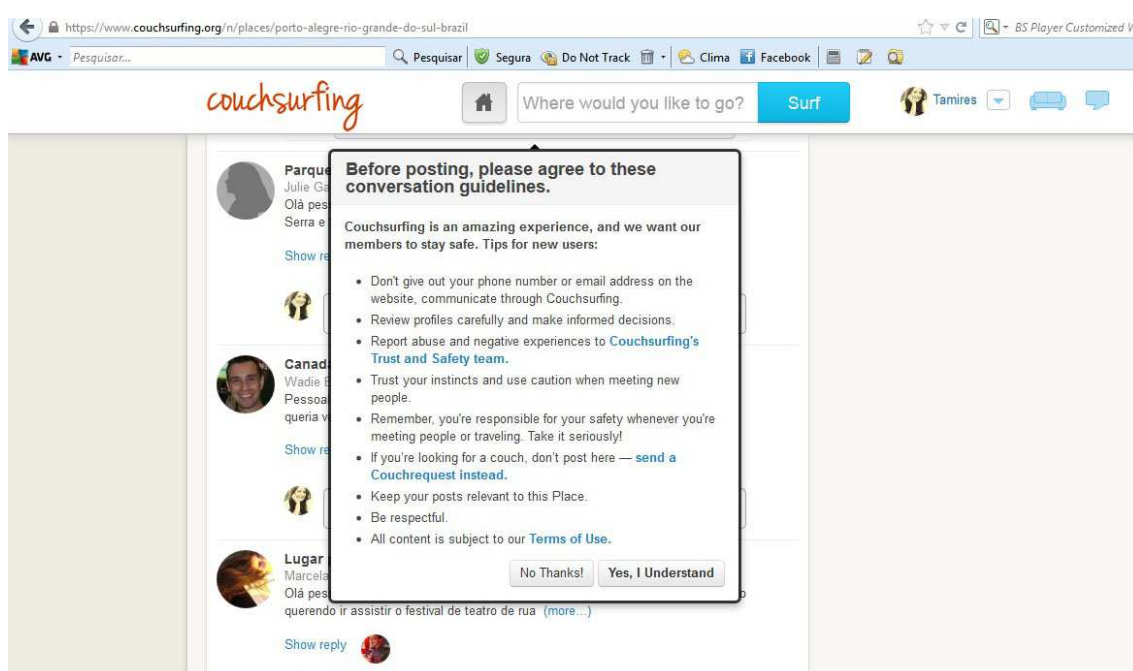


Figura 2: Atualizações nos termos de uso notificadas a quem já é membro da rede. Fonte: Site do Couchsurfing - <<https://www.couchsurfing.org>>.

A rede social *Couchsurfing* funciona, como outras redes sociais, com termos de uso e objetivos específicos, de forma que seus usuários ou membros só podem criar perfis online após a concordância com as *normas e regras estabelecidas*, bem como respeitando

<sup>19</sup> “Unless otherwise indicated, the Services and all content and other materials on the Services, including, without limitation, the Couchsurfing logo, and all designs, text, graphics, pictures, videos, information, data, software, sound files and other files, and the selection and arrangement thereof, (collectively, the “*Couchsurfing Materials*”) are the proprietary property of Couchsurfing or our licensors or members and are protected by U.S. and international copyright laws” (COUCHSURFING, 2012). Tradução livre: A não ser que haja outra indicação contrária, os serviços e todos os conteúdos e outros materiais nos Serviços, incluindo, sem limitação, o logotipo Couchsurfing, e todos desenhos, textos, gráficos, imagens, vídeos, informações, dados, software, arquivos de som e outros arquivos, e a seleção e disposição dos mesmos, (coletivamente, os “Materiais de CouchSurfing”) são de propriedade da Couchsurfing ou de nossos licenciantes ou membros e estão protegidos pelas leis de direitos autorais dos EUA e internacionais.

orientações e diretrizes a serem seguidas. Os membros devem ter idade igual ou superior a 18 anos e, mesmo que a família do *couchsurfer* o ajude a receber seus hóspedes do CS, só quem já alcançou a maioridade<sup>20</sup> pode ter perfil na rede social. Os perfis devem basear-se em fatos/informações verídicos sobre uma pessoa “real”, de forma que é proibido fazer um perfil falso – embora perfis *fakes* existam – ou um perfil para animais de estimação, por exemplo.

Ao aderir à grande “comunidade” do CS (termo utilizado no próprio site), os membros são orientados pela rede social a se respeitarem mutuamente – mesmo em meio a eventuais discordâncias –, considerando-a um “lugar de encontro de diferentes culturas, estilos de vida e ideais”. Entre as diretrizes está também a “auto moderação”, ou seja, procurar tomar decisões com cautela, principalmente em relação a oferecer e aceitar hospedagens, lendo atentamente os perfis e deixando referências a outros membros.

Não é permitido disseminar *spam* (mensagem eletrônica enviada de forma massiva e sem solicitação prévia) ou mensagens simplesmente copiadas e coladas (*copy-and-paste messages*), bem como é vedado aos sujeitos utilizar a rede social CS para promover produtos, empresas ou formas de negociação comercial.

Também está claro nas diretrizes do site *Couchsurfing.org* que o CS tem objetivo de formar amizades e não se configura como uma rede de relacionamentos afetivos, ou de busca por namorado (a), sendo, portanto, considerado como “abuso” qualquer contato com membros para essa finalidade. Isso não quer dizer que membros do *Couchsurfing* não possam namorar eventualmente, mas que a busca pela rede social não deve ter como prioridade a busca por um relacionamento afetivo.

Outro aspecto interessante é o fato de não ser permitido cobrar pela hospedagem (em espécie ou de outra forma), já que o CS tem como finalidade o intercâmbio gratuito entre culturas e a hospitalidade entre membros. Dessa forma, os futuros hóspedes devem ter em mente que eles são recebidos pela boa vontade dos anfitriões e que eventualmente eles podem não encontrar hospedagem em todas as cidades por onde passarem, já que vão depender da disponibilidade de outros membros. É recomendado que, em caso de imprevistos com a viagem, o *guest* (hóspede) informe ao seu *host* (anfitrião) sobre mudanças no trajeto e/ou na data da viagem, bem como é interessante que o *host* informe o quanto antes caso não possa receber o *couchsurfer* que lhe solicitou hospedagem.

---

<sup>20</sup> Mesmo em países nos quais a maioridade não seja a partir dos 18 anos, essa é a idade mínima prevista no site do CS.

Dentro da rede social, é possível encontrar publicações e links que informam os membros, oferecendo ajuda, dicas e ideias, principalmente direcionadas aos membros mais novos e inexperientes. O site oferta informações sobre “como ser um bom anfitrião” (*how to be a good host*) e “como ser um bom hóspede” (*how to be a good guest*), adiantando aos membros da rede que hospedar/receber pessoas de todas as partes do mundo pode ser uma grande experiência além das expectativas, mas também pode ser desagradável. Existe um grupo no site criado com a proposta de trocar ideias sobre como se portar bem durante as experiências proporcionadas pelo *Couchsurfing* e sobre o que fazer em caso de haver problemas (como lidar com os hóspedes durante eventuais problemas). Também são previstas situações de incompatibilidade entre os *couchsurfers*, seja em razão do confronto entre personalidades, diferentes bagagens culturais ou mesmo de desentendimentos que impedem a experiência de funcionar conforme as expectativas:

No matter how well prepared you are to be a good host or a good guest, sometimes you don't click with your guest. It is normal! There can be several reasons to why you don't click with them. Different personalities, Cultural background, misunderstandings etc. can be some of the reasons to why the experience does not work out (COUCHSURFING, 2012)<sup>21</sup>.

Na rede social são disponibilizados inclusive conselhos/dicas sobre quando aceitar um *couchrequest* (pedido de hospedagem) e de informações que o membro do CS precisa ter antes de permitir que outro membro seja recepcionado. Entre as indicações mais frequentes estão: observação atenta ao perfil de quem solicita hospedagem<sup>22</sup>, atenção sobre quais referências foram deixadas sobre outros usuários acerca desse membro – se houver referências negativas, prestar atenção no que elas dizem – e percepção sobre o que as fotos do perfil solicitante comunicam, além de ser imperativo que é imprescindível ler todo o perfil do membro antes de deixá-lo entrar em sua casa. É aconselhável esclarecer quais as regras da sua

---

<sup>21</sup> Tradução livre: “Não importa quão bem preparado você está para ser um bom anfitrião ou um bom hóspede, às vezes você não tem afinidade com seu hóspede. Isso é normal. Pode haver várias razões do porquê de você não ter afinidade com eles. Personalidades diferentes, bagagem cultural e mal entendidos podem ser algumas das razões do porquê de a experiência não dar certo”.

<sup>22</sup> “Should a member not have a completely filled out profile, ask them to do so - rather than writing this information in a personal e-mail. This is to show everybody that they are real members. You can find out a lot from the way the person describes him or herself in the profile. A lot of members write specifically what they expect and don't expect from members requesting their couch. Make sure you know what it is.” (COUCHSURFING, 2012). Tradução livre: Se um membro não tiver um perfil completamente preenchido, peça-o para fazê-lo, ao invés de escrever essas informações em um e-mail pessoal. Isso é para mostrar a todos que eles são membros de verdade. Você pode descobrir muito a partir da forma como a pessoa descreve a si próprio no perfil. Muitos membros escrevem especificamente o que esperam e não esperam de membros que solicitam seu sofá. Certifique-se de que você sabe quais são essas expectativas.

casa antes de se dispor a receber uma pessoa e é possível até mesmo encontrar avisos como “sempre pense na sua própria segurança em primeiro lugar”<sup>23</sup>, mas considerando que todas as respostas devem ser enviadas de maneira educada. Em caso de problemas, é indicado entrar em contato com membros específicos da rede social, denominados *MDST (Member Dispute and Safety Team)*<sup>24</sup>.

Uma curiosidade a respeito das orientações de segurança do site é que existem dicas especialmente voltadas aos membros do sexo feminino<sup>25</sup> (figura 3). É indicado que mulheres que viajam e fazem parte do *Couchsurfing* considerem preferencialmente a possibilidade de serem hospedadas por outras mulheres ou por famílias, principalmente se estiverem viajando sozinhas. É recomendado que elas deixem claro os “limites” quanto à aproximação em relação aos outros membros. Além disso, há a recomendação de informar-se sobre as diferenças culturais e religiosas do lugar para onde a *couchsurfer* estiver viajando ou visitando, já que as questões de gênero são encaradas de maneira bastante diferenciada ao redor do planeta. Isso pode indicar não só uma preocupação diferenciada do site em relação às mulheres que fazem parte da rede social CS, mas sobretudo uma consciência da equipe gestora do site em relação à cultura machista e de violência contra a mulher presente em muitas culturas. É importante ter em mente que é preciso estar bem informado sobre o local para onde se viaja, a fim de evitar problemas relacionados a choques culturais – mas isso aparentemente é ainda mais importante para as mulheres, as quais não têm voz ou autonomia em alguns países.

As políticas do CS podem ser alteradas a qualquer momento, a critério dos gestores da rede social, e são constituídas por orientações de respeito mútuo (online e presencialmente) às opiniões e crenças, mesmo que em casos de divergência – afinal, uma rede social que reúne sujeitos de perfis tão heterogêneos e de tantas partes do planeta não poderia vislumbrar um grupo homogêneo. O princípio de “ser considerado e respeitável” na rede refere-se à necessidade de os membros tratarem-se uns aos outros com “civildade, respeito e consideração” não só em âmbito virtual, mas também presencialmente, além de encorajarem outros membros no cultivo do respeito, da receptividade e do trabalho em grupo: “Working together with others as well as learning about and appreciating different viewpoints are all-

---

<sup>23</sup> Tradução livre de “Always mind your own safety FIRST” (COUCHSURFING, 2012).

<sup>24</sup> Equipe de segurança e de conflito entre membros (tradução livre).

<sup>25</sup> Essa seção é denominada “*Tips for women travelers*” ou “Dicas para viajantes mulheres”, disponível no link: <https://www.couchsurfing.org/n/safety>.

important aspects of the Couchsurfing experience”<sup>26</sup> (COUCHSURFING, 2012). “Ataques”, prática de *bullying*, acusações injustificadas, preconceitos de qualquer espécie, insultos ou comentários/comportamentos desrespeitosos em relação a algum conteúdo ou perfil são proibidos no CS, inclusive críticas a membros por estarem “praticando *Couchsurfing* de maneira errada”.

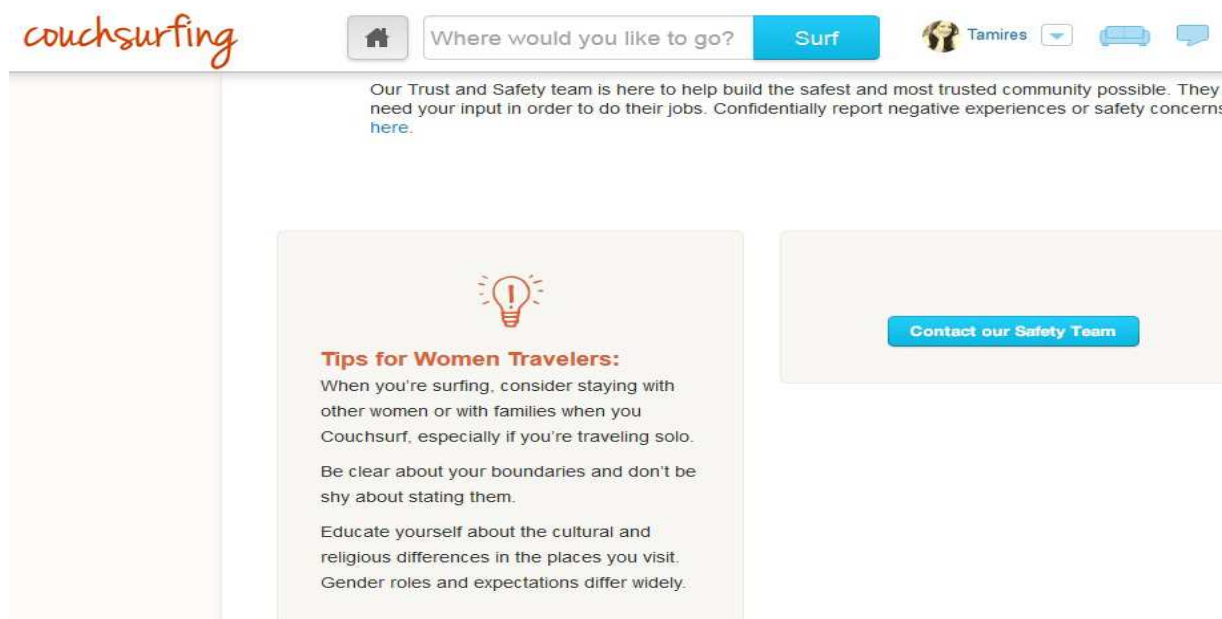


Figura 3: “Dicas para viajantes mulheres” no site do CS. Fonte: Site do *Couchsurfing* - <<https://www.couchsurfing.org>>.

É possível perceber que há, nas regras para a participação delineadas pelos criadores/gerenciadores da rede, incentivo ao respeito pela diversidade intelectual e cultural dos sujeitos bem como uma concepção implícita de que não há um jeito único ou maneira correta de fazer parte do *Couchsurfing*, mesmo que haja delimitações comportamentais e orientações de postura na rede. Dessa forma entendemos, a partir destas regras, que o “espírito *couchsurfer*” pode ser manifestado de diferentes formas, desde que haja uma relação de respeito e receptividade entre os membros. Os termos de uso e as diretrizes da rede social, em geral, trazem muitos aspectos repetitivos como forma de reforço às concepções orientadoras do CS e às normas/regras/orientações vigentes a seus usuários.

De maneira semelhante às políticas do CS, os termos de uso podem ser alterados quando a equipe que rege o site achar necessário, de forma que haverá apenas notificações por

<sup>26</sup> Disponível na sessão *Guidelines* do site CS: <<http://www.couchsurfing.org/about/guidelines>>. Tradução livre: Trabalhar em equipe, bem como aprender e apreciar pontos de vista diferentes são aspectos importantes da experiência Couchsurfing.

meio de postagens aos membros. Se, mesmo com as modificações, os usuários continuarem a utilizar o serviço, isso implica o aceite das mudanças nos termos. No caso de o membro do CS não utilizar os serviços do site em consonância aos termos de uso, ele pode ser suspenso ou excluído da rede e pode ainda sofrer uma ação legal – dependendo do caso, sujeito a penalidades criminais. Assim, percebemos não somente a existência de relações de poder e de hierarquias na definição das normas e orientações da rede social – principalmente da equipe gestora do site em relação aos membros –, bem como interferência de outros campos sociais no *Couchsurfing*, como no caso supramencionado do campo jurídico.

Até agosto de 2011 o *Couchsurfing* era considerado *non profit* (sem fins lucrativos) e recebia doações para sua manutenção, mas desde então tornou-se uma *B-corporation*<sup>27</sup> “socialmente responsável” – à época havia cerca de 3 milhões de usuários interconectados a essa rede social. A mudança não interferiu na adesão de mais membros à rede, tendo em vista que em dois anos a quantidade de usuários do CS dobrou, mas a nova configuração legal do *Couchsurfing* passou a permitir a acumulação de lucro – o que era proibido anteriormente enquanto era “instituição sem fins lucrativos”.

Na ocasião das mudanças, os gestores do site argumentaram que não seriam feitas mudanças drásticas no *Couchsurfing* por conta disso, que se tratava apenas de uma adequação legal e que não seriam mais aceitas doações. Atualmente também é possível, inclusive, encontrar uma loja do CS online (*CS shop*) que é terceirizada. Até 2012 havia a possibilidade de uso do CS enquanto rede social de forma independente de outras redes, enquanto atualmente é possível aos membros acessar a conta do CS a partir das informações do *Facebook*, além de ter acesso a informações do *Google Maps* (mapas geográficos/urbanos disponibilizados pela empresa *Google*).

Ao interagir com outros *couchsurfers*, o usuário arca também com responsabilidades, tendo em vista que o CS disponibiliza serviços através da plataforma online basicamente para que os membros se conheçam. A rede social se coloca na função de articuladora de relações e interações entre membros, de forma que também se auto exime da responsabilidade sobre o tipo de comunicações ou transações feitas entre os usuários da rede. É interessante observar que, mesmo se eximindo de qualquer obrigação no que concerne ao monitoramento de interações entre membros do CS, a equipe gestora do site tem garantido esse direito, caso lhe convenha.

---

<sup>27</sup> © 1999-2013 Couchsurfing International, Inc. A socially responsible, Certified B Corporation 'Couchsurfing' and 'Couchsurfer' are registered and unregistered service marks of Couchsurfing International. - CS Release: - r553f1933ae825ba15dc48eff02583adc561fca6f (COUCHSURFING, 2012).



Existe uma ferramenta no site do CS denominada “verificação de endereço” que tem a pretensão de confirmar o endereço postal que o membro forneceu ao site. Se, por um lado, há tentativa de diminuir os riscos de má conduta pelos membros do site através da verificação de informações particulares dos membros (como é o endereço), por outro isso não garante nada em relação à identidade ou intenção do usuário – ao qual só é permitida a criação de um perfil. Embora haja mecanismos com vistas à verificação de alguns dados dos usuários, o *Couchsurfing* não se coloca como responsável pela identidade de cada membro. Não há verificação de ficha criminal, reputação, conduta ou qualquer aspecto moral relativo aos membros. Dessa forma, há uma grande ênfase nas precauções a serem tomadas quanto ao primeiro contato presencial entre usuários do site.

Os membros têm autonomia de organizar encontros<sup>28</sup> presenciais e eventos, mas o CS não se responsabiliza por nada em relação a isso, de forma que a presença de outros *couchsurfers* se dá por sua própria conta e risco. Há membros denominados “embaixadores” (*ambassadors*) que, por sua vez, contribuem com o suporte e organização de muitos eventos das comunidades/grupos dentro do CS. Eles são membros mais experientes e podem responder perguntas, tirar dúvidas acerca das lógicas e do funcionamento do site, mas não são considerados “agentes” ou “funcionários” do CS, bem como não são remunerados. Eles podem até representar de alguma maneira a rede social, mas o *Couchsurfing* não se responsabiliza por atos ou omissões desses membros.

É proibido disseminar conteúdo falsificado ou que incite preconceito, crime, uso de drogas ilícitas, conteúdo ofensivo, violência, promoção pessoal ou institucional não autorizada sob a forma de campanha política ou de propaganda, ou violação de direitos. Não é permitido divulgar no site informações particulares de outras pessoas sem permissão prévia ou espalhar qualquer tipo de vírus, bem como não se pode infringir qualquer marca, patente ou propriedade intelectual. Os membros podem denunciar qualquer tipo de conteúdo considerado impróprio e a equipe gestora se reserva ao direito de editar ou remover qualquer tipo de conteúdo dos membros sem aviso prévio. Também é previsto nos termos de uso que o

---

<sup>28</sup> Nos *meetings* ou encontros entre membros, os gestores da plataforma do CS não se responsabilizam em nenhuma instância por eventuais problemas: “Because our Services are merely a platform, in the event that you have a dispute with one or more members, you release us (and our officers, directors, members, employees, agents and affiliates) from claims, demands and damages (actual and consequential) of every kind and nature, known and unknown, suspected and unsuspected, disclosed and undisclosed, arising out of or in any way connected with such disputes” (COUCHSURFING, 2012). Tradução livre: Já que os nossos serviços são apenas uma plataforma, no caso de você ter um conflito com um ou mais membros, libere-nos (e nossos diretores, conselheiros, sócios, funcionários, agentes e afiliados) de reclamações, exigências e danos (reais e consequentes) de qualquer tipo e natureza, conhecidos e desconhecidos, suspeitos e não suspeitos, divulgados e não divulgados, decorrentes ou de alguma forma relacionados a esses conflitos.

site pode oferecer acesso limitado aos usuários, em caso de suspeita de alguma infração. Por outro lado, o site pode usar ou reproduzir, de maneira quase que irrestrita, os dados dos usuários<sup>29</sup>.

Mais especificamente sobre as interações no *CouchSurfing*, Renée Moura (2011, p.07) define:

Este tipo de rede fez surgir uma nova forma de interação on-line, que agora não está calcada primordialmente no puro convívio on-line, mas sim na "vida real". Através desse tipo de interação, os indivíduos têm uma oportunidade rara de conhecer o mundo dentro da segurança do seu próprio lar. Ao participar de tal intercâmbio, os sujeitos em interação evitam o simples olhar consumista e superficial de um ambiente físico, passando a viver uma intensa troca de valores e símbolos de proximidade.

Moura (2011) enfatiza ainda que, apesar de assemelhar-se a redes como *Orkut* e *Facebook*, o *CouchSurfing* traz o diferencial de proporcionar interação mais no mundo "real" do que mesmo no universo online. "A Rede *CouchSurfing* atua, portanto, no resgate e reconstrução de interações face-a-face, que por um momento se ausentaram do domínio das relações interpessoais mediadas por computadores" (MOURA, 2011, p.17). Outro diferencial concerne à interface do CS: o site não tem facilidades de manuseio como outras redes sociais (a exemplo do *Orkut* ou *Facebook*) porque sua interface é considerada "dura" e mais complexa, inclusive por membros com competências desenvolvidas nesta área de tecnologia e computação.

Compartilhamos com a visão de Figueiredo (2008, p.18), quando ela afirma que "o *CouchSurfing* não se limita ao ambiente da internet, as manifestações que a ele são relacionadas ultrapassam as fronteiras deste espaço" (2008, p.18). Também acreditamos ser complicado definir parâmetros fixos que avaliem o nível de compromisso dos sujeitos com o CS, já que na comunidade CS POA constatamos que há pessoas mais ativas nas reuniões, encontros, viagens, e outros membros que participam mais hospedando e recepcionando pessoas, sem necessariamente comparecer aos encontros presenciais do grupo. Dessa forma,

---

<sup>29</sup> "If you post Member Content to our Services, you hereby grant us a perpetual, worldwide, irrevocable, non-exclusive, royalty-free and fully sublicensable license to use, reproduce, display, perform, adapt, modify, create derivative works from, distribute, have distributed and promote such Member Content in any form, in all media now known or hereinafter created and for any purpose, including without limitation the right to use your name, likeness, voice or identity" (COUCHSURFING, 2012). Tradução livre: Se você postar Conteúdo de Membro de nossos Serviços, você decide conceder-nos uma licença perpétua, mundial, irrevogável, não exclusiva e totalmente sub livre de royalties para utilizar, reproduzir, exibir, executar, adaptar, modificar, criar trabalhos derivados, distribuir e promover tal Conteúdo de Membro sob qualquer forma, em todos os meios atualmente conhecidos, ou doravante criadas e para qualquer propósito, incluindo, sem limitação do direito de usar seu nome, imagem, voz ou identidade.

não vamos mensurar o comprometimento dos membros de maneira hierárquica, porque acreditamos que um *couchsurfer* que não costuma ir aos *meetings* e às atividades em geral, mas que recebe pessoas, viaja e vê na rede uma oportunidade de intercâmbios, pode ser considerado tão ativo na rede quanto uma pessoa que não recebe membros do CS em casa, mas que participa dos encontros e consegue criar boas relações dentro da comunidade. As duas formas de participação no CS anteriormente exemplificadas podem sinalizar para o nível de força do pertencimento e das relações construídas por um membro em âmbito comunitário, mas não poderiam quantificar o nível de adesão dele em relação ao CS de forma geral.

Capra (2008, p.23) explica que a internet possibilita interações e que o CS é constituído por uma cultura comum, a partir de valores e ideias compartilhados pelos membros dessa rede social – dentre eles poderíamos citar aqui a valorização das experiências e do intercâmbio cultural promovidos pelas interações da rede, bem como o horizonte de respeito às diversidades construído no CS e em suas comunidades. Essas diversidades relacionam-se interculturalmente no *Couchsurfing* – de forma que sujeitos com diferentes bagagens culturais e formações identitárias são convidados, a partir da proposta do CS, a interagir com outros indivíduos com diferentes características culturais, reconhecendo as diferenças culturais e as alteridades por meio do contato com o outro:

A internet não implica por si o isolamento de seu utilizador. Enquanto rede social, de acordo com Niklas Luhmann (apud Fritjof Capra 2008:23), o *CouchSurfing*, assim como uma rede biológica, é autogenerativo, mas o que gera é imaterial. São ciclos múltiplos de retroalimentação que produzem um sistema compartilhado de crenças, valores, idéias – “um contexto comum de sentido, também conhecido como cultura (...)” (CAPRA, 2008, p.23) [...]

Alguns entrevistados apontam que uma parte do elevado número de inscritos no *CouchSurfing* é atraída pela redução de custo nas viagens e/ou pela rede social que se estabelece como um *Orkut* ou *Facebook*. Ao mesmo tempo, membros entrevistados que se consideram ativos (recebem e se hospedam constantemente através do *site*) posicionam-se a favor da importância da rede como um importante veículo de *aproximação entre culturas e de descoberta de um mundo antes desconhecido* (FIGUEIREDO, 2008, p.18-39, grifos da autora).

Assim, percebemos que, tanto as constatações da pesquisa desenvolvida por Figueiredo (2008), quanto algumas sinalizações provenientes de nossos movimentos em campo apontam para uma visão do CS como uma rede na qual são evidenciadas relações interculturais – visão essa também compartilhada por alguns membros dessa rede internacional.

### 2.3.1 Comunidade CS POA: A Chegada do *Couchsurfing* em Porto Alegre

A comunidade CS POA, que reúne os membros do *Couchsurfing* em Porto Alegre-RS, surgiu em 26 de novembro de 2007 enquanto comunidade “pública” no site do CS. Atualmente há mais de 3.900 “conversas” (postagens comentadas e não comentadas por outros membros da comunidade) e, até outubro de 2012 – antes das mudanças mais recentes na configuração do site – era possível contabilizar<sup>30</sup>: 3.824 membros, 5 subgrupos, 793 membros em subgrupos, além de 13.621.174 *posts* (postagens, comentários, chamadas de eventos, manifestações etc.). No início de abril de 2013 já era possível contabilizar 5.724 membros em CS POA e, em janeiro de 2014, esse número subiu para 7.682.

CS POA, como outras comunidades constituídas a partir do CS, possui interações online e presenciais. Em âmbito presencial, a comunidade organiza encontros semanais (*meetings*) todas as quintas-feiras, no mesmo horário e em um mesmo bar de Porto Alegre<sup>31</sup> (exceto em casos de imprevistos no local). Em âmbito virtual, a comunidade tem um espaço próprio no site do *Couchsurfing* e expandiu seu espaço digital para um grupo fechado do *Facebook* – o que também ocorreu em outras comunidades brasileiras do CS, a exemplo de São Paulo, Recife, Curitiba etc.

O espaço da comunidade CS POA na rede social *Facebook* é fechado e tem menos de 10% (cerca de 694 membros)<sup>32</sup> da quantidade de adeptos contabilizados atualmente pelo CS em seu site. Diferentemente da atual configuração do CS, na qual você é contabilizado no grupo de Porto Alegre a partir do rastreamento do local onde você está conectado à internet, são contabilizados na comunidade fechada do *Facebook* perfis adicionados por outros membros ou perfis de integrantes da comunidade que solicitam adesão (e então são adicionados por alguém que já consta no grupo).

<sup>30</sup> Dados acessados em 28 de outubro de 2012 na comunidade CS POA online.

<sup>31</sup> Em outubro de 2013 houve a mudança de local dos *meetings* para um terceiro bar (não foi para o segundo bar “oficial”), que tem uma proposta de público diferente. Na época de recesso do novo bar oficial dos *meetings* de CS POA, entre o fim de 2013 e o início de 2014, uma outra “segunda opção” foi cogitada para os encontros enquanto o oficial estivesse fechado. Então, durante a pesquisa exploratória, havia um local fixo há dois anos para os encontros (Bar A) e quando havia qualquer problema, os *meetings* ocorriam em um outro (Bar B). Após conflitos e uma transição de local oficial, a comunidade mudou para um terceiro bar (Bar C) e, nos dias de recesso do novo local de encontro, passaram a fazer encontros em um quarto local (Bar D). Desde o surgimento da comunidade, houve uma razoável rotatividade de locais para os encontros semanais, mas consideramos que, por ser um período de transição de local, a intensidade dessas trocas e variações de locais foi maior entre 2012 e 2014.

<sup>32</sup> Eram 470 membros em junho de 2013 e esse número aumentou para 694 em janeiro de 2014.



*Os membros do CS POA estão espalhados pela cidade. Entretanto, muitas vezes é possível encontrá-los juntos, pela Cidade Baixa, conversando na mesa de um bar, passeando pela cidade com amigos de fora, realizando invasões a outros lugares, fazendo música em grupo ou mesmo reunidos nas casas uns dos outros para aquele churras ou noite de simples encontro. Na verdade, qualquer momento é bom para estar entre amigos e quem chega pela primeira vez também é sempre bem vindo a puxar uma cadeira e sentar-se mais perto, sendo daqui ou não...*

*Se você está chegando agora, acreditamos que há coisas interessantes de ver nas Guidelines. Caso você ainda não conheça Porto Alegre, há dicas de algumas coisas muito legais de ver, conhecer e viver na cidade. Lá também você encontra informações sobre encontros e o projeto do CS. Você também pode acessar nosso Álbum de Fotos (o que pode facilitar que nos reconheça quando nos encontrarmos :D) e o Grupo CS POA no Facebook. E se você tem interesse em aprender outras línguas ou está precisando com rapidez um couch de última hora/emergência fica o convite para visitar os nossos subgrupos Language Exchange in Porto Alegre e Poa Sofás de Emergencia(Emergency Couch).*

*De qualquer forma, sem importar de onde, como ou quando você vem, seja bem-vindo!!!!*

**Members:** 3824  
**Sub-Groups:** 4  
**Members in Sub-Groups:** 793  
**Posts:** 13621174  
**Created:** Nov 26, 2007  
**Type:** Public

Figura 4: Seção da página principal da comunidade CS POA no site do *Couchsurfing* antes das recentes mudanças (28/10/2012). Fonte: Site do *Couchsurfing* - <<https://www.couchsurfing.org>>.

Na plataforma do *Facebook* há mecanismos mais simples que no site do CS no que concerne ao compartilhamento de arquivos e fotos, de forma que isso pode explicar o fato de as fotos tiradas nos encontros presenciais serem compartilhadas nesta plataforma e não no espaço da comunidade no site do CS. Apesar disso, as chamadas para os *meetings* semanais costumam ser sempre feitas no site do CS – eventualmente os links das chamadas e de outros eventos da comunidade no site do *Couchsurfing* são compartilhados no *Facebook* para divulgar os eventos e estimular os sujeitos a acessarem o espaço de CS POA no CS – tendo em vista que os indivíduos que possuem perfis nas duas redes sociais acessam mais frequentemente o *Face* em detrimento do CS, de acordo com nossa pesquisa de campo. Atualmente, os membros reproduzem as mensagens de chamada para os *meetings* do CS no

espaço digital do *Facebook* inclusive em outros grupos da comunidade que surgiram mais recentemente nessa rede social, como explicaremos adiante.

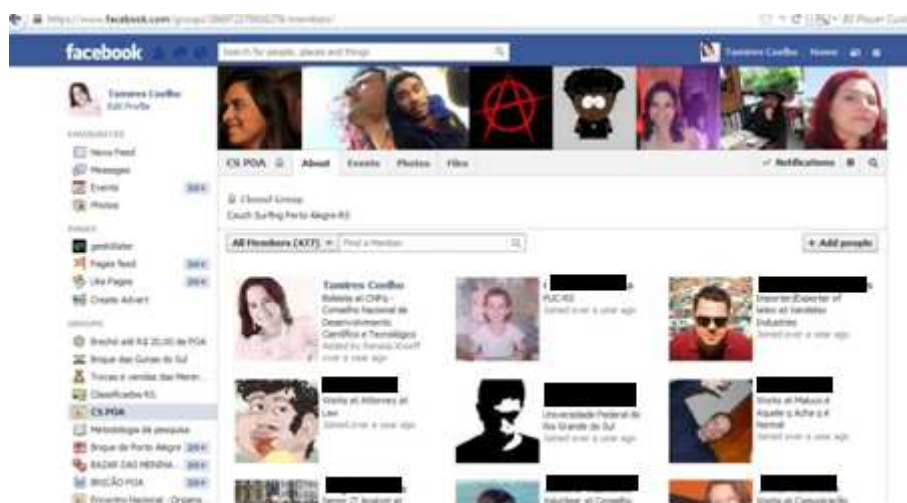


Figura 5: Página da comunidade CS POA no site da rede social *Facebook* (20/06/2013). Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

A comunidade online no site do CS tem vínculo com cinco subgrupos no site do CS: *Poa Sofás de Emergência (Emergency Couch)* – tendo em vista ajudar membros do CS que necessitem de alojamento em caráter emergencial; *Couch-ficados Porto Alegre - RS* (busca de informações diversas sobre compra/venda/aluguel); *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e *Sport Club Internacional* – subgrupos destinados aos membros que torcem ou tenham algum interesse nos dois principais times gaúchos de futebol, o Grêmio e o Internacional; e *Language Exchange in Porto Alegre* (membros que se reúnem para praticar línguas estrangeiras – grupos de alemão, italiano, inglês e francês). A partir desses subgrupos, já é perceptível que a cultura de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul constitui as interações do grupo, tendo em vista que dois subgrupos estão relacionados aos maiores times de futebol do estado do RS e que o futebol é uma prática esportiva amplamente disseminada no estado e na capital, configurando-se como um elemento cultural.

As expressões da cultura porto alegre e gaúcha vão além do futebol: a comunidade, em seu espaço antigo na rede CS, sempre disponibilizava uma relação de lugares típicos ou turísticos a serem visitados (que foram convencioneados a representar a cidade de Porto Alegre); há encontros e convites de membros para visitar festivais gaúchos; há também convites para frequentar locais típicos de POA, como o parque da Redenção, para tomar chimarrão, ou bares típicos da capital gaúcha que servem cerveja artesanal local, ou lanchonetes (lancheiras) com o tradicional sanduíche porto alegre (o *xis*) – que são

componentes marcantes da identidade cultural gaúcha e, sobretudo, de sua capital. A comunidade CS POA está inserida na dimensão cultural de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, sendo atravessada pela cultura e pelas práticas próprias de seu contexto local/regional, mesmo que haja uma heterogeneidade cultural relevante em sua constituição de grupo e que sua inserção no *Couchsurfing* viabilize muitas trocas culturais.

Há também grupos criados por membros de CS POA de menor repercussão na comunidade, como o caso do “*Queer RS*”. Esse grupo, apesar de se estender aos membros do CS no Rio Grande do Sul, é composto majoritariamente por *couchsurfers* de Porto Alegre e parece ser pouco visibilizado e conhecido pelos membros de CS POA, tendo sido criado em agosto de 2011 e contabilizando apenas 24 membros<sup>33</sup>. O “*Queer RS*”<sup>34</sup> é constituído por membros que procuram ou oferecem hospedagem no Rio Grande do Sul e que não têm problemas em interagir com ou oferecer/solicitar hospedagem a membros homossexuais. Apesar de o CS ser uma rede que prega a diversidade cultural e que é contra o preconceito, inclusive de gênero, entre seus membros, a existência de grupos como o “*Queer RS*” e sua baixa adesão entre os integrantes da comunidade de Porto Alegre pode ser um indicativo da interferência de um elemento comum não só no estado do Rio Grande do Sul, mas no Brasil: o preconceito contra homossexuais<sup>35</sup>. Isso também sinaliza para características constituintes da cultura gaúcha, como o machismo, e para um horizonte de respeito ainda não alcançado diante da diversidade do grupo.

Além dos subgrupos “oficiais” – se é que podemos assim denominar os subgrupos definidos no site do CS –, existem também subgrupos nos quais boa parte do grupo se divide principalmente no que concerne à realização de atividades presenciais ligadas ou não ao *Couchsurfing*. São criadas relações de amizade dentro do grupo e há formação de subgrupos ou grupos menores determinados pelo fator afinidade. CS POA é uma comunidade muito heterogênea, de forma que é possível identificar alguns dos integrantes que buscam aumentar as possibilidades de interação dentro da comunidade (organizadores de viagens, de encontros, de eventos etc.).

---

<sup>33</sup> Quantidade de membros observada janeiro de 2014; em junho de 2013 havia 22 pessoas.

<sup>34</sup> Descrição do subgrupo no site do CS: “*Se tu estás procurando ou oferecendo um couch no Rio Grande do Sul/Brasil e não quer aguentar um(a) couchsurfer que faça piadinhas e comentários machistas/homofóbicos/racistas ou que tenham uma conotação preconceituosas, seja bem-vind@! Para tod@s que são contra qualquer tipo de preconceito e discriminação!*”. Disponível em: <<http://www.couchsurfing.org/group.html?gid=44888>>.

<sup>35</sup> A experiência pessoal da pesquisadora em CS POA também foi marcada por um pedido de um membro do CS Recife sobre indicação de membros de Porto Alegre que não tivessem problemas em hospedar viajantes homossexuais, porque esse *couchsurfer* já teve problemas de preconceito em outros lugares do Brasil, nas experiências de hospedagem via CS.

Os sujeitos que formam a comunidade CS POA podem, inclusive, não residir ou ter nascido em Porto Alegre, mas apenas manter contato com as pessoas da comunidade virtualmente na maior parte do tempo. Há sujeitos que moravam em POA e eram integrantes do CS, mas precisaram mudar de cidade (geralmente pessoas que mantêm atividade virtual na comunidade); pessoas de outros lugares que residem atualmente em Porto Alegre; pessoas que visitaram ou pretendem visitar a cidade e ingressam na comunidade para conhecer melhor os integrantes do grupo e conseguir informações antecipadas sobre a cidade e a cultura local; ainda, há membros que preferem participar mais virtualmente ou presencialmente da comunidade (estando mais acessíveis em um desses espaços). Isso sinaliza que o vínculo simbólico com a cidade de Porto Alegre é um aspecto característico da comunidade CS POA.

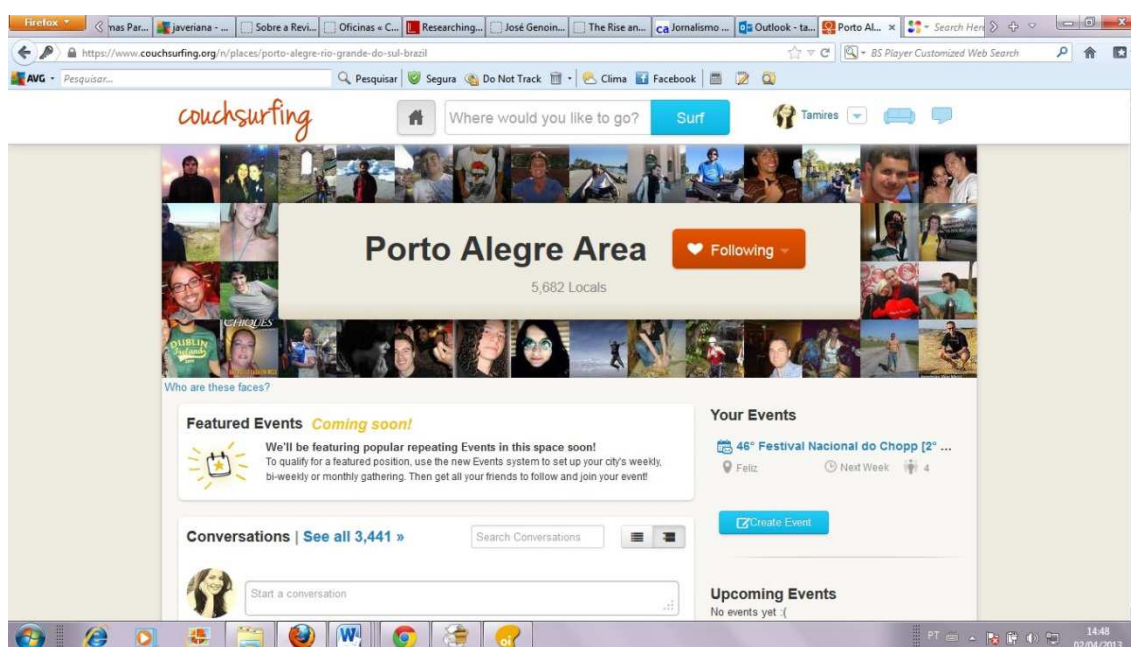


Figura 6: Novo e atual espaço da comunidade de Porto Alegre no site do CS. Fonte: Site do Couchsurfing - <<https://www.couchsurfing.org>>.

Não abordamos neste momento aspectos empíricos de CS POA em profundidade, considerando que reconstruiremos esses elementos no capítulo de estratégias metodológicas (capítulo 5) e na etapa sistemática no capítulo 6.

### 2.3.2 Transformações Recentes no Couchsurfing

O site do CS sofre constantemente alterações estruturais em sua arquitetura e nas suas ferramentas desde a época de criação. No entanto, as modificações feitas entre os meses de



novembro e dezembro de 2012 não só chamaram atenção dos usuários da rede como pautaram diversas discussões entre seus membros – o que não foi diferente no contexto da comunidade CS POA.

Entre as principais mudanças do site que afetaram direta ou indiretamente as comunidades estão a mudança do logotipo/símbolo gráfico (figura 7) do *Couchsurfing* e a dissolução, em um primeiro momento, dos espaços das comunidades e de seus fóruns de discussão na arquitetura do site: o que antes eram “grupos” (*groups*) fechados com discussões em fóruns específicos, passaram a ser denominados como “lugares” (*places*).



Figura 7: Logotipo novo e logotipo antigo do projeto CS, respectivamente. Fonte: Site do *Couchsurfing* - <<https://www.couchsurfing.org>>.

Antes os grupos eram formados por alguns membros do CS, de forma a ganhar paulatinamente adesão de outros membros e os lugares eram compostos por postagens de pessoas de uma localidade e de lugares próximos – não necessariamente vinculados a um grupo ou comunidade. Se antes havia o grupo de Porto Alegre (que originou uma formação comunitária entre seus membros) e outros grupos separados de cidades do entorno da capital gaúcha, passou a existir uma mistura entre tudo que é discutido por integrantes do CS que estão na grande região de Porto Alegre e que seriam de outras comunidades (São Leopoldo, Novo Hamburgo, Canoas, Nova Santa Rita, Gravataí e arredores). Na página inicial da comunidade CS POA no formato *places*, por exemplo, é possível perceber que a área de Porto Alegre inclui automaticamente outras cidades próximas (figura 8).

No processo de mudança de *groups* para *places*, a dissolução das comunidades e a nova configuração geográfica a qual cada integrante do site pertence pareceu afetar os sujeitos e houve diversas reclamações entre membros dentro e fora do site do CS – o que abordaremos de forma pormenorizada no capítulo de estratégias metodológicas enquanto dado colhido na pesquisa exploratória que nos permite refletir sobre a identidade cultural da comunidade e a imposição de mudanças por parte da equipe gestora do site. Posteriormente, o site não voltou

à distribuição de membros em “grupos”, mas tentou, ainda sob uma nova arquitetura, modificar a estrutura para um padrão mais parecido com o formato de grupos (figura 9). A página principal da comunidade CS POA, por exemplo, passou a indicar grupos geograficamente próximos sem misturá-los à comunidade de Porto Alegre, mas muitas informações disponíveis aos membros antes das mudanças foram aparentemente perdidas. Um aspecto interessante é que a nova página principal do grupo mostra dezenas de faces (fotos de perfis) de *couchsurfers* considerados ativos pelo site e que moram naquela área ou em locais próximos.

Na figura 9 (abaixo) também é possível perceber que o site informava em abril de 2013 que seriam feitas novas alterações – desta vez em relação aos *Featured Events*, de forma a reservar um espaço para organizar os eventos frequentes, como os *meetings* semanais ou quinzenais que cada comunidade organiza. Assim, as chamadas para os encontros não ficariam entre os outros eventos e/ou postagens do fórum da comunidade – o que poderia facilitar para membros novatos que não possuíssem familiaridade com o site ainda.

Considerando que as recentes modificações do site do CS foram feitas com um aviso prévio bastante genérico e que não explicitava o que sofreria mudanças ou quais ferramentas seriam alteradas – de forma que boa parte do site ficou em suspenso, impossibilitando o acesso ou recuperação de diversos dados/informações por parte dos usuários da rede social –, percebemos que as relações de poder na rede social foram construídas de forma que há o domínio da equipe de manutenção da rede social sobre as informações dos usuários (já que eles excluem e/ou modificam informações, configurações e espaços sem consultar ou explicar detalhadamente aos membros e adeptos da rede). Manifestam-se também resistências dos membros diante das ações da equipe que controla o funcionamento do site e essa resistência pode ser verificada nas discussões e reclamações dos sujeitos, que geralmente não são ouvidas pelos gestores. A equipe gestora do site tem “controle” sobre as informações deixadas nos perfis dos membros e dificilmente altera o site diante de reclamações dos membros do CS, como aconteceu em relação à organização das comunidades em “lugares”. O site, desde sua concepção, está em permanente construção e sofre modificações com certa frequência, passando por processos experimentais.

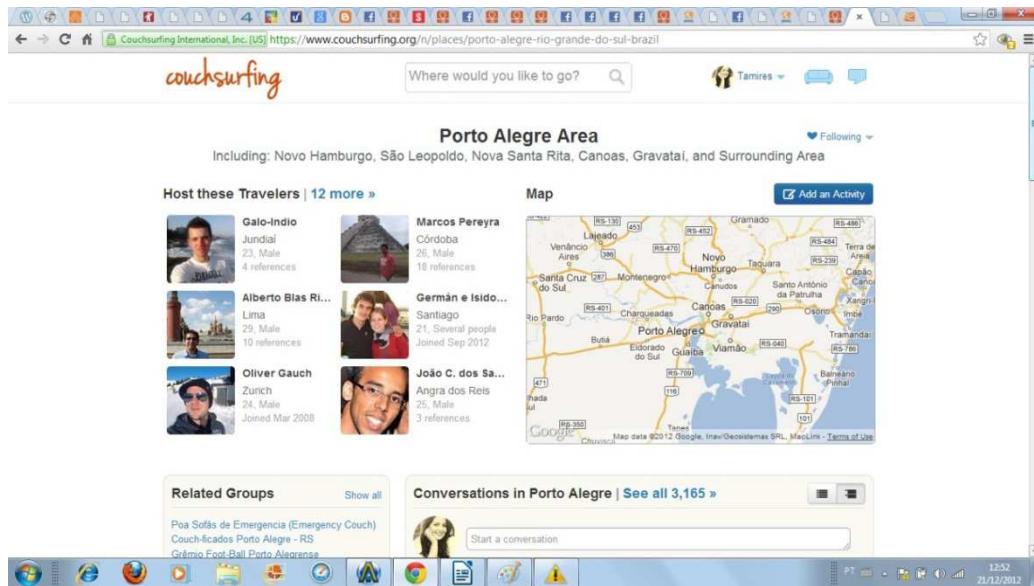


Figura 8: Página inicial da comunidade CS POA com a mudança para *places*. Fonte: Site do Couchsurfing - <<https://www.couchsurfing.org>>.

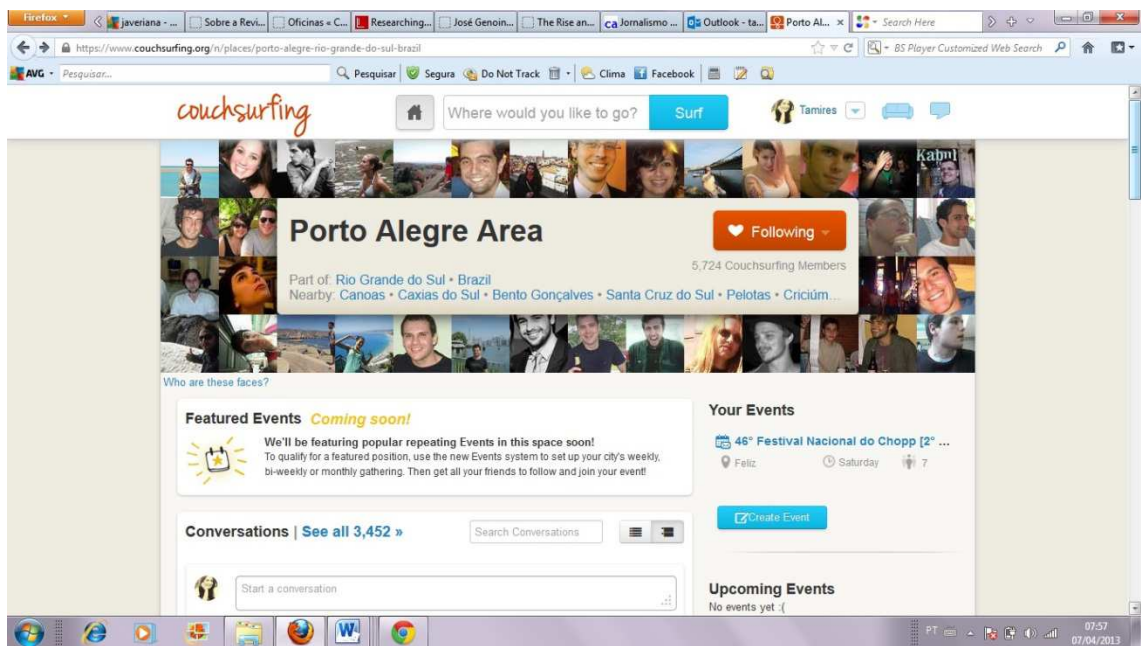


Figura 9: Página Inicial de CS POA com uma configuração intermediária entre *groups* e *places*. Fonte: Site do Couchsurfing - <<https://www.couchsurfing.org>>.

### 2.3.3 Facebook: Um Espaço Digital Incorporado a CS POA

O CS e o *Facebook* são redes diferentes que propiciam formas de contato e construções simbólicas distintas. Apesar de no espaço de CS POA no *Couchsurfing* constarem mais de 7.500 membros, no grupo do *Facebook* constam menos de 700. Além da

disparidade quantitativa, é marcante o fato de os “poucos” adeptos de CS POA no *Face* interagirem com mais frequência e mais intensidade que no CS. Isso ocorre porque percebemos uma tendência de migração para o *Facebook* dos membros mais ativos, enquanto no CS estão todos aqueles englobados pelo sistema do site do *Couchsurfing* na região/área de Porto Alegre-RS, inclusive sujeitos cujos perfis foram abandonados. Assim, depois de perceber a importância do *Facebook* na comunicação da comunidade, durante a pesquisa exploratória, decidimos focar nossa análise na fase sistemática sobre CS POA na rede social *Facebook*, aliada a um acompanhamento das interações no site do CS.

O *Facebook* é uma rede social gratuita que foi bastante popularizada nos últimos anos e que surgiu nos Estados Unidos em 2004, à época denominada “The Facebook”. Seus fundadores, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, criaram “um dos sistemas com maior base de usuários no mundo” (RECUERO, 2009, p.171) a partir de uma tentativa em focar na comunidade estudantil e acadêmica de Harvard (EUA). A rede localizada passou a se expandir para outras universidades norte americanas e para outros públicos<sup>36</sup>.



Figura 10: Logotipo do *Facebook*. Fonte: Site do *Facebook* - <[www.facebook.com](http://www.facebook.com)>.

O registro no *Facebook* exige também o aceite de termos de compromisso e a construção de um perfil pessoal. Essa rede social, diferentemente do CS, não exige maioria de seus adeptos, mas estipula que 13 anos é a idade de mínima para adesão. Assim como no CS, é possível se conectar a outros sujeitos, trocar mensagens e compartilhar grupos em comum:

O Facebook funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. Outra inovação significativa do Facebook foi o fato de permitir que usuários pudessem criar aplicativos para o sistema. O uso de aplicativos é hoje uma das formas de personalizar um pouco mais os perfis (Boyd & Ellison, 2007) (RECUERO, 2009, p.171-172).

<sup>36</sup> Em menos de um ano, já recebia investimentos de empresários e ultrapassava 1 milhão de adeptos; em outubro de 2012 esse número chegaria a 1 bilhão de usuários ativos (WIKIPEDIA, 2014).

Apesar de maior possibilidade de interação, em alguns aspectos, como a possibilidade de usar aplicativos personalizados na rede social, o *Facebook* é essencialmente uma rede que conecta pessoas que já tenham algum vínculo, mesmo que fraco, anterior à adesão nessa rede social. Não é comum, nem aconselhado pelo *Face*, adicionar a um perfil pessoas completamente desconhecidas, tampouco há como fazer um *couchrequest* via *Facebook*, pelo menos não ainda. Então essa tendência de aproximação e de interação restrita a pessoas conhecidas pode ser um fator limitador das interações no *Facebook*.

No *Face*, usuários podem escrever na “linha do tempo” de outros usuários publicamente, enquanto nos perfis do CS é possível apenas escrever depoimentos (referências) – editáveis, avaliativos e de localização fixa – em perfis de outros sujeitos. Os grupos no *Facebook* podem ser fechados (*closed groups*) como CS POA, exclusivos à visualização de determinadas pessoas e cujos adeptos precisam ser aceitos para ter acesso ao conteúdo do grupo, e abertos (*open groups*) à visualização de qualquer usuário do *Face*.

Se, por um lado, o fato de a comunidade CS POA estar, em tese, aberta a novas pessoas e culturas poderia ser um fator determinante para a apropriação de um grupo aberto, a escolha por um grupo fechado parece ter tanto a função de limitar o espaço para integrantes da comunidade e do CS, quanto de tentar moderar quem entra ou tem acesso a ele. De acordo com nossa observação, para os membros de CS POA, haveria o risco de pessoas aderirem ao grupo em busca de hospedagem grátis e sem o uso da plataforma *Couchsurfing*, bem como de utilizar esse espaço para outras finalidades. E, apesar de ser um espaço virtual ativo da comunidade, o *Facebook* não é considerado uma rede social que substitui o CS, mas complementa e facilita determinadas interações. O fato de o grupo do *Face* não ser aberto já implicou discussões sobre a possibilidade de viajantes procurarem esse espaço para obter informações e não terem fácil acesso ou inserção, por terem que esperar aprovação de algum membro.

O nome que consta no grupo do *Facebook* – denominado “CS POA” em vez de “*Couchsurfing* em Porto Alegre” – também já gerou questionamentos, porque isso limita a busca pelo grupo. Somente os que conhecem a comunidade há algum tempo (geralmente os mais ativos) sabem que há referência a ela por meio da sigla “CS POA” e os novatos procuram pelo nome em extenso do CS associado ao nome da capital gaúcha – de forma que até pouco tempo não encontravam resultados e pensavam que ainda não tinha sido criado um espaço no *Facebook* para a comunidade porto alegre. O resultado disso foi a criação de

grupos abertos no *Face*, como “Couchsurfing – Porto Alegre”<sup>37</sup> (com 71 membros) e “Couchsurfing Porto Alegre-RS Brasil”<sup>38</sup> (com 430 membros) por integrantes novos de CS POA. O primeiro grupo citado replica informações de CS POA provenientes do CS e do *Face*, como eventos, programações e chamadas para *meetings*, inclusive oferecendo em sua descrição o link para o espaço oficial de CS POA no *Facebook*, já que lá há uma probabilidade muito maior de interação com outros membros – passando a contribuir com a comunicação e a disseminação de informações relativas à comunidade. O segundo grupo, por sua vez, apesar de ser quantitativamente maior que o primeiro que citamos, não tem nenhum objetivo de facilitar a comunicação na comunidade de Porto Alegre. Servia, até o final de 2013, para promoção de uma agência de viagens, aparentemente com fins comerciais, utilizando o nome do CS para chamar atenção de viajantes. Isso até quando membros de CS POA pressionaram o administrador do grupo a desativá-lo, acusando-o de utilizar inadequadamente a imagem da rede CS e do CS POA para fins alheios. Mencionaremos mais sobre esses conflitos identitários da comunidade no *Facebook* em nosso capítulo analítico-descritivo dos dados da pesquisa.

De maneira similar às críticas sobre as mudanças na estrutura e no site do CS, alguns membros de CS POA também se manifestaram contra algumas mudanças do *Facebook* entre 2012 e 2013, mas não cogitaram sair desse espaço. Provavelmente porque não encontrariam outra plataforma digital tão popular e fácil de ser utilizada para facilitar a comunicação digital da comunidade e porque essas mudanças não afetaram identitariamente a comunidade como as mudanças do CS, houve um impacto diferente. Outro ponto interessante é que não houve uma discussão sobre essas mudanças do *Facebook* no espaço do *Couchsurfing*, como ocorreram no *Face* diversas discussões sobre as transformações do CS. Entre essas mudanças do *Facebook* estavam a inclusão de links e informações sobre que músicas os usuários estão escutando enquanto navegam no *Face*, por exemplo, e mudanças de arquitetura.

---

<sup>37</sup> Espaço (<https://www.facebook.com/groups/541349242614165/?fref=ts>) cuja descrição explica que aquele é um grupo aberto para *couchsurfers* e viajantes em Porto Alegre e que há também um grupo mais ativo do CS de Porto Alegre no *Facebook*, o CS POA: “Open Group for Couchsurfers and travelers in Porto Alegre! There is also a more active Facebook CS group in Porto Alegre, though; but it's closed. Ask to enter there too! CS POA <https://www.facebook.com/groups/266972270016278/>”.

<sup>38</sup> Espaço digital (<https://www.facebook.com/groups/couchsurfingpoa/?fref=ts>) cuja descrição explica que é um “grupo destinado apenas para viagens partindo de Porto Alegre, para os mais diversos lugares”.



Figura 11: Interações diversas e reclamações do CS no espaço de CS POA do *Facebook*. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

Entre as ferramentas e possibilidades mais exploradas no espaço digital de CS POA no *Facebook* está o “mural”, que é uma espécie de fórum de mensagens postadas e comentadas pelos membros da comunidade – mas diferentemente de CS POA, há possibilidade de postar não apenas textos escritos, mas fotos, vídeos, *hiperlinks* e *emoticons* (ícones que expressam sensações, emoções e sentimentos). O “botão de curtir” é também um recurso bastante usado, a partir do qual usuários aprovam uma postagem ou um comentário, por exemplo. Há o “botão de compartilhar”, que permite o compartilhamento automático de um conteúdo específico e que serve para situações como compartilhar uma matéria ou vídeo interessante sobre o *Couchsurfing*, sobre viagens, sobre promoções de passagens aéreas etc. Outra ferramenta importante é a de criação de “eventos” no *Facebook*, a qual foi fundamental para divulgação das atividades do Encontro Nacional do *Couchsurfing* em Porto Alegre, em novembro de 2013. O encontro foi muito mais divulgado (e também organizado) através de interações e de mensagens no *Facebook* do que no próprio site do *Couchsurfing*.

### 3. COMUNIDADES E REDES SOCIAIS EM UMA SOCIEDADE CONECTADA

A construção da pesquisa relativa à comunidade CS POA necessita, além da contextualização e da investigação empírica, de uma fundamentação teórica que traga à discussão conceitos chave para a compreensão do fenômeno analisado. No entanto, temos que levar em conta que os conceitos e teorias são gerados em um determinado momento histórico e, que, apesar de exprimirem conhecimento sobre um dado conjunto de objetos, podem não dar conta de um fenômeno recente ou de contextos específicos. Não há como descartar a importância das teorias e dos conceitos já formulados para a construção de uma pesquisa, mas também não devemos nos ater ao que já foi posto teoricamente em proposições e investigações anteriores – tendo em vista que os fenômenos renovam-se, modificam-se e necessitam de uma construção teórica adequada (aliada ao conhecimento empírico) para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Problematizar é ir muito além do movimento de traçar paralelos. Não é apenas apontar teorias e conceitos relevantes, mas chamá-los à discussão, articulando-os e concatenando-os junto ao objeto investigado no esforço de compreendê-lo. “A *práxis teórica* demanda uma constante inter-relação entre redes de argumentos (conceitos) [...] Não é suficiente, nem pertinente, adotar definições prontas, em geral produzidas para outros problemas ou áreas de investigação” (MALDONADO, 2011b, p.294, grifo do autor). Neste processo, o pesquisador deve esforçar-se para enxergar tanto a rede de conceitos envolvidos com o objeto quanto os autores relevantes para alcançar profundidade na análise, de forma a superar o âmbito da descrição histórica de um conjunto de conceitos.

Inicialmente, optamos por apresentar algumas proposições que nos permitam refletir sobre as comunidades virtuais, trazendo os conceitos de comunidade e comunidade virtual, a fim de compreender como o próprio conceito se modificou e como alguns teóricos podem nos ajudar na investigação de uma comunidade em particular, a do *Couchsurfing* em Porto Alegre-RS. Simultaneamente, essa comunidade está inserida em uma rede social bastante particular – o CS –, o que também nos instiga a entender como se configuram as redes sociais que articulam comunidades como CS POA.

Para alcançar nossos objetivos de pesquisa, é importante refletir sobre as apropriações da comunidade investigada e aqui, neste capítulo, desenvolvemos acerca da recepção comunicacional – ancorada em conceitos como o de “mediações”, de Martín-Barbero –, bem como promovemos no próximo capítulo uma articulação de pensamentos a respeito da



identidade cultural, dos hibridismos, da interculturalidade, da cultura gaúcha, da hospitalidade e, ainda, trabalharemos para pensar a problemática da cidadania cultural e comunicativa. Pensar os processos de uso do ambiente digital da comunidade CS POA nos auxilia no entendimento da configuração que assumem as relações culturais identitárias nestas apropriações.

Em relação aos aspectos identitários, a comunidade é marcada por encontros de sujeitos pertencentes a diferentes culturas, ao mesmo tempo em que a cultura gaúcha está permeando os cenários da comunidade. Também nos pareceu relevante incluir uma discussão sobre a noção de cidadania, já que pudemos notar um potencial da comunidade para ações cidadãs e para a autoafirmação e expressão de seus membros.

### **3.1 Proposições para Pensar a Configuração das Comunidades Virtuais**

As comunidades não são agrupamentos surgidos na contemporaneidade, afinal a espécie humana há muito tempo se organiza comunitariamente de alguma forma. No entanto, as maneiras de vinculação e de configuração dos laços entre indivíduos sofreram modificações ao longo do tempo por força de vários processos, entre eles a midiatização e, mais recentemente, a digitalização.

A internet potencializou a possibilidade do surgimento de comunidades entre pessoas geograficamente distantes e provenientes de culturas diversas. Ao mesmo tempo, as relações presenciais entre membros de comunidades – bem como a própria formação de comunidades essencialmente presenciais – não deixaram de existir, embora possam ter se modificado em relação a seus aspectos e características na contemporaneidade.

No intuito de compreender CS POA enquanto comunidade configurada na inter-relação entre um espaço digital constituído pelos sites das redes sociais *Couchsurfing* e *Facebook* e um espaço presencial significativo, adentramos a seguir nos conceitos de comunidade e comunidade virtual. Consideramos necessário discutir esses conceitos no sentido de não idealizá-los nem condená-los, de não tratar nem os conceitos nem o objeto estudado de maneira utópica ou apocalíptica.

#### **3.1.1 Entendendo o Conceito Clássico de Comunidade**

Em uma primeira formulação, podemos dizer que as comunidades são complexos aglomerados de sujeitos, unidos por vínculos específicos. O conceito de comunidade sofreu

muitas transformações no decorrer do tempo, sobretudo com a emergência de novas tecnologias que passaram a conectar indivíduos geograficamente distantes e com o desenvolvimento de pesquisas que buscaram entender os laços desses aglomerados, suas formas de viver e conviver. Peruzzo (2002, p.01)<sup>39</sup> pontua que, “além das ‘comunidades’ (concretas e virtuais) serem algo prenhe de grande densidade e complexidade teórica e histórica, passam por um momento de transformações surpreendentes”, e o próprio termo “comunidade” começou a ser utilizado em múltiplas perspectivas e sem rigor conceitual. No entanto, a própria pesquisadora considera a utilização demasiada do termo como evidência do surgimento de diversas agregações sociais possuidoras de características comunitárias (PERUZZO, 2002, p.02)<sup>40</sup>.

Assim, para entender a configuração das comunidades atualmente e, mais especificamente, da comunidade CS POA, consideramos importante fazer uma imersão em relação aos sentidos do conceito de comunidade em uma perspectiva histórica, em vez de abordar isolada e restritamente o que os teóricos entendem por comunidade nos dias de hoje.

Na sociologia, o teórico alemão Ferdinand Tönnies ressaltou a complexidade das relações sociais, de forma que cada uma das relações reciprocamente positivas representaria “uma unidade na pluralidade e uma pluralidade na unidade” (1973, p.96). Tönnies também diferenciou as organizações sociais, principalmente os conceitos de comunidade e sociedade:

Compõe-se de exigências, compensações e ações que passam e repassam e que são consideradas como expressões das vontades e de suas forças. O grupo formado por essa relação positiva, enquanto ser ou objeto que age de uma maneira homogênea para dentro ou para fora, chama-se uma associação. A própria relação e, conseqüentemente, a associação, podem ser compreendidas ou como uma vida real e orgânica — é então a essência da *comunidade* — ou como uma representação virtual e mecânica — é então o conceito da *sociedade* (TÖNNIES, 1973, p.96, grifos do autor).

---

<sup>39</sup> A autora afirma que há teóricos que apontam “características bastante rigorosas para que determinado agrupamento social seja tomado como ‘comunidade’, muito embora não haja consenso entre os cientistas sociais quanto à natureza de ‘comunidade’” (2002, p.02).

<sup>40</sup> “Por vezes é empregado como sinônimo de sociedade, organização social, grupos sociais ou sistema social. É também utilizado para designar segmentos sociais como por exemplo, comunidade universitária, comunidade negra, comunidade religiosa, comunidade de informação, comunidade científica, comunidades dos artistas etc. Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de ‘comunidades virtuais’, entre outros. Se por um lado, o termo é utilizado demasiadamente de modo indistinto, por outro evidencia a existência atual de várias formas de agregação social que portam algumas características de perfil comunitário. É todo um *movimento* que se constrói a partir do local de moradia ou de outras identidades, sejam elas simbólicas, espirituais etc., que afloram simultaneamente ao processo de globalização” (PERUZZO, 2002, p.02, grifo da autora).

Para o autor alemão, a vida em comunidade seria constituída de tudo que é “confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto” – um agrupamento homogêneo, com semelhança de crenças e interesses – enquanto a sociedade seria composta por “tudo o que é público, é o mundo”. Na sua visão, a comunidade seria de âmbito imaterial e já seria parte do ser humano desde o nascimento, enquanto a entrada na sociedade seria como adentrar em um lugar estranho, não haveria “má comunidade” – o que para ele seria contraditório –, mas seria possível uma “má sociedade” (1973, p.97). Os sentimentos recíprocos eram considerados elementos chave na constituição comunitária, já que a comunidade clássica representaria “a força e a simpatia sociais particulares que associam os homens enquanto membros de um todo” (TÖNNIES, 1973, p.102).

Em sua construção acerca do conceito de comunidade, Tönnies também propõe que esse tipo de agrupamento é mantido por seus membros, de forma a existirem papéis e funções diferenciados na construção da estrutura comunitária, bem como regras de convivência comum e obrigações:

[...] tudo o que pertence à significação de uma relação comunitária e que tem um sentido nela e para ela própria representa seu direito, isto é, é respeitado como a vontade realmente existente da maioria dos associados. Portanto, na medida em que corresponder à sua verdadeira natureza e às suas forças, na medida em que o gozo e o trabalho forem distintos e, sobretudo, na medida em que de um lado existir o mando e, de outro, a obediência, esse direito é um direito natural, uma regra da vida comum que determina o domínio ou a função de cada vontade, uma soma de obrigações e de prerrogativas (1973, p.102).

A língua é, na construção teórica de Tönnies, “o verdadeiro órgão da compreensão, onde ela desenvolve e forma sua existência” (1973, p.103), através do qual é possível expressar-se e comunicar-se. Além disso, o teórico explica que “a unidade e a possibilidade de uma comunidade das vontades humanas se apresentam, em primeiro lugar e de maneira mais imediata, nos laços do sangue; em segundo lugar, na aproximação espacial e, finalmente, para os homens, na aproximação espiritual” (p.104) e que daí derivariam as raízes de todos os tipos de comunidades. Podemos pensar essa aproximação espiritual à qual se refere Tönnies (1973) como vinculação identitária, de interesses e, ou de objetivos em relação aos membros de uma mesma comunidade.

É necessário considerar que há um “embaralhamento” da lógica proposta por Tönnies, no sentido de entendermos que os sujeitos nascem dentro de uma sociedade e a ela se adaptam. Os indivíduos também podem nascer em um determinado local e não serem

necessariamente ligados a esse lugar com laços afetivos – como há algumas décadas era comum ocorrer. Entendemos que os laços que os indivíduos tinham com os locais nos quais nasciam se davam também por uma questão de restrição de possibilidades: não havia tantas facilidades para se comunicar a longas distâncias (a internet não existia ou não tinha ganhado adesão popular ainda), nem para aprender outras línguas, para viajar frequentemente a outros lugares ou para mudar de cidade/região/país. Dessa forma, as relações se concentravam naquele entorno da cidade, do bairro, da família, da igreja etc.

A questão dos sentimentos recíprocos, abordada por Tönnies (1973), nos parece ser uma característica importante na constituição de uma comunidade. Entendemos que hoje, mais que antes, as comunidades são atravessadas por diversas heterogeneidades, inclusive culturais, e a reciprocidade de sentimentos pode contribuir para a construção de vínculos entre os sujeitos e para o exercício do respeito à diversidade – condição necessária para que os sujeitos mantenham-se na estrutura comunitária –, o que também não quer dizer que, com isso, existam garantias quanto à ausência de conflitos.

Consideramos necessário atentar para as disputas de poder nas comunidades, até porque cada indivíduo tem seus interesses particulares, mesmo quando, concomitantemente, se junta a outros sujeitos vislumbrando um objetivo comum. Embora Tönnies não tenha abordado as relações de poder na perspectiva do conflito, ele já tratava dos papéis em posições distintas e das regras que ordenavam a vida em grupo. Apesar de serem estruturas às quais os sujeitos podem aderir por espontânea vontade, comunidades são regidas por normas implícitas e explícitas, que garantem seu funcionamento. Essas normas estão relacionadas às práticas sociais e a aspectos culturais nela imbricados, podendo variar bastante de uma comunidade para outra. Pensamos que este aspecto é válido para entender a comunidade investigada; as comunidades continuam sendo regidas por normas, mesmo com a emergência da internet e de novos espaços (digitais) nos quais as comunidades adentraram.

Estamos em outro contexto, de relações mais fluidas, instantâneas e mediadas por dispositivos tecnológicos inimagináveis à época em que Tönnies escreveu sua teoria. Da mesma forma como o contexto se modificou, alteraram-se também as comunidades. Há aquelas que não têm necessariamente como elementos que fundamentam sua existência a reunião de familiares (laços de sangue), ou a reunião de pessoas geograficamente próximas (vizinhança). Por outro lado, ainda há atualidade nas proposições clássicas em relação a aspectos como o da comunidade enquanto cenário de relações sociais, da língua enquanto principal mediadora da comunicação no meio comunitário, dos sentimentos recíprocos como

aspecto constitutivo de vínculos comunitários, das regras e normas sociais como elementos que regem as relações, sendo possível pensar também que ainda podem existir comunidades que reúnem pessoas com um referencial geográfico comum, como ocorre em CS POA.

Partindo do nosso objeto empírico de referência percebemos que, apesar de a rede social *Couchsurfing*, de maneira geral, reunir indivíduos de todo o mundo, de várias crenças e de diversas proveniências sanguíneas/familiares, a comunidade CS POA – como outras comunidades do CS – é caracterizada por uma vivência em uma proximidade que vincula sujeitos, que os aproxima e que gera vínculo simbólico que tem relação com o lugar. Apesar de haver membros da comunidade que não residem em Porto Alegre, a região é um fator comum a todos os sujeitos que participam da comunidade, seja porque moram na cidade, ou porque tenham nascido nela; porque já tenham visitado ou pretendem visitar a capital gaúcha. Assim, entendemos que, apesar de serem pensadas para outro contexto, as características pensadas por Tönnies ainda podem sinalizar para elementos presentes na constituição de alguns tipos de comunidades – sendo frutíferas à análise do nosso objeto de pesquisa –, embora não possamos afirmar que todos os tipos de comunidades tenham necessariamente suas origens conforme as proposições do teórico alemão e que somente estas proposições possam dar conta da compreensão da natureza da comunidade CS POA.

Ainda debruçando-nos sobre o conceito clássico de comunidade, percebemos que outros teóricos têm retomado características propostas por Tönnies. Marcos Palacios (1996, p.12) caracteriza a comunidade a partir de elementos como a ligação, o sentimento de pertencimento que une o grupo – o que podemos associar à ideia dos sentimentos recíprocos comunitários: “O sentimento de pertencimento levaria, então, a um caráter cooperativo no interior da comunidade. E mais, levaria (ou poderia levar) à ação organizada e ao delineamento de um projeto comum”, explica o autor supracitado, para quem “não pode haver comunidade (seja de que tipo for) sem a presença do sentimento de pertencimento” (PALACIOS, 1996, p.13).

Na concepção de Weber, o sentimento de pertencimento estaria vinculado à comunidade, enquanto a associação de sujeitos em torno de interesses comuns estaria mais relacionada à ideia de sociedade. Concordamos com Horkheimer e Adorno (1973), ao citar Warner, quando explicam que os interesses podem associar-se a sentimentos de pertença: “uma pluralidade de homens com interesses, sentimentos, comportamentos e finalidades comuns, em virtude de sua pertença ao mesmo grupo social como estrutura constante em toda e qualquer forma de sociedade antiga ou moderna” (p.156). A partir da pesquisa com CS

POA, percebemos que o sentimento de pertença partiu de interesses em comum (sobre viagens e intercâmbios) que levaram os sujeitos/atores a constituir uma comunidade.

O sentido do vínculo ao coletivo, da manutenção de laços de pertencimento – proposições também características das comunidades para Peruzzo e Palacios –, estaria relacionado aos objetivos da comunidade e à articulação dos sujeitos em torno de interesses semelhantes e de uma ligação simbólica entre os mesmos. Esse vínculo, para Palacios, se daria para além da ligação territorial:

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outro (à distância), mas possibilita a coexistência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas (PALACIOS, 2001, p.15).

O “pertencimento” mencionado por Marcos Palacios dá-se no sentido de ligação – sentimento esse que Alex Primo (1997, p.17) também ressalta ao mencionar que “pode existir um espírito compartilhado entre os membros da comunidade e um sentimento de pertencer ao grupo”. Os participantes têm consciência de sua responsabilidade sobre a manutenção das relações na comunidade, sentindo-se parte do todo. As interações entre os membros da comunidade é que constituem e mantêm o grupo, não o território – como ressalta Raquel Recuero (2009, p.151) –, possibilitando-nos eleger o *pertencimento* e as *interações* como aspectos inerentes aos grupos que se denominam “comunidades”. A apropriação social não é prejudicada pela virtualidade dos lugares, de forma que mesmo sem a vinculação do território haja “sentimentos de posse e pertença” (FRAGOSO; REBS; BARTH, 2010, p.05).

Maffesoli (2006) propõe um conceito de comunidade mais fluido, ligado à ideia de “tribo”, de forma que o sentimento de pertença estaria relacionado a um “desejo inconsciente de *estar-junto-com* o outro, de existir pelo sob o olhar do outro”, a uma vida em sociedade marcada por sentimentos de pertença sucessivos: “nós somos membros, nós fazemos parte, nos agregamos, participamos, ou, para dizer trivialmente, ‘nós somos nisso’” (MAFFESOLI, 2006). A identidade e o pertencimento também são elementos importantes na definição comunitária desse teórico.

Weber caracteriza a comunidade como uma relação social que surge a partir de um “sentimento de comunidade”, quando “a atitude na ação social se inspira no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo” (1973, p.140). Essa ação social está ligada à reciprocidade e o sentimento de fazer parte de um todo, que por

sua vez é constituído por semelhanças linguísticas – de maneira semelhante a Tönnies – e encontra nas alteridades a reafirmação de elementos comuns entre os sujeitos da comunidade:

[...] somente o surgimento de contrastes conscientes em relação a terceiros pode criar, para os participantes em um mesmo idioma, uma situação homogênea, um sentimento de comunidade e formas da socialização – sociedade – dos quais a comunidade linguística é o fundamento consciente de sua existência [...] a existência do outro para reafirmarmos nossa ligação com a comunidade que nos abriga (WEBER, 1973, p.141-142).

Se a linguagem não for compartilhada, a comunicação é comprometida. E, de fato, a barreira linguística é um obstáculo para a consolidação de interações e de vínculos, como percebemos na pesquisa de campo em CS POA. Para Park e Burges (1973) o sujeito só pode ser parte de uma comunidade se participar da vida comunitária, compartilhando o espaço comum e interagindo sob a mediação de dispositivos simbólicos, como a linguagem.

O pertencimento dos sujeitos em relação à comunidade é um fator que interfere na participação dos membros e, para Bauman (2003, p.78), “estabelecer e solidificar laços humanos toma tempo”. Podemos associar esse sentimento de pertencimento também à segurança (ou proteção) proporcionada pela comunidade aos sujeitos, à necessidade de sentir-se parte de um todo, de não ser um ponto perdido no cenário globalizado: “Hoje em dia, a comunidade é procurada como abrigo contra as sucessivas correntezas de turbulência global [...] Sentimos falta da comunidade porque sentimos falta de segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz” (BAUMAN, 2003, p.128-129). Nesse sentido, Castells (2000, p.79) afirma que há uma tendência de formação comunitária dos sujeitos e que o sentimento de pertencimento desses indivíduos pode levar ao compartilhamento de uma identidade cultural.

Peruzzo (2008, p.06) pontua que “comunidade pressupõe participação ativa dos seus membros, caráter cooperativo, sentimento de pertencimento, compromisso, interação, compartilhamento de objetivos e outros elos em comum”. Entendemos que a participação ativa à qual Peruzzo se refere é vinculada à dedicação, à expressão dos sujeitos perante o grupo, à manutenção da comunidade como referente simbólico pertencente aos sujeitos que dela fazem parte. A dedicação à comunidade não significa a necessidade de interagir presencialmente, ou de compartilhar o mesmo território geográfico: “a noção de territorialidade, enquanto uma das características centrais de comunidade, passa a não ter mais um valor universal” (PERUZZO, 2002, p.02).

Em seu pensamento crítico acerca da comunidade, Bauman realça a importância da comunidade para o ganho de controle sobre as condições através das quais os sujeitos

enfrentam os desafios da vida, e acredita que ainda não há uma comunidade no “mundo dos indivíduos” (2003, p.134). Considerando CS POA enquanto comunidade, percebemos que a rede social CS e a comunidade oferecem subsídios aos seus membros no sentido de ter maior segurança e controle sobre a “realidade desconhecida” que os aguarda durante uma viagem a um local novo.

As características de comunidade encontradas nos clássicos configuram um tipo de comunidade tão perfeita, que torna-se difícil de ser encontrada na sociedade contemporânea, salvo em situações e lugares muito específicos. Por outro lado, há que se levar em conta que as descobertas dos clássicos preservam grande validade até os dias atuais. Assim sendo, não há porque simplesmente desprezar seus conceitos sob uma justificativa apressada de estarem superados. Há nuances nos conceitos de comunidade que merecem ser recuperados e/ou atualizados (PERUZZO, 2002, p.04).

Portanto, seguindo Peruzzo (2002), há muitos aspectos propostos por teóricos clássicos acerca do conceito de comunidade que ainda são bastante atuais para pensarmos as comunidades contemporâneas, dentro e fora da internet. Mas compreender as especificidades dessas comunidades também exige um esforço em entender as mudanças e adaptações por quais elas passaram e ainda passam, atualizando o conceito.

Assim, levando em conta a questão da recuperação e atualização dos conceitos de comunidade, frisamos que não somos aqui partidários da ideia de que CS POA é uma comunidade ideal, nem mesmo que ela materializa todos os parâmetros propostos por Bauman, Tönnies e outros teóricos. Mas talvez não seja impondo padrões e configurações rígidas às comunidades que poderemos entender suas configurações contemporâneas, como CS POA, que é uma das muitas comunidades que existem na contemporaneidade, pairando entre as características de comunidade presencial e comunidade virtual.

Entendemos que é importante resgatar características das comunidades em seu conceito clássico para pensar o que está se modificando e quais aspectos ainda são essenciais nessas associações de sujeitos. Os laços de pertença e os objetivos comuns do coletivo ainda são imprescindíveis na constituição de uma comunidade. No caso de CS POA, esses elementos ajudam a unir sujeitos heterogêneos e a formar uma identidade do grupo – que tem como referente simbólico a cidade de Porto Alegre no *Couchsurfing*. Apesar de não ser necessário estar no mesmo território geográfico para interagir com outros sujeitos de CS POA, o fator territorial ainda vincula os indivíduos pertencentes à comunidade.



Como CS POA é uma comunidade que também se constitui no ambiente digital, é importante trazer uma discussão sobre comunidades virtuais, articulada aos conceitos clássicos de comunidade.

### 3.1.2 As Comunidades Virtuais

O que Howard Rheingold denominou de “comunidade virtual” há mais de trinta anos, apesar de ligar-se bastante à ideia de “rede social”, tem relação com o conceito de comunidade que chamamos à discussão nesta pesquisa. O que ele designava enquanto comunidade virtual seria o uso de computadores e redes por pessoas que se comunicariam umas com as outras, redes que viabilizassem a conexão e a comunicação entre pessoas que não se conhecessem ou que nunca tivessem se visto antes, mas com as quais talvez tivessem algo em comum<sup>41</sup> (RHEINGOLD, 2006). A comunidade tem uma tendência de aglomerar mais estruturas de conexão e de ter atores mais conectados que no restante da rede, “as conexões entre dois nós são muito mais comuns que as demais” (RECUERO, 2009, p.148).

Rheingold (2004) define comunidade como uma teia de relações entre pessoas que se importam umas com as outras; no entanto uma “comunidade digital” seria uma teia de relacionamentos que é habilitada, reforçada ou prorrogada por ferramentas digitais<sup>42</sup>. É interessante perceber que, apesar da mediação dessas ferramentas, o teórico ressalta que a parte “digital” da definição não implica que a tecnologia por si só possa criar uma comunidade, afinal, só as pessoas podem formar grupos sociais. Uma “comunidade” pode ser formada com diversos objetivos, sejam eles ligados à diversão, a ações políticas ou cívicas, à arte, dentre muitas outras possibilidades<sup>43</sup> – como o interesse por viagens e intercâmbio

---

<sup>41</sup> Baseado no excerto “So about 25 years ago I became very excited about the prospect of people using computers and networks that communicate with each other. I called it 'Virtual Community'. I knew then, that networks do something that the rest of life doesn't. It enables you to connect with and communicate with people you don't know or didn't know before, but with whom you may have something in common”. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/click\\_online/5392906.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/click_online/5392906.stm)>. Tradução livre: Há 25 anos eu fiquei muito entusiasmado com a expectativa de as pessoas utilizarem computadores e redes para se comunicar umas com as outras. Eu chamei isso de “Comunidade Virtual”. Eu sabia então, que as redes fazem algo que o resto da vida não faz. Ela permite que você se conecte e se comunique com pessoas que não conhece ou não conhecia antes, mas com quem pode ter algo em comum.

<sup>42</sup> Baseado no excerto “we further define ‘community’ for the purpose of this competition as ‘a web of relationships, sustained over time, among people who care about each other,’ and we define ‘digital community’ as ‘a web of relationships that is enabled, enhanced, or extended by digital tools’”. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/digital-comm.html>>. Tradução livre: Definimos “comunidade” como “uma teia de relações, sustentada ao longo do tempo, entre pessoas que se preocupam umas com as outras” e “comunidade digital” como “uma teia de relações que é ativada, melhorada ou estendida por ferramentas digitais”.

<sup>43</sup> Baseado no excerto “The ‘digital’ part of the definition does not imply that technology alone can create community; only people can form social groups, although alphabets and Internets can enable those people to act in ways that weren't possible before. And the ‘community’ part can include many different kinds of groups who

cultural presente na CS POA. A plataforma do CS, por si só, sem a adesão de sujeitos, jamais formaria uma rede social, tampouco agregaria comunidades.

Rheingold (2004) argumenta que, para formar comunidades, são necessárias habilidades sociais, relações humanas e um discurso sustentado. Além disso, comunidades digitais são os mais recentes exemplos da capacidade humana de inventar novas tecnologias de cooperação e exemplificam também o entusiasmo contínuo do ser humano quanto a novas formas de relacionamento social<sup>44</sup>. Em um contexto marcado por discursos que apontavam para o isolamento dos sujeitos e para relações sociais efêmeras, Rheingold defendia que o aumento do uso de ferramentas mediadas por computadores para se comunicar poderia indicar um esforço de sociabilidade, fazendo surgir as comunidades virtuais (RECUERO, 2009, p.136).

Ao dialogar com este autor, Sá (2001, p.01) explica que Rheingold – em 1993 – as definiu como “agregações sociais que emergem na Internet quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente emoção e que forma teias de relações sociais”<sup>45</sup>. Sá menciona que, naquela época, Rheingold argumentava que os movimentos sociais provenientes das relações mediadas por computadores contrariava “as previsões de isolamento a partir da tecnologia, ensejando formas diversas de agrupamentos e alianças que *alastram-se como colônias de microorganismos*” e acreditava que a rede seria “um ambiente que propicia um contexto interlocutivo para a vida social, possibilitando o ressurgimento do ideal comunitário em declínio nas relações sociais contemporâneas *in real life* (IRL)” (SÁ, 2001, p.01, grifos da autora).

É interessante percebermos que a esperança de “ressurgimento do ideal comunitário” de Rheingold é utópica – a tecnologia e as interações em rede passaram por diversas

---

have fun, organize political or civic action, create art, engage in commerce, provide peer support in medical or family crises, learn and teach, start businesses, and fall in love”. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/digital-comm.html>>. Tradução livre: A parte “digital” da definição não implica que a tecnologia por si só possa criar uma comunidade, apenas pessoas podem formar grupos sociais, embora alfabetos e Internets possam permitir que pessoas ajam de maneiras que não seriam possíveis antes. E a parte “comunitária” pode incluir muitos tipos diferentes de grupos que se divertem, organizam ações políticas ou civis, criam arte, envolvem-se no comércio, fornecem ajuda mútua em crises médicas ou familiares, aprendem e ensinam, iniciam negócios, e se apaixonam.

<sup>44</sup> Baseado no excerto “Building community in cyberspace is not possible through the use of digital technology and Social Software alone social skills, human relationships, and sustained discourse is required. Most of all, Digital Communities are simply the latest example of the human capacity to invent new technologies of cooperation, and our continuing enthusiasm for new forms of social relationship”. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/digital-comm.html>>. Tradução livre: Não é possível construir comunidades no ciberespaço utilizando apenas tecnologia digital e software social, também são necessárias habilidades sociais, relações humanas e discurso sustentado. Acima de tudo, comunidades digitais são simplesmente o mais recente exemplo da capacidade humana de inventar novas tecnologias de cooperação e do nosso entusiasmo contínuo pelas novas formas de relacionamento social.

<sup>45</sup> Simone Pereira de Sá alude à obra “The Virtual Community: Homesteading of the Electronic Frontier”.

idealizações e especulações à época em que ele propôs as primeiras discussões centradas nas comunidades virtuais –, de forma que as comunidades na internet seriam tentativas de “corrigir os erros” das comunidades presenciais. No entanto, parece-nos que o autor desconsiderou àquela altura que tanto comunidades virtuais quanto presenciais são formadas por sujeitos sociais e não por indivíduos perfeitos ou idealizados.

De acordo com a pesquisa de Sá (2001, p.09), Rheingold considera a rede enquanto espaço favorável à “recriação da utopia da comunidade nos termos de uma *communitas*” e à “presença das relações humanas genuínas” – favorecendo “relações sociais livres dos preconceitos, constrangimentos e hierarquizações da vida social cotidiana; mas também a instauração de um espaço democrático, norteado pelas mais refinadas preocupações humanísticas tais como a solidariedade e o respeito ao outro” (p.09). Ocorre que o autor não leva em conta que nada garante que as comunidades em âmbito digital são baseadas única e exclusivamente em características como respeito e solidariedade: “comunidades baseadas no ódio, no preconceito e na xenofobia grassam com a mesma velocidade e utilizando-se das mesmas ferramentas tecnológicas” (SÁ, 2001, p.18).

Sobre a construção de utopias relacionadas ao conceito de comunidade,

Wellman defende que o conceito de comunidade, como defendido pelos conceitos utópicos, referentes a um grupo com laços muito fortes, coeso e localizado geograficamente, não daria mais conta do fenômeno. Ao contrário, esses grupos foram substituídos por grupos mais largos, de laços menos fortes, que não tinham mais uma única localização geográfica (Wellman & Gulia, 1999, p.169)<sup>79</sup>. Neste sentido, Wellman e também Castells acreditam que a mediação pelo computador, no contexto da globalização e da “sociedade em rede”, proporcionaram uma mudança essencial na sociabilidade (RECUERO, 2009, p.140).

Em contrapartida às idealizações das comunidades virtuais, também foi formulada uma perspectiva contrária, propondo que seriam “agrupamentos efêmeros, caóticos e fractais” e que jamais poderiam representar “o verdadeiro significado de comunidade, que só poderia ocorrer na vida real” (SÁ, 2001, p.02):

Segundo esta perspectiva, portanto, a Internet estaria afastando as pessoas do sentido da vida comunal, uma vez que um abraço virtual jamais pode ser pensado como substituto para as genuínas formas de relação emocional onde o olhar nos olhos seria fundamental.

Além disto, a possibilidade de desconectar-se a qualquer momento (inclusive de forma involuntária) – característica básica da comunicação em rede - estimularia antes relações efêmeras, direcionadas a um tópico de interesse,

mas jamais comprometidas com o sentido de comunhão das genuínas comunidades ou mesmo de bem comum da sociedade civil (SÁ, 2001, p.02).

Entendemos que as formas de relação a partir da internet não são idênticas às formas presenciais e que não as substituem por completo em todas as situações. No entanto, a partir da perspectiva supracitada, não era enxergada a potencialidade da internet em gerar novas maneiras de relação e de contato entre os indivíduos, também importantes no estabelecimento de laços. Percebemos que essa corrente não levava em consideração, entre outras coisas, a possibilidade de existência e/ou de extensão do contato e dos laços entre os indivíduos para além do âmbito digital, como no caso de CS POA – comunidade na qual os contatos geralmente são iniciados via internet e têm possibilidade de serem estendidos em âmbito presencial, por meio das dinâmicas da própria comunidade. Também não era considerada a possibilidade de vínculos entre pessoas geograficamente distantes que talvez não pudessem fazer parte de uma comunidade em comum sem o auxílio da internet.

Sabemos que a desterritorialização dos laços sociais não foi inaugurada pelo surgimento de redes e comunidades na internet (CASTELLS, 2003), mas que o desenvolvimento tecnológico potencializou esse processo. Esse processo, em nossa análise, não eliminou os vínculos territoriais como um todo das comunidades, inclusive das virtuais. Quando Lemos (2002) recupera o pensamento de Maffesoli e defende que “as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas” (p.96), aponta para o fim da localidade espacial, de maneira semelhante a Rheingold. Pensamos que as comunidades digitais não dependem de territórios fixos, mas que ainda haja vinculações no caso de comunidades como CS POA, cujos membros têm diferentes ligações com o território porto alegre, não somente com o território simbólico de seus espaços virtuais (no CS e no *Face*). A questão territorial é relevante para entender as identidades culturais vinculadas a CS POA, principalmente quando pensamos nas interações de outras culturas com as culturas porto alegre e gaúcha, que atravessam fortemente a comunidade.

As comunidades virtuais não estão isoladas do espaço e das interações em âmbito presencial, mas a prioridade de construção de relações se dá por meio do ciberespaço (WELLMAN; GULIA, 1999; RECUERO, 2009). Há sujeitos que ressaltam benefícios das relações mediadas por ferramentas digitais e há atores que apontam suas dificuldades. Embora Wellman e Gulia (1999) defendam que as comunidades virtuais podem potencializar a sensação de empatia, a compreensão e o suporte mútuo, aumentando a coesão entre sujeitos

com interesses semelhantes (RECUERO, 2009, p.138), em nossa pesquisa de campo, percebemos que alguns sujeitos ainda preferem as interações face a face e a construção presencial de laços em detrimento das possibilidades que o espaço digital oferece.

O conceito de comunidade, para Simone de Sá (2001), tem uma “dupla inserção material e simbólica”: configura-se como objeto e como processo (p.15-16). As comunidades são objetos concretos e materiais de estudo delimitados temporal e espacialmente, independentemente de possuírem geografia específica; simultaneamente, são processos comunicacionais que envolvem “negociação e produção de sentido, estrutura e cultura comum” (SÁ, 2001, p.16).

A dimensão processual – leia-se dinâmica -e simbólica do sentido de comunidade são portanto elementos fundamentais para a discussão e nos parecem pouco enfatizados nas matrizes aqui discutidas. Com eles, descartamos a possibilidade de cristalização do conceito em torno de um modelo: seja a nostalgia pastoral de comunidades verdadeiras, genuínas e harmônicas, tomadas como refúgios para o contato com a diversidade e o conflito; seja a comunidade inteligente e cosmopolita que administra de forma racional suas divergências em prol do bem comum. Em troca, adotamos uma concepção que enfatiza a tensão, a negociação e reelaboração constante presente nesta idéia – seja online ou offline.

Um segundo ponto, relacionado a este primeiro, é o de que não se pode compreender o processo de surgimento de comunidades virtuais como conchas fechadas, apartadas dos contextos sócio-econômicos, culturais e dos processos de reconfigurações identitárias da sociedade contemporânea (SÁ, 2001, p.16).

Pensando essa dimensão processual proposta por Sá, as comunidades estão em constante construção, sendo (re)constituídas frequentemente por reformulações e negociações simbólicas dentre os sujeitos que formam o coletivo. Essa é uma perspectiva interessante para analisar a comunidade CS POA, enquanto comunidade complexa e heterogênea que se modifica a partir dos contextos nos quais está inserida e cuja identidade passa por reconfigurações.

Concordamos com Sá quando ela coloca que “a noção de comunidade é complexa e polêmica, merecendo uma abordagem que se detenha de forma cuidadosa em pontos da reflexão que não dizem respeito somente à apaixonada tomada de posições a favor ou contra” (SÁ, 2001, p.02). As comunidades podem ter tanto a característica de reunir sujeitos com características comuns quanto a de reunir indivíduos heterogêneos e distintos com objetivos comuns. Além disso, nem todos os grupos ou agregações constituídos via internet configuram-se enquanto comunidades, “da mesma forma que o grau de adesão dos

participantes e seu investimento emocional também varia desde os *lurkers* – observadores que evitam participar dos debates – até aqueles membros realmente comprometidos com a construção de um espaço comunitário” (SÁ, 2001, p.19, grifo da autora).

De fato, as possibilidades de contato de uma comunidade virtual, se comparadas às de uma comunidade unicamente presencial, são maiores, até por conta do próprio entorno da comunidade virtual – o ciberespaço, a conexão de diversos sujeitos em rede. Mas isso não significa que os contatos virtuais no ciberespaço sejam feitos de maneira “gratuita”: existem regras, normas, negociações que viabilizam os contatos e interações em rede e que variam de comunidade para comunidade. As comunidades, como explica Cynthia Corrêa (2004), carregam consigo alguns elementos (união, identificação, solidariedade, interação, afinidade ou território simbólico, por exemplo) e estimulam a adoção de um código de conduta, a “netiqueta”.

No conceito clássico de comunidade, Tönnies já propunha que os sujeitos tinham suas relações baseadas em regras sociais, como abordamos anteriormente. Entendemos que a existência de códigos de conduta acompanhou o surgimento das comunidades virtuais, não se configurando como normas fechadas e padronizadas a todas elas. Mais especificamente sobre esses códigos, Simone Pereira de Sá (2001) dialoga com Pierre Lévy (1999) e argumenta que:

[...] na prática dos casos observados, os participantes estão envolvidos com regras sociais, (n)etiqueta e expectativas; mas principalmente com distribuição de poder e hierarquias. A questão é que trata-se de um outro tipo de organização, não aparente à primeira vista e que, assim como as regras de qualquer grupo, tem que ser internalizada e negociada em outros termos (SÁ, 2001, p.14).

No que diz respeito à questão da liberdade de expressão, o autor admite eventuais excessos dos participantes tais como ataques pessoais e argumentações pejorativas e a necessidade de um código social norteando o coletivo e censurando os infratores. Mas, insiste em ressaltar que a função da “netiqueta é fazer com que os outros não percam seu tempo” (1999; 128) e que a moral da comunidade é antes de tudo a reciprocidade. “Se aprendermos algo lendo as trocas de mensagens, é preciso também repassar os conhecimentos que dispomos quando uma pergunta formulada online os torne úteis” (1999; 128) (SÁ, 2001, p.11).

Quando Recuero (2005, p.19) afirma que uma comunidade virtual seria “um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador”, compartilhamos com a autora a ideia de que esse “corpo organizado” não é um “corpo homogêneo”. Pensamos que, embora os sujeitos estejam organizados em torno de um

mesmo grupo, é possível que seus perfis sejam díspares e que suas formas de atuação dentro da comunidade sejam também distintas – o que nossa pesquisa de campo veio ratificar, durante as entrevistas, questionários e contatos com membros do CS POA.

A comunidade virtual proposta por Rheingold nos ajuda a pensar características de CS POA no que concerne à sua formação por pessoas que, a princípio, são desconhecidas, mas que têm em comum os fatos de terem algum vínculo com Porto Alegre, de fazerem parte da rede social *Couchsurfing*, de gostarem de viajar e de conhecer outras pessoas, de se proporem a participar de intercâmbios com pessoas de outros lugares. Um dos possíveis motivos para o surgimento dessa comunidade na capital gaúcha foi a possibilidade de novas formas de relacionamento, de descobrir pessoas com interesses em comum, de conhecer novas pessoas que também fossem adeptas do CS e que estivessem próximas, de poder compartilhar experiências e otimizar o uso dessa rede social. Como apontou nossa pesquisa de campo, entre as temáticas mais discutidas/comentadas tanto em âmbito presencial como no digital, estão assuntos relacionados a viagens, a culturas e manifestações culturais bem como ao próprio *Couchsurfing*.

Podemos também ressaltar a importância da troca de informações específicas em uma comunidade virtual, como explica Sá (2002, p.12):

[...]dentro das comunidades virtuais, se a troca de informação especializada é um dos objetivos importantes do grupo; o que lhes dá o sentido de comunidade é a confirmação de que compartilham uma visão de mundo mais ampla e que confirmam aquele espaço como um espaço de troca de bens simbólicos, reforçando os laços comunitários que garantem a coesão do grupo.

Pudemos constatar que as comunidades do CS – as quais também são tipos de comunidades virtuais, mas não se limitam à virtualidade, como CS POA –, podem agregar sujeitos de diversas nacionalidades, culturas e classes sociais: há desde viajantes que preferem (e podem) ficar em hotéis e desfrutar da companhia dos *couchsurfers* no processo de descoberta da cidade para onde viajaram, até mochileiros que viajam com pouquíssimo dinheiro e para quem a hospedagem numa casa pode representar uma grande economia, além da experiência de intercâmbio.

No entanto, apesar de ser um espaço de pertencimento e de interesses comuns entre os membros, CS POA surgiu a partir de um processo de associação formal, de maneira verticalizada (RECUERO, 2009, p.152), quando alguém criou um grupo (na época que o CS

possibilitava a criação de grupos fechados) e houve a adesão de sujeitos que, posteriormente, criaram laços de pertencimento com o todo.

Ressaltamos aqui que, apesar de os sujeitos terem grande relevância nas interações e nos processos mediados pela internet, também têm grande poder na rede as instituições sociais – inclusive as que já existiam muito antes de a internet surgir. A comunidade CS POA depende não somente de seus membros para existir, mas também dos sites de redes sociais nos quais ela toma corpo virtualmente – mesmo que essa dependência seja porventura parcial. Essas plataformas têm suas limitações, exigem competências e possuem suas próprias regras de interação, de forma que algumas delas são parecidas com regras do espaço social presencial que já existiam antes de as comunidades alcançarem o espaço digital – corroborando com a ideia de que as comunidades contemporâneas ainda têm características que remetem aos conceitos clássicos de comunidade, porém com especificidades contextualizadas.

### **3.2 Redes Sociais**

As comunidades virtuais são apoiadas por sistemas, plataformas, ou interfaces. Os sujeitos necessitam de competências para acessar esses sistemas a partir dos quais as comunidades estão estruturadas. No caso de CS POA, a comunidade é digitalmente construída tendo base em duas redes sociais: o *Couchsurfing* e o *Facebook*. Os sites do CS e do *Face* não são, por si sós, redes sociais, mas sim “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009, p.102) que permitem a construção de um perfil, a interação por comentários e a publicização da rede social de cada sujeito (BOYD; ELLISON, 2007), suportando as interações entre os atores e aumentando a visibilidade social dos atores conectados (RECUERO, 2009, p.108). As redes sociais são permeadas por interesses, percepções e perspectivas dos atores sociais, que influenciam no que um sujeito publica ou não na internet e na forma como seus contatos perceberão essas informações ou conteúdos (RECUERO, 2009, p.117).

Os usos dessas interfaces, associados às competências individuais dos sujeitos da comunidade podem sinalizar para características da cultura/identidade da comunidade e das relações e interações estabelecidas no ambiente digital. Também é importante debruçarmos sobre o conceito de redes sociais. Recuero ressalta que “estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” (2009, p.22).



A digitalização modificou os espaços econômico e social, de forma que emergiu “uma nova geografia de atividades econômicas, sociais, políticas que flutua entre o território presente e o ciberespaço, ou coexiste simultaneamente em ambos” (FINQUELIEVICH, 2001, p.03) e, nessa nova geografia, as redes sociais se reconfiguraram no cenário digital. As redes sociais são estruturas sociais preexistentes ao ciberespaço, formadas por atores e laços, vinculadas à comunicação, à interação e aos aspectos culturais dos sujeitos. Enquanto ferramentas de comunicação mediada por computadores, os sistemas de redes sociais possibilitaram “que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros” (RECUERO, 2009, p.24). Assim, no cenário digital é possível mapear e recuperar elementos das redes sociais e das interações entre os sujeitos, como fizemos na pesquisa de CS POA. Rheingold (2013) explica que tudo que um sujeito fala em uma rede social na internet estará ali para sempre, poderá ser buscado, estará conectado ao seu nome, poderá ser copiado um milhão de vezes em um segundo, ser enviado para todo o mundo em um segundo por pessoas que ele não conhece, e esse é um fenômeno novo<sup>46</sup>.

Uma rede social é necessariamente composta por atores que “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2009, p.25) e por conexões. Os atores sociais na internet são nós (nodos) constituídos de representações, são constituídos identitariamente no ciberespaço (RECUERO, 2009, p.25) – um exemplo disso é a construção de perfis nos sites *Couchsurfing* e *Facebook* que representam os sujeitos nessas redes sociais –, e, inicialmente, esses perfis não são os atores sociais propriamente ditos, mas “espaços de interação, lugares de fala, constituídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade” (RECUERO, 2009, p.25-26).

Os sistemas de redes sociais como o CS e o *Face* só permitem o acesso a essas interfaces digitais através de *login* e de senha “que automaticamente vinculam um ator a seu perfil” (RECUERO, 2009, p.28). Mesmo que não foquemos nesta investigação em perfis de sujeitos específicos no CS e no FB, é importante explicitar que esses espaços de expressão e representação ajudam a identificar os sujeitos e a viabilizar suas relações no ciberespaço:

---

<sup>46</sup> Comunicação feita durante a conferência do XII Seminário Internacional da Comunicação – palestra intitulada “Essential social media literacies for personal empowerment and improving the online commons”, proferida em 7 de novembro de 2013.

Judith Donath (1999) sustenta que a percepção do Outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada (RECUERO, 2009, p.27).

De acordo com Ribeiro (2005), a comunicação entre os sujeitos/atores no ciberespaço ajuda a estabelecer e reconhecer suas identidades. Essas identidades são constituídas por trocas comunicacionais no ambiente digital e pelas diversas interações, seja com outros sujeitos ou com máquinas e *softwares* (RIBEIRO, 2005, p.06). Assim, quando surgem ferramentas de interação social mais complexas na internet, há uma tendência de complexificação também das expressões dos atores (RECUERO, 2009). Um perfil no CS e no *Facebook* é mais complexo do que um apelido em um bate-papo (*chat*) online, embora tanto o perfil quanto o *nickname* sejam formas de representação dos sujeitos e tragam embutidos em si elementos de expressão identitária desses sujeitos. Essas construções, no caso de CS POA, são parte da representação identitária do sujeito perante os demais em âmbito virtual e se complementam com as interações e posturas nas interações presenciais entre um sujeito e o restante da comunidade. Recuero explica que, “ao entrar em uma comunidade, o ator tem um reflexo sobre a mesma (já que sua presença será notada pelo aparecimento de sua foto e nome dentro do sistema do grupo) e sobre os demais atores, que virão a vê-lo” (2009, p.32).

Santaella (2013, informação verbal)<sup>47</sup> também fala sobre as identidades dos atores e explica que as redes sociais não estimulam o anonimato de forma a incentivar que os sujeitos assumam identidades fictícias, mas que essas identidades estariam ligadas aos fluxos das interpelações que esses indivíduos recebem nos processos comunicacionais. Passam também pela construção identitária nas redes sociais as representações “enumerativas” constituídas pelo “*self* exposto através de suas preferências de consumo, principalmente na seção de ‘hobbies e interesses’ presente no *site*”, bem como também as representações do “*self* visto como ator social, apreendido através das fotos publicadas e mensagens trocadas com a rede de contatos no mural do *site*” (SÁ; POLIVANOV, 2012, p.07). Percebemos que ambos os tipos de representações ocorrem tanto no *Facebook* como no *Couchsurfing*.

---

<sup>47</sup> Comunicação feita durante a conferência de abertura do Seminário de Interação Mediada por Computador em 2013 – palestra intitulada “Relações intersubjetivas nas redes sociais digitais”, proferida em 15 de abril de 2013.

Assim, podemos relacionar os pensamentos de Sá e Polivanov ao de Santaella quando as autoras explicam que os perfis e ações dos atores nas redes sociais levam em conta as expectativas de outros atores:

[...] os sujeitos optam por tornar visíveis e ocultar determinados conteúdos, em um processo claramente marcado pela auto-reflexividade (GIDDENS, 2002), ou seja, pela escolha consciente e refletida sobre os materiais apropriados. Desta maneira, parte do processo comunicativo se dá no jogo entre exposição e invisibilidade, contrariando assim o argumento sobre a exposição aleatória, indiscriminada e pouco refletida dos atores nas redes. E que, neste processo de presentificação dos *selves* nesses *sites*, é fundamental o que chamaremos de “coerência expressiva” entre os sujeitos e os materiais dos quais se apropriam, entendendo que, dentre as possibilidades potencialmente infinitas de os sujeitos se apresentarem, são atualizadas aquelas que de um certo modo mantêm uma coerência com seus *selves* e com as expectativas que os outros (que compartilham a mesma rede de contatos) têm desses sujeitos (SÁ; POLIVANOV, 2012, p.03, grifos das autoras).

De acordo com Paiva (2011, p.11), no âmbito virtual, “as redes técnicas têm forjado vigorosas redes de solidariedade, instigando novas formas de mediação sociopolítica e empoderamento dos indivíduos conectados”. O espaço “hipertextual” das redes sociais digitais favorecerá ao debate e à crítica social, cultural, ética e política, porque nele “pulsam instrumentos técnico-sensoriais-inteligíveis, em que interagem as potências do saber e poder, intuição e intelecto, razão e sensibilidade” (PAIVA, 2011, p.11). Dessa forma, as redes teriam uma grande potencialidade social e cidadã, no sentido de oferecer espaços alternativos e de propiciar diálogos entre os sujeitos.

Como argumentam Cogo e Brignol, redes sociais formam conexões, vínculos e possuem “estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que não deixam de comportar relações de poder expressas nas disputas, hierarquias e assimetrias que constituem a esfera da comunicação e da cultura” (2010, p.06). Ainda segundo as autoras, essas redes são formas de interação social e podem ser informais – surgindo a partir de demandas subjetivas –, formais/institucionais (atuação coletiva de grupos com poder de liderança) ou podem apresentar características híbridas que pairam entre a informalidade e a formalidade (p.06). A estruturação social em forma de vínculos entre grupos com interesses comuns organizados em uma lógica heterogênea, citada por Cogo e Brignol, é uma característica de redes sociais agregadoras de comunidades, como o *Couchsurfing* e o *Face*.

As conexões, que não podem ser isoladas dos atores (e vice versa), são constituídas de laços sociais cuja formação se dá por meio da interação social entre os sujeitos (RECUERO, 2009). “Essas interações, na Internet, são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali [...] a interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais” (RECUERO, 2009, p.30). A interação, para Recuero (2009), constitui uma ação que tem repercussão comunicativa entre o sujeito e seus pares, gerando uma repercussão social (p.31). A qualidade das conexões leva em conta também “um valor constituído a partir das interações”, que seria o “capital social” (RECUERO, 2009, p.45).

É interessante salientar que esses processos de interação possuem particularidades e fatores diferenciais: “os atores não se dão imediatamente a conhecer. Não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação. É tudo construído pela mediação do computador” (RECUERO, 2009, p.31). Essa ausência de pistas da linguagem não verbal é salientada como argumento em algumas entrevistas que fizemos durante a pesquisa sistemática nas quais os atores relataram preferir a interação presencial. No caso de CS POA, devido à quantidade de membros em ambas as redes sociais (CS e FB), os atores podem não se conhecer presencialmente no momento de uma interação virtual e também podem não se conhecer virtualmente no momento de uma interação presencial – embora tenhamos percebido uma tendência menor de conflitos entre sujeitos ativos na comunidade que interajam virtual e presencialmente com frequência. Enquanto o CS potencializa o contato entre sujeitos que não se conhecem, Valdetaro (2009) afirma que o *Facebook* estaria ligado a um reforço de laços que já podem existir em nível presencial. Tanto o *Facebook* quanto o *Couchsurfing* são redes sociais, no entanto são dispositivos distintos com características próprias.

As interações nas redes sociais podem permanecer mesmo depois de o sujeito se desconectar, podendo haver tanto interações síncronas quanto assíncronas (RECUERO, 2009; Reid, 1991). Nas interações síncronas os atores têm expectativas de que as respostas sejam dadas imediata ou quase imediatamente, enquanto nas assíncronas é esperada uma resposta mais demorada (RECUERO, 2009, p.32). No espaço de CS POA no *Couchsurfing* há uma expectativa de resposta às interações mais assíncrona que no *Facebook*, devido ao fato de os sujeitos ativos da comunidade se comunicarem, em geral, muito mais pelo *Face* e de acessarem mais frequentemente essa rede social do que o CS.

Recuero (2009, p.36) aponta a capacidade de migração como característica da interação mediada por computadores: “As interações entre atores sociais podem, assim,

espalhar-se entre as diversas plataformas de comunicação [...] Essa migração pode também auxiliar na percepção da multiplexidade das relações, um indicativo da presença dos laços fortes na rede”. As interações de CS POA, que até alguns anos atrás eram restritas à plataforma do CS, migraram para o *Facebook* e, durante o Encontro Nacional do *Couchsurfing* em Porto Alegre, algumas interações migraram também para o aplicativo de mensagens *WhatsApp*<sup>48</sup>, o *Facebook* e o *WhatsApp* foram as principais ferramentas de interação entre os participantes do evento e os membros da comunidade.

As interações podem originar relações – unidades básicas de análise em uma rede social – que podem ser construtivas ou conflituosas, no entanto poucas interações não geram relações (RECUERO, 2009, p.37). Essas relações ajudam na construção de laços sociais e podem ser mediadas por computadores, caracterizadas pelo distanciamento entre os atores envolvidos, o qual “proporciona, por exemplo, anonimato sob muitas formas, já que a relação entre o corpo físico e a personalidade do ator já não é imediatamente dada a conhecer. Logo, é mais fácil iniciar e terminar relações, pois muitas vezes, elas não envolvem o ‘eu’ físico do ator” (RECUERO, 2009, p.37). No entanto, quando essas relações são sedimentadas, fortalecem laços (relacionais) entre os sujeitos, de forma que “o laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações” (RECUERO, 2009, p.38) e consiste em uma ou mais relações cujos padrões (rede social) organizam trocas, controle, cooperação e conflito (WELLMAN, 2001). O sentimento de pertencimento a um grupo ou instituição também poderia gerar laços, mas diferentemente dos relacionais, esses laços seriam associativos e não dependeriam de interações (RECUERO, 2009; BREIGER, 1974).

Recuero (2009) propõe um meio termo, um “pertencimento relacional” que decorre de interações sociais mútuas, argumentando que “quando os grupos surgem com base na interação dialógica, o sentimento de pertencimento do grupo surge como decorrente do elemento relacional da interação” (p.40). Assim, pensamos que, embora haja membros da rede social *Couchsurfing* que residam em Porto Alegre e que mantenham laços associativos com a comunidade CS POA, seria considerada parte efetiva da comunidade os sujeitos que mantêm laços relacionais e de pertencimento a ela (não necessariamente residentes em POA).

Os laços relacionais podem ser fortes, de intimidade e proximidade, ou fracos (trocas mais difusas), sendo “consequência da interação que, através do conteúdo e das mensagens, constituem uma conexão entre os atores envolvidos” (RECUERO, 2009, p.41). Laços associativos são sempre fracos, já que são baseados em menor quantidade de interações.

---

<sup>48</sup> Permite comunicação por mensagens entre aparelhos telefônicos portáteis sem custo.

Percebemos que os laços mais fortes em CS POA geralmente são vinculados a sujeitos que constroem vínculos de amizade dentro da comunidade. Os laços fortes levam a um esforço coletivo e institucionalizado, como a mobilização em prol da organização do Encontro Nacional do CS em Porto Alegre por membros engajados da comunidade.

Os laços também podem ser considerados, segundo Recuero, “especializados” ou “multiplexos”:

A Internet suportaria, assim, tanto laços altamente especializados (formados por relações do mesmo tipo), quanto laços multiplexos. Neste sentido, é possível encontrar laços mais multiplexos nos grupos que utilizam vários sistemas para interagir, como Orkut, *weblogs*, *chats*, *e-mails*, etc. Além disso, quanto maior o número de laços, maior a densidade da rede, pois mais conectados estão os indivíduos que fazem parte dela. Deste modo, os laços sociais auxiliam a identificar e compreender a estrutura de uma determinada rede social (RECUERO, 2009, p.43).

A Internet e as redes sociais digitais também influenciaram em um maior contato presencial entre os atores, aumentando a frequência e a densidade de contato com “vizinhos”, mantendo laços de âmbito digital e presencial (RECUERO, 2009, p.44-45). Foi assim, na rede social CS, que a comunidade CS POA surgiu.

[...] a mediação pelo computador oferece novos lugares, ou seja, novos espaços para conhecer parceiros com interesses em comum e estabelecer laços iniciais. Wellman (2002), inclusive, chama a atenção para a característica “glocal” das redes sociais na Internet. Ele explica que muitas dessas redes funcionam, principalmente, conectando vizinhos. Outra diferença importante gerada pela Internet é o advento dos laços sociais *mantidos a distância*. O desenvolvimento tecnológico proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente. Isso quer dizer que a comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias, graças a ferramentas como o Skype, os *messengers*, *e-mails* e *chats*. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação (RECUERO, 2009, p.45).

A glocalização a que Recuero se refere é relativa a um processo de conexão de atores em dimensão local nas redes sociais e de uma reconfiguração de identidades locais. A criação de grupos de *couchsurfers* no CS que morassem em uma mesma região e que pudessem interagir ilustra bem esse aspecto. A questão da manutenção de laços a distância está presente não somente nas interações de CS POA que envolvem atores que moram em outros lugares, mas na própria proposta do *Couchsurfing* e do *Facebook*, que permitem contato entre sujeitos

não importando sua distância geográfica. Essa desterritorialização dos laços é um aspecto bastante interessante, das redes digitalizadas, pois há séculos já existiam redes sociais, mas que limitavam suas interações e seus processos comunicativos ao espaço geográfico no qual os indivíduos circulavam.

Recuero (2009) também pontua que as redes sociais, principalmente em associações voluntárias, desenvolvem a confiança e a reciprocidade, de forma a estimular a cooperação entre os sujeitos, fazendo emergir valores sociais, como valores ligados a solidariedade e hospitalidade, no caso do CS. Para que a confiança e as trocas sociais sejam estabelecidas, há regras e obrigações que nem sempre são explícitas, como as regras de uso estabelecidas no CS e no *Face* (RECUERO, 2009).

A “manutenção” é um valor que podemos encontrar no *Facebook*, que é uma rede social cujo site serve para manter contato com pessoas com as quais já se tenha um vínculo (RECUERO, 2009, p.53). Esse valor é perceptível quando os membros de CS POA mudam de Porto Alegre para outra cidade e não deixam de interagir com os outros integrantes da comunidade, participando de discussões online, sobretudo no espaço do *Face*. A proposta do CS é diferente, tem foco em colocar pessoas desconhecidas de culturas distintas em contato, e apesar de ser possível manter contato com outros *couchsurfers* de outros lugares, não é essa a finalidade principal. Esses elementos também dizem muito sobre as limitações desses softwares: o CS não oferece uma lista de constante atualização que permita o compartilhamento e a visualização de conteúdo com os contatos (como a *News Feed* do *Facebook*), por outro lado o *Face* não possibilita que busquemos pessoas com um determinado perfil e que morem em algum lugar específico semelhante à ferramenta de busca de *couch* do CS. Assim, tendo em vista que a mediação tecnológica das redes sociais oferecem possibilidades e limitações, uma das táticas para driblar as limitações do sistema do CS foi a migração da comunidade para o *Facebook*, ampliando as possibilidades comunicativas de CS POA.

Compartilhamos com Recuero (2009) a ideia de que as redes sociais são objetos dinâmicos e em constante mudança – uma característica que já mencionamos anteriormente em relação ao *Couchsurfing* e que também pode ser pensada em relação ao *Facebook*. “Essas dinâmicas são dependentes das interações que abarcam uma rede e podem influenciar diretamente sua estrutura” (RECUERO, 2009, p.79). As redes sociais, enquanto espaços, não têm caráter geométrico: “Assim, a rede, ao ser tecida, define seu próprio espaço, que não é outro senão a própria rede. Pois, através do enredamento político, a sociedade em si deixa de

ser objeto ou coisa e adquire uma condição processual e, portanto, impossível de ser "fixada" para sempre em um determinado momento ou lugar (MIREs, 1999, p.03)<sup>49</sup>. Recuero explica que os processos de interação entre os atores é a causa dos processos dinâmicos das redes (2009, p.80).

Cooperação, competição e conflito são processos sociais que influenciam a rede e que não são, necessariamente distintos ou isolados (RECUERO, 2009, p.81-82). A cooperação é o trabalho ou o esforço para chegar a um objetivo comum, a oposição é a luta entre sujeitos, de forma que ambos são processos que regem a vida em grupo (OGBURN; NIMKOFF, 1975). A cooperação pode ser percebida na própria formação de comunidades como CS POA, que precisam de ações cooperativas para continuar existindo – interações, compartilhamento de informações, discussões nos espaços virtuais da comunidade –, já que sem cooperação não pode existir comunidade.

Os conflitos podem se dar, por exemplo, quando um membro compartilha conteúdo (no CS ou no *Face*) considerado impróprio à comunidade, como propagandas de produtos não relacionados a viagens e tentativa de comércio no espaço do Face de CS POA, gerando rejeição e, no caso do FB, até exclusão do grupo fechado. Nenhuma comunidade é completamente harmônica, mas os conflitos podem também fortalecer laços e estruturas, como quando houve uma polarização de atores contra um novo espaço (em tese de CS POA) no *Face* que tinha uma finalidade comercial, como forma de reafirmação do espaço e dos objetivos da comunidade.

Smith (1999) explica que, apesar de muitos autores perceberem o conflito como forma disruptiva das relações sociais (e, portanto, de forma negativa, como uma "patologia" do sistema), para Simmel (1950 e 1964) os conflitos envolvem, ao mesmo tempo, harmonia e dissonância. Um sistema completamente harmônico não pode existir, pela sua incapacidade de mudança e evolução. O autor explica que o conflito tem aspectos positivos, não sendo por si só um elemento negativo para o sistema social. O conflito pode fortalecer as estruturas de um sistema, aumentando a união através de uma polarização, quando em conflito com outros sistemas (RECUERO, 2009, p.85).

É interessante perceber a importância da construção simbólica do outro e de sua identidade nas redes sociais como o *Couchsurfing* e o *Facebook*. Recuero (2009) compreende

---

<sup>49</sup> Baseado no excerto "De tal modo, la red, al ser tejida, configura su propio espacio, que no es otro que la propia red. Pues, mediante la redificación política, la sociedad misma deja de ser objeto o cosa, y adquire una condición procesual y, por lo tanto, imposible de ser "fijada" para siempre, en un determinado tiempo o lugar" (MIREs, 1999, p.03).



reputação como “a percepção construída de alguém pelos demais atores e, portanto, implica três elementos: o ‘eu’ e o ‘outro’ e a relação entre ambos” (p.109): a reputação é construída a partir de informações sobre quem são os sujeitos e sobre o que eles pensam, ajudando na construção de impressões sobre esses sujeitos diante dos demais na rede. No caso do CS, um elemento importante na definição das reputações dos sujeitos são as referências deixadas pelos membros da rede social no perfil de um sujeito. Essas referências podem ser positivas, negativas ou neutras e expressam as impressões de outros membros em relação ao sujeito representado no perfil referenciado, podendo influenciar no grau de confiabilidade de outros indivíduos do CS em relação àquele ator em específico. Já em relação ao *Facebook*, talvez seja interessante mencionar as “curtidas” e os “compartilhamentos” dos conteúdos disseminados pelos sujeitos como elementos constituintes da reputação dos membros da rede: quanto mais curtida ou compartilhada é a postagem de um indivíduo, maior potencial de alcance e de repercussão ele pode ter.

Peruzzo afirma que “as ações das redes sociais de cunho comunitário não se esgotam no ambiente do ciberespaço. Elas advém de uma prática na realidade concreta e a ela retornam. É a partir dela que se forma a partilha, a troca de conhecimentos e a confluência de interesses comuns” (PERUZZO, 2002, p.12). Podemos dizer que o CS e o *Face* organizam no ciberespaço processualidades em torno de práticas sociais que já ocorriam fora do espaço virtual e que essas processualidades se dão tanto no espaço virtual quanto no presencial, repercutindo em práticas sociais da “realidade concreta” e as complexificando.

Trazemos à discussão o conceito de redes sociais na busca por entender a comunidade CS POA, que é atravessada e configurada por essas redes. Pensar a inserção dos sujeitos nessas redes pode sinalizar para um entendimento de como os indivíduos de CS POA interagem e se representam nesses espaços, como eles se auto constroem e constroem suas alteridades em espaços que estão em constante construção e modificação, que não se fixam espaço temporalmente.

Analisar uma rede social é também pensar as interações em um sentido mais social, que não se limitam a reações automáticas a estímulos. Há hierarquias e assimetrias, bem como limitações expressas nas próprias estruturas das redes sociais que interferem nas trocas e intercâmbios entre os indivíduos conectados – interferindo no contato entre pessoas que a princípio não se conhecem (proposta do CS), ou que já tenham um contato prévio em círculos sociais comuns (como pode ocorrer no *Facebook* quando há a indicação de amigos pelo sistema do FB).

#### 4. PERSPECTIVAS PARA PENSAR AS APROPRIAÇÕES DE CS POA

Ao pesquisarmos a comunidade CS POA, levamos em consideração a tecnologia, os espaços nas duas redes sociais que a constituem, assim como o cenário presencial para investigar as relações culturais identitárias constituídas em seus processos comunicativos. Partimos do pensamento que a própria rede social CS é um dispositivo que pode facilitar a comunicação entre pessoas que não se conhecem e que o *Facebook* dinamizou interações entre sujeitos que já tinham contato no espaço de CS POA no *Couchsurfing*.

A técnica, para que tenha uma força sobre a constituição da sociedade, precisa ser convertida em meios através de práticas sociais. A sociedade dinamiza o destino da técnica, se apropriando dela e redesenhando seu uso para além dos protocolos com os quais ela foi pensada em sua criação. Um exemplo de que a técnica tem postulado de uso é o caso da internet, que inicialmente era de uso militar e, quando entrou em contato com o tecido social, foi disseminada e apropriada para inúmeras formas de uso. Castells (2009) explica que a comunicação parte do compartilhamento de significados através do intercâmbio informacional, de forma a depender tanto da tecnologia quanto de fatores como as características dos sujeitos envolvidos no processo, os códigos de referência culturais, os protocolos de comunicação e a potencialidade de alcance do processo comunicacional<sup>50</sup>. Assim, entendemos que a técnica está atrelada aos usos dos sujeitos e a protocolos que podem ser modificados e flexibilizados.

É preciso levar em conta a articulação entre lógicas do objeto, do contexto e do sujeito em negociação para definição dos usos da tecnologia. Os dispositivos técnicos levam na sua oferta um postulado de uso. Mas a tradição cultural, a história e o contexto social são fatores que efetivamente definem esses usos. Quem dá o destino às ferramentas de comunicação são as práticas sociais, os projetos de grupo e os sujeitos.

Não é porque os sites do *Face* e do *Couchsurfing* foram criados com determinados objetivos e finalidades que eles são utilizados literalmente de acordo com que se pensou ou se

---

<sup>50</sup> Baseado no excerto “Comunicar es compartir significados mediante el intercambio de información. El proceso de comunicación se define por la tecnología de la comunicación, las características de los emisores y los receptores de la información, sus códigos culturales de referencia, sus protocolos de comunicación y el alcance del proceso” (CASTELLS, 2009, p.87). Tradução livre: Comunicar é compartilhar significados através da troca de informações. O processo de comunicação é definido pela tecnologia de comunicação, características dos emissores e dos receptores de informação, seus códigos de referência culturais, seus protocolos de comunicação e o alcance do processo.

projetou. De maneira semelhante, as equipes gestoras do CS e do FB podem promover mudanças nas ferramentas para direcionar as ações dos usuários, e isso não quer dizer que os membros utilizarão a rede social exatamente como foi planejado. Na própria comunidade CS POA, apesar da existência de regras explícitas e implícitas, a heterogeneidade dos sujeitos que a compõem não permite que as apropriações e os usos sejam os mesmos para todos os membros.

Pensar em usos e apropriações padronizados, segundo interesses do produtor para o receptor, é pensar em um sistema de comunicação linear e em uma recepção passiva o suficiente para não modelar o produto de acordo com suas necessidades e seus modos de apropriação. Michel de Certeau (1998, p.40) explica que:

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.

O *background* cultural de cada indivíduo configura seus modos de apropriação e reapropriação. As práticas são modeladas segundo usos e apropriações dos sujeitos, inclusive as normas/regras, rituais e representações – de acordo com suas competências (culturais, tecnológicas etc.). “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1998, p.41). As apropriações, na linha de pensamento certeauniana, são entendidas como espécies de desvio de sentido, de produção ruidosa atravessada pelas mediações.

Para entender as apropriações dos sujeitos, é importante compreender sua cultura, suas motivações e abandonar qualquer tentativa de previsibilidade. Não é possível adivinhar graus de inteligência ou inventividade dos sujeitos, os quais também possuem estratégias e táticas específicas. Apesar da matematização e geometrização de técnicas – própria das novas tecnologias, é necessário considerar também o que Certeau chamada de “*performance individual*” (1998, p.141) e os saberes subjetivos dos sujeitos – configurados em contextos socioculturais – para entender suas apropriações.

As práticas sociais demandam lógicas, porém as lógicas são construídas de acordo com elementos culturais dos sujeitos. A comunidade CS POA tem seu modo coletivo de gestão, constituído tanto nas práticas presenciais como nas virtuais, considerando as

heterogeneidades e os modos individuais de apropriação de cada sujeito – que por sua vez possui experiência e modos de fazer diversificados. As práticas próprias dos espaços físicos nos quais as comunidades se constroem também interferem nos modos de apropriação e nas lógicas processuais. As apropriações dependem das formas de significação e das práticas efetivas dos sujeitos. A constituição de CS POA e de suas práticas difere da constituição de outras comunidades do CS, porque, mesmo fazendo parte de uma rede social em comum, essas comunidades estão inseridas em contextos socioculturais específicos: identificamos lógicas de CS POA que se inter-relacionam com práticas provenientes das culturas e identidade regional – a gaúcha – assim como aspectos relativos a culturas e identidades locais que podem não existir em comunidades do CS fora do Rio Grande do Sul.

O vocabulário e os termos próprios utilizados pelos usuários do CS e do FB são também apropriações e “invenções cotidianas”. No caso de CS POA, é interessante perceber que tanto o vocabulário local (expressões gaúchas e modos de falar dos porto-alegrenses) quanto os termos típicos da estrutura organizacional do CS (*couchsurfer*, *guest*, *host*, *couch* etc.) e do *Face* (*timeline*, *inbox*, *hashtag*, *curtir* etc.) fazem parte das interações comunicativas da comunidade. Práticas vulgares ou cotidianas (como os modos de fala) permitem um vínculo, do ponto de vista das temporalidades sociais cotidianas. Existe todo um mundo de significações que nos sinalizam para processos de construção de realidade simbólica.

Os níveis de participação dos sujeitos em CS POA também são diferenciados, conforme suas necessidades, interesses e preferências nos âmbitos virtual e presencial. No entanto, apesar das distinções, eles não deixam de fazer parte da comunidade, cada um a seu modo. Podemos articular os diferentes modos de participação ao que Orozco Gómez (2011, p.13) chama de “condição comunicacional”, que permite aos participantes de processos comunicacionais mediados por telas desconstruir de maneira real ou material e não apenas reinterpretar, ressemantizar ou desconstruir simbolicamente, como de fato tem sido possível, os objetos e referências de suas trocas comunicativas. E é também esta condição comunicacional que modifica as possibilidades de transformação, criação e participação reais possíveis (e desejáveis) dos sujeitos receptores a partir de suas interações com as telas<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> Tradução livre de “Es esta “condición comunicacional” la que permite a los participantes en los procesos comunicativos mediados por pantallas, **deconstruir de manera real o material, y no solo reinterpretar, ressemantizar o desconstruir simbólicamente**, como de hecho siempre ha sido posible, los objetos y referentes de su intercambio comunicativo. Y es también esta condición comunicacional la que modifica las posibilidades de transformación, de creación y de participación real posible (y deseable) de los sujetos audiencia desde y a partir de sus interacciones con las pantallas”.

#### 4.1 Perspectiva da Recepção e das Mediações

A partir das décadas de 1970 e 1980, a pesquisa universitária interessou-se cada vez mais por compreender problemas relacionados à recepção comunicacional, de acordo com Verón (2004, p.273). No entanto, muitas abordagens se interessavam apenas em questionar acerca do “lugar reservado ao leitor”, em uma esfera virtual de recepção que partia do imaginário do autor sobre seu público. Com o passar dos anos e com o desenvolvimento das teorias voltadas à recepção, os receptores começaram a ser enxergados enquanto sujeitos produtores de sentidos. Como observa Maldonado (2009, p.10), o “‘receptor’ é um sujeito histórico não soberano, não isolado, não simplesmente animal e não mecânico, que age em relação com a produção midiática de acordo com os esquemas de sensibilidade e inteligência construídos na sua história de vida comunicacional”.

Verón ressalta a importância em compreender a articulação entre produção e recepção enquanto desafio principal para as teorias e pesquisas em desenvolvimento (2004, p.274). Embora o autor supracitado enfoque a questão discursiva, podemos expandir a importância da articulação mencionada anteriormente para compreender também os processos interacionais no cenário digital e no surgimento de comunidades complexas como CS POA, que transcendem o espaço da internet. Os sujeitos adeptos de redes sociais produzem e recebem conteúdo de forma rápida e instantânea, potencializando fluxos. A própria heterogeneidade desses indivíduos já gera diferenças no processo de uso das novas mídias e dispositivos, que são apropriados de maneiras distintas. Em relação à comunidade CS POA, percebemos que existem várias “modalidades” de participação na comunidade e de apropriação, tanto no cenário digital como no presencial em múltiplos deslocamentos, há atores que interagem mais presencialmente, outros mais virtualmente e sujeitos que interagem bastante nos dois cenários.

As teorias desenvolvidas na América Latina abriram espaço para as apropriações dos sujeitos no processo comunicativo. Como observa Lopes (1996, p.43):

A partir dos anos 80, a pesquisa de recepção vem sendo trabalhada na América Latina como uma perspectiva teórico-metodológica renovadora e original. Esta linha de pesquisa procura superar as limitações epistemológicas de modelos como os da pesquisa dos efeitos, pesquisa de audiências, pesquisa de usos e gratificações, estudos de crítica literária e estudos culturais.

Para Lopes, a investigação da recepção “exige pensar tanto o espaço da produção como o tempo do consumo, ambos articulados pela cotidianidade (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos (gêneros) da comunicação de massa” (1996, p.43). Então, podemos depreender que emerge desse tipo de investigação não uma proposta de uma análise isolada que separe receptores, produtores e produtos, mas que considera o contexto do processo comunicacional (bem como sua complexidade), de forma a focar na recepção. A ideia de estudar a recepção surge da necessidade de compreender como se dão os processos comunicativos em sua complexidade, afinal, “a recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma linear” (HALL, 2003, p.354).

Pensar a recepção atualmente é entender que vivemos em um momento no qual investigar os sujeitos comunicantes é tão importante quanto pesquisar os sistemas e configurações comunicacionais de maneira contextualizada considerando “todos os fatores, componentes, fluxos, propriedades, interrelações e características que as novas realidades definem” (MALDONADO, 2009, p.05). “Os ‘receptores’ dos meios massivos quebraram a sua condição de leitores, telespectadores e radiouvintes, optando por um agir comunicacional multidimensional, em especial na rede digital mundial e nas redes sociais de vida contemporânea” (MALDONADO, 2009, p.06).

Analizamos como os membros de CS POA se apropriam dos cenários digitais para o estabelecimento de interações e modos de comunicação entre a comunidade e percebemos que, no Encontro Nacional, houve um fluxo interacional muito mais intenso pelo *Face*, enquanto o compartilhamento de informações entre os membros no site do CS se deu mais por uma questão de formalidade e de significado simbólico de “não deixar que morram as interações entre atores ativos no espaço comunitário do site do *Couchsurfing*”. É importante considerar os fluxos decorrentes dos processos comunicativos nos cenários digitais em seus aspectos tecnológico e simbólico:

Os nossos problemas/objeto precisam incluir nas suas problematizações aspectos tecnológicos de comunicação digital, que antes se apresentavam como uma exceção, ou como casos restritos. As condições tecnológicas da configuração dos espaços/tempos de comunicação mudaram; de fato, a digitalização tem componentes revolucionários para as produções comunicacional, audiovisual, fotográfica, hipertextual, musical e cultural. Serve como exemplo óbvio e trivial a experimentação doméstica da fotografia e sua circulação na rede, a configuração de páginas digitais, blogs, rádios, jornais, agências de informação e meios alternativos. As condições de produção simbólica transformaram-se, as formas de circulação quebraram o

domínio das mídias hegemônicas, a experimentação vai sendo socializada aceleradamente, a relação com as técnicas é menos mecânica e mais estético/operativa (MALDONADO, 2009, p.05).

Os Estudos de Recepção Latino-americanos abordam processos e trocas midiáticos, apropriações e competências dos sujeitos. Conforme Lopes (1996, p. 43) contribuições teóricas como as de Martín Barbero e García Canclini “consolidaram a linha teórica das mediações e das hibridizações, que propõe estudar a recepção como um contexto complexo e contraditório, multidimensional, em que as pessoas vivem sua cotidianidade” e “se inscrevem em relações de poder estruturadas e históricas, as quais extrapolam as suas práticas”. Não é que as práticas comunicacionais da América Latina fossem mais importantes que outras, ou que tivessem maior potencial de estudo (embora tenham suas peculiaridades), mas os teóricos latino-americanos empenharam-se em pensar esse lugar de maneira diferente quanto às “transformações que atravessam as práticas e as técnicas de comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.29).

Estudar as mediações mais que os meios é também estudar, sobretudo, a cultura imbricada nos processos comunicacionais, de forma a considerar conhecimentos e reconhecimentos. “Um reconhecimento que foi, inicialmente, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o de resistências nela encontradas e o da apropriação a partir de seus usos” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p.10, grifo do autor)<sup>52</sup>. Trabalhamos nesta pesquisa considerando as práticas construídas pelos sujeitos de CS POA e trazendo a cultura e as identidades como principais mediações a serem investigadas, além da tecnologia e da cultura da hospitalidade.

O conceito de mediação não nasce fechado, estando em processo de reconfiguração, e pressupõe uma comunicação em processo, compreendida desde a cultura – o que significa deixar de pensar a comunicação desde as disciplinas e desde os meios, rompendo com a redução da problemática da comunicação e das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 1987, p.227). Afinal, as tecnologias e dispositivos comunicacionais são construções sociais e está sob o controle dos sujeitos modificá-los para servir às demandas dos indivíduos (ROSNACK, 1988).

---

<sup>52</sup> Tradução livre do excerto “Un reconocimiento que fue, de entrada, operación de desplazamiento metodológico para re-ver el proceso entero de la comunicación desde su *outro* lado, el de la recepción, el de las resistencias que ahí tienen su lugar, el de la apropiación desde los usos”.

O modelo de pensamento de Martín-Barbero, a partir do estudo das mediações, busca abranger as formas e instituições ligadas à comunicação em cada formação social, além das lógicas que regem os modos de mediação e também dos usos sociais dos produtos comunicacionais<sup>53</sup>. Compreendemos por mediações as estruturas e configurações simbólicas que interferem na produção de sentidos e significados “que vão desde os costumes mais simples, as cosmovisões milenares e os sentidos gregários até os sistemas simbólicos complexos (linguagens)” (MALDONADO, 2002, p.11) e estruturas as quais atravessam processos comunicacionais em seus vários âmbitos “no *cotidiano* como *tempo/espaco* estratégico de realização midiática” (MALDONADO, 2002, p.11, grifo do autor), não se restringindo apenas ao âmbito cultural. Além disso, entendemos por receptores, em vez de uma massa, um conjunto de sujeitos que vivem e se organizam em uma sociedade.

Em seu estudo, primordialmente voltado à pesquisa com a televisão, Martín-Barbero explica que as mediações podem ser entendidas como o lugar através do qual é possível perceber e compreender a interação entre os espaços da produção e da recepção, considerando os produtos midiáticos não só como fruto de estratégias comerciais e industriais, mas também como resultado de exigências culturais:

ese “lugar” desde donde es posible percibir y comprender la interacción entre el espacio de la producción y el de la recepción: que lo que se produce en la televisión no responde únicamente a requerimientos del sistema industrial y a las estrategias comerciales sino también a exigencias que vienen de la trama cultural y los modos de ver (MARTÍN-BARBERO, 1987, p.42)<sup>54</sup>.

A partir do pensamento de Martín-Barbero, nossa pesquisa analisou a comunidade CS POA, de forma a entender como se dão as relações culturais identitárias a partir de suas

---

<sup>53</sup> Baseado no excerto “Lo que nos interesa es la propuesta de una teoría social de la comunicación basada en el paradigma de la mediación. Que es aquel modelo 'que trabaja con intercambios entre entidades, materiales, inmateriales y accionales' adecuado para 'estudiar aquellas prácticas en las que la conciencia, la conducta y los bienes entran en proceso de interdependencia'[...]. Un modelo que referido al campo del que nos ocupamos busca dar cuenta de las formas/instituciones que toma la comunicación en cada formación social, de las lógicas que rigen los modos de mediación entre el ámbito de los recursos... la organización del trabajo y la orientación política de la comunicación, y por último de los usos sociales de los productos comunicativos” (MARTÍN-BARBERO, 1988, p.09). Tradução livre: O que nos interessa é a proposta de uma teoria social da comunicação baseada no paradigma da mediação. Que é esse modelo ‘que trabalha com trocas entre entidades materiais, imateriais e acionais’ adequado para ‘estudar essas práticas nas quais a consciência, o comportamento e os bens entram em processo de interdependência’ [...]. Um modelo que se refere ao campo ao qual nos ocupamos, busca dar conta das formas/instituições que tomam a comunicação em cada formação social, das lógicas que regem os modos de mediação entre o âmbito dos recursos... a organização do trabalho e a orientação política da comunicação e, por último, dos usos sociais dos produtos comunicativos.

<sup>54</sup> Tradução livre: esse “lugar”, a partir de onde é possível perceber e entender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: que o que se produz na televisão não responde apenas aos requisitos do sistema industrial e às estratégias comerciais, mas também às exigências que vêm do tecido cultural e das formas de ver.



práticas comunicativas digitais e presenciais – e, conseqüentemente, das regras e papéis que permeiam as interações desta comunidade. A compreensão do conceito de mediações, de forma ampliada – suplantando sua aplicabilidade aos estudos voltados à televisão –, nos permitiu identificar formações, segmentações e lógicas desse grupo, bem como direcionar um olhar mais aprofundado para as relações, atravessamentos culturais e negociações identitárias existentes no CS de Porto Alegre<sup>55</sup>.

A princípio, pressupondo que há dispositivos de mediações humanos e técnicos, pudemos perceber que as mediações se inter-relacionam com as questões de pertencimento em grupo (no caso de CS POA), bem como às competências exigidas dos sujeitos agrupados em determinadas práticas – frisando que a tecnologia aqui é também considerada como constitutiva da identidade do grupo. Esses dispositivos, humanos ou não, promovem usos da comunicação em meio a um atravessamento cultural do contexto no qual as mediações ocorrem e dos confrontos culturais nos quais os sujeitos estão inseridos.

As mudanças no âmbito da tecnicidade e da identidade estão reclamando imperiosamente que se pense as *mediações comunicativas* da cultura, um novo mapa que dê conta da complexidade nas relações constitutivas da comunicação na cultura, pois as mídias passaram a constituir um espaço-chave de condensação e interseção da produção e do consumo cultural, ao mesmo tempo em que catalisam hoje algumas das mais intensas redes de poder (MARTIN-BARBERO, 2004, 229).

Há uma mediação entre o cenário digital e os sujeitos – relacionando-os ao espaço da comunidade CS POA na rede social CS e ao espaço da comunidade no *Facebook* – no sentido de organizar e estruturar as formas e procedimentos de contato e interação online. Também é perceptível que há dimensões de mediação, como o fato de até pouco tempo atrás haver membros em todas as comunidades da rede denominados “mediadores” (função formalmente inexistente nos dias atuais) e “embaixadores” (função que permaneceu na organização do CS), tendo cada um dos termos supracitados uma função específica. Quanto aos posicionamentos e papéis em CS POA, percebemos que os mediadores do grupo de Porto Alegre tinham a função de estimular a participação do grupo em atividades, e também de mediar conflitos, evitar situações de mal estar no grupo, de forma a manter as interações de maneira não conflituosa entre tantos membros de perfis tão díspares, ajudando a manter uma certa ordem e o equilíbrio do grupo – embora alguns moderadores não reconheçam essa função. Com a

---

<sup>55</sup> “Embora tenham a recepção televisiva como alvo, as mediações sistematizadas por Martín-Barbero têm sido empregadas pelos pesquisadores da recepção para a compreensão das interações específicas com outros meios de comunicação ou aos processos mediáticos de modo mais amplo” (COGO, 2011 p.05).

extinção deste papel “oficialmente”, não há mais a figura de um sujeito denominado como mediador, mas ainda existem membros que ocupam essa função, analisando seus posicionamentos diante dos demais sujeitos da comunidade.

As mediações provenientes da cultura regional/local (gaúcha e porto alegreense) são mostradas através de pistas fornecidas por elementos culturais que configuram apropriações – as mobilizações em torno de festas locais típicas e de hábitos culturais locais, por exemplo, e também as negações de elementos de outras culturas. Isso, sem mencionar o linguajar e outras práticas cotidianas que expressam a cultura e que também explicitam elementos simbólicos que compõem a vida comunitária.

Assim, considerando o estudo do conceito de mediações, entendemos não só os processos comunicacionais do nosso objeto de pesquisa, mas os aspectos culturais nele imbricados. Afinal, o próprio Martín-Barbero apontou que “comunicación es cuestión de cultura, de culturas y no sólo de ideologías [...] es cuestión de sujetos, de actores, y no sólo de aparatos y de estructuras [...] es cuestión de producción y no solo de reproducción (MARTÍN-BARBERO, 1993, p.01)<sup>56</sup>. Consideramos nesta pesquisa que a cultura e as identidades culturais constituem a grande e principal mediação configuradora da comunidade CS POA, que é um espaço de intenso entrecruzamento cultural – da cultura e das identidades dos membros da comunidade – e de ancoragem presencial forte. A cultura media as produções comunicativas na comunidade, as quais são atravessadas por lógicas do cenário digital.

García Canclini estabelece uma relação configuradora entre a expansão urbana e a hibridação cultural (entrelaçamento múltiplos fatores e facetas da produção cultural de forma não linear), explicando que já não somos mais sociedades dispersas em micro comunidades no espaço rural com “culturas tradicionais, locais e homogêneas” e “com pouca comunicação com o resto de cada nação”, porque passamos a nos aglomerar em espaços urbanos nos quais “se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.285).

De fato, os desenvolvimentos urbano, tecnológico e comunicacional andaram juntos no processo histórico da humanidade e nos permitiram ter um contato cada vez maior com “o outro”, “o estranho”, “o desconhecido”, permitindo o acesso a uma diversidade cultural até então desconhecida. No entanto, não partimos aqui de uma concepção instrumentalista de que

---

<sup>56</sup> Tradução livre: “comunicação é uma questão de cultura, de culturas e não só de ideologias [...] é uma questão de temas, atores e não apenas equipamentos e estruturas [...] É uma questão de produção e não só de reprodução”.

as transformações socioculturais são mera consequência da implantação de inovações tecnológicas, afinal, a incorporação do aparato tecnológico depende também de questões culturais (MARTÍN-BARBERO, 1987, p.227). De forma que as mediações, mesmo em relação a componentes tecnológicos, são constituídas de aspectos socioculturais.

Assim, diante do contexto de CS POA, no qual culturas se entrecruzam constantemente, abordamos também as identidades culturais, os hibridismos e a interculturalidade para compreender melhor nosso objeto de pesquisa, os processos comunicativos e relações interculturais na comunidade CS POA.

#### **4.2 Identidades Culturais, Hibridismos e Interculturalidade**

A cultura liga-se a uma ideia de campo normativo e configura-se como uma característica comum a um ou mais grupos de indivíduos na busca para melhorar a forma como vivem, é “o conjunto de modelos de pensamento e de conduta que dirigem e organizam as atividades e produções materiais e mentais de um povo, em sua tentativa de adaptar o meio em que vive a suas necessidades, e que pode diferenciá-lo de qualquer outro” (CORTINA, 2005, p.148). De acordo com Bosi (2006, p.309), ela pode ser definida como uma “herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso” e, no que concerne a um significado geral, ainda remete à significação grega do termo *paideia*, sendo “o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência total” (BOSI, 2006, p. 16). Portanto, as condutas e pensamentos que regem uma cultura e que a caracterizam podem estar balizados tanto em práticas mais antigas quanto em adaptações decorrentes de mudanças contextuais. O compartilhamento e a transmissão são imprescindíveis para a construção cultural, tendo em vista que ela é baseada em um processo coletivo, e não de práticas isoladas.

Para Castells (2003, p.34), “a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito”. Dessa forma, podemos associar Castells a García Canclini quando este cita que “as práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.350).

Essa linha de raciocínio no pensamento do conceito de cultura, pensada por Castells e García Canclini, pode ser complementada pelas palavras de Hall (*apud* WOLF, 2008, p.101), que considera a cultura como processo que atravessa cada prática social e “constitui a soma de

suas inter-relações”, não se restringindo a uma prática ou conjunto de hábitos sociais, mas até mesmo chegando a ser considerada um lugar de contestação e de negociações, como menciona Mattelart (2004, p.177). Na comunidade CS POA, é possível perceber tanto conflitos e choques culturais em meio às relações inseridas no coletivo, quanto a interferência do fenômeno dinâmico denominado “globalização” – ou “globalizações”, como explica Boaventura de Sousa Santos:

Parto do pressuposto de que aquilo que habitualmente designamos por globalização são conjuntos de relações sociais. À medida que estes conjuntos se transformam, assim se transforma a globalização. Existem, portanto, globalizações, e deveríamos usar este termo apenas no plural. Por outro lado, as globalizações são feixes de relações sociais, estas envolvem inevitavelmente conflitos e, portanto, vencedores e vencidos (SANTOS, 2008, p.194-195).

É interessante perceber que, quando Cuche (1999, p.136-137) explica que “nenhuma cultura existe em ‘estado puro’, sempre igual a si mesma, sem ter jamais sofrido a mínima influência externa”, ele entende que, apesar de uma cultura ser uma construção de conjunto de práticas de um dado grupo humano, ela sofre modificações ao entrar em contato com outras culturas, passando por um “processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução”. Ainda de acordo com Cuche (1999), “o processo que cada cultura sofre em situação de contato cultural, processo de desestruturação e depois de reestruturação, é em realidade o próprio princípio da evolução de qualquer sistema cultural” (p.137).

As culturas, atualmente, não estão necessariamente restritas a um espaço geográfico – embora se relacionem a elementos provenientes deste espaço –, mas são delineadas também diante dos contextos e da imbricação de cenários que as compõem. As culturas se entrelaçam de forma a se hibridizarem, sobretudo diante do contexto em que vivemos, configurado pela globalização e no qual há constantes interferências das tecnologias e do processo de midiaticização em relação a essas diversas culturas.

A hibridação cultural, na contemporaneidade, é um fenômeno correlacionado aos processos de globalização e de midiaticização. Pensando os processos de hibridação cultural associados às mídias, é possível perceber que as práticas midiáticas são também constituídas por hibridismos, inclusive no âmbito das competências exigidas pelos dispositivos midiáticos. “Essa hibridação penetra também o campo dos relatos, pois a maioria deles sobrevive inscrita no ecossistema discursivo da mídia e colonizada pela racionalidade operativa do dispositivo e saber tecnológicos” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.64).

Associamos o conceito de hibridação cultural ao de mestiçagem – ambos abordam questões acerca de cultura e identidade –, de forma que Martín-Barbero (1987, p.204-205) relaciona a mestiçagem às formas e sentidos que adquirem a vigência cultural das diferentes identidades, remetendo não a algo que já passou, mas que ainda acontece em uma trama de tempos e espaços, de memórias e imaginários, não se restringindo ao âmbito racial. O contato dos sujeitos com os meios de comunicação de massa pode gerar hibridismo cultural.

A hibridação cultural – bastante explorada por García Canclini (2003) – é o enlace de várias facetas da produção cultural de forma não linear, de modo que essa produção não sofreria restrições geográficas ou de localização, mas apresentaria variações, interconexões entre cenas do local no qual se expressa e cenas de outros locais não necessariamente próximos (em termos geográficos): “[...] entiendo por hibridación procesos socioculturales en los que estructuras o prácticas discretas, que existían en forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y prácticas” (GARCÍA CANCLINI, 2003, p.02)<sup>57</sup>.

García Canclini ainda afirma que as construções linguística e social do conceito de hibridação colaboraram para o abandono de discursos biologicistas e essencialistas quanto à identidade, a autenticidade e a pureza cultural, de forma que a hibridação aparece como conceito que permite leituras abertas e plurais das mesclas históricas (GARCÍA CANCLINI, 2003, p.10). E este autor ainda incursiona na abordagem da mestiçagem em sua dimensão cultural das combinações identitárias, de modo a definir a noção cultural de mestiçagem como uma mistura de hábitos, crenças e formas de pensamento europeus com os originários das sociedades americanas (GARCÍA CANCLINI, 2003, p.10).

No caso da comunidade CS POA, foco desta pesquisa, configura-se um espaço propício a hibridações, se levarmos em conta que ela surgiu em uma rede que incentiva o intercâmbio cultural, as viagens, a receptividade em relação a outras culturas. E, assim, CS POA vai formando uma comunidade intercultural, na qual os sujeitos estão expostos a hibridismos e a outras experiências culturais, reafirmando características e hábitos do local em que vivem (havendo um confronto de culturas), de forma a multifacetar ainda mais sua identidade cultural<sup>58</sup>. E é justamente nessa reafirmação identitária local (cujas pistas foram coletadas durante as pesquisas exploratória e sistemática), diante desse objeto tão complexo,

---

<sup>57</sup> Tradução livre: [...] Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam separadamente, são combinadas para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

<sup>58</sup> A noção de hibridação cultural proposta por Canclini traz consigo uma ruptura e uma complexificação quanto ao que se entende por cultura. E o conceito de identidade é tão complexo quanto o de cultura. Considera-se aqui identidade cultural o conjunto de características pertencentes aos indivíduos e às formações coletivas. Essa identidade é, por si só, multifacetada e em constante transição.

que consideramos pertinente discutir o conceito de hibridação proposto por García Canclini para entender CS POA e questionamos o fato de ele afirmar que “as identidades coletivas encontram cada vez menos na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco constitutivo” (1997, p.288). Essa especificidade discutida pelo autor não se apresenta deste modo no caso do nosso fenômeno empírico, tendo em vista que elementos da identidade cultural gaúcha e porto alegreense são muito importantes no delineamento da identidade da comunidade estudada, como observamos nas fases exploratória e sistemática de pesquisa.

Ratificamos, na pesquisa sobre a identidade do grupo CS POA, a importância de “entender como a dinâmica própria do desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.308), no caso, como a dinâmica própria do ambiente digital – concretamente representado pelo site do *Couchsurfing* e suas interconexões com o *Facebook* – e configura as dinâmicas da comunidade, também constituída nas relações comunicativas presenciais. E, além disso, concordamos com García Canclini, quando ressalta as peculiaridades de cada tecnologia e de cada grupo de receptores: da mesma forma que “há tecnologias de diferentes signos, cada uma com várias possibilidades de desenvolvimento e articulação com as outras” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.308), consideramos a rede social CS de maneira diferenciada de outras redes virtuais, com possibilidades de apropriação diferentes e exigência de competências específicas aos sujeitos. A depender do perfil desses sujeitos, a hibridação também não se dá de maneira igualitária.

Sobre as características da hibridização cultural, Faxina explica que:

[...] essa nova cultura nem tem tanto de “novo”; surge a partir de excertos das diversas culturas que se cruzam e entrecruzam no espaço urbano, conformando um novo a partir dos retalhos, não enquanto sobra, mas enquanto possibilidades de apreensão, de assimilação. Vai se formando uma hibridização cultural (ORTIZ, 1994) possível aqui e acolá, a partir das legitimações próprias de cada cultura possibilitada pelos meios massivos, pelo mercado e pelas tecnologias. Uma cultura hibridizada, em que pensá-la é um desafio permanente, especialmente para grande parte da sociedade que ainda se compreende por parâmetros da modernidade, onde as categorias com que se manejavam no cotidiano eram sólidas, duradouras e sua velocidade de transformação durava gerações (FAXINA, 2012, p.131).

A comunidade CS POA – bem como outras comunidades que surgiram a partir dos grupos da rede social *Couchsurfing* –, inserida neste cenário de hibridação cultural e de múltiplas conexões entre a cultura gaúcha e diversas outras culturas, é potencial representante do “aumento exponencial das interações trans-fronteiriças”, citado por Santos (2008, p.216). Essas interações trans-fronteiriças seriam formadas por diversos processos migratórios,

inclusive de turistas (como no caso do CS) e gerariam “novas formas de mestiçagem, de antropofagia e de transculturação em todo o mundo” (SANTOS, 2008, p.216).

A presença de novos objetos simbólicos, como a comunidade virtual, o hipertexto e a telepresença apontam para uma nova forma de percepção, de pensamento, de mentalidade que vincula novas formas de tempo e de espaço aos indivíduos e às coletividades: uma nova cultura também concebe novos sujeitos, novas formas de união entre indivíduos e entre sujeitos e objetos (GALINDO CÁCERES, 1997, p.20). Diante de um cenário cada vez mais imbricado pela tecnologia e com tantos entrecruzamentos culturais, entendemos que emergem novas modalidades de relações e novas concepções de cultura. García Canclini pensa que “as culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis e, portanto, desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das 'grandes obras', ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada” (1997, p.304). Em meio a esse processo, emerge a questão das territorialidades: “a perda da relação 'natural' da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.309). Sobre isso Elson Faxina complementa:

Com relação à forte característica cultural da sociedade contemporânea, é importante destacar que vivemos um contexto muito diferente daquele de poucas décadas atrás. Temos uma sociedade permeada pela *hibridização* cultural (GARCÍA CANCLINI, 1998) e midiática, com o forte uso da internet (MARTÍN-BARBERO, 2002) e suas derivações em redes sociais, mas não resolvemos questões mais antigas, como a dos espaços democráticos de interlocução na sociedade (FAXINA, 2012, p.130, grifos do autor).

García Canclini propõe que “hoje todas as culturas são de fronteira” e que “as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (1997, p.348). Em relação à pesquisa que empreendemos sobre a comunidade CS POA, concordamos com este autor quanto aos ganhos proporcionados pela hibridação cultural e a perda da relação exclusiva com o território. No entanto, é necessário ressaltar que essa perda de relação exclusiva não implica em uma perda de relação (total) com o território.

No contexto da comunidade CS POA, os fluxos de elementos simbólicos pertencentes a diferentes culturas são intensos e dinâmicos. Conforme nos indicam dados da pesquisa empírica, relacionados aos ambientes digital e presencial, não há como descartar situações de imposição cultural e uma enorme relevância da cultura gaúcha dentro da comunidade que, por

sua vez, é formada por sujeitos de diferentes origens, com diversas bagagens culturais e trajetórias distintas de vida. É interessante perceber que pode haver uma desnaturalização de elementos da cultura gaúcha por parte dos membros quando eles estão em contato com outros sujeitos que não são do Rio Grande do Sul (ou de Porto Alegre), de forma que eles mesmos conseguem distinguir e explicar como se organizam algumas práticas culturais gaúchas que porventura são desconhecidas ou provocam estranhamento em outros lugares do país (e do mundo). A cultura gaúcha é um referente forte entre os integrantes da comunidade, até porque boa parte das atividades presenciais do grupo tem como cenários Porto Alegre e o Rio Grande do Sul, mas as práticas do grupo são diferenciadas diante da intensa hibridação cultural e da coexistência de tantas culturas na comunidade, e no *Couchsurfing* de maneira geral – o que por vezes leva à minimização de preconceitos e à tendência em promover uma relação de respeito em relação ao que é visto como alteridade, mas isso não acontece sempre.

É interessante pontuar que o sentimento de respeito e a interação saudável entre culturas não são perceptíveis na totalidade de interações, hibridações e contatos entre matrizes culturais distintas no âmbito da comunidade CS POA, mas que parece existir um esforço em alcançá-los dentro do grupo, pelo que observamos durante o processo investigativo.

É perceptível que o conceito de identidade é – como o de cultura – bastante complexo para ser definido. Uma identidade é muito mais que um documento de identificação (no caso brasileiro) ou uma característica em comum que permite uma comparação quanto à natureza de objetos e seres. A construção identitária se dá por meio de distinções, de relações com as alteridades (HALL, 2000; BONIN, 2011a) envolvendo “contextos e dimensões relacionais que conformam estes âmbitos de alteridade” (BONIN, 2011a, p.151).

Sabemos que as concepções acerca da definição de identidades culturais vêm transformando-se ao longo do tempo, já que não são mais dadas pelas condições nas quais a pessoa nasce, tampouco de maneira impositiva, mas, sobretudo, pelo que o sujeito assume (CORTINA, 2005, p.155). “A identidade não nos é dada, mas a negociamos – daí a importância das lutas sociais empreendidas para obter o reconhecimento dos outros significativos” (CORTINA, 2005, p.156).

Essas negociações que ocorrem no entorno da construção social da identidade nos levam a percebê-la não como pura, mas como heterogênea – de forma semelhante à heterogeneidade presente em qualquer grupo social. “Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma identidade unidimensional. O caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade. É isto que dificulta a



definição desta identidade” (CUCHE, 1999, p.192). A definição ou delimitação identitária é complexificada e, simultaneamente, flexibilizada pelo caráter multidimensional e dinâmico das identidades, de forma que “a identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações” (CUCHE, 1999, p.196).

Hall (2003, p.08) percebe as identidades culturais como aspectos identitários que “surgem do nosso 'pertencimento' a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Oliveira (2010), além de relacionar a identidade cultural ao compartilhamento de “patrimônios comuns” (língua, religião, artes, trabalho, esportes, festas etc.), acrescenta que ela é um “processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço”.

De ser único, pleno, o sujeito social passou a ser compreendido a partir de uma identidade multifacetada – ou a partir da capacidade de congregar várias identidades. Hall (2003) explica que as “velhas identidades”, as quais estabilizaram o mundo social por muito tempo, estão em processo de declínio: novas identidades estão surgindo e o indivíduo deixou de ser visto como ser unificado para ser tratado como fragmentado. A “crise de identidade” é parte de uma mudança maior “que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2003, p.07).

A crise de identidade pode ser, pelo menos em parte, explicada na capacidade de as identidades se contradizerem, cruzando-se ou deslocando-se mutuamente. Essas contradições podem atuar tanto na sociedade e nos grupos sociais, quanto no interior da mente dos indivíduos, não havendo possibilidade de constituição de uma “identidade singular” que alinhe diferentes identidades e consiga abranger em uma “identidade mestra” todos os interesses sociais dos indivíduos (HALL, 2003, p.20).

Miranda e Simeão (2003, p.69), assim como Hall, abordam a questão da contradição relacionada às identidades:

Também é válido ressaltar que as identidades são contraditórias e que as pessoas participam de várias simultaneamente, em combinações às vezes conflitantes, tais como ser mulher, pobre, homossexual e negra ao mesmo tempo. Vale também dizer que essa identidade muda com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, e que sua identificação nem sempre é automática, que ela precisa ser conquistada e que pode ser alienada politicamente.

Já foi dito com muita propriedade que, em vez de se falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de uma *identificação*, de um

processo, e que essa identidade nunca é plena dentro dos indivíduos, ao contrário, ela precisa ser "preenchida" e desenvolvida.

Com a globalização, não é possível ver nitidamente os contornos das identidades culturais, já que estão inseridas em contextos marcados pela fluidez e pela mobilidade. É possível pensar em identidades construídas e temporárias, preservando a diversidade e a multiplicidade próprias da cultura (OLIVEIRA, 2010), mas considerando tanto sua possibilidade de diversificação e de entrincheiramento, quanto suas tendências de fixação.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas "raízes" ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema (HALL, 2003, p.88).

Se antes os mapas culturais condiziam com os geográficos, atualmente percebemos uma dissolução desse cenário por vezes rígido e definido, na formação de um contexto que preza pela multiplicidade e pela preservação da diversidade. São perceptíveis no mundo globalizado tentativas de fortalecimento de identidades locais, mesmo que nem sempre de maneira elogiável. Oliveira (2010) explica que, para alguns sujeitos, afirmar identidades duras constitui-se enquanto meio de apaziguar e tentar impedir a fluidez das sociedades contemporâneas. Isso pode resultar em "manifestações extremadas, em que nacionalismos, fundamentalismos, xenofobias, preconceitos, são ressuscitados e lutas sem fim são travadas em nome da preservação de identidades".

A defesa de crenças, tradições e traços identitários pode contribuir de maneira relevante para preservar a memória e as peculiaridades de uma sociedade, porém também pode ir de encontro a valores universais que preservam a dignidade humana. Oliveira (2010) cita exemplos como "a subordinação da mulher em diferentes culturas, a circuncisão feminina, o cerceamento da liberdade individual", para ilustrar situações nas quais a proteção da identidade cultural local e os direitos dos seres humanos entram em conflito. No entanto, se levarmos em consideração que a cultura e os costumes também se modificam ao longo do tempo, de acordo com os diversos contextos nos quais se inserem, entende-se que qualquer possibilidade de conflito não anula a necessidade de preservar a variedade de identidades culturais que coexistem no planeta.

Esse quadro relativo à identidade cultural não se manifesta apenas no chamado mundo subdesenvolvido ou em desenvolvimento. Países do primeiro mundo vêm na preservação da identidade nacional o instrumento decisivo para autocapacitação não apenas em assuntos culturais como científicos e tecnológicos, com suas claras dimensões econômicas. Medidas de exceção são formuladas para proteger a cultura local em suas mais variadas formas e, mais que isso, é resguardado o próprio idioma nacional, que condensa uma visão de mundo específica – aquela supostamente mais adequada a dar conta de um determinado modo de vida, com seus valores e significados (MIRANDA; SIMEÃO, 2003, p.71).

Enxergando a questão sob o ângulo de Miranda e Simeão (2003, p.70), o processo globalizador pode ser uma “ocidentalização dos valores culturais de nossos tempos”, mas também pode oferecer força à “proliferação de identidades locais” – já que pode democratizar e conferir espaço a várias culturas, oferecendo oportunidade para que até as mais isoladas mostrem suas manifestações.

Hall (2003, p.75) chama atenção para o fato de que a mediação pelo mercado global promove o confronto entre diversas identidades, alimentando a ilusão de que podemos fazer uma escolha, a partir de um discurso de consumismo global que reduz as identidades a características específicas. Mas este autor também considera o efeito pluralizante da globalização sobre as identidades, assim como a possibilidade de ela estimular o fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades (2003, p.84).

Compartilhamos também a ideia de identidade proposta por Martín-Barbero que não se atém mais às raízes, memórias, costumes e territórios, mas que transpõe esse estereótipo ultrapassado: “[...] falar de identidade hoje implica também – se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente – falar de migrações e mobilidades, de redes e fluxos, de instantaneidade e fluidez” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.61).

No caso de CS POA, essa identidade à qual Martín-Barbero se refere, conectada e móvel, constituída também a partir de redes e fluxos instantâneos e fluidos, se exprime, entre outras formas, por meio dos perfis criados em redes sociais e comunidades virtuais. Santaella (2013) explica que os perfis são espécies de extensões dos indivíduos conectados. Esses perfis seriam integrantes da identidade dos sujeitos e funcionariam como estandartes que representam as pessoas que os mantêm. Para Santaella, a criação de uma identidade digital do indivíduo é também um incentivo à agregação de várias identidades a esse processo – a própria administração de conteúdos e postagens de um perfil nas redes sociais já sinaliza para

uma multiplicidade identitária por meio do compartilhamento de informações e opiniões diversas acerca de variados temas que interessam o sujeito que mantém esse perfil.

É interessante também pensarmos na gestão da identidade dos indivíduos face ao digital. Nas redes sociais, é possível selecionar o que é mostrado e para quem é mostrado dentre os círculos sociais do sujeito. O digital se articula e incide, direta ou indiretamente, sobre as negociações identitárias e sobre como se dão os atravessamentos e/ou embates culturais.

No caso do *Couchsurfing* e do *Facebook*, a equipe gestora de cada site tem “controle” sobre as informações deixadas nos perfis dos membros e pode fazer uso delas segundo sua conveniência. No entanto, ao deixar de ser parte de algum dos sistemas ou de algum dos espaços digitais de CS POA, um membro que porventura exclua sua conta pode continuar fazendo parte da comunidade, já que ela não se restringe ao site do CS e ou do *Facebook*.

Na pesquisa empírica, principalmente diante da reconfiguração do espaço virtual de CS POA no site do *Couchsurfing*, foi possível perceber que há tensões entre os sujeitos na comunidade para determinar um vínculo de referência entre seus membros. Ao mesmo tempo em que a identidade do grupo é heterogênea e plural, ela também reúne elementos comuns aos sujeitos: são indivíduos adeptos ao *Couchsurfing* e que possuem um vínculo com Porto Alegre – então, mesmo que um sujeito queira vincular-se à comunidade e interagir somente via *Facebook*, que também é um dos espaços da comunidade no ambiente digital, esse indivíduo não é considerado, a princípio, integrante de CS POA, que é uma comunidade de *couchsurfers*.

Mesmo sendo uma comunidade ancorada no interesse comum de intercâmbio de culturas, é perceptível que as interações de sujeitos gaúchos com outros, provenientes de fora do Rio Grande do Sul, são caracterizadas por um enaltecimento de características locais, para uma posição mais defensiva em relação às coisas da cultura de Porto Alegre do que dialógica. Por outro lado, os membros da comunidade, sejam gaúchos ou não, demonstram interesse por conhecer melhor e entender aspectos culturais de alteridade – o que está ligado a um horizonte e uma potencialidade de cidadania em CS POA.

#### **4.2.1 Marcas Culturais Gaúchas**

Dentre as inúmeras culturas e identidades culturais que atravessam CS POA e seus membros, as culturas e identidades gaúchas e de Porto Alegre estão entre as mais importantes

para nossa investigação. Elas ajudam a moldar o contexto e os cenários digital e presencial da comunidade, interferindo em práticas e discursos produzidos em âmbito comunitário.

Acreditamos que as manifestações culturais gaúchas são fortes, daí vem a ideia de que o gaúcho é “bairrista”. No entanto, essa força cultural pode tanto atravessar elementos de autoafirmação de CS POA quanto práticas e atitudes que envolvam a negação de elementos culturais não gaúchos – podendo se tornar um obstáculo ao potencial de cidadania cultural e comunicativa da comunidade.

Em um contexto de crise econômica, o próprio termo “gaúcho” – antes pejorativo – foi ressemantizado: “um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo sendo transformado em símbolo de identidade do Estado” (OLIVEN, 1993, p.25). Os discursos que surgiram sobre o que seriam as tradições gaúchas, a invenção de símbolos, o surgimento de grupos tradicionalistas e de Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) que se espalharam pelo país e pelo mundo, somados à preocupação em renovar o movimento e transmitir valores para as gerações mais novas, foram fatores imprescindíveis para que a identidade gaúcha se tornasse o que ela é atualmente (FREITAS; SILVEIRA, 2004).

Brignol (2004) explica que a identidade cultural gaúcha (ou suas muitas identidades) é marcada por demandas distintas (ética, mercadológica, de gênero e de classe) e “revela-se numa pluralidade de filiações, possibilidades e vivências, sendo a tradição um dos seus fortes elementos constituidores, caracterizada por constantes negociações entre múltiplos modos de ser gaúcho. Essa pluralidade encontra-se também na Internet” (p.01). Os sujeitos expressam e vivem essa identidade gaúcha na internet, que, nunca foi fixa e agora parece ganhar outras dinâmicas (BRIGNOL, 2004), sobretudo se pensarmos no confronto entre essa e outras identidades que circulam nas redes.

Haussen (2006) afirma que a identidade gaúcha gera muitas discussões e inquietações além das fronteiras do Rio Grande do Sul: “o tema é recorrente e tem intrigado pela força desta identidade que se apóia na figura de um gaúcho mítico, oriundo do pampa, região fronteira entre Brasil, Argentina e o Uruguai. Uma figura masculina e rural e que representa apenas parcialmente os componentes da sociedade riograndense” (HAUSSEN, 2006, p.05). O machismo, a força e preponderância da figura masculina são marcas culturais de uma identidade constituída por questões políticas, já que os gaúchos constituíram uma República antes do restante do Brasil, determinante na imagem de um povo que luta por seus direitos (DAMATTA, 2003; HAUSSEN, 2006).

Oliven (1992) ressalta que o vínculo de pertencimento do gaúcho com sua região ultrapassa a ideia de nacionalidade: "só se chega ao nacional através do regional, ou seja, para eles só é possível ser brasileiro sendo gaúcho antes" (p.128). Quase toda comparação identitária entre o Rio Grande do Sul e o restante do país levará em conta o “passado rural” e a “figura do gaúcho” que os distiguem (OLIVEN, 1992).

Alguns elementos culturais gaúchos reconhecidos, como as “imagens de cavaleiros gaúchos pilchados”<sup>59</sup> e o monumento “O Laçador”<sup>60</sup>, são referenciados constantemente pelos gaúchos em sua definição simbólica do que é ser gaúcho, do que é típico de sua terra. Um exemplo da força desses elementos é que eles foram escolhidos para compor representações visuais de Porto Alegre no Encontro Nacional do CS em 2013: alguns acessórios da pilcha masculina (lenço e chapéu) ajudaram a compor a arte dos *buttons* (broches personalizados com uma pequena imagem) distribuídos aos visitantes da cidade na ocasião do encontro, o lenço estava presente nas camisas personalizadas e o Laçador estava em destaque, centralizado, no banner de boas vindas – em uma composição com outros “pontos turísticos de Porto Alegre”, com o desenho do estado do Rio Grande do Sul e com as cores da bandeira gaúcha, como mostramos na figura a seguir.



Figura 12: Artes do banner de boas vindas, da camisa com a figura de um lenço típico da pilcha masculina em sua composição, e do *button*, respectivamente. Fonte: Elaboração própria (montagem de artes gráficas elaboradas por membros de CS POA).

<sup>59</sup> Traje ou modo de vestir típico do gaúcho, composto por bombacha e seus complementos (camisa, lenço, gaiaca, bota, chapéu) para homens e vestido de prenda para mulheres (BOSSLE, 2003, p. 398).

<sup>60</sup> “Monumento que mostra o gaúcho em sua vestimenta típica campeira, criado pelo escultor Antônio Caringi e inaugurado em Porto Alegre em 1954. É considerado um dos símbolos do Rio Grande do Sul” (BRIGNOL, 2004, p.03) e é um símbolo também da cidade de Porto Alegre.

Também é comum que os gaúchos enalteçam sua linguagem regional, enfatizando seus regionalismos e “expressões gauchescas, termos adaptados do espanhol, adágios e analogias” (BRIGNOL, 2004, p.04). Embora os sotaques rio grandenses e as expressões tipicamente gaúchas configurem muitas interações no âmbito de CS POA, percebemos também que há uma disposição em explicar o que essas expressões significam para quem vem de outros lugares, bem como há, por vezes, um cuidado em não abusar delas em interações que envolvam sujeitos de outras regiões e/ou países, para não oferecer obstáculos à comunicação. Mas em eventos como churrascos ou em encontros em parques de Porto Alegre para tomar chimarrão – que são dois elementos fortes na cultura de POA e do RS –, percebemos que há uma constância maior de brincadeiras e manifestações que envolvam essas expressões típicas.

Em âmbito digital, essas expressões se manifestam textualmente na rotina da comunidade. Nas postagens, comentários e compartilhamentos de conteúdo nos espaços digitais de CS POA é comum encontrar expressões gaúchas e porto alegrenses como “bah”, “tri”, “afudê”, “Redença”, “findi” etc.

Diante de processos como a mídiatização e a globalização, promovendo cada vez mais interações e contatos entre culturas diferentes, a construção identitária do gaúcho mostra-se desafiadora. De maneira similar a Brignol (2004, p.08), é possível encontrar em CS POA práticas que excluem sujeitos que não compartilham a mesma vinculação com a identidade gaúcha. A busca por suas raízes somada à percepção ampliada de sua identidade expande também a percepção das diferenças, da alteridade, mas nem sempre possibilita compreender o outro à medida de sua diferença, podendo resultar em práticas de preconceito (HAUSSEN, 2006, p.06).

Jacks ressalta que, no “mito do gaúcho”, um tipo passou a identificar o gaúcho ideal, impondo-se como padrão de comportamento (1998, p.21). O gaúcho mítico e heroico foi naturalmente determinado a ser “rude, forte e corajoso” (LAMBERTY, 2000, p. 16) de maneira similar ao mito do gaúcho uruguaio. A pesquisadora afirma que há dificuldade em definir a identidade gaúcha “porque estão em jogo diversos agentes desta construção, como o Estado, os meios de comunicação, a escola, os Centros de Tradição Gaúcha, e as práticas culturais como um todo” (JACKS, 1999, p.86). Sobre isso, Freitas e Silveira (2004, p.267) explicam alguns aspectos de como o discurso mítico acerca do gaúcho é afirmado:

A figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve sua constituição, sua invenção,

forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Os discursos e dispositivos pedagógicos da escola, da mídia, e as comemorações e artefatos do nosso cotidiano, interpelam sujeitos, “convidando-os” a tornarem-se gaúchos e gaúchas de acordo com a representação contida nesta figura mítica. Associada a essa figura está a idéia de nação gaúcha, a qual obteve, durante o período da Revolução Farroupilha (1835-1845), uma concretude cuja visibilidade se estende até os dias de hoje.

A nação gaúcha é uma formação discursiva que surgiu atrelada a uma história regional do Rio Grande do Sul, a qual seleciona e narra algumas das lutas ocorridas no território sul-rio-grandense, além de descrever a região, seus aspectos físicos, geográficos e humanos, como se fossem transcendentais.

A identidade mítica gaúcha é corroborada por instituições sociais como a mídia e a escola na tentativa de identificar o gaúcho contemporâneo a essa ideia idealizada do rio grandense como homem do campo, de tradições fortes e que luta pela sua terra – mesmo que esse não seja o perfil da maioria dos gaúchos. A pilcha feminina, por exemplo, é um tipo de vestuário que não atende às necessidades inclusive da gaúcha do campo, por mais idealizada que ela seja, se restringindo a uma peça de roupa que é utilizada em dias festivos e em reuniões de grupos tradicionalistas.

Em CS POA, apesar da tendência ao respeito e à integração de culturas, há uma influência bastante forte das culturas gaúchas e porto alegrenses. As tradições gaúchas são mostradas muitas vezes como uma das melhores características de Porto Alegre aos seus visitantes e turistas, em 2013 houve até um *meeting* especial em um piquete do Acampamento Farroupilha – uma das principais festas culturais gaúchas e talvez a mais cultuada entre os tradicionalistas. Como explicaremos melhor no capítulo analítico interpretativo dos dados da pesquisa sistemática (capítulo 6), esses atravessamentos do tradicionalismo gaúcho na comunidade também podem se impor diante de outros elementos culturais exteriores ao gauchismo, como o fato de cariocas não poderem tocar funk para dançarem em um churrasco feito dentro de um CTG, durante o Encontro Nacional.

#### **4.2.2 Cultura da Hospitalidade: Diferentes Possibilidades de Acolhida**

A hospitalidade é um conceito característico de nossa realidade referencial. CS POA é uma espécie de comunidade hospedeira cujos fluxos e interações, presenciais e digitais, são articulados por um norte de hospitalidade. O “espírito *couchsurfer*” e a vontade de ampliar experiências culturais foi, inicialmente, o que reuniu boa parte dos membros ativos da



comunidade, embora nem todas as interações estejam condicionadas à recepção e à acolhida de viajantes.

Walker explica que a ideia de hospitalidade surgiu junto com a civilização, desenvolvendo-se desde o costume de dividir comida com estranhos que estavam de passagem, “até as complexas operações dos multifacetados conglomerados de hospitalidade de nossos dias” (2002, p.04). As primeiras referências surgiram nos antigos impérios grego e romano, mas a palavra em si originou-se com o termo *hospice* (asilo, albergue), que significava em francês auxiliar ou abrigar viajantes, e ganhou força quando as atividades comerciais se fortaleceram – os comerciantes contavam apenas com a boa vontade e a hospitalidade dos habitantes das regiões onde passavam em suas longas viagens (WALKER, 2002, p.04-05).

As tavernas e estalagens também eram conhecidas por simbolizar hospitalidade e, durante a Idade Média, os nobres ficaram conhecidos por sua hospitalidade oferecendo grandes jantares para centenas de pessoas (WALKER, 2002).

A hospitalidade está ligada a trocas simbólicas e se “refere ao ato de acolher, de receber um hóspede em casa. Ser hospitaleiro significa hospedar bem àquele que não é da nossa família. Urna lógica da amabilidade parece permear no sentido do termo. O homem gentil, hospitaleiro, prepara a chegada do outro e o recebe” (PÉREZ, 2007, p.44). No entanto a hospitalidade também é permeada por acordos e regras entre quem recebe e quem é recebido. “A hospitalidade é uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis [...] gentilezas, festins, ritos, danças e festas”, não se restringindo a bens de consumo (MONTANDON, 2003, p.132).

O hóspede precisa se adequar às regras da casa de seu anfitrião, por exemplo, mas o anfitrião não pode impor culturalmente seus costumes sobre os do hóspede. No caso dos membros de CS POA, a acolhida é feita de forma respeitosa, tentando apresentar o cenário porto alegre em seus mais variados aspectos ao visitante, mas às vezes os atravessamentos e as marcas de culturas distintas podem se contrapor e entrar em conflito. Percebemos a relação de hospitalidade como bastante tênue e delicada, pois há um desejo de inserir o visitante na cultura do hospedeiro, mas isso não pode gerar um apagamento cultural do outro.

Em CS POA, a hospitalidade vai muito além de oferecer pouso para alguém, mas significa acolher, ajudar, fazer com que o outro se sinta confortável em um ambiente que não é o seu.

Se hospitalidade associa-se, também às manifestações gentis expressas entre anfitrião e convidado, seja no modo de falar (agradecer um convite, elogiar um prato bem feito, por exemplo), seja no modo de agir (um cumprimento caloroso, um aperto de mão firme manifestando a satisfação do encontro ou reencontro, a disponibilidade manifesta em ofertar o lugar para outro sentar-se, entre outros), todos esses códigos verbais e não-verbais resultam em uma relação harmônica e saudável entre os convivas, na qual se prioriza a preocupação com o outro e o seu bem estar (ACOSTA; BASTOS, 2012).

Acosta e Bastos (2012, p.02) ressaltam que “receber bem o hóspede é um dever do anfitrião, gesto valorizado em todas as sociedades. Porém, a forma como cada sociedade recomenda o tratamento ao hóspede/convidado, é domínio da etiqueta”. A cultura do receber varia conforme os lugares e as culturas hospedeiras, conforme as relações que são moldadas ali naquele cenário.

O termo “hospitalidade” hoje é bastante utilizado para definir a relação comercial entre turistas/clientes e estabelecimentos/profissionais especializados na área de Turismo. De acordo com Walker (2002), o desenvolvimento do processo civilizatório não foi acompanhado pela cultura da hospitalidade no século XIX (p. 15).

### 4.3 Cidadania Cultural e Comunicativa

Em um contexto permeado pela interculturalidade e por identidades culturais cada vez mais complexas, surgem demandas diferenciadas para o alcance da cidadania e para o desenvolvimento de ações alternativas de gestão cidadã. A cidadania deixou de ser vista apenas do ponto de vista do campo jurídico, expandindo-se também para as dimensões social, econômica, política, cultural, civil e comunicacional, relacionando-se especialmente com “a afirmação das diferenças, com as políticas de reconhecimento e de promoção da diversidade cultural” (BONIN, 2011a, p.154).

Quando o conceito de cidadania foi elaborado, estudar os aspectos jurídicos, políticos eram importantes, mas o termo cidadania não se restringe a isso (MALDONADO, 2011a). Foram construídos modos de vida e aspectos culturais diferentes e complexos nas sociedades do globo terrestre, de forma que a plena cidadania já não se refere apenas a aspectos políticos e jurídicos, nem somente a direitos. Hoje, já há pesquisadores se debruçando sobre as questões de cidadania cultural e comunicativa<sup>61</sup>, de cidadania científica e é perceptível

---

<sup>61</sup> “O processo de reconstrução do conceito de *cidadania* torna necessária a subversão da noção de *cidadania liberal*, que vai reduzir o conceito aos marcos da vida jurídico política burguesa, moderna, capitalista. Para ampliar e aprofundar a noção de *cidadania* é pertinente enriquecê-la com a inserção da categoria *cultura*, tanto

atualmente uma emergência de comunicadores digitais hegemônicos organizando manifestos em prol de causas coletivas. Isso já é um reflexo de um movimento que resultará na inclusão de expressiva parte dos seres humanos na cultura digital em um curtíssimo período (MALDONADO, 2013).

Nesta pesquisa, nos interessou trabalhar perspectivas acerca da cidadania que configurassem um horizonte para pensar as relações entre sujeitos de diferentes culturas na comunidade CS POA. Santos (2008, p.221) argumenta que “a aspiração ao multiculturalismo e à autodeterminação assume, com frequência, a forma social de uma luta pela justiça e pela cidadania culturais, envolvendo exigências de formas alternativas de direito e de justiça e de novos regimes de cidadania”.

Foi bastante produtivo à nossa investigação abordar a cidadania, principalmente em sua dimensão cultural e comunicacional, para compreender como essas relações interculturais podem se estabelecer em processos comunicacionais presenciais e virtuais na comunidade. Dessa forma, foi necessário aprofundarmo-nos nos conceitos de cidadania comunicacional e cultural e articulá-los ao contexto da comunidade pesquisada.

De acordo com a distinção entre “homem” e “cidadão” elaborada por Rousseau, “o homem, em sua totalidade, deseja ser feliz, a felicidade é seu objetivo; o cidadão, aquele que é membro de uma sociedade, espera dela que lhe faça justiça, que coloque a sua disposição os bens imprescindíveis para poder levar adiante, por sua conta e risco, um projeto de vida feliz” (CORTINA, 2005, p.23). O cidadão, portanto, leva em conta uma conjuntura social que lhe dê subsídios e condições de construção da felicidade. E, ao falar de justiça, Cortina não se refere apenas à justiça procedimental, mas engloba também “o sentido e a felicidade que se encontram nas comunidades” (2005, p.26), levando em consideração, assim, o horizonte de respeito mútuo e de construção de laços a partir da articulação entre os conceitos de comunidade e cidadania.

Cortina (2005) convida a entender a cidadania enquanto conceito que se complexificou no decorrer do tempo, principalmente diante da emergência de relações sociais e comunitárias mais complexas e heterogêneas. A autora também expõe a necessidade de elaboração de uma “teoria da cidadania” que leve em conta tanto os direitos individuais dos sujeitos quanto condições inerentes à suas associações comunitárias:

---

no seu núcleo compreensivo quanto no seu processo constitutivo. [...] Compreende-se que a introdução do *componente cultural* nas problemáticas de *cidadania* permite problematizar processos como as diásporas, as migrações, as miscigenações, as transculturações (BAUMAN, 2005; 2004; HALL, 2003) e as distintas formas e modos de produção comunicativa na dimensão de cidadania” (MALDONADO, 2011, p.03-04).

A cidadania é um conceito mediador porque integra exigências de justiça e, ao mesmo tempo, faz referência aos que são membros da comunidade, une a racionalidade da justiça com o calor do sentimento de pertença. Por isso, elaborar uma teoria da cidadania ligada às teorias da democracia e justiça, mas com uma autonomia relativa diante delas, seria um dos desafios de nosso tempo. Por que uma teoria como essa poderia oferecer melhores argumentos para sustentar e fortalecer uma democracia pós-liberal também no nível das motivações: uma democracia em que se encontrem as exigências liberais de justiça e as comunitárias de identidade e de pertença (CORTINA, 2005, p.27-28).

Compartilhamos da visão de Adela Cortina (2005) ao entendermos que o sentimento de cidadania dentro de uma comunidade serve de estímulo para que sejam promovidas ações em benefício de todos, de forma que existem neste pensamento dois lados: “o lado 'racional', o de uma sociedade que deve ser justa para que seus membros percebam sua legitimidade, e o lado 'obscuro', representado por esses laços de pertença que não escolhemos mas já fazem parte da nossa identidade” (CORTINA, 2005, p.27). A identidade dos sujeitos conta com “a igualdade de todos os cidadãos em dignidade; mas conta também com esses elementos específicos de cada indivíduo e de cada comunidade étnica, religiosa ou nacional as quais pertencem, e que são os que lhes propõem formas de vida boa” (CORTINA, 2005, p.25).

Acerca da relação entre cidadania e os laços de pertença, Faxina (2012) argumenta a favor de uma cidadania enquanto constituinte do sujeito e extensiva a ele:

Aqui se apresenta um eixo importante das discussões em torno de uma nova teoria da cidadania: o reconhecimento do cidadão como sujeito desse processo de conquista da cidadania, sentindo-se parte dele, pertencente a ele; e o cidadão só se sente parte daquilo que faz parte dele, que é quase a sua extensão. Um conceito de cidadania forjado na luta – portanto, ativa - e a partir da comunidade traz em seu ventre o germe do pertencimento (FAXINA, 2012, p.96).

O conceito de cidadania não é menos complexo que os de identidade e de cultura, porque é impossível agregar as diversas facetas da cidadania em uma definição simplista. Cidadania é fruto de um processo em construção e, de acordo com Cortina, passa pelas educações formal e informal, de forma que “aprendemos a ser cidadãos, como aprendemos tantas outras coisas, mas não pela repetição da lei de outros e pelo castigo, e sim chegando a ser mais profundamente nós mesmos” (CORTINA, 2005, p.30).

A cidadania estaria, dessa forma, imbricada a um processo de reconhecimento do sujeito por ele mesmo, mas também estaria ligada a um reconhecimento respeitoso do outro (daquilo que se constitui enquanto alteridade) em sua diferença, de forma que todos se

sentiriam importantes e pertencentes ao ambiente comunitário, mesmo diante das heterogeneidades:

Certamente, se a cidadania deve ser um vínculo de união entre grupos sociais diversos, não pode ser senão uma cidadania complexa, pluralista e diferenciada, e no que diz respeito a sociedades nas quais convivem culturas distintas uma *cidadania multicultural*, capaz de tolerar, respeitar ou integrar as diferentes culturas de uma comunidade política de tal modo que seus membros se sintam “cidadãos de primeira classe” (CORTINA, 2005, p.140).

Nesse processo de reconhecimento, o sentimento de pertencimento na busca pela adesão dos sujeitos é algo bastante importante na definição da identidade cultural e na construção de laços emotivos com uma comunidade à qual o indivíduo aderiu por vontade própria – da mesma forma com a qual pode romper os laços que livremente construiu:

[...] a civilidade não nasce nem se desenvolve se não se produz uma *sintonia* entre os dois atores sociais que entram em jogo, entre a sociedade correspondente e cada um de seus membros. Por isso, a sociedade deve organizar-se de modo a conseguir gerar em cada um de seus membros o sentimento de que pertence a ela, de que essa sociedade se preocupa com ele e, em conseqüência, a convicção de que vale a pena trabalhar para mantê-la e melhorá-la. *Reconhecimento* da sociedade por seus membros e conseqüente *adesão* por parte destes aos projetos comuns são duas fazes da mesma moeda que, ao menos como pretensão, compõem esse conceito de cidadania que constitui a razão de ser da civilidade (CORTINA, 2005, p.20-21, grifos da autora).

[...] uma das maiores dificuldade das identidades coletivas no mundo moderno é que elas dependem de que os indivíduos que supostamente as compõem possuam um forte sentido de pertença e estejam dispostos a estabelecer uma autêntica luta pelo reconhecimento dos outros, porque essa qualidade lhes parece indispensável para o desenvolvimento de sua identidade (CORTINA, 2005, p.158).

A importância da alteridade na construção da cidadania – a “luta pelo reconhecimento do outro” proposta por Cortina – também é mencionada por Faxina (2012). Esse autor aborda a cidadania enquanto um processo não acabado, considerando sua característica de construir-se permanentemente, e sua possibilidade de modificação e complexificação segundo as práticas socioculturais:

Tida como o conjunto de direitos e deveres ao qual uma pessoa está sujeita na sua relação com a sociedade em que vive, mas também na sua condição de indivíduo, a cidadania é resultado de um processo em permanente construção. Sua natureza não é estática, acabada, é processo. Não é, portanto, um conceito que exprime algo já dado, configurado, mas está em constante transformação, ganhando nuances próprias em cada sociedade, por

ser construída, como toda prática humana, de acordo com a cultura local. Por ser produzida culturalmente, ela só é passível de construção no processo de alteridade (FAXINA, 2012, p.94).

O diálogo entre as diversas culturas que coexistem na sociedade simultaneamente convida (e desafia) os atores sociais a descobrir em que ponto poderíamos “conservar o melhor do universalismo e da sensibilidade diante do diferente em um 'terceiro' que os supere, sem desperdiçar a riqueza que um e outra oferecem” para a construção de uma “cidadania intercultural” (CORTINA, 2005, p.146). A autora supracitada defende pertinentemente que o diálogo intercultural, o qual seria a base dessa cidadania, associado à “compreensão profunda dos interesses de pessoas com diferentes bagagens culturais”, permearia a construção de uma sociedade com mais justiça (CORTINA, 2005, p.168). Esta autora também chama atenção para o fato de que “as sociedades pluralistas e multiculturais devem ter muito cuidado em articular máximos e mínimos de modo que não se atropеле nem a justiça nem se percam as ofertas de felicidade” (2005, p.23). Na sociedade vislumbrada por Cortina, baseada no diálogo entre culturas, entendemos que os indivíduos e seus *backgrounds* culturais seriam respeitados e poderiam se relacionar harmoniosamente, minimizando situações conflituosas e potencializando o surgimento de novos saberes calcados na convivência intercultural e nas condições básicas de satisfação dos sujeitos. No entanto, esse modelo de sociedade ainda é um horizonte, uma realidade utópica.

Adela Cortina, ao falar de multiculturalismo, aponta para possibilidades de manifestações de relação de poder entre as culturas:

A diversidade de crenças e de símbolos torna difícil a convivência, mas sobretudo o fato de que habitualmente uma dessas culturas seja a dominante e o restante fique relegado a segundo plano, dando margem a uma distinção entre “cultura de primeira classe” e “culturas de segunda classe”, que suscita inevitavelmente sentimentos de injustiça e desinteresse pelas tarefas coletivas (CORTINA, 2005, p.139-140).

Os problemas que se apresentam não procedem tanto do fato de haver diferentes culturas quanto do fato de que pessoas com diferentes bagagens culturais tenham de conviver em um mesmo espaço social, seja uma comunidade política, seja uma comunidade humana real em seu conjunto, em que o mais das vezes uma das culturas é dominante (CORTINA, 2005, p.140).

Cortina (2005, p.143) ainda posiciona-se de maneira contrária à manutenção das diversas culturas como se fossem espécies pertencentes a uma “biodiversidade” que tem que ser defendida. Para a teórica, “trata-se antes de tomar consciência de que nenhuma cultura tem

soluções para todos os problemas vitais e de que pode aprender com outras, tanto soluções das quais carece como a se compreender a si mesma” (CORTINA, 2005, p.143), de forma que a ética intercultural não se limita à assimilação ou coexistência de culturas, mas suplanta-as convidando ao diálogo, balizado pela ideia de um “universalismo dialógico” (p.144-145). Haveria uma necessidade de constituir relações culturais pautadas numa ética porque, afinal, “compreender outras culturas é indispensável para compreender a própria cultura” (CORTINA, 2005, p.147) e “cada cultura é, na verdade, multicultural” (CORTINA, 2005, p.163). É interessante frisar que a autora trabalha com um conceito no qual a cultura não é um conjunto “puro”, mas passa por transformações ao longo de sua existência, a depender das demandas que o entorno vai lhe exigir e com traços que podem ser considerados desejáveis ou não (CORTINA, 2005, p. 163-164).

Tendo em vista uma perspectiva comunicacional, falar de cidadania requer articulá-la à comunicação em um contexto de sociedade midiaticizada, de forma que as narrações sobre identidades passam também pelas mídias, levando em conta a capacidade modeladora das práticas midiáticas em relação aos sujeitos da comunicação (MATA et. al., 2009, p.183), pensando na cidadania de maneira correlacionada à condição dos públicos dessa sociedade (MATA et. al., 2009, p.185). Compartilhamos com Mata et. al. a noção de cidadania comunicativa compreendida como “el reconocimiento de la capacidad de ser sujeto de derecho y demanda en el terreno de la comunicación pública, y el ejercicio de ese derecho. Se trata de una noción compleja e involucra varias dimensiones” (MATA et. al., 2009, p.185-186)<sup>62</sup>.

Concordamos com Mata et. al. quanto à ideia de que a dinâmica entre comunicação e cidadania, que permeia práticas comunicacionais diversas – aqui incluímos também práticas constitutivas da comunidade CS POA –, vai além dos direitos constitucionais ou legais dos indivíduos, abrangendo também suas relações sociais e os modos de apropriação durante a ação comunicativa. Os sujeitos comunicacionais teriam direito tanto à expressão no espaço público como à reivindicação de condições de cidadania e democracia, em âmbito midiático e identitário (MATA et. al., 2009, p.184-187). De maneira complementar a Mata, Bonin (2011a, p.155) argumenta que a comunicação é uma condição de possibilidade da cidadania, permitindo a coletivização de interesses e demandas, permitindo visibilidade e representação dos sujeitos ante outros.

---

<sup>62</sup> Tradução livre: “o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direitos e de demandas no campo da comunicação pública e o exercício desse direito. É uma noção complexa e que envolve várias dimensões”.

Maldonado (2009) explica que, diante dos fluxos digitais e da dissolução das noções tradicionais de espaço e tempo, os sujeitos têm a possibilidade de dialogar e de se expressarem em vários ambientes, ao mesmo tempo, potencializando seu caráter comunicador/produtor:

Os fluxos são atômicos (moleculares, orgânicos, físicos), as pessoas, os grupos, as etnias migram, circulam, se transferem; ou os fluxos são digitais, os construtos produzidos no mundo digital permitem movimentos, operações, configurações, experimentações que no espaço/tempo físico resultariam impossíveis, difíceis e até improváveis de experimentar. A ubiqüidade territorial, que nos permite estar em vários ambientes, simultaneamente, em diálogo, debate, reflexão, fruição e inter-relação com diversas pessoas, comunidades, tribos e trabalhos. Esta propriedade permite mostrar em processo o sujeito comunicador/produtor, que antes exercia suas produções de sentido de “recepção” nos limites intra-subjetivos (criação poética, experimentação metal, reconstruções simbólicas do midiático, etc.) (MALDONADO, 2009, p.04).

Considerando os fluxos digitais e os espaços comunitários que emergiram com a internet, articulamos o conceito de cidadania à comunidade CS POA também sob a luz da “teoria da tradução” de Santos (2008), que é o procedimento que torna possível a mútua inteligibilidade em torno dos princípios da igualdade e da diferença (p.198). “Tornar mutuamente inteligível significa identificar o que une e é comum a entidades que estão separadas pelas suas diferenças recíprocas” (SANTOS, 2008, p.198).

Trazendo a teoria da tradução para pensar CS POA, podemos depreender que o princípio de igualdade e o princípio da diferença podem conviver em torno de objetivos comuns. Nessa comunidade, os sujeitos deveriam ser pensados em termos de igualdade no que concerne aos seus direitos e à sua liberdade de expressão – liberdade essa segundo as normas e regras previamente estabelecidas na comunidade, em consonância a algumas normas do CS. Ao mesmo tempo, os indivíduos deveriam ser reconhecidos – de acordo com a proposta da comunidade – enquanto parte de uma heterogeneidade, de uma diversidade cultural e intelectual. “A inteligibilidade mútua é um pré-requisito do que eu chamaria a mistura, auto-reflexiva e interna, da política da igualdade e da política da diferença no seio dos movimentos, das iniciativas, das campanhas ou das redes” (SANTOS, 2008, p.198). Dessa forma, a tradução cultural ofertaria um horizonte comum para o diálogo e para a convivência cultural cidadã: uma convivência mais respeitosa em relação às diferentes relações interculturais.



Existem diferentes noções de cidadania, diferentes concepções para diferentes sujeitos. A cidadania comunicativa não pode ser pensada isolada de outras dimensões do meio social. E, considerando a cidadania como ação, como possibilidade de mobilização, a cidadania comunicativa constitui-se para os sujeitos de direito e de demanda no exercício desse direito, podendo ser construída nas relações comunicativas do cotidiano, como em CS POA.

Na articulação entre cidadania e comunicação, é interessante e produtivo à nossa pesquisa considerar a possibilidade de haver marcas de gestação cidadã não somente nas mídias, mas nos usos das tecnologias e nos agrupamentos comunitários que surgem em uma sociedade imersa em tecnologias e em processo de midiatização. Afinal, as comunidades e os processos midiáticos nelas imbricados também se constituem enquanto lugares constitutivos da cidadania, das formas de fazer política, dos próprios atores sociais. A partir da noção de diálogo intercultural e pautando-nos pela teoria da tradução, acreditamos que é possível visualizar um horizonte no qual as bases das relações em comunidades como CS POA são estabelecidas, viabilizando a expressão e o reconhecimento da diversidade cultural da comunidade sem estereótipos ou discriminação, permitindo um autoquestionamento cultural por parte dos indivíduos e da própria constituição comunitária – embora nem sempre esse horizonte seja posto em prática.

Os usos da internet pelos sujeitos hoje trazem consigo novas formas de expressividade, bem como novas práticas de cidadania comunicativa. Os elementos de gestação de cidadania no cotidiano da sociedade interconectada à rede podem ser encontrados em micro esferas de debate, desde pequenos fóruns de comunicação até estratégias complexas de atuação cidadã e mobilização social. Na comunidade CS POA, a abertura expressional dos indivíduos em meio à heterogeneidade e à política de respeito às diferenças nos mostram estratégias relevantes, em termos de cidadania, embora ainda não sejam tão complexas.

Em CS POA há esforços de resistência por parte dos sujeitos – seja por meio de manifestações, contestações ou críticas –, sinalizando para ações, ainda que gestacionais, de cidadania a partir da interface digital, envolvendo consequentemente questões culturais e identitárias. Algumas discussões na comunidade exprimem características de uma busca por cidadania comunicativa, no sentido de garantir a configuração e sua existência no espaço virtual, mesmo que a comunidade não seja restrita a este espaço – como ocorreu à época em que as mudanças no site do CS foram implementadas (em 2012), quando os membros criaram postagens no espaço virtual da comunidade (tanto no site do *Couchsurfing* como no *Facebook*) para discutir a viabilidade e a opinião dos membros em relação às mudanças e à

representação identitária da comunidade em âmbito virtual. Outra situação que expressou busca de cidadania e de reconhecimento do espaço virtual da comunidade ocorreu durante os conflitos em que membros da comunidade rejeitaram um espaço criado no *Facebook* com o nome da comunidade por extenso, mas cuja finalidade não condizia com a proposta de CS POA.

Também é interessante perceber que há, no *Couchsurfing* e na comunidade CS POA, uma proposta em gestar relações culturais menos tensas, com menor demarcação de diferenças, gerando conseqüentemente uma nova convivência cultural. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma cidadania cultural e comunicativa nessa comunidade ocorre de forma diferenciada de outras, de forma que o digital viabiliza o contato entre culturas e os sujeitos estabelecem uma convivência mais respeitosa diante dos componentes interculturais.

No entanto, essa possibilidade de uma cidadania diferenciada – partindo da política da rede social CS e da comunidade em respeitar as diferenças e em valorizar os intercâmbios culturais – não descarta a existência de conflitos entre membros da comunidade, devido à reunião de sujeitos heterogêneos. Se, para pensar a noção de ética intercultural em CS POA, precisamos levar em conta a biodiversidade cultural da comunidade, foi interessante perceber que, desde os primeiros movimentos exploratórios, havia sinalizações para uma imposição da cultura gaúcha em alguns momentos – demarcando relações de poder – e para uma construção respeitosa das alteridades em outros momentos.

## 5. ESTRATÉGIAS E PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS: OS BASTIDORES DA PESQUISA

Neste capítulo abordaremos a teorização metodológica e os percursos que sustentam a construção da investigação. Mostraremos o que constatamos e refletimos sobre a comunidade CS POA, a partir da etapa que denominamos como “pesquisa exploratória” e dos processos que nos ajudaram a constituir a pesquisa sistemática. Apresentaremos reflexões metodológicas e procedimentos que embasaram nossos movimentos de observação e de análise do fenômeno investigado, detalhando algumas escolhas e posições metodológicas tomadas no decorrer da pesquisa. A explicitação de posicionamentos da pesquisadora poderá auxiliar numa melhor compreensão dos dados que serão descritos, analisados e interpretados posteriormente.

Os cientistas constroem objetos que nunca são encontrados prontos (BACHELARD, 2013, p.77). Desde a primeira formulação do projeto de pesquisa até a construção deste texto, muitos aspectos foram repensados e reconstruídos, relacionados ao problema e aos objetivos da nossa pesquisa, aos procedimentos e técnicas de observação e de análise da comunidade do *Couchsurfing* em Porto Alegre, aos teóricos que pudessem contribuir com conceitos chave para a nossa investigação e à construção de uma proposta teórico metodológica adequada ao objeto. Houve a saída de uma zona de conforto da pesquisadora, enquanto integrante da comunidade, para ocupar seu papel investigativo – um processo que se alterou da imersão na comunidade para o distanciamento necessário à análise, ao desenvolvimento de um olhar mais denso e crítico, que rompe com o senso comum e gera conhecimento científico.

Valorizamos o olhar exploratório conscientes de que o(s) olhar(es) do pesquisador transforma(m) os discursos naturalizados dos entrevistados e dos informantes em dados desconstruídos que não necessariamente corroboram com aqueles pontos de vista coletados. Por outro lado, valorizamos também o olhar atravessado por teorias, porque ele nos permite enxergar além do olhar comum, despindo-se do que foi naturalizado. Marre destaca que “o tema científico ou o objeto perdem muitas das propriedades que pareciam ter à primeira vista, para adquirir outras que a sua relação com o quadro teórico lhes confere” (1991, p.04). São, portanto, a articulação e a maturidade desses olhares que levam o pesquisador ao conhecimento.

## 5.1 Teorização Metodológica

Consideramos nesta investigação que a metodologia abrange todas as dimensões constitutivas de uma pesquisa (em seus diversos âmbitos e níveis, do início ao fim), englobando todo o seu percurso de construção (BONIN, 2011b). Nesse processo, cada opção ou decisão deve ser tomada em um processo consciente, pensando e refletindo sua significação para a construção do conhecimento científico (BONIN, 2011b; LOPES, 1990; BACHELARD, 1977)<sup>63</sup>. Pensar e construir uma pesquisa não é tarefa fácil, e o pensamento do pesquisador está sempre inscrito na pesquisa, mostrando como ele assume seu papel neste processo.

A partir de uma visão estendida de metodologia, nossa concepção metodológica suplanta as instâncias do corpus, da amostra e dos métodos de observação, abrangendo a construção do problema, dos objetivos, a construção da teoria para o objeto, a construção autoral – partimos da compreensão de que os fatos e o próprio objeto são construtos (Bourdieu, 1999, p.49). Esta pesquisa leva em conta o fato de cada objeto demandar construções metodológicas adaptadas às suas necessidades e ao seu contexto, para que o conhecimento seja alcançado. Dessa forma, nossas opções em relação à combinação de métodos e procedimentos de coleta de dados não foram aleatórias, mas sim requeridas por nosso objeto durante a fase exploratória da pesquisa.

Maldonado argumenta que “o método constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas” (2002, p.03). Assim, é possível enxergar nesse processo a subjetividade do pesquisador inscrita nos procedimentos atrelados à pesquisa, de maneira que o conhecimento pode ser produzido com seriedade e rigor acadêmico, mas simultaneamente com flexibilidade e criatividade, evidenciando marcas do investigador durante as etapas de pesquisa.

As escolhas do investigador necessitam de uma “teoria do objeto” (Bourdieu, 1999, p.60), uma construção consciente para a realização da pesquisa:

Quanto menos consciente for a teoria implícita em determinada prática – teoria do conhecimento do objeto e teoria do objeto – maiores serão as possibilidades de que ela seja mal controlada, portanto mal ajustada ao objeto em sua especificidade. Ao designar por metodologia, como acontece freqüentemente, o que não passa do decálogo dos preceitos tecnológicos,

---

<sup>63</sup> Essa proposta metodológica é apresentada por Bonin e Lopes, baseadas no pensamento de Bachelard (1977).

escamoteia-se a questão metodológica propriamente dita, ou seja, a da escolha entre as técnicas (métricas ou não) por referência à significação epistemológica do tratamento a que será submetido, pelas técnicas escolhidas, o objeto e a significação teórica das questões que se pretende formular ao objeto ao qual são aplicadas (BOURDIEU, 1999, p.53).

O método é configurador dos objetos de estudo e empírico. Concordamos, portanto, com Bourdieu (1999, p.46-47) quando ele argumenta que “a pesquisa científica organiza-se em torno de objetos construídos que não têm nada em comum com as unidades separadas pela percepção ingênua”. A partir de uma perspectiva sociológica, Bourdieu aborda a importância em articular o conhecimento que o objeto nos traz – através da pesquisa empírica – e a construção teórica, de forma que o pesquisador não se limite ao que é afirmado por seus informantes (1999, p.50). Afinal, nem as teorias que já existem são capazes de explicar, por si só, os fenômenos que estão surgindo, nem a pesquisa empírica destituída de conceitos e teorias pode gerar conhecimento científico.

Teoria e empiria se complementam, em um ir e vir constante; as reflexões advindas desse movimento provocam questionamentos que permitem o desenvolvimento da pesquisa. É essa inter-relação complementar que viabiliza a construção de um conhecimento intelectual baseado na criatividade, na invenção, na ética e na responsabilidade em contribuir com a sociedade, nutrindo-se das mais diversas culturas e da experiência empírica combinada às teorias (MALDONADO, 2013).

Teoria e método são aspectos indissociáveis de todo *problema/objeto*, sua autonomia relativa não deve levar a disjunções e fragmentações que separem os nexos fundamentais entre eles; não é possível avançar na dimensão teórica sem ter estratégias de pesquisa (incluídas as empíricas), que permitam uma grande concentração de energias na elaboração dos argumentos, hipóteses, fundamentos e configurações (MALDONADO, 2002, p.03).

A relação entre a teoria e a metodologia que vão constituir a pesquisa também é um aspecto importante a ser mencionado, afinal são elementos constitutivos da problemática – Maldonado ressalta que as estratégias delineadas durante a investigação precisam levar em conta os aspectos supramencionados. Para tanto, é também necessário ressaltar a dimensão epistemológica da pesquisa, a partir da reflexão relativa a categorias e conceitos, de confrontos e reconstruções baseados nas realidades concretas, de redesenhos e de reformulações (BONIN, 2012, p.04). Vivemos, durante o processo de pesquisa e de construção do objeto, descontinuidades e rupturas epistemológicas conceituais e operacionais

(MARRE, 1991, p.03). Levamos em consideração que a dimensão epistemológica “concebida como pensamento profundo, estratégico, geral, de análise, avaliação, estruturação, concepção e reformulação do campo científico” (MALDONADO, 2011a, p.09), envolve toda a pesquisa e desafia a busca de um conhecimento processual.

Procuramos, nessa pesquisa, estruturar um conhecimento sistematicamente organizado, que possa contribuir com um melhor entendimento da sociedade na qual ela se insere, a partir de uma leitura crítica dos teóricos referenciados, da exposição teórico-metodológica contextualizada (MALDONADO, 2011b, 279-281) e de um desenho metodológico amadurecido, fundamentado também na pesquisa exploratória, já que aproximar-se empiricamente do fenômeno/objeto estudado “permite divisar especificidades do que se investiga, o que traz desdobramentos em termos de concretização do problema, de tensionamento das proposições teóricas e de sua delicada construção para a especificidade do problema investigado” (BONIN, 2011b, p.07). Relacionamos, assim, teoria e empiria na construção metodológica da investigação, de forma a adequar nossa proposta à complexidade do objeto escolhido.

Partindo da ideia de que as verdades não são absolutas, mas produzidas, e de que os enunciados que nos rodeiam ora nos ajudam ora nos atrapalham no processo de produção do conhecimento científico, Japiassu (1991) refletindo acerca da obra de Gaston Bachelard, define que “ciência não é representação, mas ato” (p.69). A simples observação não chega ao cerne de um objeto nem constrói uma pesquisa, não gera intervenção, porque “não é contemplando, mas *construindo, criando, produzindo, retificando*, que o espírito chega à verdade. É por retificações contínuas, por críticas, por polêmicas, que a Razão descobre e faz a verdade” (JAPIASSU, 1991, p.69, grifos do autor). Bachelard (2013, p.60) defende que o espírito científico deve agir contra a estereotipia de origem afetiva e não perceptiva. Assim, entendemos que a ciência produz conhecimento através de críticas, embates, discussões, construções e desconstruções, em vez de aceitar as “verdades inquestionáveis” construídas pelo senso comum.

Consideramos a proposta epistemológica de Bachelard relevante para balizar nossa concepção metodológica, tendo em vista que a atividade epistemológica tem a função de “refletir sobre os métodos, a significação cultural, o lugar, o alcance e os limites do conhecimento científico” (JAPIASSU, 1991, p.65). A partir de uma compreensão ampliada do lugar de fala e do posicionamento (valores ideológicos) do pesquisador, de sua inserção junto ao fenômeno investigado e do contexto (circunstâncias sócio-históricas) do objeto, podemos

refletir criticamente acerca das limitações da pesquisa e da própria concepção do “fazer científico” do investigador – elementos esses que interferem nas conclusões e resultados obtidos ao final do processo. Como argumenta Bachelard, o conhecimento que não apresenta “as condições de sua determinação precisa” (seu contexto) não pode ser denominado de científico, torna-se vago e generalizante (2013, p.90). O tempo é um dos fatores que interfere no conhecimento científico: o contexto histórico sofre modificações ao longo do tempo, e assim também se modificam os objetos e fenômenos investigados. Japiassu (1991, p.73) explica que “sendo o conhecimento concebido como uma ‘produção histórica’, a epistemologia visa um ‘processo’” que não é fixo tampouco atemporal.

A reflexão é um aspecto privilegiado por Bachelard no processo de pesquisa porque dá sentido a um fenômeno ao passo que sugere uma perspectiva racional de experiências (2013). Nesse sentido, os dados imediatos que surgem no decorrer da pesquisa não são totalmente confiáveis, pois necessitam de interpretação, de uma análise mais densa que a descrição por si só. Através da teoria é possível chegar à compreensão dos dados.

No processo de amadurecimento da pesquisa de CS POA empreendemos um processo de articulação entre as reflexões teóricas de conceitos como comunidade, comunidade virtual, redes sociais, identidade cultural e cidadania, e os dados obtidos na pesquisa exploratória. Entendemos que os conceitos não podem ser tomados como construções prontas para explicar nosso objeto, por conta de sua complexidade. Também levamos em consideração que os dados recolhidos durante a pesquisa exploratória não se bastam para responder aos nossos questionamentos acerca da comunidade. Os dados sinalizam para características não necessariamente levadas em conta pelos conceitos teóricos, e os conceitos nos ajudam a perceber características de CS POA que talvez não fossem visualizadas com um olhar baseado apenas no conhecimento do senso comum.

O pesquisador é – como é proposto por Mills (1975) –, um artesão intelectual que “tentará juntar o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Não terá medo de usar sua experiência e relacioná-la diretamente com os vários trabalhos em desenvolvimento” (MILLS, 1975, p.02). Partimos, ainda, do pressuposto que o diálogo com o que já foi produzido em campo, mapeando e buscando o que já foi feito, faz parte desse processo de “artesanato” –o que é sugerido no processo de pesquisa da pesquisa – bem como também é importante o diálogo da pesquisa com a experiência pessoal do investigador do fenômeno pesquisado.

Concordamos com Mills quando ele sugere a organização de um arquivo, a exemplo de um diário, que permita refletir sistematicamente sobre os passos dados até então no fazer científico (1975, p.02). Também concordamos quando o autor supracitado explica que é mais fácil (ou menos difícil) estudar um objeto quando contrastamos vários deles, percebendo dimensões, traçando comparações (semelhanças e diferenças), de modo a esclarecer dúvidas e a direcionarmos atenção para aspectos até então ignorados, num processo de exploração de contraponto (MILLS, 1975, p.18), de forma que novas ideias vão surgindo – ideias essas que aparecem até mesmo quando o próprio pesquisador apresenta seu pensamento (MILLS, 1975, p.26). A partir de comparações, é possível encontrar prismas diferentes que potencializam a desnaturalização de experiências, vivências e práticas.

O processo comparativo também auxilia no distanciamento do pesquisador em relação ao objeto, no sentido de despertar um olhar de estranhamento em relação ao fenômeno investigado – afinal, se a inserção do investigador junto ao objeto não for acompanhada de um olhar crítico, poderá haver a naturalização de práticas e resultar em pura descrição em vez de gerar conhecimento científico. Japiassu pontua que “o cientista é necessariamente um sujeito descentrado e dividido, ligado à sua prática mas, ao mesmo tempo, distanciando dela” (JAPIASSU, 1991, p.69), de forma que a proximidade com o objeto é necessária, mas pode ser prejudicial se houver uma aproximação demasiada, não reflexiva. A imersão na comunidade foi tão essencial quanto o distanciamento tomado no processo da pesquisa e na análise dos dados, desvencilhando-nos do “olhar de membro comunitário” para que pudéssemos dar lugar a um olhar analítico-crítico.

No processo de “exploração de contraponto” do estudo de CS POA, durante a pesquisa exploratória, a aproximação com outras comunidades do *Couchsurfing*, como a do 'CS Recife', permitiu realizar comparações e estimular o olhar de estranhamento da pesquisadora. Houve sinalizações de que a acolhida dos membros novatos era diferente, quando comparamos as duas comunidades, e de que a organização de eventos, em termos quantitativos, também era diferenciada – características sobre as quais nos debruçaremos mais profundamente posteriormente, ao falar da pesquisa exploratória que realizamos.

O distanciamento nesta pesquisa significou o desafio de operar pensando o problema a partir de outro lugar, além daquele representado pela imersão no objeto. Referimo-nos ao duelo pessoal da pesquisadora que, simultaneamente, era membro da rede CS e da comunidade CS POA, que precisava agir como pesquisadora e como membro em momentos específicos e distintos – gerando um dilema em relação ao papel da investigadora na pesquisa.



Ao mesmo tempo, foi possível vivenciar, através desse dilema tanto a reflexão epistemológica à qual Bachelard nos convida, quanto o distanciamento ao qual Japiassu se refere – particularmente intensificados na fase sistemática de pesquisa.

## 5.2 Pesquisa da Pesquisa

Uma das práticas metodológicas que realizamos durante o percurso investigativo foi a “pesquisa da pesquisa”, que compreende, entre outros aspectos, o levantamento de pesquisas já realizadas relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. Esse procedimento necessita de uma espécie de mapeamento – feito a partir de palavras-chave – do que está sendo investigado e produzido em termos de pesquisa acadêmica que interesse à nossa investigação. “A pesquisa da pesquisa é literalmente o revisitar, interessado e reflexivo, das pesquisas já realizadas sobre o tema/problema a ser investigado ou próximas a ele” (BONIN, 2006, p.31). É importante que o pesquisador encare esse processo com interesse em tensionar as pesquisas já produzidas, analisá-las criticamente e apropriar-se do que puder contribuir com o foco da investigação em desenvolvimento.

Compartilhamos com Maldonado a proposição da pesquisa da pesquisa em uma “perspectiva epistemológica *histórica/genética/construtiva/política*” que traz problematizações quanto aos “paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna -sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções- e vinculando-os com as suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas” (2003b, p.02). Assim há a possibilidade, através dessa prática investigativa sistematizada, de desconstruir argumentos teóricos utilizados em outras pesquisas e de evidenciar modelos teóricos importantes para a nossa investigação.

No processo que denominamos “pesquisa da pesquisa”, uma primeira ação concreta foi a busca de produções orientada por doze palavras-chave (*Rede Social/Redes Sociais, Comunidade/Comunidades, Comunidade Virtual/Comunidades Virtuais, Netnografia, Couchsurfing, CS, CS POA, Interculturalidade/ Interculturalidades*) nas bases de dados da *Intercom*\_(Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), *Compós* (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) e *Domínio Público* (pesquisa por conteúdo em teses e dissertações na base da Biblioteca Digital do Ministério da Comunicação). No caso dos bancos da *Intercom* e da *Compós*, as buscas não

foram feitas em GTs (grupos de trabalho) específicos, mas de forma a abranger todo o conteúdo disponível nessas plataformas.

Posteriormente, partimos para outras buscas com as palavras-chave *Rede Social/Redes Sociais, Couchsurfing e Comunidade*, desta vez no *Banco de Teses da Capes* (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no portal *Univerciencia* (Portal da Produção Científica em Ciências da Comunicação), no banco *Redalyc* (Red de Revistas Científicas de América Latina y El Caribe, España y Portugal), no repositório digital *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*) e no buscador *Google Acadêmico* (busca específica de conteúdo acadêmico na plataforma *Google*). Houve também descobertas eventuais em outras fontes de dados (busca mais específica com a palavra-chave *Couchsurfing* e a partir de materiais disponibilizados por outros pesquisadores que estudam essa rede).

Do total de 2128 indicações de textos científicos que as bases de dados nos referenciaram de modo geral na primeira fase de levantamento de pesquisas (Intercom, Compós e Domínio Público), muitos eram repetidos (apareciam simultaneamente nas buscas por comunidade e comunidades, rede social e redes sociais etc.). Depois de uma filtragem, percebemos que poucas pesquisas eram pertinentes ao foco da nossa investigação. Assim, para obter subsídios que nos permitissem refletir sobre nosso objeto, resolvemos partir também para os demais bancos de dados que citamos anteriormente. As bases nos indicaram milhares de textos possíveis nessa segunda investida, dos quais selecionamos publicações/livros em língua portuguesa que se aproximavam do foco de nossa investigação. Algumas publicações sobre comunidades virtuais, redes sociais, processos identitários e netnografia nos abriram um leque de informações e de referências bibliográficas úteis no processo de construção teórico-metodológica de nossa pesquisa.

Quanto às redes sociais, pudemos encontrar pesquisas que desenvolvem conceitos e noções como capital social e laços nas redes sociais, apontando para modos de construção dos perfis nas redes, além de pesquisas voltadas à memória coletiva, às apropriações, à multiterritorialidade e ao uso de dispositivos móveis – grande parte voltadas às áreas de comunicação organizacional, de publicidade, de jornalismo e de comunicação atrelada à saúde. A partir de nosso levantamento, constatamos que poucas investigações estavam focadas em estudos de caso sistemáticos que abordassem questões de identidade vinculadas a comunidades em redes sociais. Foi interessante encontrar reflexões tanto que vinculassem as redes sociais ao conceito de cidadania, como a publicação “‘Tudo’ nas Redes Sociais? Ética, Mediação e Cidadania no Ciberespaço” de Cláudio Cardoso de Paiva (2011) disponível no

banco da Compós, quanto pesquisas que relacionam os estudos de recepção às redes sociais – como o artigo “Redes Sociais e o Estudos de Recepção na Internet” de Denise Cogo e Liliane Brignol (2010) também disponível na Compós. A cidadania em sua dimensão cultural e comunicativa ainda é pouco explorada nas pesquisas comunicacionais, de acordo com as pesquisas às quais tivemos acesso nos bancos de dados, mas que estão sendo empreendidas mais investigações que optam por estudar as redes sociais no âmbito da recepção.

As redes sociais também são exploradas em teses como “Fiéis descendentes: redes-irmandades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses” de Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (2010), disponível no banco da Capes, que contribuiu para nossa pesquisa com indicações sobre a construção conceitual do termo redes sociais e com perspectivas sobre o conceito de comunidade. Na plataforma Scielo, dentre pesquisas que abordavam as relações entre redes sociais e sustentabilidade, movimentos sociais, esfera pública, informação científica e participação política, encontramos uma investigação que nos ajudou a repensar a pesquisa da comunidade CS POA no sentido de refletir sobre as redes sociais na internet enquanto espaços de intercâmbio – “Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na *internet* e participação política” do pesquisador Jackson da Silva Medeiros (2013).

Encontramos bastante material em comum com outros buscadores, a exemplo de artigos de teóricos como Recuero, Lemos, Primo e Brignol, sobre redes sociais. No banco de dados do Intercom, destacamos o artigo de Raquel Recuero “Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs” (2004), e na Compós os artigos da mesma pesquisadora intitulados “Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais” (2005) e “Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: uma proposta de estudo” (2005). Estas publicações nos possibilitaram refletir e buscar referências bibliográficas acerca das redes sociais e da sociedade em rede – importantes para a contextualização e construção teórica da nossa pesquisa.

A pesquisa denominada “Território Gaúcho na Internet: Uma análise do debate sobre o separatismo gaúcho realizado pela comunidade de internautas do site Galpão Virtual” de Erika Fernanda Caramello (2005) – disponível no Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma das investigações que encontramos fora dos bancos de dados que selecionamos – trouxe informações relevantes para compreendermos a importância do território gaúcho para comunidades virtuais. Isto porque o território não desapareceu mesmo em comunidades na internet, ainda há um vínculo geográfico no caso da comunidade

investigada, além de haver um fortalecimento da identidade cultural da comunidade. A partir da pesquisa exploratória, percebemos que o vínculo com o espaço local é uma característica das comunidades muito antes do surgimento da internet, e isso ainda se expressa em comunidades como CS POA. No caso do nosso objeto de pesquisa, esse vínculo também está atrelado à identidade cultural da comunidade.

Ainda a partir da palavra-chave rede social/redes sociais, foi possível identificar mais de 100 mil publicações que remetiam a esse conceito no banco de dados Redalyc (um total de 100887 referências). Diante de um universo tão grande, neste banco de dados em específico selecionamos o que foi publicado entre 2009 e 2013 – o que reduziu drasticamente a quantidade de publicações para 40. Dentre elas, identificamos pesquisas que já haviam sido contabilizadas em outros bancos, como o artigo de Cogo e Brignol (2010), e investigações que relacionam as redes sociais ao cooperativismo, ao ativismo e ao jornalismo.

A palavra-chave comunidade/comunidades, no âmbito da Compós, nos levou a pesquisas bastante pertinentes ao nosso objeto, sobre comunidade virtual e as características da comunidade em meio à emergência de novas tecnologias e de novos processos midiáticos. Artigos como “O samba em rede: Comunidades virtuais e Carnaval carioca” (2000) e “Utopias comunais em rede: Discutindo a noção de comunidade virtual” (2001), ambos de autoria de Simone Pereira de Sá, possibilitam uma reflexão acerca do conceito de comunidade virtual, tensionando teóricos como Rheingold, que foi um dos primeiros a teorizar sobre comunidades virtuais e de cujo pensamento nos apropriamos durante a problematização teórica da pesquisa para entendermos melhor o que é comunidade virtual.

Outras pesquisas interessantes sobre comunidades mapeadas via Compós são: “Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: uma proposta de estudo”, de Raquel Recuero (2005), que traz uma perspectiva sociológica de comunidade virtual e uma construção interdisciplinar de redes sociais, considerando os vínculos relacionais entre os membros de uma comunidade – elementos que aproveitamos na construção teórica de nossa pesquisa; “A construção de conhecimento nas comunidades virtuais do ciberespaço”, de Inácio Szabó e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (2006), pesquisa que leva em conta a possibilidade de contribuição das comunidades virtuais com o ciberespaço, potencializando práticas comunicativas.

No Domínio Público encontramos pesquisas sobre comunidades virtuais como “Comunidades virtuais: interfaces do contexto cultural no orkut e suas comunicações”, de Suely Trevizam Araújo (2008) que abordam as comunidades como estruturas mais complexas

que somente laços de vizinhança e parentesco, analisando comunidades do *Orkut*. A investigação denominada “A apropriação do global para fins locais: as representações da identidade gaúcha em comunidades virtuais do Orkut”, de Monica Pieniz (2009), também foi acessada via busca no Domínio Público e nos interessou por abordar elementos identitários gaúchos presentes em comunidades da rede social *Orkut*. Apesar de não estudarmos a rede *Orkut*, foi importante perceber como as marcas da identidade gaúcha se fazem presentes em outras comunidades virtuais e se há a tendências relacionadas à identidade cultural do gaúcho no espaço digital – ao mesmo tempo não nos detemos somente aos aspectos virtuais, porque levamos em conta que CS POA não é constituída unicamente pelo âmbito digital.

As publicações encontradas a partir do termo netnografia nos possibilitaram encontrar pesquisas que também utilizam o método netnográfico, de forma a aprofundar a noção que tínhamos sobre o mesmo e suas aplicações em estudos comunicacionais. No entanto, em termos de referências, as pesquisas encontradas utilizavam como teóricos autores e obras que já tínhamos selecionado anteriormente, como Kozinets (2002; 2010) e Fragoso, Recuero e Amaral (2011). Dentre as pesquisas relevantes selecionadas na busca feita em bancos de dados estão, no banco do Intercom: “Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura”, de Georgia Natal, Adriana Amaral e Luciana Viana (2009) – artigo que aborda não só o papel do método netnográfico, mas também alguns exemplos de uso da netnografia em pesquisas acadêmicas desenvolvidas pelas autoras; “Netnografia no Twitter: algumas proposições de como fazer”, de Moisés Costa Pinto (2011), que traz uma construção sobre o uso de bancos de dado da rede social *Twitter* para fins de pesquisa netnográfica. No âmbito da Compós, consideramos interessante à nossa pesquisa o artigo “Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura”, de Paula Jung Rocha e Sandra Portella Montardo (2005), que trata das concepções metodológicas atreladas à netnografia a partir de uma relação entre cibercultura e antropologia, trazendo possibilidades acadêmicas e mercadológicas.

Quanto à palavra-chave interculturalidade/interculturalidades, encontramos poucas referências (quando encontramos) em todos os bancos de dados selecionados. Entre as publicações indicadas, consideramos relevantes os artigos disponibilizados no banco do Intercom intitulados “Comunicação Organizacional e Interculturalidades: fluxos identitários e culturais”, de Mayara Azeredo Alves e Carmen Virgínia Montenegro Sá Barreto (2008), e “Além de uma simples onda: Recepção, Cidadania e rádio-poste no Quilombo Barra de Aroeira”, de Luciene de Oliveira Dias (2009). O primeiro artigo refere-se às

interculturalidades no contexto organizacional e o segundo artigo liga-se ao exercício da cidadania através de práticas comunicativas e à não homogeneização de alteridades construídas historicamente. Inicialmente as duas pesquisas parecem não ter semelhanças com a nossa perspectiva de pesquisa, no entanto, consideramos que essas duas investigações poderiam nos oferecer contribuições quanto ao conceito de interculturalidade.

Constatamos a partir do nosso olhar sobre as pesquisas que não havia significativa quantidade de investigações em língua portuguesa desenvolvidas sobre o *Couchsurfing* em âmbito comunicacional. No banco de dados Domínio Público encontramos apenas uma pesquisa sobre o CS na área de comunicação a partir da palavra-chave *Couchsurfing*. No Redalyc contabilizamos apenas duas publicações<sup>64</sup>, ambas em língua espanhola e voltadas à área de turismo – uma sobre essa rede enquanto “fenômeno do setor turístico” em Madrid, e a outra focando o CS enquanto rede de intercâmbio entre viajantes.

A partir das pesquisas as quais tivemos acesso, percebemos que o *Couchsurfing* está sendo estudado, sobretudo em áreas como Turismo e Antropologia. Na segunda parte do nosso levantamento de pesquisas, colocando a palavra-chave *Couchsurfing* no buscador *Scholar Google*, foi possível rastrear 2.680 resultados. A grande maioria dos artigos indicados pelo buscador supramencionado estava em língua estrangeira (não disponíveis em português) e alguns sites cobravam para permitir acesso à leitura das pesquisas. Entre as temáticas principais estavam investigações da área de turismo, mas também era possível encontrar pesquisas que visavam estudo de gênero na rede social CS, relações online e presenciais entre viajantes da rede, livros e projetos/relatórios que citam o CS como rede social que promove experiências em viagens etc. Encontramos neste universo apontado pelo *Scholar Google* materiais referentes a pesquisas de países como França, Itália e República Tcheca. Partindo da busca feita via *Scholar Google*, as pesquisas em língua portuguesa estavam voltadas, sobretudo, à análise da hospitalidade nas dinâmicas da rede social, ao estudo de perfis de usuários da rede sob uma perspectiva dos estudos em turismo, o papel das redes sociais no turismo contemporâneo, os significados das viagens entre os usuários do CS, e a hospedagem domiciliar no Rio de Janeiro.

Um texto bastante importante para nossa pesquisa foi a dissertação de mestrado em antropologia denominada “Sobre buscas e sentidos em uma rede mundial de viajantes: The

---

<sup>64</sup> Publicações encontradas via Redalyc: “Reseña de ‘Proyecto Couch Surfing. Una red de intercambio de viajeros’”, de Alfredo Ascanio (2007) na Revista de Turismo e Patrimônio Cultural “Pasos”; “El fenómeno 2.0 en el sector turístico. El caso de Madrid 2.0”, de Trinidad Dominguez Vila e Noelia Araújo Vila (2012), na Revista de Turismo e Patrimônio Cultural “Pasos”.

Couchsurfing Project” de Ana Flávia Andrade de Figueiredo (2008) que traz um estudo sobre dimensões identitárias (estudo feito na comunidade CS Recife), sobre como se configuram essas redes sociais de viajantes, além de uma perspectiva do imaginário e dos laços constituídos por meio dessa rede social. A partir dessa dissertação, tivemos acesso a uma ilustração do layout da rede social CS em 2008 – época em que ainda não a conhecíamos – e de informações novas sobre configurações e características mais antigas dessa rede social. Outro ponto dessa pesquisa é o interesse – ainda que sob uma perspectiva antropológica – de investigar identitariamente o *Couchsurfing*.

Não encontramos pesquisas que se debruçassem sobre a comunidade CS POA em específico: não houve nenhum resultado com a palavra-chave CS POA nos bancos de dados que pesquisamos, tanto na primeira quanto na segunda fase do nosso levantamento das pesquisas. Tivemos acesso apenas a uma pesquisa monográfica de comunicação, via *Scholar Google*, que trouxe aspectos da comunidade do *Couchsurfing* em Porto Alegre (não denominada como CS POA na investigação): “A construção do capital social nas interações através do site de redes sociais Couchsurfing”, de Caio Rozenboim Nascimento Turbiani (2011). No entanto, as relações interculturais na comunidade não foram o objeto principal da pesquisa, que aborda o capital social construído a partir do CS. A comunidade da capital gaúcha aparece sempre comparada à comunidade do CS de São Paulo, de forma que o pesquisador não se debruça sobre CS POA de maneira profunda – nem considera elementos como a identidade cultural da comunidade –, inclusive não considera que a comunidade é constituída, em seu espaço virtual, pelo espaço no *Couchsurfing* e por um grupo fechado no *Facebook*.

A pesquisa na área de comunicação que encontramos no site Domínio Público, sob o título “Eros e Tântos nos meios de comunicação de massa e na Web 2.0: a pulsão de integração e confiança no website CouchSurfing”, cujo autor é Newton de Andrade Branda Junior (2010), nos ofereceu mais detalhes sobre surgimento da rede social, dados estatísticos mais recentes (do ano de 2010), dados sobre a distribuição dos usuários pelo mundo, indicações de reportagens que abordam o CS e inserções de conceitos (Pierre Lévy) para explicar suas características. Também traz códigos e representações visuais que simbolizam funções nessa rede social.

Percebemos uma tendência de construção de pesquisas qualitativas em torno das comunidades virtuais, no âmbito comunicacional, ao mesmo tempo sentimos que aspectos como territorialidade, identidade e laços ainda podem ser melhor desenvolvidos no universo

dessas investigações. As pesquisas de outras redes sociais e comunidades contribuíram para percebermos semelhanças e disparidades entre essas formações, já que não contamos com pesquisas sistemáticas sobre CS POA para a base da nossa investigação. A análise do nosso objeto se propõe a ser densa, de forma que possamos não só entender as interações e a constituição da comunidade do *Couchsurfing* em Porto Alegre, mas construir e redesenhar conceitos também alimentados pelas pesquisas existentes para adequá-los às necessidades da nossa investigação.

### 5.3 Experimentações e Combinações para a Construção do Método de Pesquisa

Pensamos em desenvolver inicialmente, nesta pesquisa, uma análise netnográfica. A partir dos primeiros movimentos da pesquisa exploratória, percebemos que a netnografia sozinha não seria suficiente para captar a complexidade de nosso objeto. O uso da netnografia ganhou especificidades porque nosso objeto é particular e solicitou principalmente recursos de investigação etnográfica. Assim, nossa pesquisa exploratória foi de natureza netnográfica (com foco inicial na rede social CS) e buscamos aporte em elementos etnográficos para desenhar estratégias na fase sistemática de pesquisa – tática inclusive sugerida durante o exame de qualificação do projeto por um dos docentes participantes da banca.

Analizamos o *CouchSurfing*, e mais especificamente a comunidade CS POA, na busca por entender, descrever, analisar e interpretar as relações culturais identitárias e a perspectiva da cidadania comunicativa e cultural a partir dos processos comunicacionais presenciais e digitais da comunidade.

Recuperamos o conceito de netnografia, de acordo com Robert Kozinets (2002), como uma adaptação do estudo etnográfico às comunidades virtuais<sup>65</sup>. Este autor diferencia a netnografia à medida que ela aborda os processos comunicativos online para além de considerá-los meros “conteúdos”, assumindo-os como “como interações sociais, como expressões cercadas de significado e como artefatos culturais” (KOZINETS, 2010, p.06). Partindo deste neologismo, Adriana Amaral, Geórgia Natal e Lucina Viana (2009, p.03-04) explicam que o termo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) começou a ser utilizado por pesquisadores norte americanos para aplicar a observação etnográfica ao meio eletrônico, não se constituindo enquanto uma simples transposição da prática etnográfica para

---

<sup>65</sup> Baseado no excerto “Netnography is ethnography adapted to the study of online communities” (KOZINETS, 2002).



estudar fenômenos em ambientes mediados por computadores porque as dinâmicas podem ser diferenciadas tanto em relação aos objetos como em termos da relação pesquisador-objeto.

Gebera (2008, p.84) destaca que a netnografia é um método através do qual o pesquisador analisa comunidades virtuais na internet considerando as vivências protagonizadas nesses espaços digitais, conferindo abertura para que seja conhecida também a opinião dos cidadãos do ciberespaço sobre qualquer tema.

Lo destacable de esta definición es que la netnografía es un método de análisis del netnógrafo (neologismo aplicable a este nuevo tipo de investigador) para su aplicación a las comunidades virtuales en Internet, más propiamente del estudio de las vivencias que en ella se protagonizan, constituyendo un excepcional atrio para conocer la opinión de los ciudadanos del ciberespacio (internautas) sobre cualquier tema (GEBERA, 2008, p.84-85)<sup>66</sup>.

A concepção de método netnográfico formulada por Kozinets causou uma extensa teia de debates, tendo em vista que cientistas mais conservadores rejeitaram a proposta do teórico canadense, sustentando que o “ir a campo” teria se extinguido nesse novo método (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.171). Parece que, para esses cientistas, a etnografia ainda estaria estagnada nas antigas práticas antropológicas de deslocamento para um grupo, povo ou cultura desconhecida, de forma a possibilitar o estudo etnográfico e o estranhamento. Neste trabalho, consideramos que estudar objetos atrelados à nossa cultura ou a uma cultura/comunidade próxima do nosso cotidiano é provavelmente muito mais complicado, porque exige do pesquisador a manutenção da proximidade que ele já tem com o objeto e, simultaneamente, um distanciamento, um olhar de estranhamento, para que as características dessa comunidade e dessa cultura não sejam naturalizadas ou assimiladas como algo comum. A netnografia foi essencial para a aproximação da pesquisadora com o espaço virtual de CS POA, sem interferir de maneira drástica nas interações virtuais dos sujeitos da comunidade. Foi a partir de nossa análise netnográfica que percebemos a relevância de considerar também o espaço do *Facebook* em nossa pesquisa empírica, que posteriormente foi um dos focos da fase sistemática de investigação.

Entre as vantagens da netnografia para a fase exploratória desta pesquisa estava o menor gasto de tempo durante a coleta de dados, além de ser uma forma de pesquisa mais discreta, menos invasiva, que permitiria um olhar diante do objeto de estudo em sua

---

<sup>66</sup> Tradução Livre: O importante desta definição é que a netnografia é um método de análise do netnógrafo (neologismo aplicável a este novo tipo de pesquisador) para sua aplicação em comunidades virtuais na Internet, mais propriamente no estudo das vivências que se protagonizam nela, constituindo uma entrada excepcional para conhecer a opinião dos cidadãos do ciberespaço (internautas) sobre qualquer assunto.

naturalidade (KOZINETS, 2002). O método supracitado se desvencilharia da artificialidade dos grupos focais, por exemplo (KOZINETS, 2010, p.03). Também é interessante colocar que a netnografia, voltada à pesquisa de objetos na internet, traz novas perspectivas de enfoque pertinentes à investigação sobre as modificações que a internet incorporou ao nosso cotidiano (GERBERA, 2008, p.83) e que esse novo termo,

demarca e pontua as diferenças que o método etnográfico sofre quando adaptado para os ambientes digitais, seja em termos de forma de coleta de dados, seja em termos de ética de pesquisa e análise; uma vez que o presencial e as experiências online são de natureza diferenciadas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.174).

Assim, diante do o impacto da internet na sociedade e da complexidade dos ambientes digitais (obviamente diferenciados dos denominados “reais”), é necessário adaptar técnicas, procedimentos e métodos, a fim de pesquisar e compreender melhor esses novos objetos de estudo que vêm surgindo – não somente utilizando a netnografia, mas, se necessário, combinando técnicas e métodos.

É preciso diferenciar a netnografia como método científico da netnografia utilizada em pesquisas de marketing e consumo. A netnografia na perspectiva que adotamos é a utilizada em pesquisas acadêmicas, que suplanta o processo de monitoramento e observação de comunidades virtuais e hábitos para determinadas empresas. Compartilhando com Frago, Recuero e Amaral (2011, p.176), a netnografia a qual nos referimos nesta pesquisa tem uma complexidade teórico-epistemológica, de forma a entender as práticas de comunicação em um sentido mais abrangente.

Robert Kozinets explica que “para a netnografia, interações online são consideradas reflexos culturais que proveem profundo entendimento sobre a humanidade” (2010, p.01). Além disso, a netnografia<sup>67</sup> também tem o acesso à informação facilitado, porque dispensa transcrições prévias à análise, é imersiva, descritiva e alia-se a muitos outros métodos. No entanto, não há nenhum método de pesquisa perfeito e a netnografia também pode trazer consigo desvantagens, entre as quais a perda de conteúdo para análise, por exemplo, no caso de os componentes de uma comunidade deletarem informações e mensagens – algo que percebemos em CS POA, nos movimentos exploratórios iniciais. Nesse aspecto, foi importante nosso armazenamento de conteúdo do CS e do *Facebook* via *printscreens*

---

<sup>67</sup> Robert Kozinets (2010, p.01) traça ainda algumas fases sobrepostas à aplicação da netnografia tais como: a) Planejamento de Pesquisa; b) Entrada; c) Coleta de Dados; d) Interpretação; e) Garantia de Padrões Éticos; f) Apresentação da Pesquisa.

(capturas de tela com imagens e postagens disponibilizadas na rede), para poder utilizar posteriormente em nossa análise dados que poderiam ser apagados nos espaços virtuais da comunidade e, sobretudo, devido à própria frequência de mudanças que a plataforma do CS sofre, como já mencionamos anteriormente.

Consideramos a netnografia um método importante para constituir metodologicamente nossa investigação, tendo em vista que ela é voltada à pesquisa de comunidades virtuais envolvidas em práticas comunicativas e interações sociais, não as delimitando enquanto trocas de conteúdo aleatórias. A netnografia proposta por Kozinets traz uma possibilidade de análise contextualizada, considerando a densidade dos fenômenos atrelados ao ambiente digital.

Uma característica importante da netnografia é que ela propõe procedimentos de análise e um planejamento dos procedimentos pelos quais o pesquisador pode entrar em contato com o fenômeno a ser analisado, no entanto não dita formas fixas e rígidas nesse processo. É importante ressaltar que um método como a netnografia leva em conta a diversidade de objetos de pesquisa possíveis no universo da internet e, por isso, não tenta padronizar as formas de abordagem dos pesquisadores – já que os fenômenos também não seguem um padrão.

O uso da netnografia no estudo de comunidades virtuais trouxe a vantagem de considerar as experiências e opiniões dos sujeitos relacionadas a essas comunidades. Consideramos que os dados coletados e as observações feitas junto aos indivíduos são de grande relevância para a nossa pesquisa, a qual analisa as relações interculturais identitárias de CS POA. Para isso, foi importante investigar algumas matrizes culturais e elementos identitários que são tensionados e convivem na comunidade.

A netnografia foi especialmente pertinente ao estudo de CS POA por ser um método mais discreto e menos invasivo: as observações foram feitas por uma integrante da comunidade que conseguiu fácil inserção nas atividades presenciais e virtuais sem precisar ser considerada um “sujeito estranho”. A observação de discussões travadas no espaço digital da comunidade ganhou “maior naturalidade” porque os sujeitos não sabiam que estavam sendo observados, então não houve o risco de que “representarem” alguma situação proposital diante a pesquisadora, porque de fato não sabiam quando ou quais conteúdos estavam sendo observados a partir da tela de seu computador.

Percebemos desvantagens do método netnográfico no sentido dos dilemas éticos que ele pode trazer, afinal, mesmo que a pesquisadora se apresente como tal na comunidade, como saber quando ela está agindo como membro da comunidade e como pesquisadora? Até que

ponto os sujeitos aprovariam o uso de algumas discussões e de informações disseminadas em uma comunidade fechada para constituir o corpo de uma pesquisa que ganhará visibilidade acadêmica?

Algumas desvantagens da netnografia estão também expressas no fato de esse método estimular a coleta de dados, principalmente, no ambiente digital, que pode ser facilmente alterado. Também não encontramos muitas indicações dos teóricos que trabalham com netnografia sobre como evitar que essa fugacidade, à qual os dados estão sujeitos na internet, prejudicasse a pesquisa. Afinal, com tanta informação disponibilizada a cada momento no ambiente online, é impossível aos pesquisadores armazenar tudo que surge de novo em relação aos seus objetos e acompanhar tudo que ocorre nas comunidades que pesquisam.

Incorporamos procedimentos de inspiração etnográfica ao nosso desenho de procedimentos investigativos, principalmente relacionados ao que se entende por “etnografia multi-situada”. Esse tipo de empreitada etnográfica consiste em uma exploração por meio da experiência interativa e comprometida da conectividade, comportando interessantes inovações para o estudo da internet e oferecendo a possibilidade de desenhar estudos dos laços, tão comuns dentro do ciberespaço e ao seu redor, sem nos obrigarmos a ter uma determinada noção preconcebida de “enlace” (HINE, 2004, p.77). Compartilhamos com esta teórica a ideia de que é importante observar o que as pessoas fazem as nas páginas da web e nas mensagens que enviam, questionando qual o significado que esse espaço “transversal” tem para elas (p.78).

Consideramos importante partir do pressuposto que o estudo a partir de uma perspectiva etnográfica não se reduz às pesquisas realizadas em comunidades distantes, evidenciando a cultura do outro, o olhar de estranhamento a práticas que não pertencem ao pesquisador. É possível utilizar ferramentas de cunho etnográfico para compreender e estudar grupos e comunidades nos quais estamos inseridos, embora seja ainda mais difícil lançar um olhar de estranhamento e desnaturalizar práticas às quais estamos habituados. Nesta pesquisa utilizamos de maneira planejada ferramentas provenientes do método etnográfico para nossa coleta de dados como a entrevista em profundidade, o diário de campo e a observação participante.

Concordamos com a argumentação de Soriano (2011, p.04) de que a etnografia traz consigo uma ideia embutida de “vivência” mais que de um simples método de pesquisa. Acreditamos que o exercício de vivência e do “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, p.18), proveniente da prática etnográfica e possibilitado pela imersão na comunidade CS

POA, nos permitiu entender melhor as relações interculturais entre os sujeitos e o cenário que se desenha a partir da própria constituição da comunidade – cenário esse que atravessa as interações e processos comunicativos. Ao mesmo tempo, alcançar uma vivência mais profunda na comunidade necessitou um contato paciente, já que a observação de perto exige um ganho de confiança dos sujeitos e isso é conseguido com algum tempo, de forma a minimizar qualquer contato estranho ou artificial com a comunidade.

Uma pesquisa etnográfica pressupõe uma imersão do investigador em relação ao objeto e à própria pesquisa, além de uma rede de relações sociais com os membros relacionados ao objeto, de forma que o pesquisador precisa ser capaz de entender o significado de ações e atitudes dos indivíduos no ambiente investigado, compreendendo seus motivos e seus objetivos (SORIANO, 2011, p.04). Essa característica das investigações etnográficas confere também uma desvantagem ao método, no sentido de que a imersão prolongada no ambiente de um objeto limita a possibilidade de observar muitos casos simultaneamente (SORIANO, 2011, p.05) e traçar um estudo comparativo de consistência.

Apropriamo-nos do pensamento de Ortiz de que “a pesquisa etnográfica – que se estende do domínio material ao parentesco, das trocas aos rituais – fornece ao observador os traços para a reconstituição desse conjunto mais amplo” (ORTIZ, 1999, p.73) para justificarmos a utilização de elementos da pesquisa etnográfica na investigação de CS POA, tendo em vista entender a constituição da comunidade tanto no âmbito digital quanto no presencial, levando também em conta as interações e tensionamentos decorrentes das relações interculturais viabilizadas por CS POA.

Compartilhamos com Magnani (2009) a ideia de que a etnografia não se constitui simplesmente como uma ferramenta a ser utilizada na pesquisa científica, mas é um método que está ligado às opções teóricas do pesquisador, às necessidades do objeto e às estratégias de aproximação com os sujeitos investigados. A etnografia não pode ser utilizada para reforçar preconceitos, mas, sobretudo para entender lógicas significadas, além de descobrir elementos que levem à compreensão das questões norteadoras da pesquisa:

[...] é possível postular, de uma maneira sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um

modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009).

A presença contínua em campo permite ao pesquisador identificar, acontecimentos, detalhes e fragmentos que possam oferecer pistas, constatações e “sacadas” durante o processo investigativo (MAGNANI, 2009). No entanto, apesar de concordarmos com o pesquisador supracitado, pensamos que o embasamento teórico do pesquisador também faz toda a diferença na identificação dos elementos e das situações que levam ao avanço da investigação. Afinal, os movimentos em campo são mais produtivos quando planejados a partir de estratégias e teorias que ajudem o sujeito-pesquisador a enxergar e selecionar dados pertinentes aos seus questionamentos.

Pensando mais especificamente nos movimentos em campo que fizemos, constatamos que em momentos de descontração dos sujeitos durante eventos que observamos, como em festas, eles às vezes agiam de maneira dissonante ao discurso que proferiram durante o momento da entrevista. Se na entrevista alguns afirmaram que havia um respeito pleno das características culturais de outros sujeitos (não gaúchos), foi interessante perceber que nos momentos festivos da comunidade presenciamos tentativas de imposição da cultura gaúcha – e de conseqüente sufocamento de práticas culturais consideradas exteriores ao cenário porto alegreense –, por meio de regras tácitas em momentos específicos, como explicarei no próximo capítulo.

Embora correntes antropológicas defendam não é possível utilizar a etnografia de maneira programada fora do âmbito da antropologia, acreditamos que é possível aproveitarmos-nos da inspiração etnográfica em pesquisas comunicacionais de maneira planejada, desenhada e criteriosa. Enfatizamos que nossa pesquisa se baseou também em elementos de inspiração etnográfica porque pensamos que não seria possível desenvolver uma pesquisa tradicionalmente etnográfica com a comunidade CS POA. Foram necessárias adaptações de procedimentos etnográficos para que pudéssemos investigar nosso objeto, inclusive uma combinação com outro método – a netnografia – do desenvolvimento da pesquisa.

#### **5.4 Movimentos Exploratórios**

O desenvolvimento e desenho consolidado da investigação tem na pesquisa exploratória uma aliada que possibilita a reflexão epistemológica relacionada ao próprio ato

de “fazer pesquisa”. A partir de movimentos exploratórios podemos desenhar/moldar processos inerentes à pesquisa e fazer com que esses movimentos incidam sobre outras práticas de pesquisa, como a pesquisa teórica, a construção metodológica, a pesquisa da pesquisa e a contextualização (BONIN, 2012, p.11). As pistas e sinalizações obtidas no decorrer da pesquisa exploratória permitem o redesenho os objetivos, da busca por conceitos que melhor se articulem ao objeto de pesquisa e da própria construção do problema.

A pesquisa exploratória permite que façamos os primeiros contatos com o objeto de pesquisa de maneira planejada, auxiliando na percepção de características do objeto não observadas até então. No caso da pesquisa de CS POA, podemos afirmar que os movimentos exploratórios foram muito importantes para o redesenho da pesquisa e para o processo de construção teórico-metodológica, já que as constatações desses movimentos nos guiaram em mudanças relativas à rede de conceitos e na escolha da combinação de métodos que dessem conta da complexidade e das particularidades do problema-objeto da pesquisa. O próprio processo de ir e vir na pesquisa, de modificar aspectos, de pensar e refletir sobre o que estava sendo feito foi potencializado pela pesquisa exploratória, que nos mostra com propriedade o quanto temos de ser flexíveis e reflexivos diante do objeto de pesquisa que escolhemos. Bonin explica que

[...] é crucial que a dimensão empírica seja metodologicamente assumida como parte já do processo de construção e consolidação do investigativo (desenho do problema/objeto de pesquisa, da problemática, da rede de conceitos, dos métodos e procedimentos sistemáticos de investigação) de modo a garantir sua sensibilidade e adequação aos fenômenos que investigamos. A pesquisa exploratória se coloca como prática metodológica fundamental diante destes desafios (2012, p.04).

Assim, a “sensibilidade e adequação aos fenômenos” às quais Bonin (2012) se refere são ligadas à flexibilidade necessária ao pesquisador para que este tenha consciência de a pesquisa não se faz partindo de uma decisão em relação ao objeto que será mantida do começo ao fim do processo, mas de uma série de decisões que são tomadas durante a pesquisa e que podem sinalizar para outros conceitos, outras formas de aproximação com o objeto, diferentes combinações de métodos, e para uma reformulação do problema que traga de maneira de mais clara a intenção de investigação de um determinado fenômeno. “No amadurecimento de um projeto investigativo, a pesquisa exploratória é uma prática metodológica relevante, pois possibilita uma aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, suas singularidades” (SILVA &

BONIN, 2012, p.12), de forma que possamos considerar as especificidades do objeto do decorrer da pesquisa sistemática.

Esse processo exploratório não é feito de maneira aleatória, mas parte de elementos delineados inicialmente no problema de pesquisa. É importante que nem o pesquisador se perca neste processo, que tenha estabelecido um norte na pesquisa, mas também que não se fixe somente no desenho preliminar do problema, possibilitando abertura para que porventura haja mudanças as quais contribuam para o desenvolvimento de uma pesquisa mais densa. O planejamento da pesquisa exploratória é tão importante quanto a abertura do pesquisador, como ressalta Bonin:

Os movimentos concretos de pesquisa exploratória necessitam de construção laboriosa em termos de seus objetivos, de seu desenho, de suas estratégias e táticas de implementação, de sua programação e realização concreta. Este pensar, planejar e programar deve também ser flexível e aberto no sentido de poder acolher os requerimentos advindos do processo e se refazer no andar, a depender de perspectivas que se abrem e que redesenham necessidades de novas focalizações, de obstáculos que se apresentam no percurso da exploração. Conhecimentos anteriores, inteligência estratégica, imaginação, intuição e invenções táticas são elementos que contribuem para estas empreitadas de aproximação empírica (2012, p.07-08).

A pesquisa exploratória da nossa pesquisa teve como objetivos norteadores: observar a dinâmica da comunidade de Porto Alegre no *Couchsurfing*; identificar alguns usos do CS por seus membros em Porto Alegre; relacionar a dinâmica da comunidade de Porto Alegre com os fluxos de outras comunidades do CS no Brasil para identificar semelhanças e diferenças (baseando-se em experiências que a pesquisadora já possuía); acompanhar os *meetings* (encontros semanais) em Porto Alegre para perceber inicialmente de que forma as interações online interferiam nas interações presenciais; gerar elementos que auxiliassem na escolha categorias de análise a serem utilizadas na fase sistemática de pesquisa e subsídios para a construção de corpus/amostras; experimentar procedimentos de coleta de dados (entrevistas, questionários etc.).

Foi possível constatar que a pesquisa exploratória é um elemento importante para fazer avançar a construção da problemática inicialmente elaborada no projeto de pesquisa – possibilitando chegar à fase de pesquisa sistemática com mais confiança, maturidade e segurança, na busca por aperfeiçoar a construção teórico-metodológica que já havia sido iniciada anteriormente. A aproximação empírica do fenômeno/objeto estudado oferece a



possibilidade de perceber melhor suas especificidades, auxiliando no âmbito das definições ligadas ao problema e no sentido da construção teórica da pesquisa.

No que concerne à pesquisa da comunidade CS POA, foi relevante a prática da “pesquisa exploratória” para a obtenção de pistas e sinalizações sobre a sua configuração. Os primeiros passos – aproximação com membros da comunidade, aplicação de questionário, realização de entrevistas, análise de conteúdo das discussões online, mapeamento de estudos já publicados que pudessem contribuir com a construção do objeto (parte da pesquisa da pesquisa) – permitiram visualizar características da comunidade, como o fato de CS POA suplantarem a própria interface da rede social *Couchsurfing*, estando também presente no *Facebook* – o que ressaltou a necessidade de analisar de que forma o cenário da comunidade se constitui no espaço virtual, entre o *Facebook* e o *Couchsurfing*.

#### 5.4.1 Questionário

Uma das primeiras ações da pesquisa exploratória foi a aplicação de um questionário na internet, com o objetivo de traçar um perfil dos sujeitos que compõem a comunidade CS POA. Buscamos saber como eles tiveram seu primeiro contato com o CS, o que eles pensavam sobre a rede social e a comunidade, quais experiências eles tiveram no CS, qual a faixa etária da comunidade, qual o nível de escolaridade, qual o acesso desses indivíduos a bens de comunicação (sobretudo à internet), em quais condições socioeconômicas estavam inseridos e com que frequência viajavam. O roteiro do questionário, organizado em blocos, um deles com questões abertas e outro com questões objetivas, pode ser conferido no Apêndice C.

Durante a aplicação do questionário, algumas pessoas abordaram a pesquisadora questionando os objetivos da pesquisa. Tentamos falar de maneira aberta que pretendíamos analisar aspectos da comunidade, como suas marcas identitárias, sua organização e constituição, tentando entender algumas dinâmicas e modos de interação em CS POA a partir de seus processos comunicacionais.

O questionário foi respondido entre os dias 16 e 30 de maio de 2012 por membros de diferentes perfis (28 respostas). O link para o questionário foi disponibilizado no fórum de CS POA (na rede social *Couchsurfing*) e na comunidade CS POA do *Facebook*. A partir dele, conseguimos dados que nos sinalizaram que os respondentes membros da comunidade

estavam em uma faixa etária de 23 a 49 anos e tinham um poder aquisitivo razoável<sup>68</sup>, com acesso a vários bens de comunicação (a grande maioria possuía TV, rádio, internet banda larga, celular, notebook e outros), como é possível visualizar no gráfico 1. De acordo com as respostas do questionário, 85% (23 pessoas) costumavam viajar pela região Sul, 85% (23) costumavam viajar para outras regiões do Brasil, 63% (17) dos que responderam afirmavam que viajam pela América Latina com frequência e 33% (09) viajavam também a outros continentes.

Os sujeitos que responderam o questionário tinham, majoritariamente, ensino superior (dos 25 com ensino superior, 8 estão na Pós-Graduação) – correspondendo a 89% dos 28 membros. Uma pessoa afirmou ter ensino médio como nível de escolaridade, e duas afirmaram ter nível técnico. Então, o questionário sinalizou para uma comunidade educacionalmente bem instruída e pouco diversificada neste sentido. Além disso, responderam ao nosso questionário 15 mulheres, 12 homens e 1 sujeito que não quis declarar sexo – o que nos permite dizer que houve um equilíbrio nesse aspecto, dentre os sujeitos que se disponibilizaram a preencher o questionário.

Fatores como “nível de escolaridade”, “acesso a meios de comunicação diversificados” e “oportunidades frequentes de viagem” sinalizaram para um contexto propício ao contato com o CS e ao desenvolvimento de relações interculturais com, inclusive, potencialidades cidadãs. Afinal, esses membros provavelmente teriam informações – mesmo que superficiais – sobre outras culturas e oportunidades frequentes de imersão mais profunda através de viagens, deparando-se com as alteridades e com possibilidades de “estranhamentos culturais”. Seriam pessoas que, poderiam ter desenvolvido consciência de que compõem uma pequena parcela de um mundo imensamente diverso em suas culturas e seus hábitos.

Nem todos os que responderam afirmaram que eram ativos nas atividades presenciais do CS POA: cinco pessoas nunca foram a um meeting, por exemplo. No entanto, a maioria já havia tido contato com grupos e *couchsurfers* de outros lugares (em viagens, hospedagens etc.) e costumavam comparar as comunidades, geralmente enaltecendo a de Porto Alegre – o que pode estar ligado a um posicionamento de enaltecimento do que é local, ou mesmo a preferências em relação a CS POA devido ao vínculo que possuem com a capital gaúcha e com as culturas desse cenário, tão valorizado por seus habitantes. É perceptível que essas pessoas que não possuem contato com outros *couchsurfers* de Porto Alegre tinham um

---

<sup>68</sup> Dentre os 28 sujeitos que responderam ao questionário, apenas 4 declararam ganhar até R\$ 1.000; 13 questionados disseram ganhar entre R\$ 1.000 e R\$ 3.000; 3 pessoas afirmaram que ganham entre R\$ 3.000 e R\$ 5.000; 5 membros disseram ganhar entre R\$ 5.000 e R\$ 8.000; e 3 preferiram não opinar.

vínculo mais fraco em relação à comunidade, se é que possuíssem algum vínculo ou contato para serem considerados “membros” de CS POA. Diferentemente de quem participa mais ativamente (presencial e virtualmente), os sujeitos não ativos nas atividades presenciais pareciam se identificar mais com o vínculo à rede social CS do que à comunidade CS POA especificamente, enquanto os membros ativos se reconheciam como “*couchsurfers* da comunidade CS POA”.

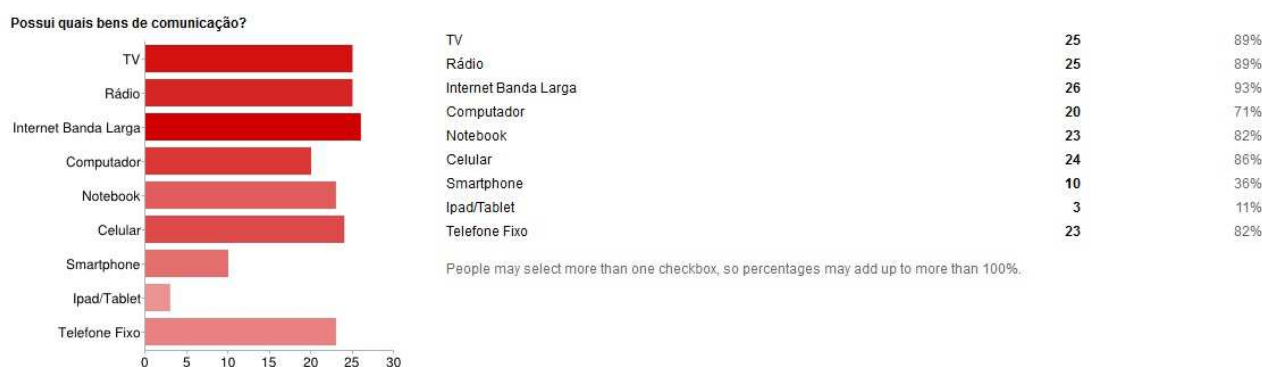


Gráfico 1: Mapeamento do acesso à comunicação de membros de CS POA . Fonte: Dados da pesquisa exploratória, 2011.

Através do questionário, percebemos que a adesão à rede e à comunidade se deu por diferentes motivos, incluindo o contato com um amigo/conhecido/parente/parceiro que já participava de CS POA, com matérias jornalísticas sobre o *Couchsurfing*, devido à popularidade do CS em países em que o sujeito fez intercâmbio, e ao contato com blogs e sites de viagens. A midiatização do CS em revistas, jornais, internet e outros meios, além de prover informações pessoais, proporcionou referentes de informação que levaram à adesão da maioria dos sujeitos que responderam ao questionário. Isso sinaliza para a importância do acesso a meios de comunicação diversificados para que esses sujeitos tomassem conhecimento da rede social CS.

Embora a grande maioria dos questionados considerassem o CS uma forma de intercâmbio cultural, de compartilhamento de experiências e culturas, nem todos apresentaram essa visão da rede social. Alguns questionados consideraram a rede *Couchsurfing* uma espécie de “Orkut/Facebook para mochileiros” ou a definiram como “uma organização com a finalidade de gerenciar a troca de hospedagem” – reduzindo-a a uma ferramenta operacional. Isso nos sinalizou para uma comunidade ancorada em uma rede cujos aspectos identitários simbólicos referidos eram relacionados às oportunidades de trocas

culturais, de novas experiências, de um modelo de convivência cultural potencialmente mais respeitoso. Os membros ativos se identificavam com a proposta do CS e transferiam essas características também à comunidade, embora essa não fosse uma visão homogênea.

Também é interessante mencionar um fato observado tanto nas entrevistas como no questionário e nas observações do diário de campo realizadas durante os processos de pesquisa exploratória: a rede social CS não foi considerada de fácil manuseio por alguns membros e exigia competências diferentes de outras redes sociais, como o *Facebook*, por exemplo. Um dos entrevistados, inclusive, comentou:

A maneira mais fácil é o Facebook. Todo mundo tá lá. É até uma coisa que o João<sup>69</sup> [embaixador do CS em Porto Alegre] está sendo bem pontual: se todo mundo ficar usando o Facebook, o site do Couchsurfing morre. Só que entra naquela questão do site do Couchsurfing ser muito desagradável pras pessoas que não entendem como ele funciona, pra operar nele... e no Facebook é mais fácil. Então, uma coisa que atrairia as pessoas de volta pro Couchsurfing é que eles simplificassem a interface com o usuário (Pedro<sup>70</sup>. Faixa etária: 40-50 anos).

No questionário, encontramos reclamações de alguns membros sobre a rede social CS; alguns disseram que ela tinha um manuseio mais difícil há algum tempo atrás e que algumas coisas estavam melhorando à época da aplicação do questionário, outros apresentaram dificuldades pontuais, mas muitos não achavam, de maneira geral, o CS difícil ou desconfortável. É preciso lembrar que essas respostas foram dadas antes de mudanças mais bruscas feitas posteriormente no espaço virtual do *Couchsurfing* – o que poderia trazer mudanças de opinião por parte dos membros de CS POA quanto ao seu manuseio.

Os contatos com membros do *Couchsurfing* de outros lugares – por meio de viagens, de *meetings* ou de hospedagens – foram variados entre os questionados. Duas pessoas responderam que ainda não haviam tido contato com outros *couchsurfers* e um outro membro afirmou que ainda não tinha contato com membros de outros lugares, mas que teria em breve em um encontro do CS em Belo Horizonte-MG. Um dos sujeitos questionados também afirmou que seu contato com membros de outros locais foi potencializado por uma “invasão” (encontro de *couchsurfers* de vários lugares em uma cidade específica com uma programação previamente estabelecida) que aconteceu em Porto Alegre. Já outro questionado afirmou que nunca teve contato presencial, mas que já tinha contatado outros membros online. A grande

---

<sup>69</sup> Nome fictício.

<sup>70</sup> Nome fictício.

maioria já havia tido contato com outros “surfistas de sofá” em diferentes regiões do país e do mundo, inclusive uma das pessoas que respondeu ao questionário chegou a falar com hostilidade de membros da comunidade de São Paulo. Embora grande parte dos questionados se referisse de forma positiva a outros membros e comunidades, percebemos que havia, também, experiências negativas entre membros, bem como relações que não dependiam necessariamente da presença física dos adeptos ao CS. Outro ponto interessante foi perceber a potencialidade dos grandes eventos organizados por *couchsurfers* em diversos lugares no que concerne ao contato intercultural e à convivência de membros de CS POA com os de outros grupos e comunidades. O *Couchsurfing*, portanto, estimula vários tipos de atividades presenciais que integram adeptos de vários locais, além da própria experiência de hospedar/ser hospedado e das possibilidades de trocas online, via ferramentas virtuais do CS.

Os questionados consideraram CS POA ativa no CS, e alguns que tiveram experiências com outras comunidades comparavam-nas, ora enaltecendo a organização da comunidade de Porto Alegre, ora explicando que havia comunidades “mais ativas” que CS POA no Brasil ou que outras comunidades não realizavam determinadas atividades que eram organizadas na capital gaúcha, como os encontros para conversação em outras línguas. Alguns citaram atividades organizadas no âmbito de CS POA para caracterizá-la enquanto “ativa”, já outros mencionaram opiniões externas (“Eu acho-o medianamente ativo, mas pelo que escuto de outras pessoas, é um dos mais ativos do Brasil”).

Na construção de seus perfis no CS, notamos que os questionados procuravam colocar características afins com o perfil esperado para aderir à rede social (pessoas de fácil relacionamento, que gostam de conhecer novos lugares e culturas etc.). Em geral, eles afirmaram se sentir pertencentes à comunidade, até mesmo acolhidos, mas disseram não se considerar parte fundamental de CS POA – de forma que sua presença seria irrelevante para a continuidade das atividades da mesma. É interessante observar que o sentimento de pertencimento à comunidade pareceu ser menor que o de “autogerência” dela – de que seu funcionamento não depende da atuação de cada membro. Entre os poucos que não se sentiam nem pertencentes à comunidade, por exemplo, há um caso de não morar em Porto Alegre, mas em uma cidade próxima, e outro caso de só hospedar pessoas em casa, mas de não acompanhar *meetings* e atividades da comunidade mencionada. Dentre os que não se consideraram pertencentes à comunidade estavam um membro que mora em São Leopoldo (região metropolitana de Porto Alegre) que acreditava que, por não conseguir acompanhar regularmente os *meetings* não era parte de CS POA, e uma adepta que afirmou que “já se

sentiu mais acolhida em outros grupos de outras cidades” porque CS POA seria “bastante engajado e muito divertido”, no entanto “nem todos são abertos a novos membros” – mas não generalizou essa característica a todos os membros da comunidade porto alegre. Esse depoimento nos deu pistas sobre choques culturais em CS POA, já que a percepção de uma componente sobre a menor acolhida de alguns sujeitos em relação a outros pode sinalizar para presença de relações conflituosas entre membros com proveniências culturais diferentes.

Há outros que não se sentiam parte de CS POA por não terem contato presencial com a comunidade e suas atividades. Entre as mais diversas justificativas, percebemos que os sujeitos que eram presencialmente ativos na comunidade expressaram um sentimento de pertencimento mais forte, mas outros não tão ativos em termos presenciais também se consideram parte de CS POA, à exceção dos já mencionados. Esses dados revelaram que a presença era, para muitos dos sujeitos que responderam o questionário, um aspecto demarcador do pertencimento à comunidade. Isso sinalizou que o âmbito presencial é um elemento importante na configuração de CS POA.

#### **5.4.2 Observação de CS POA no *Couchsurfing***

Uma segunda ação exploratória realizada consistiu na observação de postagens da comunidade para ver como os sujeitos interagem entre si no espaço virtual que possuem dentro do CS. Foram coletadas 69 postagens nas quais ocorreram interações dos membros entre os dias 19 de junho e 19 de julho de 2012<sup>71</sup> (inclusive uma chamada para o *meeting* feita pela pesquisadora). Além disso, foi realizada uma observação não sistemática de postagens desde abril de 2012.

Entre os *eventos* bastante comentados no fórum de discussões estavam: Semana Farroupilha, Festiqueijo, Festival do Chopp, Festa Junina, Invasão de Belo Horizonte e Dia Internacional do CS. Foi também comum perceber notificações de comentários removidos pelos próprios membros que os escreveram no decorrer de tópicos de discussão. Havia muitas chamadas para eventos (relacionados ou não ao CS) e semanalmente (geralmente às segundas-feiras) era postada uma chamada (em português e inglês) incentivando os membros a comparecerem ao próximo *meeting* semanal (que ocorre às quintas). Os eventos eram ligados a temáticas culturais e/ou do próprio *Couchsurfing*.

---

<sup>71</sup> As datas das postagens não estão necessariamente compreendidas no período analisado. As que não foram criadas neste ínterim foram certamente comentadas neste período.

Percebemos que havia um incentivo virtual, a partir das chamadas, ao comparecimento dos membros da comunidade nos encontros presenciais, como forma de fortalecimento de vínculos. Em geral, os eventos com maior incidência de interações eram relacionados a viagens, a encontros de *couchsurfers* de diferentes lugares, a tradições da cultura gaúcha e de outras culturas regionais e locais, como as ligadas às culturas alemãs e italianas ou apropriados por ela – como no caso da festa junina. Estas observações indicaram que o cenário digital estava sendo utilizado principalmente no sentido de mobilização dos sujeitos para encontros presenciais e para o fortalecimento da expressão da cultura local, havendo incidência de aspectos do território presencial nas interações online.

Observamos a presença de postagens feitas por membros brasileiros e estrangeiros – as dos estrangeiros eram, geralmente, em busca de informações. Entre 19 de junho e 19 de julho de 2012 verificamos postagens em português, espanhol, inglês, português/inglês, além de menções a outras postagens anteriores (gerando um ciclo e exigindo conhecimentos de outras postagens para entender as mensagens). Assim, o cenário digital cumpria uma função comunicativa, estabelecendo contato entre membros de diversas proveniências que possuíam conhecimentos comuns em relação ao idioma, ainda que tivessem línguas maternas distintas. Observamos que a língua poderia ser um fator de aproximação, mas também de afastamento, no caso das pessoas que não eram fluentes em um idioma específico e não podiam se comunicar facilmente com outras – algo que também repercutia nas interações presenciais.

As postagens que analisamos entre junho e julho poderiam ter suas discussões retomadas com novos comentários posteriores ao período observado. As chamadas para os *meetings* eram bastante criativas e muitas possuíam referências a expressões gaúchas – aspectos que se modificaram com algumas mudanças no CS, que dificultaram a personalização de postagens com inserção de imagens e vídeos, por exemplo, e limitaram os recursos disponíveis para as de conteúdo no fórum da comunidade. A hipótese de que muitos membros não acessarem a plataforma da rede social diariamente poderia explicar porque as postagens relativas a atividades do mesmo dia eram pouco ou não eram comentadas. A ausência de comentários nas postagens estaria provavelmente ligada a alguns fatores, mas algumas vezes as próprias postagens sugeriam contato com *couchsurfers* por outros meios que não as ferramentas do CS (e-mail, telefone etc.). Um dos membros que mais postava tratava dos encontros para prática de esportes, que ocorriam mais de uma vez por semana e em mais de uma modalidade.

### 5.4.3 Entrevistas Presenciais

Partimos aqui de uma concepção de que a entrevista está associada a uma relação social, de forma que a obtenção de dados depende do estabelecimento de um clima de confiança entre entrevistador e entrevistado. Na pesquisa qualitativa, é importante que haja uma aplicação flexível em relação às entrevistas, mesmo que exista um planejamento prévio e a elaboração de um roteiro. Quando mencionamos a flexibilidade, nos referimos ao acréscimo de informações não previstas no roteiro e à adaptação do planejamento da entrevista à sequência de temáticas abordadas pelo entrevistado. Na apresentação dos dados obtidos através de entrevistas para esta pesquisa, mencionaremos os entrevistados através de pseudônimos, como forma de preservar sua identidade.

Como a pesquisadora já fazia parte da comunidade e já tinha algum contato prévio – mesmo que mínimo – com os entrevistados, o processo de entrevista foi facilitado e as pessoas foram mais receptivas do que provavelmente seriam a um entrevistador estranho, embora ainda assim estivessem desconfiadas sobre o conteúdo e o propósito das conversas. As entrevistas da pesquisa exploratória foram feitas em locais escolhidos pelos entrevistados, para facilitar seu conforto. Duas foram feitas em ambientes públicos (*shopping centers* de Porto Alegre) e outras duas em ambientes privados (na casa da pesquisadora e no ambiente de trabalho do casal entrevistado).

O roteiro das entrevistas presenciais foi organizado em blocos que denominamos como: “Participação no CS”, “Identidade no CS”, “Relação entre CS e identidade dos sujeitos/alteridade”, “Relação com outros grupos do CS” e “Relação com a tecnologia”, além de um bloco específico para entrevistar moderadores da comunidade<sup>72</sup>. Escolhemos nossos quatro entrevistados buscando contemplar diversidades existentes dentro da comunidade CS POA. Selecionamos pessoas com perfis diferentes, incluindo também membros que não são naturais da capital gaúcha. Além disso, os entrevistados eram sujeitos com diferentes gêneros e faixas etárias, com diferentes modalidades de participação presencial e virtual na comunidade (alguns mais ativos em âmbito virtual, outros mais ativos no comparecimento de reuniões semanais). Um dos entrevistados possuía o papel de moderador em CS POA, de forma a incentivar as possibilidades de interação dentro da comunidade e a minimizar conflitos.

---

<sup>72</sup> O desmembramento desses blocos em questões pode ser observado no Apêndice D.



A entrevista presencial foi realizada com os seguintes integrantes do CS em Porto Alegre: um casal que não era ativo (homem de Porto Alegre e mulher do Rio de Janeiro que moravam na capital gaúcha e que se conheceram por meio do CS); um moderador gaúcho (ativo); uma mulher que não era de Porto Alegre, mas já estava morando há cinco anos na cidade e era relativamente ativa; e um membro ativo que era gaúcho e participava dos encontros de língua estrangeira organizados por integrantes de CS POA.

Na entrevista um dos entrevistados afirmou veementemente que havia formações de subgrupos ou “panelas” na comunidade – e que ele tentava fugir delas, frequentando ao máximo possível atividades com membros de todas –, mas percebemos que ele também direcionava suas atividades em torno da rotina de um pequeno grupo de amigos, formado no âmbito da comunidade CS POA; outro membro justificou dizendo que qualquer grupo grande (como é o caso de CS POA) tendia a ser subdividido em grupos menores por questões de interesse e de afinidade – o que de fato ocorre em vários círculos sociais, como na universidade, no ambiente de trabalho. Porém, um ponto interessante que observamos foi que geralmente esses subgrupos eram formados não só por afinidades, mas também por questões culturais: parecia haver uma tendência de estreitamento de laços entre gaúchos e a incorporação de poucos não gaúchos a esses subgrupos, ao passo que pessoas estrangeiras e gaúchos com competências idiomáticas em comum tendiam a se relacionar de maneira mais próxima – até mesmo em função dos *meetings* de língua estrangeira que ocorriam na comunidade.

Alguns membros costumavam viajar e frequentar eventos e festivais muito mais que outros, o que parecia interferir em termos quantitativos no número de pessoas com quem eles mantinham laços na comunidade. O homem do casal entrevistado disse que até tentou frequentar alguns *meetings*, mas afirmou que as pessoas não interagiam muito e que ficavam em grupos fechados, sem abrir muito espaço a outras pessoas que chegavam ao encontro – diferentemente do Rio de Janeiro. Isso nos deu pistas sobre a possibilidade de haver tratamento diferenciado dentro da comunidade, dependendo da origem e da cultura dos sujeitos. Ainda que a comunidade se articule em torno de uma identidade comum, estes dados sinalizaram que haveria distinções e tratamentos diferenciados no mesmo.

O casal entrevistado não costumava frequentar *meetings* em Porto Alegre e afirmou que as pessoas no CS Rio de Janeiro (comunidade do CS na capital do Rio de Janeiro) eram muito mais receptivas, que as pessoas não eram acolhedoras com os novatos na comunidade de Porto Alegre. Estes depoimentos sinalizaram que a convivência intercultural poderia

apresentar conflitos e nem sempre ser inclusiva no âmbito da comunidade; também que as diferenças poderiam se acentuar a partir de interações dentro da mesma. Por outro lado, talvez poderia haver uma expectativa de recepção desses sujeitos em relação à comunidade de Porto Alegre que não se realizou porque as práticas e dinâmicas de cada comunidade do CS são diferentes, e isso teria provocado estranhamento. O casal também fez comparações constantes entre as comunidades de Porto Alegre e Rio de Janeiro durante a entrevista, inclusive sobre a questão de fluxo nas mesmas e de pessoas que pedem hospedagem – no Rio, a quantidade seria imensamente maior que em Porto Alegre, por ser uma cidade com potencial turístico superior.

O relato de um dos outros entrevistados, que era moderador de Porto Alegre e nasceu na capital gaúcha, aponta que a hospitalidade seria um elemento simbólico definidor de pertença ao CS e à comunidade CS POA:

Você estando carente, tendo poucas amizades, o Couchsurfing é um lugar ótimo pra esse tipo de pessoa. Por quê? Porque todo mundo que é couchsurfista verdadeiro, digamos que recebe pessoas, que vai na casa de outras pessoas... é uma pessoa com um perfil mais tolerante, ele é muito calmo, tranquilo, ele gosta de pessoas, sabe? Ele aceita pessoas na sua casa tranquilamente, sem nenhum problema, sem aiaiai, uiuiui, aquela coisa toda... Então, esse tipo de pessoa também aceita pessoas das mais variadas formas, digo dos mais variados jeitos psicológicos e tudo... E então, a pessoa que é carente se sente em casa nesse ambiente, porque ela é bem recebida, as pessoas tratam todos como iguais e a pessoa diz 'Pô, que legal esse negócio aqui', sabe? (Cássio<sup>73</sup>, Faixa etária: 30-40 anos).

A partir dos pontos de vista diferenciados desses membros da comunidade, foi possível perceber que havia variações tanto em relação à inserção dos sujeitos na comunidade quanto aos parâmetros de comparação a outros grupos do CS. Os dados sinalizaram que, apesar de ter algumas semelhanças com outras comunidades, CS POA tinha sua própria dinâmica e estava inserida em uma cultura – mesmo havendo fluxos culturais diversos, havia culturas no entorno dessa comunidade que configuravam de maneira mais marcada o comportamento e as ações dos sujeitos que a constituíam.

---

<sup>73</sup> Nome fictício.

#### 5.4.4 Observação das Atividades Presenciais

A observação in loco das reuniões, *meetings* e eventos teve como objetivo principal entender como os contextos geográfico e cultural também influenciam nas relações e vínculos entre os sujeitos, além de perceber algumas práticas comuns à comunidade, os modos de interação interpessoal entre membros e a organização das atividades presenciais – dados que foram anotados no diário de campo. Percebemos que havia algumas interações no fórum da comunidade virtual que não pareciam ter desdobramentos em interações presenciais entre os membros, mas havia muitas tentativas de incentivo ao contato presencial por meio de interações virtuais, o que parecia reforçar laços entre os sujeitos e nos levava a pensar novamente na presença física dos sujeitos enquanto algo valorizado pelos membros e pela rede social.

Os encontros semanais que acompanhamos em CS POA variaram muito quantitativamente: em alguns *meetings* podiam comparecer de 15 a 25 pessoas, já outros podiam reunir 60 pessoas ou mais. Havia pessoas que frequentavam mais regularmente esses encontros do que outras, de forma que às vezes, quando alguns membros habituados a comparecer aos *meetings* viajavam – para eventos nacionais ou interestaduais de *couchsurfers*, por exemplo –, podia ocorrer uma redução significativa de sujeitos nas reuniões semanais. Os integrantes que participavam dos *meetings* com regularidade pareciam ter um vínculo maior com a comunidade e incluíam essa reunião semanal em sua rotina pessoal/profissional.

O local dos encontros era o mesmo há cerca de dois anos, mas percebemos que aconteciam problemas de comunicação entre o estabelecimento que recebia as reuniões em Porto Alegre e os membros da comunidade – já que algumas vezes os encontros tiveram de ser realocados em outro bar porque o bar “oficial” abrigaria um outro evento ou alguma festa. Algumas vezes essa realocação foi feita às pressas no dia do *meeting*, provocando desencontro entre os membros de CS POA. Existia à época da pesquisa exploratória um bar que era a segunda opção “oficial”, se é que assim podemos denominar, da reunião semanal: se não estivesse ocorrendo em um local, certamente estaria no outro<sup>74</sup>. À época da pesquisa exploratória já se contabilizavam quase 200 encontros semanais realizados em Porto Alegre – um dos índices quantitativos mais altos em termos de *meetings* feitos regularmente em comunidades do CS no Brasil.

---

<sup>74</sup> Em outubro de 2013 esse bar “oficial” dos encontros presenciais da comunidade foi substituído por outro, após alguns conflitos.

Embora dentro do CS os sujeitos tivessem uma tendência de conviver com pessoas predispostas a trocas culturais, percebemos que alguns sujeitos enfrentavam preconceitos em outros círculos sociais – como na família ou entre amigos – por serem abertos a novas experiências. Alguns membros nos relataram que outras pessoas de fora da rede social CS consideravam que seja perigoso hospedar um “desconhecido” em casa, ou que viajar como mochileiro seria algo inadequado. Logo, mesmo que essas práticas tenham herdado elementos de culturas mais antigas, da receptividade e da acolhida mesmo a pessoas estranhas (forasteiros) em comunidades tradicionais, como as rurais, elas não parecem se configurar como práticas comuns à cultura de grandes centros urbanos como Porto Alegre. Mesmo assim, percebemos um certo orgulho dos integrantes em se identificarem como *couchsurfers* em fotos, em eventos e em situações rotineiras.

Muitas postagens feitas no *Facebook* por membros de CS POA, no espaço que a comunidade tem nessa outra rede social, foram incentivadas a serem compartilhadas no espaço virtual da comunidade no CS. Essas “recomendações” foram feitas por parte dos embaixadores e moderadores durante os meses de abril e dezembro de 2012. Esses sujeitos evidenciavam que seus papéis/funções na comunidade também tinham, mesmo que inconscientemente, uma vertente institucionalizada: ao tentar estimular uma convergência de conteúdo para o CS, buscavam potencializar interações no espaço específico da comunidade na rede social *Couchsurfing*. Percebemos, no período supracitado, uma tentativa no sentido de não deixar que o *Facebook* se tornasse o principal canal virtual da comunidade, possivelmente porque ela surgiu no âmbito do CS, e porque havia uma quantidade muito superior de membros da comunidade no CS, se comparada à comunidade do *Face*. Por outro lado, não se poderia eliminar esse canal da comunidade no *Facebook* porque seus integrantes parecem acessá-lo com uma frequência maior que no CS.

Contatamos também que as relações pessoais influenciavam na atividade dos sujeitos, visto que rupturas de relações de amizade e de namoros podem gerar distanciamento de alguns membros em relação à comunidade – algo que ocorre com alguma frequência. Havia a formação de subgrupos por afinidade nas atividades presenciais da comunidade, pessoas que não se falavam, e membros que geravam restrição de contato por flertarem e “incomodarem” outros membros durante os *meetings*. Era comum ouvir dos sujeitos da comunidade – sobretudo dos mais antigos e dos que possuíam papéis como moderador ou embaixador – que o CS não era um site de relacionamento afetivo e que os encontros semanais não eram reuniões propícias a flertes, paqueras e cantadas. Alguns membros novatos (e também alguns

mais antigos) já haviam sido advertidos por outros membros e aconselhados a não se comportarem dessa maneira, para não serem tratados com ressalvas dentro de CS POA. Percebemos que algumas mulheres já se afastaram ou reclamavam frequentemente dessas situações, bem como que havia pessoas que se aproximavam da comunidade com objetivos alheios às trocas culturais e não criavam vínculos fortes com a comunidade e seus membros – seja por motivos de comportamento frente a outros sujeitos, seja porque iam aos *meetings* só porque ouviram falar que dizer que pertenciam ao CS na recepção do bar oficial da comunidade às quintas-feiras era uma forma de acesso gratuito ao local. Expressa-se nestes casos uma visão reducionista da rede social e um aparente desconhecimento em relação à comunidade CS POA.

As referências compartilhadas entre sujeitos sobre os próprios membros da comunidade ajudavam na construção reputacional dos membros e na confiança de outros indivíduos de CS POA em relação a um membro em específico. Se a inserção na comunidade era facilitada por um membro de boa reputação, havia uma recepção e uma acolhida diferenciada de quem se inseria por curiosidade ou sem conhecer ninguém em CS POA.

Os moderadores e embaixadores estavam frequentemente presentes nos encontros semanais. Um deles estava sempre presente e parecia se sentir "na obrigação" de estar todas as quintas na reunião. Ele era quem sempre tentava incentivar os membros a construírem chamadas para os próximos *meetings* e dava suporte para que essas postagens fossem feitas – a partir de uma espécie de tutorial de como postar uma chamada a partir dos códigos e ferramentas do CS.

Também fez parte da pesquisa exploratória uma aproximação da comunidade CS Recife, para estimular o olhar de estranhamento da pesquisadora – o que exploramos teoricamente em um momento anterior a partir da noção do processo de exploração de contraponto (MILLS, 1975). Houve sinalizações de que a acolhida de alguns novatos era diferenciada em Porto Alegre, quando simultaneamente esse processo de boas vindas pareceu ser mais caloroso e receptivo na comunidade de Recife – o que é baseado em observações preliminares, e não em características fixas e necessariamente constitutivas dessas comunidades. Em contrapartida, havia organização de mais eventos e comparecimento de mais membros nas atividades de CS POA. Foi perceptível que CS POA era uma comunidade muito heterogênea e foi possível identificar alguns integrantes que buscavam aumentar as possibilidades de interação dentro da comunidade (organizadores de viagens, encontros, eventos etc.).

#### **5.4.5 As Recentes Mudanças no *Couchsurfing* e a Expressão dos Membros de CS POA no *Facebook***

Observamos, nos últimos meses de 2012 (novembro e dezembro), manifestações apresentadas em discussões, sobretudo no *Facebook*, que apontavam para um descontentamento dos integrantes da comunidade CS POA com as mudanças mais recentes da rede social CS, que não levaram em consideração as manifestações de repúdio por parte dos usuários à nova maneira de funcionamento do *Couchsurfing*. Como nem todos os membros adeptos da comunidade no *Facebook* se manifestaram, acreditamos que pode ter havido uma possível inibição dos membros que acataram ou concordaram com as mudanças diante dos que tiveram um posicionamento negativo.

Considerando que as formas de interação se dão não somente através de falas, mas também de silêncios, é possível percebermos que, no momento em que um dos membros da comunidade diz aprovar as mudanças em uma das discussões, pode ser criado ambiente tenso (talvez até mesmo de hostilidade), de forma que talvez o membro não tenha se sentido à vontade para argumentar ou expressar-se – diante de tantas reclamações de outros membros – e não tenha sequer comentado novamente na mesma postagem. Mas também é possível que os argumentos dos que reclamavam o tivessem convencido de alguma forma.

Simultaneamente, foi perceptível o fato de que as reclamações se multiplicavam no espaço da comunidade no *Facebook* com intensidade – se comparadas às manifestações no que seria o novo espaço de CS POA no *Couchsurfing*. Isso pode nos remeter a aspectos relacionados à identificação dos sujeitos com o *Couchsurfing* e o *Facebook*, e também à possibilidade de a comunidade utilizar outro dispositivo disponível a ela como forma de protesto (e talvez de boicote) à utilização do CS. Houve uma opção por reclamar da falta de funcionalidade do CS, evitando usar a própria rede social para reclamar ou manifestar-se perante outros membros da comunidade.

Os integrantes que estavam reclamando, provavelmente se reconheciam no sistema de “grupos”, viabilizado pela versão antiga do CS, em vez da distinção por “regiões” ou “lugares”. A lógica das mudanças do CS indica uma tentativa de aproximação entre pessoas que se encontram numa mesma região, o que remete ao objetivo principal do *Couchsurfing*, de conectar e estimular intercâmbios entre sujeitos. Por outro lado, essa lógica não leva em consideração as diferenças identitárias e culturais entre os grupos que foram reunidos e as próprias formas de acesso naquela região, já que não seria muito viável que pessoas em

Criciúma, por exemplo, comparecessem a atividades presenciais em Porto Alegre (as cidades ficam muito distantes e estão reunidas em uma “grande área”).

Assim, podemos perceber que a lógica utilizada pelo CS durante suas mudanças no fim de 2012 não levou em consideração que há comunidades formadas a partir de vínculos gerados pelo *Couchsurfing*, mas que essas comunidades também podem ter vínculos territoriais e culturais. Se um dos elementos que une a comunidade CS POA é o vínculo – direto ou indireto – dos membros com a cidade de Porto Alegre, entendemos que houve um choque no momento em que o espaço dessa comunidade é aberto a pessoas que não compartilham esse vínculo.

Pudemos encontrar resistência diante das modificações empreendidas pela equipe gestora do CS nas discussões e reclamações dos sujeitos e também em ações como a exclusão do perfil por parte de uma integrante de CS POA – que não se sentiu mais pertencente à rede social depois das mudanças. A integrante (então ex-adepta do CS) explicou que, ao deletar seu perfil, ela foi notificada que a equipe do *Couchsurfing* tinha “controle” sobre as informações deixadas nos perfis dos membros.

Percebemos que, ao deixar de ser parte do CS, o membro que exclui sua conta pode continuar fazendo parte da comunidade – já que ela não se restringe à plataforma online do CS e está presente no *Facebook* e nas atividades presenciais. A integrante que, desde 2005, participava do *Couchsurfing* e não concordou com as transformações estruturais e institucionais do CS, ainda tem acesso à área fechada da comunidade no *Facebook*, ainda é convidada e por vezes cobrada a comparecer aos encontros semanais e, aparentemente, se sente parte de CS POA, mesmo não estando mais no CS.

A resistência a mudanças também foi expressa a partir de uma tentativa de articulação de membros da comunidade para buscar uma alternativa de aplicativo ou site de armazenamento de informações da comunidade, de forma que os membros pudessem ter controle sobre os dados acumulados e não ficassem à mercê da equipe que mantém o CS – algo que foi proposto aos membros da comunidade nas discussões do *Facebook*. A impossibilidade atual de transferência da comunidade para outra plataforma também pode ser um fator que potencializa o deslocamento das interações para o *Facebook* – um espaço da comunidade que já existe.

O cenário digital se revelou, portanto, como um elemento configurador da comunidade – de forma a permitir/facilitar a expressão dos sujeitos a partir de seus recursos e possibilidades, mas também se observaram resistências e desvios na apropriação que os

membros faziam do mesmo. A integrante que deletou seu perfil no CS, por exemplo, deixou de ser adepta virtual do *Couchsurfing* ao perceber que ele não atendia mais às suas necessidades, mas não deixou de fazer parte da comunidade CS POA nem de seu espaço no *Facebook* – onde ela comunicou o fechamento do perfil aos outros membros. A atitude da integrante expressa a necessidade de satisfação na comunidade – que já era explícito através de outras discussões que observamos, no qual outros sujeitos já haviam se manifestado sobre a possibilidade de exclusão de seus perfis no CS.

É interessante perceber que CS POA se exprimia, se autoafirmava enquanto comunidade nessas discussões que estamos analisando no decorrer deste texto. Os adeptos não ficaram descontentes e, simplesmente, deletaram seus perfis, mas e argumentam enquanto parte de uma comunidade que tem elementos identitários com os quais se identificam. Há também membros que exprimiam seus medos de a comunidade esfacelar-se com a exclusão dos perfis na rede CS. Ao mesmo tempo, era visível que a arquitetura e os recursos digitais eram modeladores dos grupos/comunidades formados em âmbito virtual e que as ferramentas e funcionalidades mais antigas – mesmo não sendo possivelmente ideais ou perfeitas para a comunidade – conseguiam compor melhor a formação de CS POA. As discussões também exprimiam elementos que apontavam para uma busca por cidadania comunicativa – no sentido de garantir a configuração e a existência da comunidade e de seu espaço comunicativo no cenário virtual conforme suas necessidades, mesmo que ela não fosse restrita a este espaço.

Os diálogos de uma postagem em 12 de novembro de 2012 trouxeram argumentações pró e contra as mudanças que já se intensificavam àquela época, mas em um momento em que os grupos ainda não tinham sido dissolvidos e havia mais mudanças de *layout* e arquitetura, principalmente relativas ao logotipo do CS. A postagem foi feita por um dos embaixadores em Porto Alegre avisando que algumas mudanças estavam sendo empreendidas. Diante de manifestações descontentes, inclusive de uma das embaixadoras da capital gaúcha – Bruna (nome fictício) –, o embaixador João (nome fictício) tentou explicar que não haveria muito o que fazer a não ser acostumar-se com as mudanças, de forma a assumir o papel de mediador da discussão entre os membros da comunidade, o papel de membro e, simultaneamente, um papel institucional (já que ele é um membro representante da rede social). Durante a discussão, o embaixador também argumentou de forma a explicar que o CS e a comunidade CS POA não se resumiam à plataforma online e suas mudanças, mas era feita por membros – o que seria mais relevante para a identidade da comunidade do que as mudanças em si no *Couchsurfing*. A plataforma do CS seria a expressão digital de algo maior e a força da



comunidade de Porto Alegre – que existia para além da prescrição da rede social – não residiria na comunidade global, mas numa configuração em que as comunidades assumem uma força identitária grande. Esses aspectos seriam reiterados a partir das manifestações pós-dissolução dos grupos, cerca de um mês depois.

A plataforma do CS, desde sua concepção, está em permanente construção e sofre modificações com certa frequência, passando por processos experimentais. No entanto, há algumas resistências a essa permanente construção, de forma que às vezes as discussões analisadas nos levam a acreditar que haja uma falta de elementos fixos de identificação para alguns membros – por exemplo, quando fica em voga o fato de o CS parecer uma página em construção, não uma rede social consolidada há alguns anos, com um logo que se modifica bruscamente.

A tendência de o CS se institucionalizar e de alterar codificações, presente nesse processo de mudanças, e de centralizar decisões a partir de uma equipe gestora tem a desvantagem de cristalizar ações, mas por outro lado pode ser vista como uma tentativa de evitar a dispersão entre os sujeitos que compõem essa extensa rede. Pode haver aí uma lógica de centralização com vistas à união e à manutenção dos adeptos no *Couchsurfing*, apesar de ser antidemocrática e de não levar em conta as identidades das comunidades existentes na rede social CS. Apesar de ser um espaço alternativo e que serve muitas vezes como fuga da estrutura do CS para discussões e debates, a lógica do *Facebook* também é centralizada e seus gestores também promovem mudanças sem aviso prévio aos seus usuários. Dessa forma, observamos que são expressas relações de poder, em termos de definição das configurações do ambiente digital da comunidade. Como veremos posteriormente, nos capítulos dedicados à discussão dos dados da pesquisa sistemática, há hierarquias e claras relações de poder tanto no âmbito digital, quanto na relação entre o site da rede social gerido por empresas e os membros de CS POA, e também nas relações e interações presenciais dos sujeitos.

## **5.5 Organização e Procedimentos da Pesquisa Sistemática**

Para a fase sistemática da pesquisa, em relação aos procedimentos de coleta de dados, realizamos *observação* das relações comunicativas de CS POA tanto no cenário virtual quanto nos encontros presenciais e entrevistas em profundidade com seus membros. Assim, fizemos uma intensa observação do espaço digital da comunidade na rede social *Facebook*. Apesar de não termos deixado completamente de lado o espaço da comunidade no *Couchsurfing*,

optamos por focar no *Facebook*, no qual percebemos – durante a pesquisa exploratória – haver maior interação entre membros ativos em CS POA. Além da frequência maior de interações, entendemos que os conflitos e o diálogo intercultural também eram mais comuns no espaço digital de CS POA no *Facebook*, evidenciando mais fortemente uma lógica comunitária que no CS. Assim, o *Facebook* se tornou em nossa pesquisa um espaço mais significativo, tanto em termos interculturais quanto comunicativos.

A observação virtual aconteceu entre setembro e novembro de 2013, e o registro dos dados foram realizados, sobretudo através de capturas de tela de interações entre os membros (postagens, discussões etc.), embora também tenhamos coletado alguns *printscreens* que consideramos relevantes fora desse período. Além disso, frequentamos *meetings* assiduamente entre 27 de setembro de 2013 e novembro de 2013, época em que aconteceu a organização do Encontro Nacional do *Couchsurfing* feito por membros de CS POA na capital gaúcha, realizado entre 14 e 17 de novembro. A época do Encontro Nacional, apesar de estar inicialmente fora de nosso calendário de coleta de dados, foi incorporada devido à sua relevância no sentido de preparação da comunidade para relacionar-se com alteridades, das alterações na vida cotidiana da comunidade para organizar o encontro. Além disso, por ser um encontro festivo, nos possibilitou observar a expressão de marcas distintas das que emergem em momentos mais rotineiros.

Continuamos a registrar as observações no diário de campo – já iniciado no processo de pesquisa exploratória –, no entanto nesta fase trocamos o caderno físico por arquivos virtuais. Sobretudo nas anotações relativas aos *meetings* e eventos da comunidade, tentamos atualizar o diário de campo imediatamente após esses encontros ou pelo menos no mesmo dia.

Trabalhamos também com *entrevistas em profundidade*, realizadas com uma amostra diversificada de integrantes da comunidade. A amostra foi composta por oito sujeitos não entrevistados na pesquisa exploratória que participavam de diferentes maneiras de atividades e práticas na comunidade do *Couchsurfing* em Porto Alegre. É necessário mencionar que incluímos na amostra distinções culturais/identitárias, diferenças de faixa etária, de profissão, de cor e de gênero, além de variações de cultura e de língua materna, diversidade de experiências e de papéis dentro do CS e da comunidade. No entanto, mesmo com a diversidade de entrevistados, algumas características entre eles foram semelhantes, como o fato de serem pessoas com alto nível de escolaridade – desde uma integrante que está na graduação até integrantes que têm doutorado concluído –, o gosto por viajar e conhecer lugares e a facilidade de comunicação e interação com pessoas de perfis diversos.

Além dessas oito entrevistas, conversamos informalmente (sem gravação) com um sujeito que faz parte de CS POA na rede social CS, mas que, apesar de não participar de fato da comunidade e de suas práticas criou um espaço no *Facebook* denominado “*Couchsurfing* Porto Alegre-RS Brasil” e estava utilizando esse espaço digital para divulgar excursões e viagens que ele organiza – o que repercutiu e gerou discussões e conflitos no âmbito da comunidade. A ideia inicial é que ele fosse entrevistado, mas por falta de disponibilidade dele, tivemos apenas uma rápida e elucidativa conversa sobre seu ponto de vista quanto à criação de um outro espaço, em tese, relacionado à comunidade.

Entre os oito entrevistados estão: uma pessoa que acumula a função de embaixadora em Porto Alegre e que constitui o vínculo institucionalizado entre CS e membros da comunidade; uma pessoa que já foi moderadora (quando a função existia oficialmente), que entende algumas lógicas e já vivenciou experiências e conflitos na comunidade; dois membros gaúchos, de Porto Alegre, que tem papéis específicos na comunidade – sendo que um deles participa mais presencialmente e o outro participa mais digitalmente; um membro antigo de CS POA, experiente no CS, que já teve muitos conflitos no âmbito da comunidade e que já chegou a excluir o perfil no *Couchsurfing* (tendo retornado posteriormente) e se desvinculou do espaço digital do *Facebook* – não deixando, mesmo assim, de ter vínculo com a comunidade e de se considerar pertencente a ela; um membro da comunidade que é de Porto Alegre, mas que não mora mais na capital gaúcha e acompanha as atividades de CS POA via redes sociais; um integrante que é nordestino e que participa de atividades na comunidade de Porto Alegre; e uma pessoa que é de outro país e que é ativa na comunidade e mora na capital.

A relação de confiança entre pesquisadora e sujeitos na comunidade foi construída paulatinamente e, para isso, foi importante o fato de já conhecer alguns membros na comunidade previamente à inserção em campo. Em CS POA observamos que a possibilidade de interação com os membros é multiplicada se o sujeito já conhece alguém da comunidade, que serve de “facilitador” de interações, apresenta-o ao restante da comunidade e tenta integrá-lo ao grupo. Por outro lado, também foi imprescindível participar de diversas atividades na comunidade misturando-se, não se restringindo a subgrupos ou “panelinhas”, mas tentando conversar e conhecer a diversidade de CS POA – isso ajudou a pesquisadora a não ser vista como um elemento estranho no grupo, mas como mais um membro que resolveu pesquisar sobre o *Couchsurfing* e sobre a comunidade especificamente. Outro aspecto relevante foi o cuidado da pesquisadora em não se envolver em conflitos de qualquer espécie na comunidade, para evitar barreiras e limitações de contato em relação a qualquer membro.

Essa confiança também auxiliou na disponibilidade dos sujeitos em serem entrevistados, de forma que eles pareciam estar à vontade durante as entrevistas, que foram marcadas em locais de escolha dos membros selecionados: duas foram nas casas dos entrevistados, uma foi na faculdade na qual o membro estuda, três foram em cafés escolhidos pelos membros na cidade de Porto Alegre, uma foi em um pub (barzinho) escolhido pelo entrevistado para ir depois de seu expediente de trabalho e uma entrevista teve de ser realizada por *Skype*<sup>75</sup> porque a pessoa não reside mais na capital gaúcha. As entrevistas ocorreram em novembro, conforme disponibilidade dos entrevistados, e duraram em média de 40 minutos a 1h30. Algumas entrevistas que planejamos inicialmente não foram feitas ou foram substituídas por outras devido a alguma impossibilidade de participação dos membros. Antes de cada entrevista, explicamos aos entrevistados a ideia geral da pesquisa e os temas gerais que norteariam esse procedimento. Todos os entrevistados autorizaram a gravação das entrevistas no celular da pesquisadora.

As entrevistas foram focalizadas nas *relações comunicativas dos ambientes digital e presencial, bem como nas mediações relativas à tecnologia e às identidades culturais que constituem CS POA*, com o objetivo de observar e desenvolver estratégias para que os atores falem sobre os aspectos que pretendíamos analisar. Para isso, desenvolvemos um roteiro de entrevista composto pelos seguintes blocos temáticos, que nos auxiliariam na organização e na exploração de elementos interessantes à nossa pesquisa: *Temas, Interações e Negociações; Relações Interculturais; Conflitos e Relações de Poder; Marcas Identitárias Culturais; Apropriação de Cenários; Cidadania; Mediações (Tecnológica, Culturas/Identidades gaúchas, Hospitalidade, Estrutura/regras da comunidade); Identidade CS POA*. O roteiro destas entrevistas pode ser conferido no Apêndice E.

Buscamos pensar, a partir das falas dos membros nas entrevistas articuladas às observações em âmbito virtual e presencial, como essa comunidade se define identitariamente, como são construídos os papéis dos sujeitos em CS POA, quais as regras que regem explícita e implicitamente as interações desses indivíduos, quais marcas identitárias culturais se sobressaem nos espaços digital e presencial da comunidade, e como se dão os diálogos e trocas culturais no âmbito comunitário. Para a pesquisa sistemática, foi também interessante analisar recursos, possibilidades e limitações interativas disponibilizadas pelas redes sociais virtuais que constituem a comunidade.

---

<sup>75</sup> *Skype* é um programa que permite a realização de videoconferências via internet.

Em termos de relações comunicativas, um dos aspectos que observamos é *como os membros de CS POA definem a pertença à comunidade e como eles definem seu papel* nela. Há indícios desta pertença desde na descrição “formal” da comunidade no ambiente digital – disponível na página inicial de CS POA no *Couchsurfing* e no *Facebook* –, até nas discussões e postagens no *Facebook*, na negação de outros espaços que levam o nome da comunidade e que não a representam, de fato, segundo os membros, na apresentação da comunidade para novos integrantes nos encontros presenciais, na ênfase de algumas características de CS POA – no compartilhamento de materiais relacionados aos sentidos e objetivos vinculados a CS POA e ao *Couchsurfing*. Alguns membros inclusive não percebem/reconhecem o papel que têm junto à comunidade.

A observação de membros da comunidade tanto em âmbito virtual quanto presencial nos ajudou a coletar informações, marcas e expressões de expectativas geradas em torno do CS. No ambiente digital, observamos tanto as informações verbais quanto as visuais. Já no âmbito presencial, analisamos as marcas de pertença dos sujeitos à comunidade expressas em expressões e falas, em vestimentas, acessórios, símbolos, objetos e cenários.

Quanto à *estruturação da comunidade e os papéis dos sujeitos que a compõem*, foi importante observar virtual e presencialmente os papéis “oficiais” de moderador e embaixador. Observamos também a expressão de outros papéis que emergem nas práticas dos sujeitos na comunidade, como a de organização/divulgação de encontros semanais, de acolhida de membros novos. Interações no ambiente digital e no presencial, ações como de mediação de conflitos e destaque de alguns sujeitos em papéis específicos nos indicaram papéis e hierarquias que compõem CS POA.

Em relação às *regras que regem as interações entre os membros da comunidade*, encontramos nas observações e nas falas dos entrevistados tanto as regras oficiais do *Couchsurfing*, as quais estão disponíveis nas normas da rede social CS, e outras regras tácitas vigentes na comunidade e que perpassam a convivência dos sujeitos. Seja nas postagens virtuais ou nas interações dos *meetings*, há também uma netiqueta/etiqueta a ser seguida e o desrespeito a essas normas pode gerar situações desconfortáveis e conflitos entre os membros da comunidade. Analisamos alguns mecanismos que tentam garantir o respeito a essas regras e como alguns indivíduos – a partir de suas características e seus papéis – interagem no sentido de preservar essas normas que constituem CS POA, de explicar aos novatos “como as coisas funcionam”. No entanto também percebemos resistências, desvios e conflitos relacionados a essas regras.

As *marcas das culturas/identidades culturais dos membros da comunidade* foram observadas a partir de aspectos como as práticas culturais, a linguagem, os sotaques, as marcas corporais, os símbolos, as espacialidades e objetos que as expressam. No *âmbito virtual*, buscamos elementos representativos das culturas presentes na comunidade – como referências ao local (um exemplo é a foto do centro de Porto Alegre-RS que ficava alocada na descrição da comunidade à época do formato antigo de *groups* da comunidade no CS). Fotos contextualizadas na capital gaúcha compartilhadas online, bem como de perfis de sujeitos que aparecem (revezadas) na página principal da comunidade no *Facebook* e no CS também evidenciam elementos (como a foto de indivíduo em cuja foto de perfil está segurando uma cuia de chimarrão, por exemplo). Já no *âmbito presencial*, é possível perceber marcas fenotípicas dos sujeitos, símbolos (quando alguém leva um chimarrão, ou quando o pessoal se reúne para um churrasco, por exemplo), vestimentas e acessórios que caracterizam os sujeitos (um gaúcho que vai a uma das reuniões de bombacha, por exemplo, ou pessoas vestindo roupas típicas de outros lugares), linguagem e sotaques (como expressões típicas do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, expressões de outros locais e a própria barreira linguística que pode facilitar ou limitar interações entre sujeitos), além dos próprios cenários (os *meetings* semanais ocorrem em bares que têm elementos da cultura de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul).

Para dar conta das formas como se constroem as *relações interculturais* na comunidade, observamos as interações estabelecidas nos espaços virtuais e presenciais de CS POA, que têm especificidades relacionadas às características destes cenários. Essas interações nos dizem muito sobre como se estabelecem as relações entre as diferentes culturas/identidades culturais na comunidade; sobre conflitos e relações de poder existentes; sobre processos de cooperação, de intercâmbio, de negociações; sobre a profundidade das relações estabelecidas no âmbito da comunidade entre sujeitos de diferentes culturas que, ora ultrapassa o típico e o estereotipado, ora é considerada superficial por alguns sujeitos não gaúchos.

Observamos ainda a mediação tecnológica, percebendo como os recursos digitais que constituem a rede *social* Facebook estão implicados na constituição da comunidade CS POA. A dimensão tecnológica tem um papel configurador das relações comunicativas e de como ela incide e é apropriada pelos membros da comunidade. Essa mediação tecnológica incide, inclusive, no contato presencial entre os sujeitos, seja facilitando o contato virtual entre membros da comunidade, seja auxiliando na divulgação de eventos e encontros de CS POA,

ou até mesmo sendo canal de conflitos – o que afasta alguns membros também no âmbito presencial.

Na coleta de dados no ambiente digital, nos aprofundamos sobre os usos da rede social *Facebook*, cujo espaço virtual da comunidade conta um número bem menor de membros que a comunidade no CS e, por outro lado, aglomera membros mais ativos de CS POA. Analisamos o que foi discutido neste cenário digital no período selecionado para entender de que forma as relações culturais da comunidade se constituem no espaço virtual, sobretudo no *Facebook*, onde hoje se concentra uma frequência maior de interações entre membros mais assíduos da comunidade.

A partir da pesquisa exploratória de CS POA, percebemos indícios – ainda que de maneira superficial – de que a valorização de elementos da cultura gaúcha em detrimento de outras culturas é mais perceptível em interações de sujeitos que viajam menos frequentemente que outros. Os sujeitos que viajam mais, aparentemente, lidam melhor com a diversidade e a convivência cultural do que outros que também têm um intenso contato intercultural (recebendo hóspedes de vários lugares e de diversas bagagens culturais), mas apenas dentro de Porto Alegre. Na pesquisa sistemática pudemos observar que há uma valorização das culturas locais na comunidade em detrimento de outras, em maior ou menor escala dependendo das interações, e que isso tanto pode não chegar a ofender quem é de fora do Rio Grande do Sul, quanto pode soar como impositivo e bairrista – a partir do momento em que são negadas práticas culturais externas em detrimento do “jeito gaudério”.

As mudanças da rede social CS, que geraram discussões na comunidade desde o período de pesquisa exploratória – modificações de *layout*, alterações em ferramentas do CS, mudança do objetivo da organização/instituição do CS –, continuaram atravessando algumas interações e foram um tema importante na fase sistemática de pesquisa.

Foi interessante observar durante todo o processo de observação e coleta de dados, desde a fase exploratória até a sistemática, a iniciativa de alguns membros em querer um retorno sobre a pesquisa. Há um interesse de alguns membros, sobretudo os entrevistados, em saber os resultados da investigação e em ler artigos científicos que provenham futuramente da dissertação.

Os indícios e constatações da pesquisa exploratória, somados às considerações do exame de qualificação, nos possibilitaram redesenhar e modificar alguns objetivos e alguns pontos do esquema sinóptico da pesquisa, o que foi aperfeiçoado durante toda a fase sistemática. Isso foi fundamental para delimitar melhor nosso objeto e focar em questões

importantes que até então estavam sendo inconscientemente negligenciadas pela pesquisadora, como a importância do conceito de hospitalidade.

Após a coleta de dados, organizamos as informações provenientes das anotações do diário de campo, das entrevistas transcritas e dos *printscreens* para que pudéssemos confrontá-las em nossa descrição analítico-reflexiva. Os eixos temáticos dos blocos formulados para o roteiro de entrevistas nos guiaram, no sentido de confrontar os dados obtidos junto aos entrevistados com as observações e interpretações da pesquisadora, inclusive esses blocos também influenciaram na construção e organização do capítulo analítico. Afinal, as entrevistas nos proporcionaram informações e contato com posicionamentos de alguns membros que não necessariamente refletem exatamente o que observamos nas interações virtuais e presenciais.

O próprio processo de aplicação das entrevistas levou ao desenvolvimento de algumas questões e à exploração maior de alguns temas nas entrevistas finais. Um dos pontos complicados de organização do material coletado por meio de entrevistas é que elas seguiram um roteiro, mas foram se desenhando de acordo com a situação e com as falas de cada entrevistado, de forma a modificar a ordem de algumas perguntas. Por outro lado, a organização das perguntas em roteiros nos ajudou tanto no processo de arguição quanto no processo de posterior organização dos dados, porque mesmo as perguntas que foram deslocadas da ordem do roteiro estavam contidas em blocos específicos, cabendo à pesquisadora organizar as respostas também por meio de blocos.



## 6. RELAÇÕES INTERCULTURAIS/IDENTITÁRIAS NA COMUNIDADE CS POA

Neste capítulo apresentamos análises descritivas e interpretações dos dados coletados durante a pesquisa sistemática, tendo base em nosso olhar crítico acerca das interações, relações interculturais e processos comunicativos observados em CS POA durante nossa pesquisa de campo (entre setembro e novembro de 2013). Para a construção dessas análises, foi necessário trazer elementos de observação das práticas da comunidade, das falas dos membros e de seus posicionamentos. Além de expor os dados, vamos discutir o que eles significam e dizem para nós sobre a comunidade investigada, ajudando-nos a compreender a realidade de CS POA. Neste momento, realizamos um esforço analítico-reflexivo para não sucumbir ao ponto de vista e às perspectivas dos atores da comunidade, que vivem os processos de maneira naturalizada. O capítulo está dividido em torno de três grandes eixos, que remetem às dimensões da problemática investigada: “Temas, interações e negociações”, “Marcas Culturais” e “Mediações”.

### 6.1 Temas, Interações e Negociações

Considerando o período que observamos, as interações em CS POA em geral tiveram temáticas bastante diversas, embora tenham se sobressaído online e presencialmente o *Encontro Nacional do CS em Porto Alegre*, as *mudanças do Couchsurfing* e a *criação de outros espaços no Facebook que se diziam de CS POA*. O conteúdo também é diversificado, são compartilhados textos verbais, vídeos, fotos, links, programações, documentos, planilhas etc., mas há uma predominância de textos, fotos e links.



Figura 13: Interações virtuais de CS POA no *Facebook*. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

No **cenário digital** da comunidade percebemos que, exceto temáticas de maior destaque e que são retomadas em outras postagens e interações, a exemplo do Encontro Nacional, grande parte das postagens trata, de maneira direta ou indireta, de *cultura, viagens, lazer e arte*, o que não consideramos surpreendente tendo em vista que a comunidade se formou a partir de interesses em viagens e intercâmbios culturais, no site do *Couchsurfing*. Detalhando, entre setembro e novembro de 2013, percebemos que circularam muitos conteúdos sobre o *Couchsurfing* (notícias, matérias sobre a rede social ou sobre experiências de *couchsurfers*<sup>76</sup>), tópicos relacionados a viagens (informações sobre a Infraero, sobre passagens aéreas e promoções em companhias, sobre hotéis, sobre aplicativos interessantes de geolocalização para quem viaja, sobre caronas), convites para festas, passeios, caminhadas, pedaladas, exposições, programações de festivais, peças de teatro, eventos gastronômicos, cinema, encontros do CS (invasões, Encontros Nacionais de 2013 e até de 2014), convite de *happy hour*, para ir a algum bar ou pub tomar cerveja, matérias interessantes ou engraçadas de sites, ajuda com informações sobre POA pra quem não é da cidade, postagens de novatos querendo saber mais sobre *meetings* e a comunidade (o que é mais comum no espaço da comunidade no CS), sobre o Acampamento Farroupilha, divulgação dos *meetings* (migração de chamadas para os meetings no *Facebook*) e divulgação de cursos/eventos sobre línguas estrangeiras. Sobre os usos do ambiente digital, conforme as palavras de uma entrevistada gaúcha ativa nas interações digitais da comunidade,

<sup>76</sup> Membros do *Couchsurfing*.

Sempre tem alguém convidando pra alguma atividade cultural, uma peça de teatro ou um cinema ou fazer um piquenique sobre coisas que acontecem no próprio Couchsurfing. Sobre atitude de outras pessoas, sobre coisas que mudaram no site, coisas que mudaram na política do Couchsurfing, e também, não sei, tão sempre marcando uma coisa pra fazer porque um grupo que fica muito parado... então todo final de semana tem uma coisa, então tem sempre alguém postando alguma coisa pelo menos algum evento, alguma coisa assim, pra participar de algum evento que vai acontecer na cidade mesmo [...]

Eu compartilho bastante posts de blogs que falam sobre viagem, porque é bom viajar. Ou alguma coisa interessante sobre algum país ou algum lugar do mundo. Também sobre promoções de passagem, sobre algum evento, alguma festa. Agora eu postei lá pra saber o quê que o pessoal ia querer fazer no réveillon pra ver se alguém ia querer viajar junto, ou tinha alguma ideia de onde ir, algum lugar legal. Pra poder tá com os amigos, enfim. Né? E se várias pessoas gostariam de ir pra o mesmo lugar. Mas é isso aí, também se as pessoas compartilham alguma coisa legal, eu comento 'ah, legal isso', e tal... (Luisa, 25 anos).

Também encontramos *posts* com referências sobre manifestações/passeatas, convites para tomar chimarrão no parque da Redenção (algo que ocorria com mais frequência em 2012), pedidos de trabalho voluntário e de arrecadação de brinquedos para um crianças carentes, sobre lançamento de livro, com convite para assistir a um jogo de futebol em um bar, convites para piqueniques, informações de transporte para chegar a algum lugar de Porto Alegre, anúncio de coisas esquecidas no bar durante algum *meeting*, um pedido de ajuda para realizar uma pesquisa de TCC (algo muito mais comum e até frequente no espaço da comunidade no CS), informação sobre um subgrupo de vôlei formado por alguns membros de CS POA e aviso sobre retomada de encontros para prática de língua estrangeira que estavam bastante parados nesse semestre.

"Boa notícia! No dia 11/11 (segunda-feira), haverá somente exibição de filmes nacionais nos cinemas Cinemark Oficial ao preço único de R\$ 3,00! Não pode perder! \*\_\*\*\*\*\*"

Lista dos filmes aqui:  
[www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-104335/](http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-104335/)

<http://xn--www-fe5a.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-104335/>  
[xn--www-fe5a.adorocinema.com](http://xn--www-fe5a.adorocinema.com)

Like · Comment · Share · 6 November 2013 at 18:03 near Porto Alegre  
 and 6 others like this.

View 7 more comments

Tomara que a arrecadação sirva para os produtores nacionais se livrarem da Globo Filmes.  
<https://youtu.be/M99qbt3q3E>

**Ator Caio Blat detona REDE GLOBO**

8 November 2013 at 11:34 · Like

Fiz uma pré-seleção dos filmes que gostaria de assistir: Flores raras; O tempo e o vento; o Som ao redor; Serra pelada; mato sem cachorro  
 8 November 2013 at 12:16 · Like · 2

segunda eu só me libero depois das 20h...estarei no Menino Deus... se rolar algo após esse horário aí pelo Barra eu toco!

Gente! Tenho só a agradecer! Pelas risadas, pelo tanto de gente legal que eu conheci, pela cerveja, pelo pessoal que se esforçou pra caramba pra que tudo saísse perfeito...Enfim...fazia tempo que eu não me divertia tanto...Saibam que vcs serão sempre bem vindo aqui! Um beijo no coração de todos vcs e muito obrigada por fazerem meu feriado mais feliz!

Unlike · Comment · 17 November 2013 at 21:52

You, [redacted] and 37 others like this.

View 2 more comments

Também me divertir muito!! Muito bommm!! 😊  
 18 November 2013 at 00:12 · Like · 5

Tava muito divertido mesmo (o/ amei tudo  
 18 November 2013 at 00:21 · Unlike · 5

o/ha, foi um dos melhores encontros  
 18 November 2013 at 01:21 · Unlike · 8

Write a comment...

Pessoal estava tudo maravilhoso!! Parabéns ao pessoal da organização. Só me arrependo de não ter ido no churras. Mas a ida pra Feliz, pubcrawl e opinião tudo no mesmo dia foi pra me matar!!! heehheheh

Unlike · Comment · 17 November 2013 at 21:49

You, [redacted] and 7 others like this.

<http://www.soumeridianos.com/2113/02/couchsurfing-nospaagem-gratuita.html>

**Couchsurfing, hospedagem gratuita ao redor do mundo - 360meridianos**  
 360meridianos.com  
 Saiba tudo sobre o Couchsurfing, rede de viajantes que proporciona hospedagem gratuita ao redor do mundo.

Like · Comment · Share · 1 December 2013 at 18:48

[redacted] like this.

não li a matéria mas já achei a chamada ruim, cs não se trata de hospedagem gratuita.  
 2 December 2013 at 19:07 · Like · 5

concordo, Vinii! tb não curti o título.  
 3 December 2013 at 20:08 · Like

Write a comment...

Figura 14: Postagens de CS POA no espaço de *Facebook*. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

Curtindo muito o parque da harmonia. Muita programação de tradição, musica, apresentação dos grupos de dança, churrasco e chimarrão. Quem tiver afim de vir da um toque meu fone: 8210-2968.

Like · Comment · 8 September 2013 at 18:44

[redacted] and 8 others like this.

A imagem ao fundo estragou tudo!!!!... 😞  
 8 September 2013 at 20:29 · Like · 2

Anotado! No próximo findi vou certo te ligar... rsrs  
 9 September 2013 at 00:12 · Like · 1

[redacted], desculpa aí, mas eu não vi se teve em algum momento apresentação do pessoal do Grêmio, heheh  
 9 September 2013 at 01:16 · Like

vamos fazer um churras aí ??? que  
 [redacted]

E aí Pessoal

Nesta quinta o meeting será um churras no acampamento farroupilha! Todos os dados estão no evento, esperamos todos lá 😊

<https://www.facebook.com/events/633675413320781/>

Like · Comment · 16 September 2013 at 18:32 near Porto Alegre

[redacted] and 16 others like this.

mas bahhhhhhhhhh q saudade!  
 16 September 2013 at 18:50 · Like · 2

sexta to aí  
 16 September 2013 at 22:51 · Like · 2

Nos vemos lá! ;D  
 18 September 2013 at 15:41 via mobile · Like · 2

Não vou poder ir...to com cumeraaaa! !!!  
 Hahahahaha  
 18 September 2013 at 15:43 via mobile · Like · 2

Write a comment...

Figura 15: Acampamento Farroupilha foi tema de interações de CS POA. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.



Figura 16: No período analisado observamos incentivo a ações de solidariedade. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.



Figura 17: Convites para programas como piqueniques e botecos. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.



Figura 18: Menções de manifestações e marchas circulam entre as interações digitais de CS POA.  
 Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

Chamou nossa atenção o fato de a divulgação do local novo dos *meetings* ser apenas comunicada pelo embaixador João no espaço do *Face* de CS POA em 20 de outubro de 2013 sem maiores explicações. Observamos que já havia conflitos e problemas com o bar antigo – que o grupo frequentou semanalmente por cerca de três anos –, mas mesmo quando um dos membros perguntou em um comentário o porquê da mudança, nem houve negociações, nada foi respondido. Uma integrante novata também tentou interagir, mas não teve resposta. O *post* “E estamos de casa nova! \o/” foi acompanhado de um link que abria o evento do *meeting* no site do CS, de forma a estimular que os membros acessassem o CS e confirmassem presença lá, em vez de manter o evento apenas no âmbito do *Facebook* – algo que alguns embaixadores costumam fazer. Poucos dias depois, às vésperas do primeiro *meeting* no novo local, um membro compartilhou um *post* de uma moça de Porto Alegre sobre um problema de roubo que ocorreu no bar onde eram os *meetings*, o que gerou discussão entre vários membros que colocaram seus pontos de vista, inclusive alguns manifestaram que ficaram mais tranquilos porque os encontros semanais não seriam mais naquele local.



Figura 19: Comunicado de um dos embaixadores sobre a mudança de local dos *meetings*. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

A ausência de respostas em alguns comentários e de interações como *feedback* de algumas manifestações ocorrem com alguma frequência, no entanto é mais comum que os membros fiquem indiferentes a postagens cujos conteúdos não se vinculem às propostas e interesses da comunidade. Uma integrante, por exemplo, fez um *post* pedindo votos para um concurso de fotografia – o que não tem nada a ver, inicialmente, com a proposta da comunidade – e a postagem teve uma curtida. Outra postagem semelhante, pedindo informações tipo classificadas relacionadas à procura de um quarto mobiliado, ficou sem nenhuma resposta.

Por outro lado, esse comportamento tem uma ressalva, um elemento contraditório: apesar de assuntos/temas que não tenham a ver com a proposta muitas vezes serem ignorados pelos atores, se a postagem é de um membro ativo, solicitando uma informação ou divulgando algo comercializável, a probabilidade de haver interações por parte de outros membros é maior do que com um ator novato ou inativo. Houve, inclusive, um caso de um anúncio de venda de um móvel, no qual um membro ativo teve várias interações de outros membros. Ele

começou o *post* afirmando que era *off-topic* (fora do assunto ou dos temas geralmente tratados naquele espaço), mas teve *feedback*. Assim, podemos pensar que a posição dos atores na comunidade configure as interações. Isso também não quer dizer que absolutamente tudo que os membros ativos postem sejam alvo de discussões e de muitas interações na comunidade, dependendo do assunto, mesmo um ator ativo e conhecido por muitos na comunidade pode não ter nenhum retorno – embora seja algo mais raro de acontecer, pelo menos diante do que acompanhamos nos dois meses de observação. Não é um fator completamente padronizado, as interações ocorrem conforme os assuntos, a disponibilidade de conexão dos membros – que não estão disponíveis necessariamente por estarem conectados ao *Face*, por exemplo, se a conexão é mantida no aparelho telefônico móvel do membro enquanto ele está ocupado.

Durante nosso tempo de observação, foi interessante perceber que os membros ativos parecem estar ainda relacionados às antigas lógicas de CS POA no site do CS, não somente por alguns tentarem estimular o retorno de algumas práticas no *Couchsurfing*, como a divulgação do evento do *meeting* semanal no CS e a reprodução do link do evento no *Face*, mas também pelo fato de ainda fazerem chamadas para os *meetings* – o que era bastante habitual quando o principal espaço digital de interação da comunidade era o CS –, e de agora manterem moderadores do espaço do FB. O grupo fechado do *Facebook* que deu espaço às interações de CS POA surgiu de maneira semelhante ao grupo que originou a comunidade no CS: um ator criou o espaço e incluiu outros sujeitos, até que a continuidade desse processo de adesão resultou em interações que se fortaleceram e geraram laços. A criadora do espaço de CS POA no Facebook, em outubro, promoveu outros quatro membros ativos a administradores (espécie de moderadores) desse espaço, entre eles Alberto, Lucas e João, o embaixador que citamos anteriormente, e que foi contra inicialmente à criação do espaço de CS POA no *Face* para evitar que os membros largassem o CS e o trocassem por este espaço.

As interações de CS POA em setembro também versaram (no FB e no CS) sobre a perda de um membro antigo e ativo da comunidade, que faleceu no dia 1º do mês, e que tinha ajudado a organizar algumas atividades do Encontro Nacional. Houve compartilhamentos de fotos, textos e homenagens a ele. Posteriormente, um dos membros pediu fotos de *couchsurfers* com ele para fazer uma homenagem e a postagem teve um *feedback* intenso. Assim, podemos afirmar que não só os momentos festivos, mas também os momentos tristes são importantes na observação dos vínculos de uma comunidade. A solidariedade e a união dos atores sociais de uma comunidade se mostram mais fortes em momentos de dificuldade como esse. Percebemos também, ao longo desses dois anos de contato intenso com CS POA,



que os laços de amizade e de lealdade estão bastante presentes nas relações entre muitos membros ativos. Quando alguém fica doente, precisa ser internado em um hospital, é interessante perceber que se formam escalas e revezamentos de visitas entre os atores, como forma de apoio.

Em relação aos principais temas discutidos no espaço digital de CS POA no período analisado, o mais proeminente era o do Encontro Nacional que aconteceria na capital gaúcha em novembro. Na época do Encontro Nacional (imediatamente antes, durante e imediatamente depois) as interações ficaram bastante polarizadas na temática do encontro. Mas é interessante notar que havia poucas interações no *Face* durante o evento propriamente dito, porque boa parte dos membros ativos da comunidade estavam em função das atividades da programação do Encontro. Foi um tema que rendeu muitas interações, seja a partir de informações, de divulgação da programação, ou de apropriações que foram feitas para divulgação das atividades, como divertidas postagens com montagens de pessoas famosas utilizando bigode (figura abaixo) – referência a uma das festas que seria temática durante a programação, o “Bigoday”. Eventos de arrecadação de fundos para a realização do encontro também mobilizaram muitas interações nos meses precedentes ao mesmo, já que não é possível obter apoio financeiro de ninguém no formato de patrocínio quando um evento leva o nome do *Couchsurfing*, mesmo a instituição CS não ajudando em nada com os custos. Muitas coisas relativas ao encontro tentaram ser avisadas com humor (como o aviso que reproduzimos abaixo), para chamar atenção de alguns membros de maneira leve e descontraída, tentando minimizar a possibilidade de conflitos.

facebook Search for people, places and things

Informamos que nossa bola de cristal estragou inesperadamente e não temos previsão de conserto. Assim sendo, estamos temporariamente impossibilitados de fazer adivinhações. Por essa razão, advertimos que depósitos não identificados serão entendidos como doação espontânea para o caixa do Encontro Nacional. Certos de sua compreensão, obrigada!

**ESTRAGADA**

E você, já está preparando seu bigode?  
Fonte: Encontro Nacional CS Notícias

**"Olha aí ô, já to de bigode!"**  
- Lady Gaga

15/11 Festa Bigoday

Lady Gaga gosta de surpreender! Nesta quinta-feira (24), a cantora foi clicada de bigode em apoio a Festa Bigoday que ocorrerá na Capital Gaúcha em Novembro. O evento faz parte da programação do 7º Encontro Nacional do CouchSurfing.

Like · Comment · Follow Post · 25 October 2013 at 00:29

and 5 others like this.

Figura 20: Postagens bem humoradas feitas por membros de CS POA referentes ao encontro nacional.  
 Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

As interações em torno do Encontro Nacional do CS em Porto Alegre aconteceram não somente nos espaços legitimados pela comunidade no Facebook e no *Couchsurfing*. Foram abertos outros grupos e eventos do *Face* para abarcar a programação, manter os participantes e a organização em contato, bem como para que houvesse um grupo restrito aos membros organizadores, que eram poucos, diante da quantidade de atores vinculados a CS POA no *Face*. Os principais eram o grupo fechado “Encontro Nacional – Organização”, o grupo “Encontro Nacional Nov 2013 Porto Alegre”.



Figura 21: Interações no grupo fechado Encontro Nacional – Organização. Fonte: Grupo Fechado Encontro Nacional - Organização - <<https://www.facebook.com/groups/557175544295307/?fref=ts>>.



Figura 22: Grupo sobre o Encontro Nacional do CS no Facebook. Fonte: Grupo Fechado Encontro Nacional Nov 2013 Porto Alegre - <https://www.facebook.com/groups/encontronacionalcs2013/?fref=ts>.

No entanto, além dessas expansões de espaço no cenário digital da comunidade durante o encontro, surgiram dois espaços com a denominação de grupos do CS de Porto Alegre no *Facebook*. O administrador de uma delas (denominada “Couchsurfing Porto Alegre-RS Brasil”) entrou em conflito com alguns membros de CS POA tanto no FB quanto no CS e acabou pressionado a abandonar o grupo, que tinha mais finalidades comerciais que hoteleiras e/ou comunitárias. Já o outro grupo (Couchsurfing – Porto Alegre), apesar de seu administrador ter se envolvido em conflito com um embaixador inicialmente, passou a ser uma extensão de CS POA acessível a qualquer usuário do *Face*, reproduzindo e disseminando informações de CS POA e praticando hospitalidade aos *couchsurfers*.

O administrador do “Couchsurfing Porto Alegre-RS Brasil” está no grupo dos *couchsurfers* que moram na região de Porto Alegre, mas é um dos que nunca participaram como membros efetivos de CS POA, nunca foram a um *meeting* ou interagiram intensamente com outros membros da comunidade, construindo laços. Os posicionamentos tiveram bastante divergência, desde o administrador que tentou, por um tempo, manter o grupo pois não achava que houvesse qualquer problema em chamar a atenção de adeptos do CS para viagens e excursões que ele estava promovendo, até vários membros ativos de CS POA que ficaram inconformados com a apropriação indevida do nome da comunidade em benefício de alguém. Houve uma série de embates e conflitos nos espaços de CS POA do *Face* e do CS, principalmente ressaltando a questão identitária da comunidade – também constituída por seu

nome. Foi criado um grupo ilegítimo do CS POA no *Face* levando com que atores da comunidade tomassem posições contrárias à existência desse grupo. Foram também feitas ações para deslegitimar o grupo, como Alberto e João, que saíram fizeram comentários em várias postagens do grupo explicando que aquele grupo era ilegítimo e indicando o link do grupo fechado oficial de CS POA. João ainda pedia que os adeptos do grupo o denunciassem. Esses comentários geraram conflitos e discussões com o administrador do grupo ilegítimo, até que este desistiu e fez outro grupo com o nome de sua empresa/agência de viagens. O grupo não foi excluído, mas estava desatualizado e parado até o começo de 2014.



Figuras 23 e 24: Discussões e conflitos no grupo ilegítimo de CS POA. Fonte: Grupo Aberto Couchsurfing Porto Alegre-RS Brasil <<https://www.facebook.com/groups/couchsurfingpoa/?fref=ts>>.

Ah, eu acho que Couchsurfing porto alegre já existe, ele fez isso sem consultar ninguém, fez por conta própria. E eu acho que, não sei se... não posso julgar, não sei se as intenções deles foram certas ou erradas, foram boas ou ruins enfim, mas ele devia pelo menos se ele quisesse fazer alguma coisa, ele devia consultar o grupo, porque o grupo de porto alegre, sei lá, tem mais de mil pessoas, bem mais que isso, não é ele sozinho que vai fazer alguma coisa, vai criar um grupo novo e dizer “Ah, a partir de agora esse aqui é o grupo de Couchsurfing de Porto Alegre” (Luisa, 25 anos).



Figura 25: Surgimento de outros grupos gera discussão de membros. Fonte: Grupo Fechado CS POA - < <https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

**couchsurfing** Tamires

Home Your Trips Host Events Discuss Help

« Porto Alegre - All Conversations

**Couchsurfing no facebbok** 23 days ago 12 posts by 6 people

Galera, criei no meu facebook um grupo chamado "COUCHSURFING PORTO ALEGRE-RS BRASIL. Entrem no grupo lá... Sou de Porto Alegre, e adoro viajar, to sempre rachando a gasolina com meus amigos, e viajando para um monte de lugares...

Só uma perguntinha... Já existe o grupo CS POA, já sabia? Ou seu grupo teria um outro objetivo...? Pergunto, apenas para evitar confusão para os futuros membros, ja que seriam dois grupos pra mesma cidade...

23 days ago

22 days ago

... b, desculpe, mas eu nao sabia desse grupo que me informou. Mas eu quero fazer desse grupo, um lugar para que as pessoas possam instigar a vontade de conhecer lugares novos, e assim, que os CS possam ajudar uns aos outros, disponibilizando carona, lugares para ficar, dicas, etc.  
Ex: estou indo para as Missões (ruínas de São Miguel) semana que vem, quero sair de Poa sábado bem cedo, chegar em São Miguel por volta do Meio dia, e ficar lá e...

People in this conversation

Graduando de Geografia pela PUC-RS. adora viajar e conhecer lugares.

I'm a developer, system analyst... after that i like to go to pubs have

A alegria de viver! Em busca da perola! Escavando profundamente

People usually say that I'm friendly, kind, funn, a good person to chat. I

Figura 26: Discussão sobre abertura de outro grupo no *Facebook* foi anunciada e discutida no espaço de CS POA no site do *Couhsurfing*. Fonte: Área de Porto Alegre no Couchsurfing <<https://www.couchsurfing.org/n/places/porto-alegre-rio-grande-do-sul-brazil>>.

Essas discussões também repercutiram presencialmente, em comentários nos *meetings*, por exemplo, mas se deram principalmente em âmbito virtual. Discutiu-se muito a respeito do que é o *Couchsurfing*, do que é ser uma comunidade do CS, que isso não se restringe a juntar pessoas para viajar, a fazer excursões – que era o que estava acontecendo naquele espaço ilegítimo. Analisamos que o administrador do grupo não tinha muita noção do porquê daquela confusão, porque para ele parecia natural – através de suas falas e de seu discurso – poder se apropriar da referência do CS porque ele tem um perfil cadastrado no site. Ele nunca tinha ido a nenhum *meeting* ou interagido com as pessoas da comunidade a ponto de estabelecer vínculos, mas achava que pelo fato de ser do CS, de já ter se hospedado, poderia organizar um grupo ou comunidade para viajar e fazer excursões com ele frequentemente.

O terceiro tema, entre os mais discutidos, é relativo a reclamações de mudanças no CS por parte de alguns membros (novatos e antigos) –inclusive manifestadas nos novos espaços denominados como sendo de CS POA no *Facebook*. Essas reclamações originaram discussões e argumentações sobre o que teria melhorado ou não com as mudanças no sistema do CS no começo de novembro de 2013.

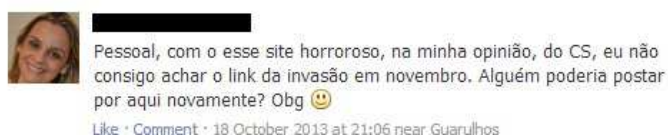


Figura 27: Reclamações do sistema do CS no *Facebook*. Fonte: Grupo Fechado CS POA - <<https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

Essas discussões geraram comentários e conversas durante os *meetings*, mas foram bastante exploradas no ambiente digital. Percebemos que as mudanças no sistema do CS desagradaram muitos membros, mas que essa posição não é totalmente homogênea. Alguns membros comentaram que o painel de ferramentas do CS está com uma arquitetura mais agradável, por exemplo. Outros reclamam bastante das ferramentas relacionadas às buscas, que está bastante difícil buscar perfis e informações no sistema, e da oferta de *couch* porque na versão atual do sistema estaria muito mais atrativo para o viajante colocar aleatoriamente suas informações em uma mensagem pública e esperar que alguém tenha a boa vontade de recebê-lo, em vez de haver uma busca por identificação e afinidades com o perfil do hóspede.

O membro Alberto, que já foi moderador de CS POA no antigo sistema do CS, reclama (figura 27) do novo *layout*, que apesar de ter melhorado esteticamente, estava contabilizando informações erradas, e critica a confiabilidade destas informações porque o sistema estaria considerando aceitos todos os *couchrequests*<sup>77</sup> que os sujeitos já fizeram e/ou receberam e criando conexões falsas entre *couchsurfers* que nem se conheceram. Enquanto

<sup>77</sup> Pedidos de hospedagem por uma ferramenta específica do sistema do *Couchsurfing*.

isso João, que é embaixador, sempre se manifesta na defensiva sobre os problemas, ressaltando o que melhorou – uma visão um tanto institucionalizada –, e falando das dificuldades dos membros em aceitar as mudanças e se adaptar a elas, como também ocorre no sistema do *Face*.

Como o pessoal, eu prefiro usar mais o Face do que o site, porque o site mudou muito do início, acho que de um ano pra cá, praticamente. Não sei exatamente o período, mas mudou bastante. E o pessoal, talvez, porque normalmente as pessoas tendem a não aceitar a mudança tão facilmente, muitos criticam bastante porque não dá pra usar, antigamente podia fazer uma coisa hoje não dá mais, essas coisas todas. Mas geralmente quando o pessoal toca no assunto como é, como tá em relação ao website do Couchsurfing, normalmente é só crítica [...] Houveram no início [discussões no FB sobre as mudanças do CS] . Acho que o pessoal já tá assimilando melhor como tá, porque não vai mudar né? (Lucas, 42 anos).

O que acontece muito entre... e eu tenho visto atualmente é gente reclamando que ‘Ah, o site mudou e tá difícil de fazer isso ou difícil de fazer aquilo’, eu tenho uma opinião bem particular sobre isso, que vem desde a época que começaram algumas mudanças, que na verdade é um medo das pessoas de mudar. As pessoas se deparam com uma coisa diferente do que elas estão acostumadas e têm preguiça de descobrir como a coisa tá funcionando agora. É o mesmo efeito que acontece com qualquer mudancinha no Facebook, por exemplo. ‘Ah, porque ficou uma merda, porque sempre que tá bom eles vão lá e mudam...’, é até acostumar. A diferença é que o Facebook já virou uma ferramenta necessária do dia-a-dia e o Couchsurfing não, as pessoas não se obrigam a aprender, elas reclamam que a coisa não tá funcionando, que tá tudo uma bosta, mas elas não vão atrás de tentar aprender um novo caminho pra chegar onde elas chegavam. Na minha opinião, o site tem melhorado, inclusive. As funcionalidades estão melhores, ele tá mais completo, só que ele tá diferente. O diferente assusta num primeiro momento. Então é mais ou menos o que eu tenho ouvido das pessoas comentar sobre as mudanças ultimamente no Couchsurfing (João, 28 anos).

As mudanças do CS levaram a posicionamentos divergentes na comunidade, mas atualmente não percebemos nenhuma formação de conflito entre os membros devido a essas mudanças.

No **cenário presencial** da comunidade, os principais temas que observamos nas interações entre os membros durante os *meetings* semanais eram relacionados às viagens, às culturas e suas diferenças, aos costumes e sotaques de lugares distintos, a situações atreladas ao *Couchsurfing*, ao surgimento de outros espaços no *Facebook*, à mudança de local dos *meetings* e muito sobre o Encontro Nacional e sua organização, até porque nosso período de observação incluiu os períodos antes, durante e depois do Encontro. Em geral, nos encontros presenciais semanais, os membros agem como se fosse um “encontro de amigos”, “uma reunião de mesa de bar”, só que há uma propensão muito maior de se discutir sobre culturas, identidades, viagens e experiências no CS enquanto se toma uma cerveja. Em entrevista,



Lucas, que está há mais de dois anos e meio vinculado a CS POA e, nesse período, só faltou um *meeting* semanal, explica como principais temas:

Como são os lugares? Como foram as viagens? Ou o quê que tão achando do Brasil quando chegam aqui, principalmente estrangeiros, e quando são brasileiros, o quê que acham de Porto Alegre? Uma porque Porto Alegre não é uma cidade que o pessoal considera como turística, então, o pessoal quando se encontram “Ah, e aí, o que tá achando de Porto Alegre? Legal? Tá curtindo?” Tem muita festa aqui? Que a gente tenta levar o pessoal pras festas (Lucas, 42 anos).

Quanto às culturas e suas diferenças, constatamos momentos em que a falta de negociação entre os atores pode levar a um enfraquecimento ou ruptura de relações, como algumas vezes em que não se acha um meio termo em uma discussão, quando há ânimos muito acalorados, e os membros se afastam. Por conta de atritos, alguns membros deixam de participar de atividades da comunidade e até se ausentam dos *meetings*.

No caso de CS POA, a própria hospitalidade é fruto de negociação entre os sujeitos. Lucas explica que há uma tentativa dos visitantes em serem politicamente corretos em torno das questões culturais, mas existem os que nem tentam negociar em torno dessas diferenças culturais:

Mas o pessoal diz “ai isso é estranho”. Ou então vira piada: “Isso é estranho pra gaúcho. Ah só podia ser coisa de gaúcho”. Essas coisas assim. Mas tem o pessoal que às vezes ou por brincadeira ou num sentido de brincadeira tenta, tipo, ir por alguma coisa. Ah, tipo... por exemplo, teve um de fora que disse: “não mas, é você quem tem que saber o meu idioma. Porque que tu não aprende, de repente?” E isso foi meio assim, tipo, da primeira vez que eu ouvi essa história foi essa frase: “não, tu que tem que aprender o meu idioma”, foi meio estranho assim porque eu penso, “pô, eu tô no meu país, a pessoa tá vindo visitar, então eu não preciso aprender o idioma dela”. Apesar de saber um pouco, né, mas não. Eu penso assim, tipo eu não vou na casa de alguém querendo impor alguma coisa (Lucas, 42 anos).

Constatamos, no caso relatado por Lucas, portanto, que há conflitos em torno de uma regra de hospitalidade da cultura dele que envolve a adaptação do hóspede ao local onde vai, à casa em que visita. Essa é uma regra não só de Lucas, mas também está implícita nas práticas da comunidade, que tem que estar aberta a receber as diferenças, mas que não aceita imposições culturais vindas dos visitantes. Essas regras e lógicas culturais têm de ser negociadas para que nem haja imposições por parte de quem recebe, nem de quem é recebido.

Observamos a migração das discussões do *Facebook* para os *meetings*, relativas à criação do grupo “Couchsurfing Porto Alegre-RS Brasil” e ao uso da imagem de CS POA para fins comerciais, inclusive entre Cássio e Alberto, ambos ex moderadores da comunidade,

entre outros membros. Enquanto Alberto se posicionou a favor de um retorno da função de moderador no CS, com poderes para banir um membro da comunidade caso ele não respeite as normas e regras estabelecidas entre os atores, Cássio afirma que a moderação já não tinha mais sentido na conjuntura da comunidade. Mas ambos concordaram que o administrador estava se aproveitando do nome do *Couchsurfing* e da comunidade para se promover.

Também observamos que poucos gaúchos falam da cultura local em uma perspectiva crítica, mas que é comum perguntar para os visitantes o que eles acham do bairrismo, da cultura gaúcha, o que acharam do Sul em suas viagens etc.

É... bem engraçado, né. Que se fala muito de como que é o gaúcho sabe? Como é que é o brasileiro, mas em particular o gaúcho, né. Porque as pessoas me falam muito, pessoas que perguntam “Ah, como tu te sente aqui? Como é que tu tá vivendo a tua estadia no Brasil? Como tu acha as pessoas aqui?”, então se fala muito sobre Porto Alegre, sobre as particularidades de Porto Alegre, e também das particularidades do caráter gaúcho, do caráter daqui, do RS. É um tema que vem, que volta sempre (Camila, 38 anos).

As viagens, de maneira geral, são compartilhadas com o todo nos *meetings*, principalmente se foram recentes: os que ficaram têm curiosidade de saber como foi, e os que viajaram ainda estão entusiasmados. Entre os tópicos desse tema, comumente estão questões como segurança, valor financeiro da viagem (se é uma viagem muito cara ou se dá pra fazer com pouco dinheiro), as paisagens, as pessoas que moram no local, a receptividade, os atrativos naturais e os artístico-culturais.

Pelo fato de ser comum a chegada de gente nova nos *meetings*, seja porque estão viajando ou porque recém se mudaram para POA, ou ainda porque eram da cidade e não conheciam a comunidade, sempre há conversas em torno da apresentação das pessoas (o que fazem, com que trabalham, de onde são, do que gostam). Os novatos por vezes se assustam com a ideia de receber uma pessoa estranha em casa, de dar abrigo ou de se hospedar com alguém que nunca viram, por isso perguntam aos que têm mais experiência no CS o que fazer, como proceder, se é uma experiência legal.

[...] tô pra te dizer que nos meetings é o mais variado que tu imaginar. É tipo, bah, quando se encontra alguém de fora inicialmente se... se fala bastante de... da cidade da pessoa – de onde vem, como é que é lá, o que tá fazendo aqui, você tenta conhecer um pouco a pessoa como você conheceria qualquer estranho, o que faz da vida, que idade tem, tá viajando a quanto tempo... Mas imediatamente após esse rápido período de apresentação né, a pessoa já é, rola um jump start e se tenta incluir a pessoa das conversas do grupo (João, 29 anos).

[...] se não tivesse esses encontros semanais acho que a comunidade terminaria por se desagregar non, porque son as pessoas que mais simbolizam que están organizando,

podam conhecer outras, que fazem parte da comunidade, se falar entre eles, num sei. Eu acho que é bem importante, que não seria o que é mesmo se tivesse estrangeiros que chegam que tu acolhe (Camila, 38 anos).

Bom, eu acho que é uma oportunidade de se conhecer melhor, assim, e poder até indicar coisas, trocar experiências. Porque é legal, claro, alguém que vem pra tua casa ou quando a gente vai pra casa dos outros, mas também é importante conhecer da própria cidade. Então pra quem não é daqui, por exemplo, tem um papel super importante. Foi uma das coisas que eu gostei mais, quando passou a ter, porque eu não era daqui e não conhecia pessoas daqui de Porto Alegre. Então eu acho que tem um papel importante para quem se muda pra cá e é uma cidade que tem muita gente que vem pra estudar, pra trabalhar... então é normal. E eu acho que pra própria pessoa que viaja mesmo, assim, acho que tem um papel porque nem todo mundo consegue couch, ou às vezes tem essas questões de, sei lá, veio com a família, por exemplo, aí fica num hotel, mas quer interagir com outras pessoas da cidade. Então eu acho que é fundamental ter uma coisa regular, que a pessoa não precise ficar procurando em várias mensagens, nem uma adesão prévia, nem comprar um ingresso. Eu acho que tem um papel bem importante, assim, de sociabilização, ainda que restrinja a determinados grupos e tal né?! Mas acho que é importante sim (Júlia, 33 anos).

Os imigrantes provenientes de outros países que vêm para o Brasil por vezes oferecem perspectivas e ângulos diferentes da realidade brasileira, segundo suas impressões e experiências. Eles também tentam pedir auxílio a quem é de Porto Alegre ou do Brasil para entender lógicas do lugar e expressões. Mas percebemos também que a identificação idiomática pode fazer com que pessoas de língua materna hispânica ou francesa, por exemplo, interajam mais entre si e menos com o restante da comunidade, embora às vezes nem haja a barreira da língua. Claro que há uma identificação entre esses atores que compartilham a mesma condição de alteridade no território gaúcho, mas seria interessante que isso não limitasse sua interação e suas relações no âmbito da comunidade. Mas também há gaúchos que formam subgrupos e interagem menos com os demais membros nos encontros, de forma que a convivência entre pessoas de culturas diferentes não se dá de maneira uniforme. O depoimento seguinte explicita esta questão:

Eu acho que inevitavelmente quando tu acha pessoas da tua mesma nacionalidade tu cria um vínculo com eles porque tem tudo que não é dito, mas que pertence a mesma cultura, que tu comparte com essa pessoa que te faz que tu seja mais... quando tu tem uma pessoa da mesma cultura é mais fácil de comunicar porque tu comparte muitas coisas (Camila, 38 anos).

Um ponto interessante foi constatar que há estrangeiros que frequentam *meetings* de CS POA, interagem com membros da comunidade e que já se hospedaram através do *Couchsurfing* em outros lugares, mas que no Brasil preferiram procurar um hostel até achar um lugar fixo de moradia. É o caso de uma espanhola que recém se mudou para Porto Alegre

e que tem medo de tentar se hospedar via CS no Brasil por conta dos problemas de segurança brasileiros. Neste caso, vemos estereótipos construídos sobre a alteridade podem limitar o contato dos atores sociais e restringir suas experiências, porque mesmo “se aventurando” no CS a encontrar pessoas desconhecidas, a receber e ofertar hospitalidade gratuitamente, há questões que permeiam essas experiências, como o fator da segurança pessoal. Um perfil sem muitas informações pode impedir que um sujeito seja hospedado, mas também pode ser uma tentativa de não deixar tantas marcas pessoais nas redes e de correr menos riscos, para alguns.

Há sujeitos que se vinculam a CS POA por uma questão de sociabilidade, de ampliar contatos sociais e amigos. Ouvimos relatos de pessoas que trabalham em profissões que limitam o contato interpessoal e que sentem falta de interagir face a face com pessoas novas. Há também pessoas com dificuldade de socialização que tentam criar laços na comunidade, já que na sua visão os integrantes de CS POA seriam mais abertos às diferenças.

As culturas gastronômicas, as comidas e bebidas são também questões que atravessam muitas interações e que permeiam culturas. A gastronomia faz parte da experiência cultural. As comidas típicas de Porto Alegre e do RS, as cervejas artesanais e os vinhos são elementos constitutivos da cultura porto alegre e eram foco de conversas geralmente entre pessoas de POA, ou que morassem na cidade o tempo suficiente para indicar locais de comida gaúcha a sujeitos de fora.

No antigo bar em que os membros de CS POA se encontravam toda semana, havia um piano que poderia ser tocado, inclusive, pelos integrantes da comunidade. Eventualmente alguns *couchsurfers* faziam apresentações no meio dos *meetings*, o que poderia repercutir em conversas posteriores sobre instrumentos, músicas e estilos musicais.

A hospedagem e as práticas de hospitalidade implicadas no *Couchsurfing* foram temas de interação presencial nesses meses de observação sistemática especialmente porque, no último ano, CS POA tornou-se objeto de pesquisa de alguns estudantes em Porto Alegre, sobretudo na área de Turismo. No entanto, essas interações não foram tão intensas por conta de problemas na aproximação de algumas pesquisadoras com a comunidade e o espaço dos *meetings*. Observamos estudantes comentarem que esperavam uma acolhida mais solícita e uma participação mais intensa na comunidade, mas constatamos que boa parte desses pesquisadores sequer se esforçou em fazer parte do ambiente. Nesses meses foi comum conhecer pesquisadoras que apareciam pela primeira vez em um *meeting* e já queriam que alguém lhes concedesse uma entrevista ali mesmo, ou forçavam comportamentos para conseguir informações. Uma das pesquisadoras, que queria desenvolver um aplicativo para

viajantes, nem se apresentou direito, fez questionamentos a várias pessoas, interferiu na dinâmica do *meeting*, estava ali como um ator totalmente deslocado e invasivo, mal se ambientou e foi embora. Mesmo em uma comunidade constituída com horizontes de hospitalidade, é difícil para os membros serem hospitaleiros com pessoas que não se esforçam em entender suas dinâmicas e processualidades.

As comparações entre Porto Alegre e outras cidades são comuns nas conversas da comunidade, não só em relação às suas arquiteturas e seus espaços urbanos, mas também aos sotaques. Os vários sotaques dos membros da comunidade reforçam as diferenças de sotaques existentes no Brasil e no próprio Rio Grande do Sul.

Em termos de viagens, são comuns os diálogos sobre promoções de passagens, aéreas e pacotes de viagens. Mas enquanto os destinos dos gaúchos são geralmente mais previsíveis – praias no Brasil ou cidades no exterior –, os estrangeiros têm vontade de explorar o país enquanto estão morando aqui, além das praias e cachoeiras, querem conhecer os cenários preservados e também os de pobreza extrema, os tipos de vegetação e de solo que não conhecem, por exemplo, além da Amazônia que é unanimidade.

Em outubro, a mudança de local “oficial” dos *meetings* gerou conversas e avaliações do novo local, que é mais alternativo, tem uma variedade de serviços melhor, em termos de comida e bebida, mas que seria muito barulhento. E, de fato, as interações face a face ficam mais complicadas na comunidade se, no único encontro semanal dos membros, há dificuldade em comunicar-se. Várias pessoas reclamaram desse problema em conversas paralelas nos primeiros *meetings* do novo bar, enquanto as (poucas) pessoas que decidiram pela migração de local rebateram constantemente dizendo que é impossível agradar a todos e que o outro lugar de encontro tinha muitos problemas. Camila (38 anos), por exemplo, uma integrante espanhola de CS POA diz: “Uma coisa que não gostei da mudança de local do meeting é o barulho da banda do bar. É difícil falar, se comunicar. Se tu queres para dançar, tu sais para dançar. Mas a proposta do meeting do CS POA não é essa, é estimular conversas, interações”.

O Encontro Nacional, que antes era mencionado nas conversas superficial e raramente, ou mais especificamente nos eventos que foram feitos para arrecadação de dinheiro – como um brechó de peças doadas pelos membros da comunidade totalmente em prol do evento – ao final outubro passa a configurar-se como temática mais presente nas discussões, afinal estava se aproximando o evento. Enquanto isso, os membros que formaram a comissão organizadora do encontro estavam se mobilizando desde o primeiro semestre de 2013 para planejá-lo. Houve várias reuniões restritas à organização, muitas até mesmo em dias de domingo, para

que as decisões em nome da comunidade fossem tomadas. Entre essas reuniões houve, inclusive, a decisão de mudança do local dos *meetings*, tendo em vista o *meeting* que aconteceria dentro da programação do encontro.

As negociações e posicionamentos em relação ao encontro foram definidas em um grupo pequeno, tanto em âmbito virtual quanto presencial. Mesmo com a monopolização de informações por parte da equipe organizadora do evento, que não socializava possibilidades nem abria votação com o restante do pessoal, houve divulgação sobre o evento. Lucas define como ativos cerca de 12 membros que viajam, que organizaram o Encontro Nacional e que ajudam em outros eventos.

E aqui dentro eu vi que muitos ainda não sabem que tá acontecendo. Que vai ter Encontro Nacional. Pelo que eu converso assim, com a galera que aparece de vez em quando no meeting, ou são amigos e amigos, é um pessoal simplesmente não sabe que tá acontecendo Encontro Nacional. Ou porque de repente não lê, não acompanha o CS POA, que é o grupo do Face ou o grupo de Porto Alegre (Lucas, 42 anos).

Eu vejo que tem, que observei, por exemplo, as atividades sempre vem guiadas pelas mesmas pessoas, são as que tão levando tudo. Eu vejo que, por exemplo, Ricardo, que não aparece muito no face, mas no ponto de vista presencial é muito ativo, é uma pessoa que passa sempre de um grupo a outro, vendo se as pessoas estão integradas, se isso, por exemplo. Sim, acho que, depois, tem pessoa também que, acho que participa ativamente da organização, mas que não aparece. Eu acho que tá na sombra (Camila, 38 anos).

Confirmamos que a presencialidade, como tínhamos tido pistas na pesquisa exploratória, é um aspecto muito importante para os membros de CS POA, já que boa parte deles prefere o contato face a face.

As relações entre os membros de CS POA são baseadas em um norte de respeito às diferenças, mas constatamos, também, que ocorrem conflitos entre os atores que, sem negociação, afastam os sujeitos. Isso aconteceu com Júlia, que participava do espaço da comunidade no *Face*, mas teve um conflito não resolvido antes de iniciarmos nossa pesquisa sistemática em campo – causado por mudanças no CS prévias às que estão tematizando interações atualmente na comunidade – e resolveu sair desse espaço de CS POA, restringindo-se ao espaço da comunidade do CS, em âmbito digital, e às reuniões presenciais. O diálogo em CS POA pode levar a negociações e a um meio termo, porém sua ausência causa rupturas ou alterações na estrutura comunitária, como neste caso.

Eu participava, mas daí eu comecei a ver que algumas pessoas que entraram tipo ‘ontem’... vinham assim com umas posições bem duras e com cobranças assim, sobre coisas que elas nem sequer têm muita noção, eu acho. E teve uma menina que foi bastante

grosseira até comigo uma vez, assim no Face e, daí, eu pensei ‘ah, quer saber? Eu não acho tão necessária assim essa interação’. Tipo, eu prefiro a interação ao vivo, ver quem são as pessoas, depois a gente se adiciona no Face ou no Couchsurfing, e aí pra não me irritar. Mas é uma posição que eu tenho tomado em geral (risos). Assim, se eu tô num grupo, numa comunidade, e eu vejo que não tá somando muito... no meu caso, não tava porque houve algumas vezes assim da pessoa querer cobrar uma coisa de mim, mas ela é super recente no grupo e, não quer dizer que ela não possa saber nada né, mas assim... foi tipo, ah, porque eu reclamei e outras pessoas de mudanças no site do Couchsurfing e, não só no site, no próprio funcionamento e natureza da organização (Júlia, 33 anos).

Júlia, apesar da vivência conflitiva citada anteriormente tê-la feito sair do *Facebook* de CS POA, ainda é integrada como parte da comunidade.

Apesar de alguns membros não enxergarem as relações de conflito na comunidade, elas existem, como já mencionamos há cisões e situações de membros não se falarem. O respeito estaria ligado à aceitação dos diferentes pontos de vista possíveis sobre um determinado assunto ou uma situação. Em geral percebemos que os gaúchos se relacionam bem com membros de outros lugares na comunidade, mas parecem enxergar uma diferença cultural mais marcante entre brasileiros de regiões distintas do que entre gaúchos e sujeitos de outros países. Isso nos mostra que há marcas de etnocentrismo nas relações entre a cultura gaúcha e outras culturas, através de posições como essa. Mas, em geral, os membros da comunidade, inclusive os de outras culturas, acreditam que existe respeito mútuo entre as culturas e os membros de CS POA sabem ser bons anfitriões, hospitaleiros, abertos à diversidade, integrando com facilidade e não dando espaço para preconceitos. Conforme nossas observações, existem marcas etnocêntricas que podem interferir na integração e na hospitalidade, embora não as comprometam totalmente.

Eu vejo o pessoal se relacionando num mesmo nível. Ninguém, digamos, levanta barreiras porque vem de certo lugar e a pessoa vem de outro lugar. Inclusive, aqui dentro do CS por eu ser nordestino, ninguém nunca fez nenhum tipo de piada. E aqui em Porto Alegre já teve pessoas que me fizeram piadas bem desagradáveis por causa da minha origem [Ceará] (Henrique, 24 anos).

Os processos decisórios observados na comunidade, conforme nossas observações não tem necessariamente caráter democrático e igualitário, embora alguns indivíduos acreditem nisso. É interessante perceber que aqueles que visualizam estes processos como democráticos e igualitários são atores que estão envolvidos nos processos de decisão e são consultados, por isso têm a ilusão de democracia. Alberto acredita que, quanto mais democrático e maior o envolvimento de pessoas, menos funcionais ficam as decisões em casos como o da organização do Encontro Nacional, como se pode ver nestes depoimentos:

Pelo menos tudo o que eu fiquei das decisões, enfim, de todos os eventos que eu fiquei sabendo até agora que eu pude participar e ajudar, todos foram bastante democráticos, a não ser aqueles que eu não fiquei sabendo de nada então eu não posso opinar quanto a isso. Porque eu não sei como que aconteceu (Luísa, 25 anos).

Porque como tem esse pessoal que eu vejo que participa mais, eu vejo que... hum... esse pessoal toma decisões normalmente já que eles são os que agitam mais, eles tomam decisões pelo grupo. Então não é uma coisa assim aberta a votações. Às vezes eles abrem as votações, mas é uma coisa assim: ‘ah, vamos fazer uma viagem, vocês podem escolher se vamos pra Garopaba, ou sei lá, o interior de Porto Alegre, o interior do Rio Grande do Sul ou uruguaiano’. Acho que é mais ou menos isso (Henrique, 24 anos).

Ainda assim, há uma predisposição ao diálogo em CS POA, de forma que as diferenças possam ser negociadas. No entanto, o caráter impositivo da cultura gaúcha se expressa e interfere em muitos momentos na convivência harmônica entre culturas, quando se explica que “aqui no RS é assim”, “que pode isso ou não pode aquilo”, muitas vezes sem abrir espaço para entender os fluxos das outras culturas visitantes. Por exemplo, quando há uma festa e não se pode tocar um ritmo/tipo de música específico que não seja do RS, quando não se pode assar uma carne em uma grelha ou em pedaços pequenos – seria o que se denomina de “churrasco de paulista” – porque o churrasco de verdade é o que tem um pedaço inteiro de carne no espeto e a churrasqueira, ou quando alguém está conhecendo o chimarrão e leva uma advertência porque mexeu na bomba ou a limpou antes de tomar. Discursos da cultura gaúcha por vezes são reproduzidos em interações rotineiras da comunidade.

A diferença linguística é uma barreira comunicativa entre os indivíduos e pode restringir relações, mas os depoimentos a seguir revelam que há um esforço para o entendimento entre os sujeitos na comunidade:

A parte mais difícil de não se entenderem é com relação à língua. Se forem línguas muito diferentes. Mas o pessoal dentro da comunidade sempre procura deixar o pessoal que vem de fora tranquilo, assim, bem à vontade. Tenta compreender o que a pessoa tá tentando dizer, principalmente se uma pessoa fala inglês, e teu inglês não é muito bom, ou se ela fala espanhol, e teu espanhol não é muito bom. Ela vai conseguir entender, mas falar espanhol, nem pensar. Não arrisco. Mentira, tentei em Buenos Aires (Alberto, 41 anos).

Eu acho que a comunidade é uma coisa bem particular, que eu nunca achei na minha vida um lugar intercultural onde as relações fossem tão fáceis. É... digamos assim. Tinha essa abertura de espírito, essa disposição pra que as coisas sejam fáceis, então, bah, pra mim é... humm... não sei, eu acho que é, como falar, quase artificial, porque tem tão boa disposição das pessoas que raramente, eu já morei em outros países, mas raramente em outro contexto tu vai achar essa boa disposição pra negociar diferentes... (Camila, 38 anos).



Por outro lado, ouvimos relatos de que essas situações podem gerar conflitos com pessoas de outros países que estejam aprendendo português e que queiram treinar o idioma nos *meetings*, por exemplo, porque muitos membros buscam interação com pessoas de outros países para treinar idiomas estrangeiros. Então, às vezes, ocorrem desentendimentos quando os objetivos das interações são diferentes, sobretudo presencialmente.

Alguns membros de CS POA desempenham papéis e funções na comunidade. É o caso das pessoas mais ativas que organizam eventos, como o Encontro Nacional; há sujeitos que são mais responsáveis por socializar novos integrantes, apresentando-os a outras pessoas, cumprindo uma função a princípio bastante hospitaleira; há pessoas que mediam conflitos, que acalmam os ânimos, tentando prevenir rupturas entre os membros da comunidade e buscar um entendimento comum; há sujeitos responsáveis pelas chamadas dos *meetings*, por incentivar as pessoas ao contato presencial; e atores como o embaixador João, que ocupam uma função mais institucionalizada, mais ligada ao CS, que se preocupam com a manutenção de laços entre *couchsurfers*. O depoimento a seguir corrobora estas observações:

Eu não diria funções, digamos assim, algumas pessoas são mais ativas em organizar um evento, alguma coisa. Tem mais facilidade pra fazer a divulgação do evento, conversar com o pessoal, outras tem uma função digamos assim, eu não diria, não, pra... não seria, são ativas também, mas de uma forma mais interna, questão de controle, lançamentos, os gastos com os eventos, outras pessoas se disponibilizam a ajudar durante o evento, então elas tem digamos, é sim, essa função [...]

Questão de mediação de conflito digamos assim, sempre tem alguém que vai disposto a interceder pra ajudar, por exemplo a resolver uma discussão por exemplo. Ou não seria necessariamente uma discussão, uma briga, digamos assim, questões de pontos de vista diferente, alguém aparece com uma ideia melhor pra resolver a questão. No meio tempo (Alberto, 41 anos).

Há pessoas que são “polos de conexão” na comunidade, pessoas chave e que mantêm o grupo funcionando mais ou menos ativamente. No caso de CS POA, alguns polos exercem sua influência tanto digital quanto presencialmente.

É interessante perceber que nem sempre esses sujeitos estão conscientes de suas funções ou papéis, desempenhando-os de maneira naturalizada. Lucas, por exemplo, tem características de mediador e de anfitrião na comunidade, ressaltadas por outros membros.

Tem pessoas que eu acho que fazem um trabalho bem bom, é bem profissional com a integração das pessoas novas, por exemplo o Lucas. Eu sou espanhola, e quando chega um espanhol novo, você primeiro apresenta ele pra mim, apresenta pras outras pessoas, outros estrangeiros, que com todas as pessoas que chegam novo, eu acho isso bem legal e bem, quase profissional. Um jeito de fazer as coisas bem. Sabe? (Camila, 38 anos).

CS POA é uma comunidade heterogênea com fatores homogeneizantes, como o fato de haver muitas pessoas de Porto Alegre nas reuniões – às vezes mais que pessoas de fora – o que não ocorre em outras comunidades que surgiram do CS. Há a construção de um espaço social localizado, cujo contexto cultural local demarca elementos. Na comunidade existe uma distinção entre pessoas de POA e de fora, no sentido de que as interações entre pessoas de Porto Alegre estreitam laços, encontrando semelhanças entre si, por já terem tido contato anteriormente, e de serem geralmente pessoas de classe média, enquanto as pessoas que estão viajando têm um contato mais efêmero e são de classes sociais mais diversas.

Encontramos diferenças nas posições dos membros da comunidade no sentido de que há relações de domínio e de membros que estão há mais tempo em CS POA têm um respaldo maior em algumas discussões. Então estaria relacionado a algo que já mencionamos anteriormente, no sentido de que a indiferença a algum conteúdo ou a não interação com algum membro é mais rara de acontecer se é relacionada a um membro antigo ou respeitado no âmbito comunitário. Os membros mais antigos e de respaldo geralmente são ouvidos, participam das decisões tomadas pelos membros ativos.

Tentando focar nas relações com membros não gaúchos, há indicadores de que o projeto intercultural de CS POA ultrapassa o típico, vai além de saber quais os costumes e tradições dos lugares de onde vêm as alteridades, no sentido de que tentam entender as diferenças, estabelecer nexos e comparações. A teoria da tradução, associada a esses indicadores, nos leva a pensar que há um potencial dos membros da comunidade em enxergarem outras culturas em seus elementos constitutivos e complexidades.

Compreendemos que são privilegiados, nos temas das interações, aspectos relacionados à identidade de CS POA, desde questões relativas ao seu espaço legítimo e representativo, tanto no FB quanto no CS, até a organização de um evento que represente a comunidade, sua hospitalidade e sua cultura. A variedade de temas abordados no espaço da comunidade representa uma diversidade de interesses que convergem para questões relacionadas a cultura, identidade e cidadania, e também apontam para um sentimento de vínculo afetivo e amizade. Os atores se sentem estimulados a compartilhar conteúdos que se identificam com a comunidade e a cooperar em ações para o bem coletivo.

Apesar de os processos comunicativos da comunidade serem marcados por uma tentativa de respeito às alteridades, isso está longe de ser alcançado quando os temas culturais se voltam fortemente para a cultura gaúcha. Observamos uma dificuldade em abrir espaços

para um intercâmbio cultural mais denso nesses momentos específicos. Outras culturas não encontram abertura para expressar suas diferenças e complexidades e, conseqüentemente, não há espaço para um encontro mais profundo e a tradução cultural. Assim, as possibilidades de cidadania cultural e comunicativa são extremamente limitadas, porque não há igualdade entre os sujeitos de diferentes proveniências culturais, não há um reconhecimento respeitoso do outro, há mais imposições que diálogo.

Os conflitos se formam em torno de características culturais identitárias dos sujeitos e de posicionamentos etnocêntricos, mas são minoria dentre as interações. Em geral os membros se reconhecem como comunidade e cooperam para acolher bem os visitantes de Porto Alegre, se dispõem a explicar as características da cultura local e o melhor da cultura gaúcha, tentando conviver bem, apesar das diversidades. No entanto, ao mostrar o melhor da cultura local, os membros não se deixam mostrar culturalmente quanto às suas complexidades e em suas contradições. É mostrado o típico, o melhor, o que as culturas gaúchas exaltam, mas elementos como a pobreza, o machismo e o conservadorismo – marcas também presentes na cultura local – são escondidos ou minimizados.

No ambiente digital, percebemos uma maior intensidade de interações com objetivo de manter a comunicação da comunidade ativa, manter os membros em contato, discutir sobre temas importantes à constituição do todo, mas muitas interações são também estímulos a viagens, bem como encontros e reuniões presenciais. No âmbito presencial, há continuidade de alguns temas presentes nos espaços digitais, são retomadas discussões, mas há principalmente um contato mais denso com outras culturas, através de conversas e de trocas de experiências constituídas também por elementos não verbais, não textuais, que as interações digitais da comunidade não podem mostrar. As limitações do contato digital que podem interferir negativamente em situações de conflito, por exemplo, podem ser superadas em uma conversa face a face.

## **6.2 Marcas Culturais**

A convivência cultural na comunidade tem que levar em conta o atravessamento de culturas gaúchas e porto alegrenses que têm características por vezes etnocêntricas e marcas proeminentes. Mas há muitas outras culturas que atravessam as práticas de CS POA, tanto em âmbito digital quanto presencial.

Algumas marcas culturais em interações **presenciais** no período em que observamos as atividades comunitárias estiveram ligadas a datas comemorativas tradicionais (gaúchas ou não) que foram incorporadas aos *meetings*. Em setembro, um dos *meetings* foi realizado em um piquete do Acampamento Farroupilha – época bastante exaltada no Rio Grande do Sul e cujo valor sócio histórico está ligado às tradições e ao orgulho gaúcho –, quando dois membros da comunidade fizeram um churrasco “tipicamente gaúcho” para os membros de CS POA. À ocasião, havia membros pilchados (com vestuário tradicional gaúcho) e muitos visitantes ficaram impressionados nesse *meeting* especial da Semana Farroupilha, já que nunca tinham tido contato com essas manifestações culturais antes.



Figura 28: *Meeting* especial no Acampamento Farroupilha. Fonte: Evento no *Facebook* - <  
<https://www.facebook.com/events/633675413320781/>>.

Outro momento interessante foi o *meeting* do dia 31/10/13, data em que se comemora o dia das bruxas em tradições típicas de outros países e que acabou sendo incorporada ao Brasil. No *Halloween* de CS POA, alguns membros foram caracterizados de bruxas e outras fantasias para o encontro no bar oficial da comunidade.



Foto 1: Fotos do *meeting* de *Halloween* de CS POA no novo bar oficial de encontros da comunidade.  
Fonte: Arquivo pessoal.

O Encontro Nacional do Couchsurfing em Porto Alegre contou, na sua programação, com uma festa temática chamada *Bigoday*, na qual os *couchsurfers* deveriam ir de bigodes – os homens deveriam deixar o bigode crescer para a festa e as mulheres deveriam por bigodes postiços. O nome dessa festa temática é inspirado no *Mustache Day* (Dia do Bigode) que surgiu em uma mobilização nos Estados Unidos. A comunidade CS POA já realizou algumas edições de festas *Bigoday* nos últimos anos.



**7º Encontro Nacional Couchsurfing Brasil**  
14 a 17 NOV 2016  
PORTO ALEGRE

**ATIVIDADES PARALELAS!!!**

**QUINTA, 14/11**  
**20h: Meeting**  
Espaço Cultural 512 - Rua João Alfredo, 512  
\*Identifique-se como sendo do Couchsurfing, para poder receber os descontos e a isenção do ingresso na casa!

**SEXTA, 15/11**

**Passeio a Gramado, Canela e Nova Petrópolis**  
Saída POA: 8h/Retorno: 18h  
Passeio nas 3 cidades, café colonial, Logo Negro e Cascata do Caracol  
\*Pagamento antecipado do transporte R\$ 40,00, até 1º/11

**Passeio à cidade de Feliz: Enc. de Cervejas Artesanais**  
Saída POA: 10h/Retorno: 17h  
Visita à vinícola Dom Guerino + Encontro Cervejas Artesanais  
\*Pagamento antecipado do transporte R\$ 30,00, até 1º/11

**Passeio no centro de Porto Alegre**  
11h  
Almoço, atividades culturais, possível passeio de barco, Free Walk edição Feira do Livro especial para o CS e Pôr do Sol

**Pub Crawl !!! (Vagas limitadas!!)**  
18h  
Maratona em bares na Cidade Baixa (bairro boêmio). Termina no Bigoday.  
\*Pagamento antecipado R\$ 45,00 até 12/11, depois R\$ 50,00 no dia

**23h: Bigoday Festa Oficial**  
Opinião, Rua José do Patrocínio, 834. Todo mundo de bigode!  
\*Pegue seu convite com a organização. (pagamento no local da festa R\$ 10,00)

**SÁBADO, 16/11**  
**14h até 4h da manhã: Churras**  
CTG Estância da Azenha, Av. Aureliano de Figueiredo Pinto, 155  
\*Pagamento antecipado R\$ 41,00, até 12/11; R\$ 50,00, nos dias 13 e 14/11 (durante o dia, no meeting não); R\$ 60,00, na hora

**DOMINGO, 17/11**  
**16h: Parque da Redenção**  
Próximo ao Chafariz, o banner identificará a localização exata. O Parque fica entre as ruas João Pessoa, José Bonifácio e Oswaldo Aranha  
**Pós Redenção: Comer um Xis**  
Só Comes, Rua Lima e Silva, 417

\*Programação sujeita a alterações

Figura 29: Programação do Encontro Nacional do CS em Porto Alegre. Fonte: Grupo Fechado CS POA - < <https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.

Um aspecto da comunidade é que boa parte dos membros pertencem à classe média. Entre as marcas culturais/identitárias, destacam-se práticas como o churrasco em CS POA. Dentre os eventos organizados entre os membros, um dos mais comuns é o churrasco, que é bastante valorizado na cultura gaúcha. Como observa Henrique (24 anos), “[...] *o pessoal de Porto Alegre mesmo que sempre combina de fazer churrasco, sempre tem aquela coisa de querer mostrar ao pessoal que tá chegando a própria cultura daqui*”.

Além do churrasco, percebemos que a comunidade tem algumas práticas comuns, como a realização de *pub crawls* (maratonas de bebidas em alguns bares de Porto Alegre) e a presença de muitos membros em festivais de cerveja – o que remete a características culturais rio grandenses e de outras matrizes, como a alemã. Por outro lado, há marcas de outras culturas que também se expressam em comportamentos, como a ligação de um membro haitiano a determinados ritmos de música e dança que não são tão comuns no Rio Grande do Sul, de forma que ele está sempre convidando outros *couchsurfers* para festas com ritmos caribenhos.

Entre as marcas culturais identitárias podemos destacar também as vestimentas e os sotaques. Os próprios símbolos convencionados como sendo da identidade cultural gaúcha expressam-se como marcas culturais de membros que usam, por exemplo, bombacha, boina,

alpargata e que andam sempre com uma faca; também observamos pessoas com sotaques específicos de cidades do interior do RS. Marcas porto alegrenses como chamar o pessoal para tomar um mate/chimarrão no parque da Redenção, ou para ver o pôr do sol na Usina do Gasômetro, ou para beber cerveja nos mesmos bares fidelizados pelos sujeitos em Porto Alegre, fazer piqueniques, fazer trilhas em bonitas paisagens naturais são práticas diluídas no cotidiano da comunidade que dizem bastante sobre a cultura desses sujeitos e sobre o lugar em que vivem, sobre uma valorização de coisas e lugares porto alegrenses e gaúchos. Lucas explica que a cerveja e o chimarrão são muito valorizados na comunidade, são elementos para os quais os membros chamam atenção. O companheirismo e a solidariedade também são marcas apontadas por Lucas que distinguem CS POA de outras comunidades do CS.

Outra marca é o futebol, basicamente a bipolarização dos gaúchos em torno dos times do Grêmio e do Internacional. No entanto, diferentemente de outros lugares, em CS POA essa marca não gera inimizades ou conflitos. Existe uma rivalidade, mas também há companheirismo. Já acompanhamos, inclusive, jogos de times gaúchos durante os *meetings* e, de fato, por mais que haja brincadeiras e incômodos aos torcedores do time que perde, não há confusão ou briga – o que pode expressar o companheirismo que Lucas nos citou em entrevista.

Muitos membros da comunidade têm noção de que CS POA valoriza a cultura e as marcas gaúchas, inclusive em **âmbito digital**, mas isso não quer dizer que outros sujeitos externos às práticas comunitárias vão entender essas iniciativas de maneira positiva. Um fato bastante emblemático foi o convite para o Encontro Nacional em Porto Alegre, que gerou muita confusão e até conflitos comunicacionais, quando distribuído em grupos e comunidades do Brasil e da América Latina através de grupos de *Facebook* e fóruns de discussão no CS. O relato a seguir ilustra esta questão:

Eles tentam colocar a nossa identidade de gaúcho em tudo que é coisa que a gente faz, né. Por exemplo, no material do nacional agora é bigode, chapéu e... enfim... coloca o simbolozinho do nacional no gauchinho lá. O banner é uma foto de porto alegre e tal. Até o próprio, a própria chamada pro encontro nacional foi bastante gaúcha assim.

#### **Como foi?**

Chamando, uma convocação da república dos pampas pra ir pro Encontro Nacional, pro pessoal trazer passaporte, enfim né, aquela coisa, pra eles virem visitar a República dos Pampas.

#### **Isso gerou algum conflito?**

É, algumas pessoas acharam um pouco segregacionistas assim. “Ah, lá vem os gaúchos querendo mostrar que eles são outro país”, mas foi só uma brincadeira, daí a gente

explicou: “não, calma aí, foi só uma brincadeira, não é bem assim, se a gente não quisesse juntar todo mundo a gente nem taria fazendo nada (Luísa, 25 anos).

É interessante analisar o conflito comunicacional desencadeado pelo “mal entendido” no convite do Encontro Nacional à medida que ele reflete (ainda que de brincadeira) traços de um movimento separatista que é um elemento forte ou matriz cultural que surge inconscientemente para os sujeitos gaúchos, sendo expressão de uma cultura que se autodenomina superior, como mostramos a partir das marcas culturais gaúchas no capítulo teórico. Se refletirmos sobre a intenção de impacto desse convite em outras culturas, a questão separatista não poderia ser nem mencionada no âmbito do CS, de um sistema de rede social caracterizado por uma confluência intensa de culturas e com perspectivas de cidadania cultural. Isso também nos fala sobre as relações de poder interculturais, a partir das quais os elementos de cultura gaúcha querem ser compreendidos e aceitos, como se as outras matrizes culturais obrigatoriamente já soubessem e contextualizassem os sentidos pretendidos na mensagem do convite. Esse episódio está ligado a uma matriz etnocêntrica que é referência na cultura gaúcha, talvez como herança das marcas europeias que ficaram na cultura gaudéria. Na comunidade, alguns membros acharam “muito absurdo” que houvesse implicância com o convite, mas houve atores, inclusive gaúchos, como Monica, que acharam as referências do convite desnecessárias. Os membros da comunidade que elaboraram os convites não se colocaram no lugar de quem receberia os convites, tampouco pareceram àquela época – alguns meses antes de o encontro acontecer – estar preocupados em lidar com as alteridades no evento.

[...] eu olho assim no grupo e tem o convite lá do encontro nacional. Daí eu vi aquele convite e disse assim: “aí não, pra quê né?”. Que era assim, que era alguma coisa da república do pampa, do num sei quê do pampa, alguma coisa assim. Que eu entendo que é uma brincadeira, que num sei quê, mas que eu acho... eu achei completamente desnecessário, por exemplo. Mas essa ideia de brincar com a própria, a gente sabe que existe um histórico, existe um estereótipo de que o sul, tem aquela coisa né “o pampa é meu país”, de que o sul é super o máximo, e a gente vive feliz, a gente pode separar do resto do país porque a gente pode ser independente... todas essas coisas assim. Existe isso. Isso é uma coisa né? Existe. E aí tu pega e utiliza isso numa chamada pra um encontro nacional. Eu não... eu achei aquilo muito assim... não achei bacana (Monica, 35 anos).

Eu acho que assim não que seja algo que atrapalhe. A gente leva na brincadeira, a gente consegue absorver também e fazer com que o pessoal entre na brincadeira, mas houve com a divulgação do nacional, quando a gente tava fazendo divulgação em outras comunidades, pelo Brasil afora, o pessoal reclamando: “Como assim? Tão separando do Brasil? Cultura separatista?” [...]



Porque nós fizemos uma brincadeira que a gente costuma fazer aqui. A gente supõe que o pessoal conhece a brincadeira. Não todos. Tu não pode generalizar. E aí a gente teve que explicar a situação (Alberto, 41 anos).



Figura 30: Convite para o Encontro Nacional do *Couchsurfing* em Porto Alegre. Fonte: Grupo Fechado CS POA - < <https://www.facebook.com/groups/266972270016278/?fref=ts>>.



Figuras 31 e 32: Discussões e mau entendidos ocorrem após a divulgação do convite do encontro com *couchsurfers* de outros estados – Organização. Fonte: Grupo Fechado Encontro Nacional - Organização - <<https://www.facebook.com/groups/557175544295307/?fref=ts>>.

Como mostramos nas figuras acima, membros da organização do encontro tiveram que se explicar a *couchsurfers* de João Pessoa-PB para não serem mal interpretados como um grupo separatista do Brasil. Acontece que a brincadeira na qual se baseou o convite, é relativa à cultura do RS, de forma que pessoas de outros lugares não têm a obrigação de interpretar segundo os parâmetros culturais gaúchos. Na discussão, alguns membros afirmam não entender porque um grupo separatista se relacionaria ao *Couchsurfing*, notadamente com

propósitos tão diferentes, já que essa rede social propõe integração. Um dos membros de CS POA, que conhecia o *couchsurfer* paraibano que levantou a discussão, entrevistou lembrando-o que é costume gaúcho levar essas questões na brincadeira. Inclusive o *couchsurfer* comenta que é difícil entender a piada – que é um elemento cultural tão contextual – regionalizada. Uma das integrantes de CS POA ainda argumenta que o espírito do CS é de levar as brincadeiras na esportiva, não como ofensa.

Ainda sobre o Encontro Nacional, percebemos que houve uma preparação para comunicar a cultura gaúcha a partir de vários elementos aos visitantes em ocasião do encontro. Foram eleitos, além dos espaços digitais de CS POA no *Face* e no CS, novos cenários dedicados ao Encontro: um grupo no *Facebook* para agregar organização e visitantes, facilitando a comunicação e o esclarecimento de dúvidas de maneira mais focalizada; também o grupo fechado restrito aos membros da organização do evento, para discussão de detalhes, eleição de símbolos, de artes gráficas, votações etc.; e também foi criado um grupo no aplicativo *WhatsApp*, otimizando a comunicação via telefone celular em tempo real e sem custos. Em termos comunicacionais, também observamos a apropriação simbólica de elementos gaúchos e/ou porto alegrenses, bem como o desenvolvimento de novos símbolos: foram utilizadas referências a monumentos de Porto Alegre e a criação de um “selo” para o encontro. É preciso mencionar que houve alterações na vida cotidiana de CS POA com o Encontro Nacional, desde os momentos de sua preparação e planejamento (momento pré-cerimonial).

A programação do encontro, na tentativa de possibilitar uma imersão cultural gaúcha, agregava atividades como um churrasco num CTG, com chopp gaúcho, passeio por Gramado-RS, Festival de Chopp Artesanal em Feliz-RS, Passeio no Centro Histórico de Porto Alegre, Feira do Livro, Por do sol no Gasômetro/Iberê/Lago Guaíba, ida a uma lancheria para comer um “xis” (sanduíche gaúcho) e uma tarde de domingo para tomar chimarrão na Redenção. Durante o churrasco, os churrasqueiros fizeram uma apresentação “típica” de música e de poemas “gaudérios”, estavam vestindo bombacha, alpargatas, e a camisa do evento com detalhe de lenço vermelho na composição, lembrando traje gaúcho. Os *buttons* que os visitantes ganharam foram, inclusive, adaptados como um “selo da república rio grandense” nas camisetas do evento. Houve uma clara tentativa de mostrar uma receptividade aliada ao que se considera “o melhor do RS”, típico do gaúcho e do porto alegre.



Foto 2: Fotos de atividades no Encontro Nacional: *pub crawl* em bares da Cidade Baixa, churrasco em um CTG, Parque da Redenção, festa Bigoday (esq.-dir.). Fonte: Arquivo pessoal e arquivo de membros de CS POA.

Apesar de quase todos os nossos entrevistados afirmarem que as características de outras culturas são plenamente respeitadas na comunidade CS POA, é perceptível que há uma forte valorização das tradições culturais gaúchas. Refletimos que é a valorização de tradições culturais que possuem elementos de subjugação e de etnocentrismo às vezes podem inviabilizar o respeito pleno de outras culturas. Assim sendo, o respeito à diversidade cultural pode não se dar plenamente em CS POA em alguns momentos em que as tradições gaúchas são exaltadas em detrimento de outras culturas. No entanto, os membros entrevistados que são de outros lugares afirmam que se sentem integrados, pertencentes e respeitados no âmbito da comunidade.

As piadas, por exemplo, são elementos culturais que podem comprometer o respeito cultural. Em nossas observações, percebemos que é difícil ouvir alguma piada de origem cultural, mas que às vezes elas vêm à tona, e geralmente trazendo consigo estereótipos e preconceitos sem fundamento, chateando o interlocutor. A esse respeito, Monica, que é gaúcha e mora fora de Porto Alegre comenta:

Acho que plenamente é uma palavra forte. Plenamente é muito assim... nossa, totalmente. Eu acho que há um pleno desejo de se respeitar, mas eu penso que esse desejo não necessariamente coincide com o comportamento. Daí as vezes as pessoas não sabem ou não percebem que algo pode ser desrespeitoso. Então acho que é mais assim, plenamente eu não diria, acho que é mais um desejo deles. Então eu gosto de acreditar que é um genuíno desejo de ser respeitado (MONICA, 35 anos).

Durante a pesquisa de campo, percebemos em relação à apropriação de cenários digitais da comunidade, que o acesso comunicacional aos membros de CS POA via *Face* é muito mais viável. Há membros mais ativos – que postam, curtem, comentam discutem, compartilham conteúdo –, outros mais passivos virtualmente na comunidade, mas as trocas comunicativas ficaram mais intensas e ágeis após a migração para o FB. Alguns eram mais ativos e agora estão interagindo menos via *Facebook*, mas em geral o espaço recebe conteúdo diária e frequentemente. Por outro lado, quem não conhece CS POA presencialmente ou por intermédio de alguém que conheça, dificilmente vai chegar ao espaço digital da comunidade no *Face* e isso serve como filtro, de forma que entram no grupo fechado os que provavelmente têm interesse de interagir com os membros.

É, eu tive dificuldade de entrar no grupo do Facebook porque se eu não me engano ou precisava de convite ou era um grupo secreto assim. O pessoal falava ‘ah, entra no grupo do Couchsurfing que aí você vai ver as atividades que a gente vai marcar e tal’. Isso no Facebook. E eu simplesmente não achava o grupo Couchsurfing Porto Alegre. É, procurava como Couchsurfing Porto Alegre, não tava muito integrado no linguajar do pessoal. Até que, não sei se o Fulano que me enviou o link. Mas eu acho que também é um filtro, que as vezes a pessoa entra, passa um tempo, que nem no site, quando você simplesmente pode criar uma conta a qualquer hora alguém pode te excluir da área né? Você pode simplesmente pegar uma conta e fazer número. No Facebook eu acho que não, você tem que, meio que ser convidado a participar do Facebook. Eu sei que tem que no mínimo ir no meeting pra alguém te conhecer, alguém saber do grupo e te chamar pra integrar o grupo. Essa parte da chamada é bem simples. A parte de você ter que ir no meeting é que é mais o filtro (Henrique, 24 anos).

Os membros já se adaptaram a acessar o grupo fechado da comunidade no *Face* e muitos acompanham as postagens principalmente para estarem informados da programação cultural de Porto Alegre.

[...] eu acho que no Facebook as pessoas, digamos assim, se abrem mais, ele possibilita mais interação que o site. O site é quase que um mural onde você só pode trocar alguns recadinhos, no Facebook você consegue conversar com o grupo de uma forma mais prática (Henrique, 24 anos).

Por um lado, ele intensifica as relações porque é mais fácil a pessoa estar com o face aberto ou o face no celular do que ficar entrando no site [do CS]. Por mais que eles tenham feito uma plataforma super semelhante, mas por que tu vai abrir mais uma janela, se tu pode fazer tudo na mesma ou se tem um aplicativo no celular? Tipo, não sei se tem do Couchsurfing, mas pra quê que tu vai baixar mais um aplicativo se tu pode fazer tudo no mesmo? Então, acho que facilita, assim, tem uma função de estreitar alguns laços, de repente, ou de agilizar mesmo alguns contatos. Vamos dizer, ah eu tenho que fazer uma viagem e furou meu couch ou uma pessoa que tava vindo pra cá perguntou pra mim, mas eu não vou poder hospedar... sei lá, acho que até nesse sentido, que era uma coisa que rolava no grupo antes do Couchsurfing, mas eu lembro de ver algumas coisas nesse sentido. Então, acho que agiliza bastante (Júlia, 33 anos).

A questão da cidadania é algo importante na comunidade, mas que não é reconhecido por seus membros. De nossos entrevistados apenas Camila, que é espanhola, nos apresentou um conceito que fosse um pouco além:

Pra mim, bah... com a questão do cidadão pra mim não, porque pra mim cidadão é o que tem que ver com como tá funcionando a cidade, como votar, como... essas coisas. Então, pra mim isso não... pra mim, teria uma função... como falar, de desenvolvimento social, porque eles estão aportando essa cidade, de uma cidade, um pouco mais de conhecimento do que outro de pouco de alteridade nesse sentido, não sei se, mas acho que tem que ver com cidadania (Camila, 38 anos).

Os atores de CS POA têm uma visão muito jurídica de cidadania e, acreditam que as práticas de cidadania que estariam porventura ligadas à comunidade seriam as de arrecadação de donativos ou de trabalho voluntário, que são ações esparsas promovidas por membros específicos algumas vezes por ano. Não enxergam a cidadania sob seu viés cultural e comunicativo, reconhecendo a potencialidade que têm para a construção de cidadania a partir de práticas de inclusão cultural, de respeito à diversidade. Por outro lado, essa cidadania conforme nossas observações, ainda não é plena, pois ainda há o sufocamento de práticas culturais, como por exemplo a negação de práticas de outras culturas sob a justificativa de imersão cultural. Se, por um lado é rica e interessante a perspectiva de oferecer uma experiência imersivo-cultural, por outro lado não se pode obrigar o outro a acatar o jeito gaúcho de viver a cultura e as tradições.

No encontro de POA em novembro, por exemplo, quando alguém (de fora do RS) colocou um funk para tocar no CTG (Centro de Tradições Gaúchas), o embaixador João foi pedir ao pessoal que estava monitorando o som do churrasco para tirar aquele tipo de música, sob a justificativa de que eles podem escutar isso onde eles moram e, se vieram para Porto Alegre, têm que escutar as músicas do RS. Isso está articulado ao que Boaventura Santos pensa na teoria da Tradução, relacionado ao choque de culturas, no encontro intercultural.

Assim, partindo da necessidade de preservação de culturas a que Cortina se refere, verificamos aí uma tendência etnocêntrica da cultura gaúcha, sem negar outras culturas de forma direta.

Sintetizando a questão das marcas culturais, vemos que as culturas gaúchas marcam fortemente as características comunitárias, mas que não só elas atravessam as práticas de CS POA, que também se apropria de marcas de outras culturas e países. As marcas culturais podem também configurar conflitos, como no caso do convite do Encontro Nacional, já que são marcas que se expressam em determinados contextos e culturas, não sendo universalizados os valores e interpretação sobre essas referências. A comunidade elegeu marcas gaúchas importantes e positivas para convidar os visitantes a imergirem na cultura local, práticas gaúchas e de matrizes das culturas gaúchas durante o encontro. Embora os membros da comunidade não reconheçam as práticas e potencialidades de cidadania da comunidade, elas existem – do contrário, os membros que vêm de outras culturas talvez não se sentissem tão integrados e respeitados em suas diferenças no âmbito comunitário –, em sua dimensão cultural e comunicativa, mas algumas imposições e comportamentos etnocêntricos impedem sua plenitude.

### 6.3 Mediações

Apesar de já termos falado das mediações em suas marcas nas dimensões anteriormente analisadas através de aspectos mencionados anteriormente neste capítulo, situamos e caracterizamos recursos tecnológicos e elementos de mediações culturais/identitárias, da cultura da hospitalidade e da estrutura e das regras comunitárias.

Os atores de CS POA, em geral utilizam mais o grupo do *Facebook* que o espaço no site do CS. Como as interações passaram a ser mais frequentes via *Face*, outros membros foram aderindo para não ficarem deslocados das interações no âmbito comunitário.

Eu acho que o Facebook em certa medida humaniza mais os couchsurfers, porque a plataforma do Couchsurfing não é tão amigável, nem só tão amigável, mas a plataforma do Couchsurfing, não só no Couchsurfing, é muito relacionada com o Couchsurfing. E a plataforma no Facebook te dá a possibilidade de ver as pessoas em outros aspectos sem ser o Couchsurfing. Então tu vê outras coisas das pessoas. Então eu acho que deixa as pessoas mais normais, e tu consegue conectar outras coisas que aquelas pessoas gostam ou fazem, tu vê outros aspectos das pessoas (Monica, 35 anos).

Alguns membros, sobretudo os que possuem função de embaixador, como João e Monica, prefeririam continuar usando o site do CS em detrimento do FB para manter as relações comunitárias virtuais. No entanto, admitem que o *Face* tem suas facilidades e que facilita o contato em CS POA, porque o *Couchsurfing* está sendo utilizado mais com finalidade de hospedagens propriamente ditas, não de contatos pontuais com as pessoas, daí o *Facebook* ter tido tanta adesão. Percebemos que o *Couchsurfing* continua focando muitas das relações entre os atores de CS POA, no entanto, seu sistema é muito pouco utilizado pela maioria dos que têm acesso ao espaço do *Face*.

Para Luísa, o CS é ruim de mexer, o acesso não é tão fácil. Já Henrique acredita que o CS e o FB poderiam investir em ferramentas de videoconferência, para facilitar o contato entre quem está online. Em geral, entre os membros da comunidade ouvimos muitas reclamações sobre como o CS poderia ser mais acessível, mais confortável, com uma plataforma mais moderna. Entretanto, se pensarmos bem, já estamos tão acostumados às dinâmicas do *Face* que mesmo que o CS melhore sua plataforma, dificilmente migraríamos todas as interações para lá. Até porque os contatos do FB também teriam que ser migrados, e há infinitamente mais gente conectada pelo *Facebook* do que pelo *Couchsurfing*.

O *Face* é um sistema mais simples, mais fácil de interagir, então permite compartilhamento e troca de conteúdos mais rápida e possibilita que sejam postados vídeos e fotos, no CS é mais complicado, porque ele não permite o compartilhamento de conteúdo audiovisual de maneira simples. Há também uma expectativa de resposta mais rápida do *Facebook*, que é uma rede social que os membros estão adaptados a acessar muito frequentemente, do que do sistema do *Couchsurfing*, que os membros costumam acessar com irregularidade e com menos frequência. Por outro lado, os perfis dos sujeitos no FB são muito superficiais, enquanto há uma tendência de que sejam construídos perfis mais completos no CS, por questões de segurança, e a própria ferramenta de *couchrequest* viabiliza uma interação que não é possível pelo FB. No *Face* existe também um filtro maior em seu espaço virtual, lá estão os membros mais ativos, enquanto no CS basta ter uma conta no site e estar na região de Porto Alegre para ser contabilizado como parte da comunidade. Então, se o objetivo é manter contato com os membros, especialmente os mais ativos, há uma apropriação maior do FB nesse sentido. Mas se o objetivo for entrar em contato com outros *couchsurfers* para hospedagem ou ter uma referência mais profunda das características e experiências de uma pessoa, há uma adequação maior com as possibilidades que o FB oferece. No espaço de CS POA no site do *Couchsurfing* é possível retomar diálogos e interações mais antigos,



enquanto no FB isso é mais inviável, devido à frequência de postagens cujas interações são mais imediatas. Principalmente através do *Facebook*, notamos que há o compartilhamento de produções fotográficas (registros dos *meetings*), comunicacionais (artes gráficas, por exemplo) e audiovisuais (vídeos amadores feitos pelos membros), que são reflexos das condições tecnológicas e de experimentação estético/operativa que os membros têm.

A mediação tecnológica em CS POA permite conectar sujeitos que antes não teriam como interagir e participar coletivamente dos processos comunicativos. As mudanças de tempo e espaço moldadas pela tecnologia estão relacionadas à dissolução de fronteiras geográficas e à velocidade das conexões, compartilhando em tempo real interações e mantendo vínculos com pessoas que não necessariamente estejam presencialmente em Porto Alegre, como os membros que moram em outras cidades e participam ativamente da comunidade em âmbito digital. Percebemos a construção de uma proximidade mesmo à distância, mantendo esses vínculos com a capital gaúcha e sua cultura, com sujeitos dessa cultura.

A identidade gaúcha (em seus elementos comuns e diversidades relativas a culturas étnicas etc.) matriza essa comunidade, modelando as relações culturais/identitárias que aí se constituem. As considerações de Camila (35 anos), em entrevista, expressam isso, quando ela diz que “simplesmente pelo fato de as pessoas que participam que são daqui, terem seus valores e terem seus costumes já tão sendo embaixadores desta sua cultura, de algum jeito”.

As culturas de Porto Alegre e do RS estão presentes nas atividades da comunidade, em termos de práticas, expressões típicas e até atitudes com lógicas formadas na cultura gaúcha, como foi o caso do convite do Encontro Nacional e toda a significação de elementos simbólicos ligados ao evento. Embora os sujeitos não percebam como as culturas acolhidas podem ser absorvidas por CS POA, pensamos, a partir de nossas observações, que as interações com outras culturas podem modificar elementos da comunidade: por exemplo, o impacto de determinados conflitos pode evitar que desentendimentos similares se repitam. Muito provavelmente, em um próximo evento organizado por membros da comunidade, haverá a lembrança do conflito por conta do convite e há probabilidade menor de isso acontecer.

Os convites para atividades e as informações nos cenários digitais da comunidade geralmente estão relacionados a manifestações culturais em Porto Alegre ou no Rio Grande do Sul, a práticas típicas do cenário local. No entanto, há também um atravessamento dessas culturas nos conflitos, através de posicionamentos etnocêntricos de alguns membros, por

exemplo, que restringem as possibilidades de cidadania comunicativa e cultural na comunidade. Por outro lado, a hospitalidade gaúcha é um elemento marcante em CS POA, mediando as interações e potencializando a cidadania no âmbito da comunidade.

Em relação à cultura da hospitalidade, analisamos que, apesar de algumas limitações por força de questões culturais, a hospitalidade está presente na cultura da comunidade. É difícil achar uma predisposição a acolher desconhecidos hoje, nas grandes cidades, mas é algo que encontra-se enraizado em algumas culturas e que está sendo potencializado por meio do *Couchsurfing*, nessa rede social que conecta milhões de atores. A hospitalidade é praticada por todos – em maior ou menor escala – na comunidade.

Essa cultura de hospitalidade pode ser uma forma de resgatar antigas tradições de moradores do interior, segundo nossos entrevistados, porque no interior haveria uma receptividade maior, uma acolhida maior a quem vem de fora. No entanto Camila ressalva que esse resgate é feito de maneira diferente, porque em vez de sentir pena do sujeito que está longe de sua família, ele é visto como alguém que pode dar um retorno, em termos de interações, de informações, de experiências:

[...] eu acho que lugar pequeno, onde as pessoas se conhecem é sempre mais hospitaleiro que lugar grande não? Então nesse sentido sim, eu acho que poderia. Mas acho que não tem o mesmo espírito pra nada. Porque eu acho que antigamente nesses lugares pequenos, acolhia uma pessoa porque uma pessoa de fora, que tá fora de seu lugar e coitado, vamos fazer ele se sentir na casa. Mientras que aqui agora, por exemplo, no CS, eu acho que é muito mais com a intenção de tomar algo que o estrangeiro pode te dar. Como “ah, ele vem de outro país, quero saber, quero que me conte, quero aprender coisas”. Acho que não é pra falar ‘pobre, tá longe da sua família’, non, nada disso, é mais por interesse, por querer saber, por curiosidade. Pra mim non é mesmo (Camila, 38 anos).

A hospitalidade nas interações de CS POA não seria restrita à hospedagem propriamente dita. Até porque a própria preocupação em receber bem, em conhecer uma pessoa nova já indica uma predisposição à cultura da hospitalidade.

Eu gosto muito de conhecer pessoas e acredito que o pessoal do CS também goste muito de conhecer pessoas diferentes, porque aqui a gente convive só com pessoas, querendo ou não, tem a mesma cultura que a gente, que fazem várias coisas parecidas, que falam do mesmo jeito e a gente aprende muita coisa com quem vem de fora e com quem é diferente de nós. E eu particularmente gosto bastante quando vem alguém. Eu não hospedo ninguém porque eu moro com meus pais e principalmente agora que a gente tá de reforma não tem onde ficar bem acomodado. Mas eu sempre gosto de conversar com as pessoas que estão aqui, pra saber “ah, como é lá onde tu mora, o que vocês fazem? Aqui a gente faz diferente. O que acharam de tão diferente aqui do lugar que moram” e acho que mais isso assim, as pessoas ter um pouco de convivência, acreditar tipo “ah, tu vai deixar uma

estranha entrar na tua casa?” tá e qual é o problema sabe? Tenha um pouco de fé na humanidade, um pouquinho. Tipo assim, não vai ser um ladrão, não vai sair daqui roubando (Luisa, 25 anos).

Ser hospitaleiro é também ajudar pessoas, compartilhar momentos, dar atenção para mostrar um lugar da cidade, levar a um *meeting*, explicar como se locomover pelo local, se dá pela culinária e pela explicação de termos e expressões locais para o hóspede. Pode ser uma forma, inclusive, de aproximação com a própria cultura da qual fazemos parte, já que temos que recuperar informações para passar para o hóspede. Assim, interações na própria comunidade do CS POA recuperam elementos de hospitalidade, o que também não garante que todas as pessoas se sintam bem recebidas.

Eu cheguei aqui no começo do ano, não conhecia ninguém em toda a cidade, fui no primeiro meeting, conheci basicamente aquele grupo principal, conheci muita gente, uma semana depois o pessoal já me convidou pra ir para os blocos de carnavais, aliás, encontrei o pessoal nos blocos de carnaval e já me integrei com o pessoal pra folia. Três dias, aahmm, uma semana depois já fui convidado pra ir pra o churrasco na casa do Márcio. Então pra uma pessoa que muda completamente os ares, pra uma pessoa que muda de cidade, um grupo assim com poucas oportunidades de contato já te convida pra ir pra casa de alguém, pra ir fazer atividades com um grupo grande de pessoas é algo assim, bem gratificante e bem surpreendente, positivamente surpreendente (Henrique, 24 anos).

Ah, hospitalidade, pensando em termos de CS POA eu acho que a hospitalidade é bem bacana, mas é interessante porque eu achei que eu fui super bem recepcionada lá, porque quando eu cheguei no CS POA, eu cheguei como, né, uma pessoa que era parte do grupo, então eu acho que eu fui bem recepcionada. Então, mas é interessante porque tem uma pessoa que eu conheço que é do CS POA, e que eu conheci essa pessoa dentro do Couchsurfing, mas não em Porto Alegre, ela é de Porto Alegre, mas eu não conheci em Porto Alegre, e aí eu conversei, quando eu voltei pra Porto Alegre, eu tava conversando com essa pessoa e eu disse assim, “ah” e perguntei como é que era o couchsurfing em Porto Alegre e tal, e disse assim “Ah, é que eu queria ir num dos meetings” e disse assim “Vamo combinar, vamo... e tal.. ah pra eu não ir sozinha né? Vamo comigo” e aí a pessoa disse que tinha ido acho que umas duas vezes, e não tinha gostado porque não tinha se sentido parte do grupo, que não tinha se sentido bem recebido. E eu acabei indo no encontro, fui sozinha, porque não conhecia ninguém quando eu fui. Então assim, a minha percepção da minha experiência de como eu fui recebida no Couchsurfing Porto Alegre é de que a hospitalidade é muito boa. Mas eu sei do relato dessa outra pessoa, por exemplo, que disse que não se sentiu confortável (Monica, 35 anos).

CS POA, como outras comunidades, tem suas estruturas e regras, e é formada por papéis. Pensando nos papéis que os membros desempenham na comunidade estão o de pessoas hospitaleiras, os que hospedam, os que ciceroneiam os novatos e que facilitam interações na comunidade, os que planejam e organizam passeios e viagens, os que fazem churrascos, os que comparecem e participam das atividades e encontros organizados, os que

descontraem os membros em momentos de tensão, os que divulgam os eventos, os que apresentam o CS e explicam as políticas da rede social, além do papel de moderador, mesmo que implícito. Embora alguns membros saibam delimitar o papel que desempenham, outros membros meio que desenvolvem seus papéis inconscientemente.

A existência de regras auxilia na convivência dos membros de uma comunidade. Essas regras podem ser explícitas ou tácitas (reveladas com a convivência entre os sujeitos). Há os que acreditam que, em termos de regras, CS POA seria “anárquica”, mas porque não se deram conta das regras implícitas que circulam os ambientes de interação.

Em CS POA, algumas regras regem a comunidade, como o respeito às pessoas e às suas culturas: ofender uma pessoa tendo base em preconceitos é algo que pode levar com que membros evitem contato com o ofensor. É também importante que os eventos e postagens de CS POA no *Facebook* sejam feitos no fórum do sistema do CS, bem como que as interações virtuais sejam feitas em espaços legítimos (espaços do FB ou do CS) ou temporariamente legitimados, como no caso do Encontro Nacional, em que foram abertos espaços específicos no *Facebook*.

Tivemos a impressão de que as reclamações também não são conteúdos muito bem vindos e ficam veladas, quando relacionadas a atividades e/ou situações na comunidade, geralmente o reclamante é visto como alguém chato e não como alguém que está expressando um direito, ou uma opinião livre. Algumas regras mais antigas, que eram explícitas quando havia moderadores, agora são tácitas, como a proibição de publicar propaganda do trabalho de um sujeito ou de algum produto no espaço da rede social; a não aprovação de paquera nos *meetings*, embora seja uma regra que nem todos considerem válida na comunidade, mas que tem em vista não constranger pessoas que vão aos encontros para interagir sem segundas intenções; a não recomendação de busca de *couch* em fóruns e na *timeline* do grupo no *Face*, a não ser que seja extremamente emergencial, por conta de um imprevisto com o *host*, já que existe a ferramenta *couchrequest* para isso no site do CS.

Existem subversões dessas regras na comunidade. A criação de outros espaços da comunidade no *Facebook* de maneira ilegítima é um exemplo disso, mas que abriram espaço para uma negociação entre os membros, já que um dos espaços foi aceito – sob a condição de indicar aos sujeitos o grupo oficial de CS POA no *Face* – e o outro não – sendo alvo de ações de deslegitimação do grupo. Poucos membros compartilham suas postagens no sistema do CS e no FB, concentrando as interações virtuais da comunidade no *Facebook*, o que incomoda alguns membros mais antigos, mais habituados a utilizar o site do CS do que os mais novos,

que já entraram na comunidade com a possibilidade de interação via FB. Ainda há, raramente, publicações de propagandas e de produtos feitas por membros novos, mas essas pessoas são advertidas e suas postagens são apagadas. A paquera nos *meetings* é algo que, apesar de ser mal visto por muitos, não é entendida como uma proibição para todos os membros, tanto que não é raro que alguns atores flertem nos encontros semanais, mas isso pode levar advertências de membros como João (embaixador) porque essa prática já levou ao afastamento de membros novatos, sobretudo mulheres, da comunidade. Apesar de existir a ferramenta de *couchrequest* no site do CS, há pessoas que fazem pedidos de *couch* via FB constantemente. Inclusive percebemos que os pedidos de *couch* na timeline do *Facebook* têm sido quase sempre ignorados pelos membros ou têm gerado conflitos e discussões sobre as políticas de convivência de CS POA.

Outra questão importante analisada em nossa pesquisa é a identidade de CS POA. A definição da comunidade e do que é ser membro dela é algo bastante subjetivo e que varia de membro para membro. Alguns membros consideram seus vínculos com a comunidade e os membros como se fossem ligações familiares, como Lucas, Monica e Henrique. Monica define CS POA como uma comunidade solidária, que auxilia e dá suporte a seus membros, há um sentimento de ajuda mútua em que todos acabam se conhecendo, na qual ela é uma “prima distante”, porque não mora mais em Porto Alegre. Apesar de contabilizar mais de 7 mil pessoas no site do CS, a comunidade CS POA é relativamente pequena, se considerarmos os membros ativos, que possuem vínculos a ela.

Camila considera CS POA uma comunidade ativa, bastante integradora e diversificada, que possibilita que o membro seja viajante sem precisar viajar, porque ele conhece pessoas que estão viajando e que vão compartilhar conhecimento e experiência. CS POA também estimula sentimentos e vínculos afetivos entre seus membros como em laços de amizade. Alberto acredita que ser membro de CS POA é ter a possibilidade de conhecer muitas pessoas interessantes e de construir amizades verdadeiras. Luisa vê a comunidade como um grupo que começou com viajantes e agora é constituído por muitos amigos, de pessoas que mesmo que ela não conheça muito, agem muito amigavelmente, são pessoas abertas e que gostam de estar juntas. Ser membro da comunidade é ser diferente porque é dar um voto de confiança para as pessoas, inclusive para as que não se conhece ainda.

É uma comunidade bem diversificada, porque tem pessoas que não são só de Porto Alegre, tem de vários cantos, diferentes culturas, diferentes pontos de vista, mas que no fundo eles se dão muito bem. Eles se dão muito bem, eles conseguem de uma forma

harmônica, né, criar eventos, procurar fazer deles o melhor evento que tiver, fazer com que o pessoal se sinta bem em Porto Alegre, queira voltar. Ahm... quê mais? É difícil encontrar palavras. Mas o pessoal é um pessoal unido (Alberto, 41 anos).

Entre os valores considerados importantes para a comunidade estão: abertura (mente aberta) para conhecer o outro e deixar-se conhecer por ele; companheirismo; solidariedade; confiança; respeito; curiosidade; empatia; diversidade; amizade; integração; e transformação. Há diversidades em CS POA em relação a esses valores, até porque o grau desses valores depende de cada sujeito – há níveis diferentes de confiança entre as pessoas, de forma que algumas se sentem à vontade para hospedar-se com estranhos enquanto outras preferem ficar em um hotel ou hostel e conhecer a cidade com os *couchsurfers*, em vez de pedir um sofá. Nem todo mundo tem os mesmos valores, mas meio que há um senso comum que as características mencionadas anteriormente são essenciais para os propósitos da comunidade.

As regras são interessantes em sua tentativa de manter o foco das interações na comunidade, para que ela não se torne aglomerado sem sentido. Essas regras têm em vista manter a integração em uma comunidade na qual o contato intercultural é intenso e, por isso, se não houvesse regras e valores bem definidos, poderia ser um espaço de mais conflitos e conturbações. A identidade de CS POA se expressa nas regras como uma maneira de manter o “espírito *couchsurfer*” que move os atores, de não deturpá-la e de manter o respeito às culturas e aos sujeitos, ainda que essa mesma identidade seja atravessada por marcas etnocêntricas. Sendo considerada uma família, a comunidade também tem estrutura, hierarquias e normas. Os valores que compõem a identidade comunitária nem sempre são refletidos em suas ações e interações cotidianas, nem sempre expressam a aceitação do outro, e isso nos leva a perceber que a cidadania cultural e comunicativa não é uma característica plena em CS POA. As marcas culturais gaúchas, como parte da identidade da comunidade, tanto refletem na hospitalidade – uma característica marcante – quanto em restrições pontuais do ideal cidadão. As relações que por vezes tentam ser construídas a partir do desejo de boa convivência e de aprendizado cultural, também são marcadas por imposições culturais.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa das relações culturais/identitárias nos processos comunicativos de CS POA foi rico, de muito aprendizado e de amadurecimento, para que deixássemos de lado as primeiras impressões calcadas ainda no senso comum e partíssemos para a descoberta dos elementos que atravessam as interações da comunidade. Nesse processo, contamos com a ajuda de sujeitos sinceros e abertos, que compartilharam conosco seus sentimentos, seus incômodos, suas impressões e seus vínculos com a comunidade do *Couchsurfing* em Porto Alegre. Nessa investigação, nos envolvemos não apenas com dados, mas com histórias de vida, com sujeitos bastante complexos que não se resumem aos seus papéis na comunidade analisada e que têm trajetórias de vida cheias de experiências interessantes. Os vínculos dessas pessoas com a comunidade, como eles mesmos falam, chegam a ser familiares: são divididos momentos de alegria, de festa, de dor e de tristeza, de apoio, de conflitos, de compreensões e incompreensões.

Nesta caminhada, a riqueza de falas e dos dados empíricos foi tão importante quanto os conceitos que balizavam nossas análises. Além disso, a elaboração de um esquema da problemática nos ajudou a desenhar o problema de pesquisa conforme suas mudanças, delimitando o objeto e atentando para aspectos importantes que ainda não estavam sendo considerados no processo. Os desenhos e redesenhos feitos no desenvolvimento da investigação nos ajudaram a enxergar os caminhos da pesquisa de maneira mais clara e objetiva. Pressupostos iniciais ganharam novos trajetos e remodelações para dar conta de um fenômeno complexo, dinâmico, que seria impossível de ser analisado, em todas as suas características, por uma só pesquisa.

Essa pesquisa foi feita no âmbito da Comunicação, mas também se nutriu de contribuições vindas de autores da Sociologia e da Antropologia, que nos ajudaram a pensar não somente métodos e ferramentas de pesquisa, mas a refletir sobre nossos passos empíricos conectados aos teóricos e vice versa, além de nos desafiar a construir um pensamento científico a partir de críticas, embates, discussões, desconstruções e criatividade, estando junto ao objeto, mas pensando como pesquisadora. Quando temos ligações afetivas com nossos objetos de pesquisa, é ainda mais difícil nos desvincilharmos dos sentimentos de pertença e dos vínculos afetivos, para estarmos abertos a criticar e desconstruir ideias preconcebidas, idealizações, padrões e lógicas.

Nossa pesquisa se propôs a analisar a comunidade CS POA a partir de seu entrelaçamento de culturas, de seus processos comunicativos e de suas perspectivas para a

cidadania. A busca por compreender como se constituem os processos comunicativos presenciais e digitais nas relações culturais/identitárias da comunidade e que perspectivas oferecem para a cidadania comunicativa e cultural nos levou, entre outras coisas, a marcas culturais que atravessam os processos comunicativos e que apresentam potencialidades, mas não conferem à comunidade características plenamente cidadãs, até porque a cidadania plena é uma utopia, como já mencionamos no decorrer desta pesquisa.

Contextualizamos aspectos relativos às comunidades em um cenário atravessado pelos processos de midiatização digital – *bios midiático* (SODRÉ, 2002; 2006) –, especialmente à comunidade CS POA e ao seu espaço no *Facebook*. Novos tipos de interação, permeados por novas lógicas, possibilitaram outros tipos de interação, a partir do surgimento das redes digitais e do processo de midiatização digital. CS POA é uma comunidade que conecta sujeitos que não estão em um mesmo espaço físico, mas que compartilham um mesmo espaço digital, sem fronteiras geográficas. As tecnologias têm suas limitações e, diante de algumas limitações comunicativas do sistema do CS, foi criado um espaço no *Facebook* para aumentar as possibilidades de interação dos membros. No contexto do processo de globalização, as interações atreladas a CS POA estão inseridas em um momento que não corresponde ao tempo físico, mas são traçadas pela velocidade das interações e pela possibilidade de retomada dessas interações em outros momentos.

O que Tönnies chama de “uma unidade na pluralidade e uma pluralidade na unidade” pode ser visto em CS POA no sentido de que há interesses comuns que norteiam a comunidade, mas que ela é heterogênea e cujos sujeitos não deixam de ser plurais, mesmo representados por uma unidade (a comunidade). Esse autor também fala que a vida em comunidade seria constituída de tudo que é “confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto” – um agrupamento homogêneo, com semelhança de crenças e interesses –, mas percebemos que em CS POA não é bem assim, embora convirjam crenças e interesses comuns não podemos dizer que ela é uma comunidade “homogênea”.

Descrevemos analiticamente e interpretamos os temas, as interações, as negociações, os conflitos e as relações de poder que constituem os processos interacionais de CS POA e que estiveram evidentes no período de observação sistemática. As interações de CS POA versam sobre características definidoras de sua identidade, há temas variados, mas sobressaem-se aqueles que envolvem espaços legítimos da comunidade e representações, partindo de elementos que encontram força nas culturas gaúchas. O respeito às alteridades – característica essencial para a construção de uma cidadania cultural e comunicativa no âmbito



comunitário – não está presente em todas as interações, sobretudo quando essas estão ligadas a marcas das culturas locais. O intercâmbio de culturas, nesses momentos, é prejudicado e os membros não se abrem às outras culturas muito além do que é típico e idealmente representativo. Assim, cabe mencionar que a diversidade faz com que a convivência seja difícil entre as culturas, especialmente quando a cultura gaúcha se coloca em uma posição de dominação diante das outras, relegando-as à “segunda classe” (CORTINA, 2005).

Considerando que as lógicas têm interferência da cultura, a imersão na cultura gaúcha e o apagamento de outras marcas são lógicas inscritas em um modo de receber de alguns membros de CS POA. Quanto às reformulações e manipulações da identidade (CUCHE, 1999), a identidade gaúcha é em geral manipulada para remeter a um conjunto específico de marcas. Simultaneamente podemos pensar que, se a cidadania é fruto de um processo de construção que passa pelas educações formal e informal (CORTINA, 2005), podemos pensar que o muitas vezes o gaúcho aprende a ser um cidadão etnocêntrico desde pequeno – como percebemos no capítulo sobre as marcas culturais gaúchas –, o que não justifica, porém explica algumas posturas de membros na comunidade.

Os conflitos estão atrelados a elementos culturais dos sujeitos e de posicionamentos etnocêntricos, mas não estão em todas as interações observadas. Em geral há um reconhecimento de CS POA, por parte dos atores sociais, enquanto comunidade que estimula a cooperação em conjunto e um ideal de hospitalidade, já que há uma intensa convivência com outras culturas, embora nem sempre as culturas das alteridades sejam respeitadas, como demonstramos em nossa análise. A afirmação de diferenças se dá ainda no âmbito do típico no que concerne aos elementos gaúchos, mas ao mesmo tempo os atores são formados em um caldo de cultura complexo, de forma que essas marcas culturais interferem na forma de se fazer “hospitaleiro” – que varia de cultura para cultura.

A maior parte das interações e apropriações dos cenários digitais tem o objetivo de manutenção de uma comunicação entre os membros, principalmente com estímulo ao contato presencial entre os sujeitos. Nos encontros presenciais, as interações podem retomar temáticas abordadas nos cenários digitais, podem aprofundar os laços entre os atores da comunidade e o contato intercultural a partir da partilha de experiências. Os conflitos digitais são mais comuns que os presenciais, devido às limitações dos sistemas de redes sociais, dando margem a várias interpretações das mensagens trocadas entre os sujeitos. As comunidades conectadas à rede não são construídas tendo base em ideais utópicos: a comunidade CS POA é também construída a partir de hierarquias, de conflitos e de imposições culturais.

Procuramos trabalhar a cultura, a identidade, a hospitalidade e a cidadania cultural e comunicativa em uma comunidade complexa, que mescla elementos de comunidade clássica e de comunidade virtual. Entendemos que a afirmação de marcas identitárias culturais “duras”, muito tradicionais, pode resultar em “manifestações extremadas” (OLIVEIRA, 2010), a partir das quais surgem preconceitos e imposições, indo de encontro aos valores que norteiam a comunidade CS POA.

Os laços de pertença entre os membros e a comunidade são fortes, a ponto de serem definidos por boa parte de nossos entrevistados como laços familiares que estimulam a cooperação, gerando um “sentimento de pertencimento” (PALACIOS, 1996). Sujeitos bastante heterogêneos, de culturas diversas, estão agregados em torno de interesses comuns (experiências interculturais, viagens, intercâmbios) associados a essa sensação de pertença, indo além da ligação territorial.

O conceito de comunidade de Maffesoli nos ajuda a enxergar no caso investigado um desejo de existir enquanto membro de CS POA e de ser reconhecido como tal. Ao mesmo tempo, o reconhecimento do outro, como afirma Weber, ajuda os sujeitos a definirem o que os representa ou não, o que faz parte de sua comunidade ou não. Os sujeitos que constituem CS POA se reconhecem como parte da comunidade, de uma identidade cultural, e são protegidos por esse ideal de comunidade para não se tornarem uma pessoa qualquer. Essa noção de segurança também é expressa no sentido de que a rede social CS e a comunidade oferecem subsídios aos seus membros no sentido de ter maior segurança e controle sobre a “realidade desconhecida” que os aguarda durante uma viagem a um local novo. Assim como os perfis são elementos de personalidade e individualidade, as estruturas e laços de CS POA expressam elementos identitários da comunidade, das marcas culturais de seus atores.

As marcas culturais/identitárias nos processos comunicativos presenciais e digitais da comunidade são construídas a partir de referenciais que balizam suas práticas. Apesar da não dependência de territórios fixos, comunidades como CS POA têm um vínculo territorial simbólico. As culturas gaúchas têm marcas que atravessam muito fortemente a comunidade, apesar de haver outras marcas de outras origens. Recuero explica que as interações é que mantêm o grupo, não o território. Percebemos isso quando vimos uma preocupação na comunidade de que as pessoas abandonem o CS e a comunidade, não o território geográfico de POA.

Os processos comunicativos da comunidade foram analisados tendo em vista entender suas vinculações com a construção de cidadania comunicativa das culturas/identidades

presentes, que não são percebidas ou reconhecidas pelos atores de CS POA. Há realizações e potencialidades cidadã significativas na comunidade, de forma que muitos membros se sentem acolhidos e integrados, tendo suas culturas respeitadas. No entanto, isso não ocorre todo o tempo, prejudicando a tradução cultural (SANTOS, 2008) da comunidade e a construção de ideais de igualdade e dignidade cultural (CORTINA, 2005). Os sujeitos de CS POA parecem lutar contra o preconceito e contra o desrespeito cultural, mas há marcas constitutivas da cultura da comunidade que os levam a tomar atitudes contraditórias a este norte vinculado à cidadania. No entanto, não podemos enxergar a cidadania em CS POA de maneira dualista, de forma que qualquer ação não cidadã possa anular o esforço da comunidade em prol de uma postura cidadã. Assim, mesmo não sendo sempre constituída por práticas cidadãs, não podemos dizer que não existe cidadania em CS POA. Percebemos uma disposição da comunidade à tradução quando são desnaturalizados elementos culturais gaúchos para sujeitos de outros lugares, para explicar práticas culturais e através do cuidado com algumas marcas linguísticas para que a comunicação não se torne um obstáculo.

As regras, explícitas ou tácitas, tentam manter a integração da comunidade, sua manutenção harmônica – o que nem sempre acontece, já que há subversões dessas regras. A identidade cultural da comunidade se expressa na hospitalidade, no sentido de respeitar outras culturas, mas há marcas na comunidade interferem nisso e que restringem seu potencial cidadão.

No âmbito do espaço digital da comunidade, constatamos que há o compartilhamento de informações que não se restringe a conteúdos das grande mídia, mas também é composto por conteúdos de blogs, de sites alternativos de viagem e de imagens amadoras dos integrantes de CS POA na capital gaúcha, entre outros.

As constatações desta pesquisa nos levam a pensar em perspectivas para o desenvolvimento de investigações futuras, mais especificamente sobre as marcas das culturas gaúchas nas interações e na cidadania cultural e comunicativa das comunidades do CS no Rio Grande do Sul, com comparações entre CS POA e outras comunidades do *Couchsurfing* que também sejam desse estado. Essa perspectiva poderia nos mostrar heterogeneidades e elementos em comum relacionados às apropriações culturais locais das comunidades em seus processos comunicativos.

Avançamos também ao pensar alguns elementos que podemos apontar para serem trabalhados em CS POA tendo em vista ampliar a cidadania comunicativa e cultural da comunidade, como conversar com sujeitos de outras culturas para ter um *feedback* sobre

como eles são recebidos e tratados na comunidade, em uma tentativa de se deixar desestabilizar através da impressão das alteridades. Além disso, os sujeitos podem deixar de negar elementos culturais negativos do cenário gaúcho, sobretudo ao se recusarem a aprofundar a dimensão histórica de alguns elementos culturais gaúchos, perdendo a possibilidade de ir além e de refletir sobre sua própria cultura através do olhar questionador do outro.

Esse avanço seria uma tentativa de aproveitar a potencialidade cidadã da comunidade, que interage e recebe o outro em sua casa, abrindo um espaço íntimo às alteridades, mas por vezes limitando às intervenções e impressões desse outro acerca da cultura local. Se os sujeitos de CS POA conseguem ir além do olhar do turista – acrescentando informações a esse olhar e contextualizando algumas práticas –, às vezes não conseguem alcançar um nível de complexidade e de reflexão sobre as culturas nas quais estão inseridos, permitindo contrapontos e desconstruindo estereótipos, considerando dimensões históricas e conflitivas. Poderiam ser criados espaços para essas discussões, por exemplo, utilizando os *meetings* de língua estrangeira para debater influências culturais de povos que falam essas línguas nas culturas gaúchas. Os membros poderiam também fomentar o debate de questões culturais gaúchas e convidar pesquisadores e professores para aprofundar esse debate, de modo a promover uma autorreflexão sobre o que a comunidade está fazendo e aonde os sujeitos querem chegar, se há coesão e articulação na comunidade, sobretudo em sua dimensão cidadã cultural e comunicativa. Assim, a comunidade de Porto Alegre poderia, inclusive se tornar um espelho para outras comunidades do *Couchsurfing*.

A tentativa de diálogo e reflexão poderia se dar não somente em nível presencial, mas também em nível digital. A tecnologia poderia ser melhor aproveitada para o debate, sobretudo nos espaços de discussão que a comunidade possui nas redes sociais CS e FB, tendo em vista uma perspectiva ampliada de cidadania comunicativa que não se restringe à comunicação face a face tampouco instrumentalizada. Poderiam ser construídos bancos de dados com reflexões sobre a cultura da comunidade, possibilitando o debate e construindo espaços de memória acerca de CS POA.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Cristina Maia de Araújo; BASTOS, Sênia Regina. A Etiqueta Permeando O Ambiente Hospitalareiro Das Recepções Domésticas. In: **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 2012-11, 2012.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n.32, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.djangel.com.br/wp-content/uploads/2009/01/AmaralNataleViana.pdf>>. Acesso em: jul. 2012.

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Metodologias da Pesquisa em Comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

\_\_\_\_\_. Coletivos culturais e espaço público midiaticado: delineamentos para investigar as configurações de usos, apropriações e produções de mídias em grupos étnicos. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BARRETO, Virgínia Sá; LACERDA, Juciano de Sousa. (Org.). **Comunicação, Educação e Cidadania**: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina. João Pessoa; Natal: Editora da UFPB, Editora da UFRN, 2011a.

\_\_\_\_\_. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

\_\_\_\_\_. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: XI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, Montevideo, 2012. **Anais...** Montevideo: ALAIC, 2012.

BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre et. al. **A profissão de sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1999. 2ª ed.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: definition, history, and scholarship. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13 (1), article 11, 2007.

BREIGER, Ronald. The Duality of Persons and Groups. In: **Social Forces**, vol. 53, n. 2, p.181- 190, dez 1974.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Uma estância revisitada: a consolidação de uma comunidade imaginada e a dinâmica da produção aos usos em um site pessoal sobre cultura gaúcha. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre, 2004. **Anais...** Porto Alegre: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/3890403582497255075851584360240797958.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

CAPRA, Fritjof. Vivendo Redes. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 3ª ed.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. **Comunicación y Poder**. Tradução de María Hernández. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998. 3ª ed.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. In: XIX Encontro Anual da Compós - Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010, p. 1-15.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. Comunidades Virtuais Gerando Identidades na Sociedade em Rede. In: **Ciberlegenda**. Universidade Federal Fluminense, n.13, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/cyntial.htm>>. Acesso em: set. 2011. Não paginado.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

COUCHSURFING. **Couchsurfing**: Share your life. Disponível em: <<https://www.couchsurfing.org/n/about>>. Acesso em: mar. 2012.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Os gaúchos versus o Brasil**. Entrevistadores: Daniel Feix; Fernanda Albuquerque. Entrevista concedida a Aplauso Cultura em Revista, ano 6, nº 52, Porto Alegre, 2003.

FACEBOOK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Facebook&oldid=37838515>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização: prática social, prática de sentido*. In: Encontro da Rede PROSUL – Comunicação, Sociedade e Sentido, Unisinos, São Leopoldo, v.1, p. 15, 2006. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FAXINA, Elson. **Do Mercado à Cidadania: O desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira**. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012.

FIGUEIREDO, Ana Flávia Andrade de. **Sobre buscas e sentidos em uma rede mundial de viajantes: The Couchsurfing Project**. 122 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2008.

FINQUELIEVICH, Suzana. *Cidades no espaço das redes: novas centralidades e periferias urbanas na sociedade informacional*. In: **Revista Geographia**, Niterói, 2001. Disponível em: <[www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/63/61](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/63/61)>. Acesso em: mar. 2013.

FONSECA, Letícia Richthofen de Freitas; HESSEL, Rosa Maria Silveira. *A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana*. In: **Educação**, v. 27, n. 53, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84805304>>. Acesso em: dez. 2013.

FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca; BARTH, Daiani. **Territorialidades virtuais: identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online**. In: XIV ENCONTRO DA COMPÓS. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1\\_suely\\_fragoso.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1_suely_fragoso.pdf)>. Acesso em: set. 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para a Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GALINDO CÁCERES, Luis Jesús. **Sabor a ti: Metodología cualitativa en investigación social**. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Traduções de Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Noticias recientes sobre la hibridación*. In: **Revista Transcultural de Musica**. n.07, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/HomRevRed.jsp?iCveEntRev=822>>. Acesso em: mai. 2012.

GEBERA, Osbaldo Washington Turpo. *La netnografía: un método de investigación en Internet*. **Educar**, n.42, 2008. Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/pub/educar/0211819Xn42p81.pdf>>. Acesso em: ago. 2012.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

GOSCIOLA, Vicente. *Transmidiação: formas narrativas em novas mídias*. In: **Fonseca, Journal of Communication**, n. 6, p. 280-295, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio, internet e identidade cultural gaúcha. In: **Razón y palabra**, n. 49, p. 89, 2006.

HILLIS, Ken. **Sensações digitais: Espaço, identidade e corporificações na realidade virtual**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

HINE, Christine. Los objetos virtuales de la etnografía. In: \_\_\_\_\_. **Etnografía virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. (Org.). **Temas básicos da Sociologia**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. **Querência**. Cultura regional como mediação simbólica: Um estudo de recepção. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph: 2008.

KOZINETS, Robert. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. In: **Journal of Marketing Research**, 2002. Disponível em: <[http://www.marketingpower.com/ResourceLibrary/JournalofMarketingResearch\(JMR\)/Pages/2002/39/1/6311080.aspx](http://www.marketingpower.com/ResourceLibrary/JournalofMarketingResearch(JMR)/Pages/2002/39/1/6311080.aspx)>. Acesso em: jul. 2012. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Netnografia: A arma secreta dos profissionais de marketing**. 2010. Disponível em: <[http://kozinets.net/\\_\\_oneclick\\_uploads/2010/11/netnografia\\_portugues.pdf](http://kozinets.net/__oneclick_uploads/2010/11/netnografia_portugues.pdf)>. Acesso em: Agosto de 2011.

LAMBERTY, Salvador Ferrando. **ABC do tradicionalismo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirrede (DHMCM). In: ANTOUN, Henrique (org.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.



LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. Pesquisas de recepção e educação para os meios. **Comunicação & Educação**, São Paulo, mai./ago. 1996. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/3980/3737>>. Acesso em: jul. 2012.

MAFFESOLI, Michel. Comunidade de destino. Tradução de Ana Luiza Carvalho da Rocha. In: **Horizontes Antropológicos**, vol.12, n.25, Porto Alegre, Jan./June 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832006000100014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832006000100014&script=sci_arttext)>. Acesso em: dez. 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

\_\_\_\_\_. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.15, n.32, Dec. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. In: **Ciberlegenda**, Universidade Federal Fluminense, n.09, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/299/182>>. Acesso em: abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Intercom, 2003a. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/162246407369880637916141788343913569125.pdf>>. Acesso em: abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria. Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003b. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/download/284/169>>. Acesso em: mai. 2013.

\_\_\_\_\_. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: **Anais do XX Encontro da Compós**, GT Comunicação e Cidadania, UFRGS, Porto Alegre, 14- 17 de junho de 2011a.

\_\_\_\_\_. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: \_\_\_\_\_. et al. **Metodologias da Pesquisa em Comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

\_\_\_\_\_. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: Maldonado, Alberto Efendy, Bonin, Jiani Adiana, Rosário, Nísia.

**Perspectivas metodológicas em comunicação:** Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2013, p. 31-57.

MARRE, Jacques. A construção do objeto científico na investigação empírica. In: **Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná**. Cascavel: Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. México: Gustavo Gilli, 1987.

\_\_\_\_\_. La comunicación: un campo de problemas a pensar. In: **Ciencia y Tecnología**. Bogotá, vol. 11. n° 2. 1993. Disponível em: <[http://www.scribd.com/full/7578974?access\\_key=key-1feay2b2a5a2f049djaj](http://www.scribd.com/full/7578974?access_key=key-1feay2b2a5a2f049djaj)>. Acesso em: jul. 2012.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Cartógrafo:** travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Traduções de Carlos Frederico Moura da Silva; Maria Inês Coimbra e Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINS, Gerson Luiz. **Mídia e Tecnologias da Comunicação:** A situação do ciberjornalismo. In: Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), n.11, 2008, São Paulo. Disponível em: <[http://www.gersonmartins.jor.br/dados/artigo/Midia\\_e\\_Tecnologias\\_da\\_Comunicacao%5B672%5D.pdf](http://www.gersonmartins.jor.br/dados/artigo/Midia_e_Tecnologias_da_Comunicacao%5B672%5D.pdf)>. Acesso em: jun. 2011.

MARX, Patricia. **You're welcome:** Couch-surfing the globe. [S.I.] 16 abr. 2012. Disponível em: <[http://www.newyorker.com/reporting/2012/04/16/120416fa\\_fact\\_marx](http://www.newyorker.com/reporting/2012/04/16/120416fa_fact_marx)>. Acesso em: jun. 2012.

MATA, Maria Cristina. De la cultura masiva a la cultura midiática. In: **Diálogos de la comunicación**, Lima, Felafacs, n.56, 1999.

\_\_\_\_\_. et. al. Ciudadanía comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos. In: PADILLA, Adrián; MALDONADO, Alberto Efendy. **Metodologías transformadoras:** tejiendo la Red en Comunicación, Educación, Ciudadanía e Integración en América Latina. Caracas: Fondo editorial CEPAT/UNESR, 2009.

MATTELART, Armand. Condições de Renovação. In: MATTELART, Armand; NEVEU, Érick. (Org.). **Introdução aos estudos culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira:** uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 4ªed.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: \_\_\_\_\_. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira. **Ciência da informação**: teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília: Thesaurus, 2003.

MIRES, Fernando. Comunicación: entre la globalización y la glocalización - La sociedad de redes (o las redes de la sociedad). **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación, n.67, CIESPAL, set. 1999. Disponível em: <<http://comunica.org/chasqui/mires67.htm>>. Acesso em: abr. 2013.

MONTANDON, Alain. Hospitalidade ontem e hoje. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (Org.). **Hospitalidade**: cenários e oportunidades. São Paulo: Thompson, 2003.

MOURA, Renée Barbosa. **Interações e identidades de “surfistas de sofá”**: Teresina em uma análise do site *CouchSurfing.org* sob a ótica da Cibercultura. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social/Jornalismo) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2011. Acesso em: abr. 2012.

OGBURN, William; NIMKOFF, Meyer. Acomodação e Assimilação. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio (Org.). **Homem e Sociedade**: Leituras Básicas de Sociologia Geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Identidade Cultural. In: **Dicionário de Direitos Humanos**. 2010. Disponível em: <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>>. Acesso em: jul. 2012. Não paginado.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **La condición comunicacional contemporánea**: Desafíos Latinoamericanos de la investigación de las interacciones en la sociedad red. Quito. Ciespal. 2011. Disponível em: <[http://educomedios.site88.net/documentos\\_epistemologia/recepcion.pdf](http://educomedios.site88.net/documentos_epistemologia/recepcion.pdf)>. Acesso em: jun. 2012.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: Ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. “Vale Tudo” nas redes sociais? Ética, mediação e cidadania no ciberespaço. In: XX Encontro da Compós, Grupo de Trabalho Recepção: Processos de Interpretação, Uso e Consumo Midiáticos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 14-17 jun. 2011. **Anais...** Porto Alegre: Compós, 2011.

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Idade mídia**. Salvador: UFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. Cotidiano e Sociabilidade no Ciberespaço: Apontamentos para Discussão. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (Org.). **O Indivíduo e as Mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. Trabalho originalmente publicado no IV Encontro da COMPÓS, Brasília, 1995.

PARK, Robert; BURGESS, Ernest. Comunidade e sociedade como conceitos analíticos. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicações**. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1973.

PÉREZ, Daniel Omar. Os significados dos conceitos de hospitalidade em Kant e a problemática do estrangeiro. In: **Revista Philosophica**, v. 31, p. 43-53, 2007.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Comunidades em Tempo de Redes. In: PERUZZO, Círcia Maria Krohling; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (Org.). **Comunicación y movimientos populares: ¿Cuales Redes?**. São Leopoldo: Unisinos, 2002, p.275-298. Disponível em: [http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades\\_em\\_tempos\\_de\\_redes.pdf](http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf). Acesso em: jan. 2013.

\_\_\_\_\_. **Televisão comunitária: mobilização social para democratizar a comunicação no Brasil**. São Paulo, 2008.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais**. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 1997. Disponível em: <[http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades\\_virtuais.pdf](http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf)>. Acesso em: ago. 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REID, Elizabeth. **Electropolis: Communication and Community on Internet Relay Chat**. Honors Thesis. University of Melbourne, 1991.

RHEINGOLD, Howard. **Digital Communities Award Jury Statement**. 2004. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/digital-comm.html>>. Acesso em: mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **The father of virtual communities**. [29 set. 2006]. Entrevistador: Spencer Kelly. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/click\\_online/5392906.stm](http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/click_online/5392906.stm)>. Acesso em: mar. 2013. Entrevista concedida a BBC News.

\_\_\_\_\_. Essential social media literacies for personal empowerment and improving the online commons. In: **XII Seminário Internacional da Comunicação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RIBEIRO, José Carlos. Múltiplas identidades virtuais: a potencialização das experiências exploratórias do "eu". In: **Revista Contracampo**, n. 12, p. 171-184, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/568/335>>. Acesso em: dez. 2012.

ROSNAK, Theodore. **O culto da informação**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SÁ, Simone Pereira de. Utopias comunais em rede: discutindo a noção de comunidade virtual. In: X Encontro anual da Compós, GT Comunicação e Sociabilidade, 2001, Brasília. **Anais...** Brasília: Compós, 2001.

\_\_\_\_\_. Fanfictions, comunidades virtuais e cultura das interfaces. In: XXV Encontro Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/dc3d19659387a020b429d27cf2e49895.pdf>>. Acesso em: dez. 2013.

\_\_\_\_\_; POLIVANOV, Beatriz. Materialidades da Comunicação e presentificação do self em sites de redes sociais. In: XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, 2012. **Anais...** Juiz de Fora: Compós, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. Relações intersubjetivas nas redes sociais digitais. In: **Seminário de Interação Mediada por Computador (SIMC)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008. 2ª ed.

SILVA, Dafne Reis Pedroso da; BONIN, Jiani Adriana. Metodologia no processo investigativo: a construção da arquitetura teórico-metodológica de uma pesquisa de recepção cinematográfica. **Revista Interin**, v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/download/162/147>>. Acesso em: jan. 2013.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiaticizado. In: \_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis. **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SORIANO, Jaume. Las nuevas reglas de la etnografía de la comunicación. **Portal de la Comunicación InCom-UAB**. Barcelona: Institut de la Comunicación, 2011. Disponível em: <[http://www.portalcomunicacio.com/uploads/pdf/30\\_esp.pdf](http://www.portalcomunicacio.com/uploads/pdf/30_esp.pdf)>. Acesso em: jun. 2012.

STERNE, Jonathan. Thinking the internet: Cultural Studies versus The Millenium. In: JONES, Steve. **Doing Internet Research**. Califórnia: Sage Publications, 1999.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973.

TURBIANI, Caio Rozenboim Nascimento. **A construção do Capital Social nas Interações através do Site de Redes Sociais Couchsurfing**. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências da Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, RS, 2011. Disponível em: <<https://www.repositorioceme.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37489/000820356.pdf?sequence=1>>. Acesso em: abr. 2013.

TURNER, Fred. **From Counterculture to Cyberculture**. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

VERÓN, Eliséo. Esquema para el analisis de la mediaticización. In: **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n.48, out. 1997.

\_\_\_\_\_. **Conversación sobre el futuro de la comunicación.** 2002. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/justoferva/veron.html>>. Acesso em: mar. 2013. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

WALKER, John. **Introdução à hospitalidade.** Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. Barueri: Manole, 2002.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como conceitos analíticos. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicações. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1973.

WELLMAN, Barry. **The Persistence and Transformation of Community:** From Neighbourhood Groups to Social Networks. Report to the Law Commission of Canada, 2001.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. **Net Surfers don't Ride Alone:** Virtual Communities as Communities. Publicado em 1999. Disponível em <<http://groups.chass.utoronto.ca/netlab/wp-content/uploads/2012/05/Net-Surfers-Dont-Ride-Alone-Virtual-Community-as-Community.pdf>>. Acesso em dez. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - PLANO DE PESQUISA EXPLORATÓRIA

### Objetivos da Pesquisa Exploratória

- Observar a dinâmica da comunidade de Porto Alegre no site do *Couchsurfing*;
- Identificar alguns usos do CS por seus membros em Porto Alegre;
- Comparar a dinâmica da comunidade de Porto Alegre com os fluxos de outras comunidades do CS no Brasil para identificar semelhanças e diferenças (baseando-se em experiências que a pesquisadora já possui);
- Acompanhar os *meetings* (encontros semanais) em Porto Alegre para perceber inicialmente de que forma as interações online interferem nas interações offline;
- Gerar elementos que auxiliem na escolha categorias de análise a serem utilizadas na pesquisa à posteriori;
- Experimentar procedimentos de coleta de dados (entrevistas, questionários etc.).

### Procedimentos Metodológicos

#### Aspectos a serem observados

- Buscar traçar, se possível, um perfil dos membros do CS em Porto Alegre, ou mesmo constatar uma possível diversidade quanto aos couchsurfers da capital gaúcha;
- Observar como os sujeitos interagem entre si no site e nos meetings;
- Investigar como são organizados os eventos/encontros/viagens entre membros do CS POA;
- Questionar diretamente aos integrantes do CS sobre seus usos e apropriações da rede.

#### Amostra/corpus ou informantes

Serão utilizadas pesquisas já feitas em torno do *Couchsurfing* e de estudos sobre outras redes sociais, além do uso de material teórico sobre estudos de identidade na internet. Outra fonte importante são as matérias jornalísticas que eventualmente são produzidas sobre essa rede – faz-se interessante perceber como o CS é construído nos meios de comunicação e os sentidos a ele atrelados nas reportagens. Também será aproveitado o material disponível na própria comunidade de Porto Alegre para observações preliminares.

Quanto aos entrevistados e ao possível público-alvo de questionário, buscar-se-ão integrantes com diferentes características, a fim de que se possa ampliar a visão sobre os usos e apropriações da rede social. Dessa forma, será entrevistado pelo menos um dos moderadores da comunidade de Porto Alegre. Tentar-se-á estabelecer contato com integrantes mais e menos ativos na comunidade, assim como identificar quem são os integrantes que buscam aumentar as possibilidades de interação dentro da comunidade (organizadores de viagens,



encontros, eventos etc.). Podem auxiliar na definição de um perfil alguns critérios como faixa etária, gênero, escolaridade, condição sócio econômica e acesso à internet, por exemplo.

### **Procedimentos de coleta de dados**

- Aplicação de questionário com vários sujeitos de diferentes perfis;
- Coleta de postagens da comunidade, para análise de dinâmica e interação sobre os mais diversos tópicos – o que também configura-se como meio de armazenar dados fora da plataforma online do site;
- Entrevista presencial com integrantes do CS em Porto Alegre;
- Observação in loco das reuniões, meetings e eventos;
- Aproximação (cautelosa) da pesquisadora em relação às atividades do grupo tendo em vista a construção estratégica de uma relação de confiança entre ela e os membros da rede social.

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA COMUNIDADE

### Modalidades de atividades realizadas

- Propostas pela rede (Hospedagem, passeios, viagens, meetings)
- Relação com atividades da cultura local - Extrapolação das atividades propostas pela própria rede (couch, meeting, viagem): encontros para jogar vôlei, pêndulo, show, churrascos.
- Como os programas tradicionalmente gaúchos se inserem nisso? (Passeios à Redenção aos domingos à tarde; churrascos...)
- Para saber como os contextos geográfico e cultural também influenciam nas relações e vínculos.

### Linguagem

- Linguagem específica (termos típicos dos couchsurfers) serve como filtro para integrantes? É alguma forma de diferenciação? Afirmação de identidade comum?

### Expressão das Identidades

- Apropriação da cultura local pelos sujeitos (São pautadas atividades relacionadas a eventos tipicamente gaúchos como Acampamento Farroupilha, Festqueijo, Festivais etc.). O próprio chimarrão, bastante consumido em alguns passeios, é uma expressão da cultura dos sujeitos.
- Produção de camisetas, canecas, adesivos que identificam os couchsurfers, que os afirmam e ao mesmo tempo os diferenciam.

### Roteiro de Observação da Rede

- Comunidade em interação na rede do CS e no Facebook. Perceber preliminarmente os fluxos de interação.
- Como as pessoas novas se inserem no grupo.
- Casos de exclusão no grupo.
- Discussões na rede e fora da rede (Temáticas das postagens e conversas).
- Mediações pré-estabelecidas (figuras dos mediadores).
- Comparações com outros grupos do CS em termos de atividade, de troca de postagens no grupo de POA.
- Observar conflitos.
- O site é muito/pouco frequentado (e movimentado) por muitas/poucas pessoas do grupo?

### **Relações Interculturais**

- Encontros em separado para conversação em línguas estrangeiras (inglês, francês, alemão) ou para prática de esportes (vôlei) acaba criando subgrupos por afinidade ou por competências?
- Segmentações dentro do grupo
- Encontros entre couchsurfers em separado, que não são abertos a todo o grupo mas marcados entre um grupo pequeno de pessoas.
- Como possíveis experiências de couchsurfers com outras culturas (intercâmbios, viagens) podem interferir em suas posturas diante do grupo. Membros que já moraram em outro país, por exemplo, seriam mais tolerantes frente à diversidade do grupo?

### **Interface Digital**

- Como a lógica do site pode agradar/desagradar os membros diante de algumas situações, através de críticas/comentários/postagens.
- Há um forte fluxo de informações dentro do grupo, mas e fora do site do CS? (Comunidade do CS POA no Facebook, por exemplo).

## APÊNDICE C – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

1. Como foi que você conheceu o Couchsurfing?
2. Como você definiria o Couchsurfing?
3. Que aspectos da sua personalidade e da sua vida você escolheu para construir sua identificação no perfil do CS? Por que escolheu esses aspectos?
4. Você se sente pertencer à comunidade de Porto Alegre? Você se vê como parte fundamental dela? Por quê?
5. Na sua opinião, o grupo de POA é muito ou pouco ativo? Como você vê o grupo?
6. Você teve dificuldades para se adaptar ao site da rede social Couchsurfing? O que você acha do site do CS?
7. Você já teve contato com grupos do CS de outras cidades/estados/países? Conte um pouquinho dessa experiência.

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Prefere não opinar

**Onde mora?** (Em qual bairro de POA ou em qual cidade?) \_\_\_\_\_

**Nível de escolaridade:** ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Ensino Superior ( ) Pós-graduação

**Possui quais bens de comunicação:** ( )TV ( )Rádio ( )Computador ( )Notebook  
( )Celular ( )Telefone fixo ( )Ipad/Smartphone ( )Banda Larga

**Costuma fazer viagens?** ( )Região Sul ( )Outras regiões do Brasil ( )Exterior – América Latina ( )Demais continentes

**Com que frequência você participa de encontros com a comunidade CS de Porto Alegre?**

( )Sempre que há oportunidade, estou lá! ( )Semanalmente ( )Quinzenalmente  
( )Mensalmente ( )Raramente ( )Nem me lembro da última vez ( )Nunca fui

**Qual a sua faixa salarial?**

( )Até R\$1000,00 ( )Entre R\$ 1000,00 e R\$3000,00 ( )Entre R\$3000,00 e R\$5000,00  
( )Entre de R\$5000,00 e R\$8000,00 ( )Acima de R\$8000,00

## **APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA**

### ***Participação no CS***

- Como foi que você conheceu o Couchsurfing?
- Desde quando você é membro dessa rede social?

### ***Identidade no CS***

- Como você definiria o Couchsurfing?
- O que é ser um membro do CS na sua opinião?
- Você já viu alguma menção ao Couchsurfing nos meios de comunicação? O que você achou?
- Como as pessoas ao seu redor que não fazem parte do CS consideram essa rede? Como você vê essa maneira de pensar o CS?
- Na sua opinião, as pessoas que não participam do CS o consideram mais como intercâmbio cultural ou como “hospedagem grátis”? O que você acha sobre isso?
- Tem diferenças entre os membros do CS e as pessoas que não são membros? Quais seriam elas?

### ***Relação CS e identidade dos sujeitos/alteridade***

- Que aspectos do seu jeito de ser se expressam na sua participação do CS? O fato de você participar do CS influencia em algumas atitudes suas?
- Quais aspectos você escolheu para construir a sua identificação no perfil da rede social? Por que escolheu estes aspectos?
- O Couchsurfing contribui de alguma forma com a sua vida? De que forma?
- Você teve dificuldades para se adaptar ao site da rede social?
- Você adquiriu algum hábito após fazer parte do CS? (frequenta lugares dos meetings, utiliza mais a internet etc.).
- Depois que você entrou no CS você percebeu alguma mudança na sua forma de ver outros grupos e culturas? Em que sentido?
- Você acredita que o Couchsurfing pode influenciar quanto à postura e às atitudes de cada membro em grupo? Ele pode contribuir (ou não) para que o membro se relacione mais em grupo?
- Você já teve alguma experiência desagradável com alguém no Couchsurfing?

### ***Pertencimento à comunidade de POA/ intervenções online e offline***

- Desde quando você aderiu ao grupo de Porto Alegre? Por quê?
- Você costuma participar ativamente do grupo de Porto Alegre no CS?
- Você participa das atividades online? De que atividades? Como é a sua participação?
- Você participa das atividades offline? De que atividades? Como é a sua participação?
- Você se sente pertencer à comunidade de Porto Alegre? Você se vê como parte fundamental dela? Por quê você se sente pertencer ou por quê você se sente (ou não) parte fundamental?
- Como você entende o papel dos mediadores do grupo de Porto Alegre? Eles se aproximam ou se diferenciam da figura do moderador em outros grupos com os quais você teve contato?
- Você considera o grupo de POA unido ou segmentado? Você sente a formação de subgrupos?
- De quais atividades presenciais (meetings, churrascos, encontros etc.) você costuma participar no grupo?
- Você já produziu a chamada de algum meeting semanal?
- Você já fez alguma viagem com o grupo de Porto Alegre? Já foi a algum encontro (regional/nacional) de couchsurfers no Brasil ou em outro país?
- Como você caracterizaria o grupo de Porto Alegre? Ele é diferente de outros do CS?
- Você costuma se comunicar com os couchsurfers pelo site do grupo CS POA ou por outros meios (facebook, twitter, telefone etc.)?

### ***Relação com outros grupos do CS***

- Você já teve contato com grupos do CS de outras cidades/estados/países?
- Você já viajou ao exterior? Fez algum contato/viagem via Couchsurfing fora do Brasil?
- Você participa de outros grupos do CS de outros lugares?

### ***Relação com a Tecnologia***

- Você teve dificuldades para se adaptar ao site da rede social? Quais?
- Quais recursos do CS (ferramentas) você utiliza? De quais você gosta mais? De quais você não gosta? Por quê?
- Você se sente seguro ao participar da rede?

### ***Bloco de Questões Específico para os Moderadores***

- Desde quando você é moderador?
- Ao seu ver, qual é a responsabilidade/função de um moderador?
- Descreva as atividades que você faz como moderador?

- Quais os critérios de escolha dos moderadores? (Quem está na comunidade há mais tempo, quem se relaciona melhor...)
- Como é o processo de gerenciamento de conflitos com o qual eventualmente o moderador tem que lidar? E se o conflito envolver algum moderador?
- Você pode contar algum caso sobre gerenciamento de conflito do qual você tenha participado? Como foi a sua atuação?
- O que ocorre no caso de abandono do CS por parte de um (ou do único) moderador? Já ocorreu algo semelhante no grupo CS POA?
- Você vê a formação de subgrupos dentro do grupo CS POA? Por que? Como isso ocorre?
- Como funciona a função de Embaixador CS? Em que ela consiste, na prática? Quem ocupa essa função no CS POA? Qual a diferenciação disso em relação à moderação? Há algum outro papel diferenciado no grupo?

## APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA SISTEMÁTICA

### Temas/interações/negociações

- Quais os principais temas das conversas e interações nos *meetings*?
- Perguntar para cada tema: que negociações se dão em torno do tema; que posições se expressam nestas negociações; se há conflitos, em torno de que ponto.
- \* *Aqui, perguntar eventualmente por temas que estou acompanhando e que não são citados, por exemplo: Mudanças no CS, Criação de outros espaços/grupos no CS e no FB pra comunidade, Encontro Nacional CS.*
- Quais os principais assuntos que norteiam as interações no grupo do Facebook de CS POA?
- Perguntar para cada assunto/tema: que negociações se dão em torno do tema; que posições se expressam nestas negociações; se há conflitos, em torno de que ponto.

### Interações/Negociações

- Como são as relações entre os integrantes da comunidade CS POA?
- Você percebe diferenças na convivência entre as pessoas de culturas diferentes e entre as pessoas da mesma cultura no grupo? Se sim, que diferenças?
- Em relação às experiências que você teve/tem no CS POA, percebe haver culturas com maior dificuldade de integração com o grupo? Se sim, quais? Por quê?
- Você acha mais fácil interagir presencialmente ou virtualmente com outros membros da comunidade? Por quê?
- Quando pessoas de culturas e lugares diferentes se reúnem, nem sempre elas se entendem facilmente. Como estas diferenças são negociadas no caso de CS POA?

### Conflitos e Relações de Poder

- Você já presenciou/vivenciou alguma situação de conflito dentro da comunidade?
- Em caso afirmativo, que situação foi esta, que pontos foram objeto de conflito e como essas situações foram solucionadas?
- Que funções você observa estarem presentes na organização da comunidade?
- A participação no grupo é democrática e igualitária?
- Há relações de domínio ou diferenças nas posições dos membros no grupo?

### Marcas Identitárias Culturais

- Como você percebe a convivência entre diferentes culturas na comunidade?
- Você percebe a presença de marcas culturais/identitárias expressas no comportamento dos membros? Que marcas?
- Há marcas culturais ou costumes que são mais valorizados no grupo? Há marcas menos valorizadas?
- Existem marcas culturais/identitárias que estariam ligadas à comunidade?
- Na sua visão há integração entre pessoas de outros locais e culturas em CS POA?



-Você acredita que as características culturais das pessoas que chegam de fora à comunidade são plenamente respeitadas? Com base em quê?

### **Apropriação de cenários**

-Para quê você interage via Facebook no grupo CS POA? Geralmente, o que você posta, curte, compartilha, faz lá?

-Por que você acessa o grupo CS POA no Facebook?

- Qual é para você o papel deste espaço digital para as relações entre os membros da comunidade?

-Você costuma frequentar os meetings e reuniões presenciais do grupo? Por que você (não) comparece a essas atividades presenciais?

-O que você costuma fazer nos meetings/atividades presenciais?

- Qual é para você o papel destes encontros para as relações entre os membros da comunidade?

### **Cidadania**

- Para você, a comunidade CS POA realiza alguma prática que tenha sentido de cidadania?

### **Mediações**

#### **Tecnológica**

-Você utiliza mais o site do CS ou o grupo do Facebook?

-Você percebe alguma diferença entre o acesso e as possibilidades de interação entre CS e Fb?

- Como avalia os recursos que estas plataformas oferecem? O que é funcional e o que poderia ser diferente para facilitar as relações entre os membros do grupo?

- Você tem alguma dificuldade para usar os recursos que estas plataformas oferecem?

- As interações via Facebook facilitam ou dificultam a comunicação do grupo?

#### **Culturas/identidades gaúchas**

-Como você acha que as culturas de Porto Alegre e do RS estão presentes nas atividades da comunidade? O que destas culturas está presente?

- A CS POA incorpora em suas atividades elementos de outras culturas que hospeda/acolhe? Como, em que?

#### **Hospitalidade**

- A disponibilidade para receber pessoas de outros lugares (hospitalidade) relacionada ao CS POA já era um elemento presente na sua cultura? Você acha que este é um aspecto presente nas culturas dos gaúchos?

-Você acha que essa cultura de hospitalidade pode ser uma possibilidade de resgatar antigas tradições de moradores do interior?

-Como você enxerga a hospitalidade nas interações da comunidade CS POA?

**Estrutura/Regras da comunidade**

- Toda comunidade é formada por papéis. Que papéis observa existir na comunidade? Como vê estes papéis e a atuação destes integrantes?
- Qual o seu papel na comunidade?
- Você percebe a existência de regras que auxiliam a convivência dos membros da comunidade? O que acha destas regras?

**Identidade CS POA**

- Como você definiria a comunidade CS POA? O que é ser membro desta comunidade? - Que aspectos a definem?
- Que valores considera importantes para a comunidade?
- Há diversidades na comunidade em relação a estes aspectos?

## APÊNDICE F – ENTREVISTA COM LUISA

Tu autorizas que eu grave essa entrevista?

*Sim.*

Por favor, diga o teu nome, a tua idade, tua profissão.

*Meu nome é Luisa (nome fictício), eu tenho 25 anos, e eu estudo publicidade e propaganda na Famescos.*

Há quanto tempo você está no Couchsurfing?

*Eu me registrei em 2009 e comecei a participar ativamente mesmo em 2010, em agosto de 2010.*

Desde quando tu te registraste, tu já começou a fazer parte da comunidade daqui de Porto Alegre?

*Sim.*

Então tu acompanhas desde 2009?

*Sim. Eu acompanho desde 2009. Mas participar mesmo só em 2010, exatamente um ano depois.*

Basicamente, a entrevista é focada na questão das relações culturais dentro da comunidade. E aí eu vou começar perguntando se tu vais nos meetings frequentemente ou não.

*Eu vou, eu ia mais frequentemente antes agora nem tanto, eu apareço de vez em quando, muito de vez em quando. Mas vamos ver se eu consigo aparecer um pouco mais.*

Quando tu frequentas os meetings, o que te vem a cabeça, quais são os principais temas de conversas e interações que tu vêes nos meetings hoje?

*Viagens, que as pessoas tenham feito recentemente, ou que planejam fazer. A gente conversa bastante sobre isso. A gente conversa bastante sobre atividades que vão fazer nos próximos dias ou alguma coisa pra fazer junto com todo mundo, a gente conversa sobre cerveja, sobre bebida. Ahm, o quê mais?*

Sobre o próprio Couchsurfing?

*Também. Também. A gente conversa bastante sobre o couch, sobre como ele mudou, o que a gente tá achando de diferente até no próprio público que mudou bastante assim. Então as vezes a gente fala sobre isso, da maneira se isso é bom, se isso é ruim, como é que tá afetando agora.*

Em geral, quais são as posições dentro desses temas, por exemplo, as mudanças, as negociações, discutem a favor, contra, argumentam?

*Então, ninguém gostou muito da maneira como mudou o Couchsurfing, né. Depois que ele foi vendido pra uma organização privada, uma empresa privada. Então acho que tem muitas coisas que eles fizeram, as mudanças tanto no site quanto na política do próprio Couchsurfing, as pessoas não estão sendo muito a favor, porque agora perdeu um pouco daquele... como é que eu posso te dizer... Couchsurfing a gente meio que é um estilo de vida né, então as pessoas agora se registram só pra ficar de graça em algum lugar e não só pra conhecer as culturas ou ter contato com gente local, ter alguém pra ficar junto. Muita gente se registra agora pra ficar de graça em algum lugar.*

E há conflitos em torno deste ponto? Quando as pessoas estão conversando sobre essa questão das mudanças ou sobre as outras coisas que tu mencionaste?

*Depende. Conflitos eu não diria muito assim, eu diria que são... às vezes as pessoas discordam, principalmente em relação às mudanças, mas na maioria das vezes elas concordam porque ninguém tá muito feliz com isso então é mais ou menos assim, as vezes discordar, mas, como é que eu posso explicar. Eles apenas, sei lá, argumentam os pontos de vista de cada um, acho que nunca foi problema assim também, e todo mundo acho que aceita bem o ponto de vista alheio.*

E quanto à questão de outros espaços e grupos, que recentemente o pessoal tem feito outros grupos e espaços no *Facebook* pra comunidade do *Couchsurfing* Porto Alegre, ou então de repente fazia outro grupo, na época que podia criar grupo no site do *Couchsurfing*, como é que tu vê as pessoas se manifestarem em relação a isso?

*O que vejo assim, as pessoas procuram, elas participam do Couchsurfing, mas um grupo no Facebook é muito mais ativo que o grupo no próprio site, até porque acho que as pessoas, pelo menos aqui no Brasil, muita gente já se conhece e todo mundo sabe quem é quem, todo mundo sabe que em porto alegre, claro, quem é novo vai sempre procurar usar o site primeiro e tal, mas depois que já se enturmou vai todo mundo pro Facebook, todo mundo organiza sempre qualquer coisa pelo Facebook. Me lembro que quando eu entrei, quando comecei a participar, tudo era pelo site. Era tudo pelo site. A gente postava mensagem ali todo mundo respondia, todo mundo dizia “ah, vamo fazer tal coisa”, “pah, vamo” e um monte de gente respondia. Agora se você posta alguma coisa, morre. O próprio post sobre o nacional foram pouquíssimas as respostas que eu recebi quando eu postei uma coisa, foram bem poucas, comparado a uns três anos atrás, não é nada. Então eu acho que as pessoas tão procurando um, não sei se as pessoas não se sentiram a vontade ali então elas estão procurando criar outros grupos onde elas possam ter um pouco mais de controle sobre o que tá acontecendo, sobre os posts eu acho, porque a gente perdeu um pouco de controle, né? Pela função de não ter moderação e enfim, se tem algum problema, se alguém posta alguma coisa indevida, a gente não sabe o que fazer. Então acho que as pessoas estão buscando outros espaços, mas acho que pela mesma, a ideia continua a mesma, só que todo mundo tá buscando o espaços onde as pessoas possam interagir um pouco mais.*

No caso o Facebook?

*É, no caso o Facebook. E no próprio Couchsurfing tem grupos sobre outros assuntos que as pessoas gostam mas eu acho que o site também não ajuda muito em relação a isso, nas ferramentas de grupo. Acho que ficou um pouco mais difícil, as pessoas não se acostumaram muito não.*

As pessoas também têm comentado em relação ao Encontro Nacional?

*Têm. Têm comentado bastante.*

Tu vê por exemplo as pessoas comentarem isso no *meeting* ou só na parte virtual?

*Olha, eu vi comentarem nos meeting, as pessoas estão bem empolgadas sobre o que vai acontecer, qual a atividade que elas querem participar. Muito no Facebook também, bastante. Sempre comentando o pessoal que ta vindo, já ta contando as horas pra vir pra cá, contando os dias. A gente também, o pessoal que ta organizando, ta sempre envolvido, sempre publicando alguma coisa, até pra dar uma animada assim, o pessoal fica mais animado pra vir e acho que tem bastante comentário sobre isso ultimamente. Nos últimos dias acho que é praticamente só isso que eu faço no meu Facebook, falar sobre o encontro nacional.*

E essa questão do grupo do *Facebook* de Porto Alegre, você acha que entre os principais assuntos, além de o encontro nacional ultimamente ter sido uma pauta bastante falada no *Facebook* do CS POA, você acha que são os mesmos assuntos do *meeting* ou são outros assuntos? Que tipo de assuntos as pessoas interagem no grupo do *Facebook*?

*Sempre tem alguém convidando pra alguma atividade cultural, uma peça de teatro ou um cinema ou fazer um piquenique sobre coisas que acontecem no próprio Couchsurfing. Sobre atitude de outras pessoas, sobre coisas que mudaram no site, coisas que mudaram na política do Couchsurfing, e também, não sei, tão sempre marcando uma coisa pra fazer porque um grupo que fica muito parado... Então todo final de semana tem uma coisa, então tem sempre alguém postando alguma coisa pelo menos algum evento, alguma coisa assim, pra participar de algum evento que vai acontecer na cidade mesmo.*

E as posições e negociações dessas conversas no Facebook, como é que tu enxergas isso?

*Eu vejo como a maioria vê. Se tem ideias contrárias, ou alguém quer fazer alguma coisa e alguém não quer, eu acho que sempre é bastante democrático assim, sempre tem uma votação, quem prefere tal coisa, quem não prefere tal coisa, a gente vota e vence a maioria.*

Então, de maneira geral, você acha que a participação do pessoal no CS POA é democrática e igualitária?

*Eu acredito que sim, eu acho que na maior parte do tempo, sim. Pelo menos tudo o que eu fiquei das decisões, enfim, de todos os eventos que eu fiquei sabendo ate agora que eu pude participar e ajudar, todos foram bastante democráticos, a não ser aqueles que eu não fiquei sabendo de nada então eu não posso opinar quanto a isso. Porque eu não sei como que aconteceu.*

E como são as relações entre os integrantes da comunidade?

*Eu acho que são bastante boas. As pessoas sabem receber, sabem receber bem, eu acho que nos somos abertos a exibir qualquer tipo de pessoa ou lidar com qualquer tipo de pessoa, mas a gente também as vezes lida com pessoas as vezes problemáticas dentro da comunidade e acho que mesmo assim a gente tenta conversar com essas pessoas e dizer que elas são bem acolhidas na comunidade, que se elas quiserem participar a gente tá ali, se elas quiserem conversar a gente tá ali também. E eu acho que o Couchsurfing, pelo menos o grupo que entrou no mesmo tempo que eu, que entrou um pouco depois ou um pouco antes, é todo mundo muito mente aberta, então tá aberta a várias pessoas e receber bem, até porque essa é a ideia né?! Receber as pessoas e entrar em contato com outras pessoas. Pelo menos era a ideia principal do site na época. Então acho que a maioria das pessoas sabem lidar com as diferenças e sabe, não sei, conviver bem com todo mundo. Eu também acho que nunca tive muito problema.*

Essas pessoas problemáticas que tu citou que de vez em quando aparecem, seriam mais pessoas que de repente não absorveram o espírito do grupo?

*É, eu acho que é mais ou menos isso, é um pouco disso sim. A gente sempre vê que tem alguém que às vezes não se encaixa muito no perfil ou não entendeu muito bem a proposta. São pessoas que, não sei... uma vez veio um cara por exemplo, ele veio xingar a gente, falar que era todo mundo dando uma de burguesinho que só sabia beber e fazer festa, e enfim, a gente conversou com ele, o pessoal falou: “Olha, não é bem assim. E mesmo que fosse, não teria problema a gente beber e fazer festa, porque se a gente gosta não tem problema nenhum... Quem sabe tu aparece e conversa com a gente pra tu ver que nós não somos bem isso que tu tá falando, né”.*

Isso foi presencial ou digital?

*Foi no grupo de Porto Alegre. Foi um post.*

E aí então o pessoal tentou lidar com o calma e conversar, dialogar?

*É. Nos falamos pra ele, dissemos assim “oh, aparece no meeting, Vamo conversar e tu vai ver que não é bem assim, que a gente não é um bando de burguês, que a gente também tem um*

*monte de outras qualidades e defeitos e que nós somos seres humanos, não é bem assim julgar as pessoas só porque elas gostam de beber e fazer festa”.*

E você falou do perfil e da proposta. Como você definiria esse perfil e essa proposta do grupo?

*Eu acho que o perfil tem que ser, o perfil é o couchsurfer ele é mente aberta, sabe respeitar as diferenças, ele sabe receber bem as pessoas, e ele sabe se envolver em um grupo respeitando as diferenças, eu acho que tem que ser mais ou menos assim. Um couchsurfer tem que ser mente aberta, eu acho que é isso. Lá no site é onde tu vai conhecer, vai receber as pessoas novas, então tu tem que tá disposto a realmente conhecer pessoas novas e diferentes.*

Você percebe diferença na convivência entre as pessoas de culturas diferentes e pessoas da mesma cultura no grupo? Por exemplo, pessoas que vem de fora, se existem diferenças, no sentido de convivência, do que por exemplo as pessoas daqui, que são daqui de Porto Alegre ou do Rio Grande do Sul?

*Depende né. Ah, existem algumas diferenças sim. Eu acho. Quando a gente foi... quando eu fui pro encontro, acho que foi a invasão em São Paulo, num grupo um pouco mais, num sei eu achei um pouco mais sério, gostam de tudo certinho, todo mundo tem que ter cracházinho e eles são um pouco sérios assim, não são tão “ah, chega aí! Que crachá o quê?”... a gente é mais... não precisa crachá, vamo conversar com as pessoas e vamo descobrir quem elas são através da conversa e...*

Mas em termos de convivência, aqui e em Porto Alegre, na comunidade daqui, você acha que quem veio de fora, tem alguma diferença na convivência entre as pessoas que vem de fora com os daqui? Do que com o pessoal que é só daqui?

*Hum, eu acho que não. Eu acho que não. As pessoas que vem de fora acho que elas se sentem bem aqui, dentro do grupo e a gente também, a gente adora receber gente que vem de fora né, então acho que não é um problema, assim.*

E em relação às experiências que você teve e que você tem na comunidade aqui de Porto Alegre? Você percebe haver culturas com maior dificuldade de integração com outras do grupo?

*Acredito que não. Maior dificuldade de integração, acho que não. Não pela minha experiência pessoal assim.*

E você acha mais fácil interagir presencialmente ou virtualmente com outros membros da comunidade?

*Eu acho tanto um quanto o outro, eu sempre que eu vou a algum encontro ou alguma atividade, não necessariamente um meeting, eu sempre converso com varias pessoas diferentes e no Facebook também. Às vezes sempre rola uma discussão sobre alguma coisa, alguém posta alguma coisa no grupo e fica lá, conversando, comentando e rindo um do outro então, nos encontros sempre surgem alguns assuntos também, algum assunto mais filosófico, algum assunto mais... sei lá... alguém falando sobre alguma coisa em comum que os outros já tenham feito também então a conversa sempre flui assim. Sempre flui.*

Pra ti tanto faz?

*Pra mim, tanto faz.*

E quando as pessoas de culturas e lugares diferentes se reúnem, nem sempre elas se entendem facilmente. Como e que essas diferenças são negociadas aqui no CS POA, na tua opinião?

*Na minha opinião eu acho que quando vem alguém de fora e... a gente... acho que a gente entende que culturas diferentes tem costumes diferentes e acho que a gente precisa respeitar e a gente tenta sempre adequar a atividade que a gente vai fazer, ou sei lá... qualquer coisa*

*que a gente vai fazer a gente tenta adequar todo mundo né, pra que ninguém saia mal na história. Ninguém se sinta deixado de lado ou alguma coisa assim. E... quê mais que eu ia dizer? Eu acho que também às vezes a gente... as pessoas tentam conversar e entender um pouco mais porque que uma cultura é tão diferente, porque que é de um costume ser assim e não de outro jeito... mas uma questão de curiosidade mesmo eu acho. Todo mundo aqui gosta de viajar, então todo mundo acho que gosta, tem curiosidade de conhecer outras coisas, nem sempre gosta, mas eu acho que, apesar de não concordar, as pessoas respeitam, não vão deixar a pessoa se sentir mal por ser diferente ou fazer alguma coisa diferente.*

E você já presenciou ou vivenciou alguma situação de conflito dentro da comunidade?

*Situação de conflito... humm... deixa eu ver... teve uma vez, um rapaz, eu acho, que era, ele é gay, eu nem sei se ele participa mais, eu sei que ele se sentia... não sei... ele era.. como é que eu posso explicar, não sei se ele se sentia excluído ou achava que as pessoas não tratavam ele bem, e até mesmo, teve também esse menino que falou que era tudo burguês e que todo mundo não pensava, tipo não tinha cérebro, só gostava de beber e fazer festa. Todo mundo lidou com a situação da melhor maneira possível. Hum.. mas conflito, conflito mesmo, nada que eu lembre assim que tenha sido muito sério mesmo, e eu acho que é sempre porque o pessoal conseguiu lidar com os conflitos, assim. Teve, eu sei que teve um menino em SP, eu sei também que ele postou alguma coisa na comunidade de SP, e ele vivia arrumando confusão, não lembro exatamente o quê que era, mas eu lembro que o pessoal tava meio revoltado com ele assim, tipo “cara tu não pode fazer isso, num sei quê”, mas eu não me lembro exatamente o que foi que ele fez.*

E em Porto Alegre?

*Aqui em Porto Alegre eu acho que não. Só o... agora recentemente teve um rapaz que postou sobre uma excursão e, só que na verdade, quando o pessoal foi correr atrás das informações, ele disse tava fazendo excursão pra um lugar né, acho que era Três Coroas e aí ele “ah, vou dividir os custos do ônibus e tal, vai dar 39 reais pra cada um”, o pessoal foi atrás e viu que não era bem assim, que o dinheiro talvez sobrasse um pouco, porque pelo que eu entendi ele tem uma empresa de turismo, não sei muito bem, mas o boato é que ele gostaria de trabalhar só com isso né. Aí o pessoal foi e falou com ele “olha, não é bem assim, Couchsurfing não serve pra isso, a gente viu que um ônibus até lá com esse valor que tu tá cobrando não custa tudo isso, é bem mais barato, então acho que tu poderia oferecer os teus pacotes num outro lugar e tal”. Esse acho que foi o conflito mais recente que eu vi, assim.*

Esse é o mesmo que chegou a fazer uma comunidade, um grupo, na verdade, chamado Couchsurfing Porto Alegre no Facebook?

*Sim.*

Você chegou a ver?

*Sim, eu dei uma olhada.*

O que você achou da proposta do grupo?

*Ah, eu acho que Couchsurfing Porto Alegre já existe, ele fez isso sem consultar ninguém, fez por conta própria. E eu acho que, não sei se... não posso julgar, não sei se as intenções dele foram certas ou erradas, foram boas ou ruins enfim, mas ele devia pelo menos se ele quisesse fazer alguma coisa, ele devia consultar o grupo, porque o grupo de Porto Alegre, sei lá, tem mais de mil pessoas, bem mais que isso, não é ele sozinho que vai fazer alguma coisa, vai criar um grupo novo e dizer “ah, a partir de agora esse aqui é o grupo de Couchsurfing de Porto Alegre”.*

A criação do grupo do Facebook, o CS POA primeiro? Houve uma consulta do pessoal, se criaria um Facebook ou não?

*Ah eu não sei porque eu num... eu só me lembro de ter entrado no grupo, mas eu não me lembro de ter sido feito uma consulta, talvez tenha sido antes de eu saber que o grupo existia.*

Que funções você observa que estão presentes na organização da comunidade hoje? Existem funções? As pessoas desempenham papéis, mesmo que não oficialmente?

*É. Antigamente tinha os moderadores, então eles estavam sempre bem ativos na comunidade. Eles tavam sempre fazendo alguma coisa e eram na maioria das vezes, eles que organizavam os eventos. E hoje em dia eu vejo que tem algumas pessoas que continuam sendo quase as mesmas de antigamente, assim. Algumas delas, outras são novas também, que tão sempre pensando o que fazer assim, se tem alguma coisa grande as pessoas estão sempre dispostas, são sempre elas que estão dispostas a ajudar em alguma coisa, né? Ah, tipo assim, “Eu me proponho a fazer isso, eu me proponho a organizar, eu me proponho a... enfim, fazer alguma coisa pra ajudar”. E é mais ou menos isso, assim. Elas assumem responsabilidades né, por exemplo, com o Encontro Nacional, tem um grupo que tá organizando, que tá... pessoal corre atrás de aluguel de várias coisas, aluguel de salão, aluguel de ônibus, hotel. Enfim... fazer folder, correr atrás de mapa da cidade, cada um tem uma responsabilidade, cada um se responsabiliza por isso e tem os outros que tão sempre em cima também né. “Ah, cê fez isso? Como é que ficou e tal? Vai sair? Não vai sair?”. Eu acho que um meio que cuida do outro assim, pra ver se tá indo tudo bem, e também porque, acho, quando a pessoa não consegue fazer sozinho, ela pede ajuda.*

Tu falaste do moderador, tu sabia mais ou menos como era essa função do moderador, ou função do embaixador?

*Então... a função do moderador, ele cuidava dos posts do grupo, se não tinha nada ofensivo, se não tinha nada que fugisse muito da proposta, por exemplo, gente fazendo propaganda de alguma coisa: “ah, tô alugando meu apartamento”, não. Não é esse tipo de coisa assim. E eles também sempre davam as boas vindas aos novos membros do grupo. Sempre que alguma pessoa nova se registrava no Couchsurfing e entrava no grupo de Porto Alegre. Ela era sempre responsável por mandar uma mensagem pra essa pessoa e dizer “oh, seja bem vindo ao grupo de Porto Alegre, a gente tem meeting todas as quintas-feiras em tal lugar, aparece, vem conversar com a gente e tal. Esse tipo de coisa assim, sempre tá controlando o que o pessoal tá escrevendo, se não é muito ofensivo, se não é muito abusivo pra ninguém. Isso vai de encontro com a proposta do grupo também.*

Há relações de domínio e diferenças nas posições dos membros do grupo?

*Algumas pessoas talvez mandem um pouco mais que outras. Enfim, algumas pessoas se destacam mais que outras. Até por essa questão de tá sempre, de ser sempre o mesmo pessoal que tá disposto a fazer várias coisas, tá disposto a organizar várias coisas. Então, e até quando acontece alguma coisa, quando acontece algum conflito enfim, a pessoa se dispõe a “perai, vamo fazer um, digamos assim, juiz de paz, assim”...*

Fazer uma mediação?

*É. “Vamo fazer uma mediação, perai, ver uma coisa e a outra”. Né... bem assim. Então eu acho que tem pessoas que se destacam sim. E são pessoas a quem os novos recorrem se tem alguma dúvida ou se precisam de alguma coisa, eu acho que mais assim.*

Essas pessoas estão na organização hoje do nacional?

*Várias sim. Sim.*

Você percebeu a presença de marcas culturais ou identitárias no comportamento dos membros do Couchsurfing aqui em Porto Alegre?

*Eu acredito que sim.*

Quais, por exemplo?



*Ah, o pessoal que é do interior, assim. Não sei... é... marca cultural, dizer que o Fulano é uma pessoa com uma marca cultural bem forte.*

Por que?

*Ah, num sei, tá sempre com a faca dele. E... ele é de Santa Maria, eu acho né? E... (risos) não sei, pra mim ele é.. tá sempre vivendo no interior e não... assim... quando eu olho pra ele, eu só vejo a boina, a faca, e o alpargata... é bem característico assim, no Fulano, pra mim.*

E aí outras marcas culturais identitárias que você vê nas outras pessoas?

*Hum... deixa eu ver... eu acho que eu percebo mais assim é no pessoal de fora mesmo, que é do interior do estado, que a gente vê mais o... tem o Beltrano também, que é lá do Norte, acho que é de Rondônia. É de Rondônia, eu acho. (risos) É engraçado o jeito dele de falar assim, bem característico. E... as pessoas, acho que mantêm bastante seus... um pouco se mistura né, quando eles vem pra cá, um pouco se mistura com nosso jeito porto alegre de ser assim, e um pouco sempre fica um pedacinho da cultura deles mesmo, que fica mais destacado assim.*

Esse jeito porto alegre que você falou, seria mais ou menos como?

*(risos) Ai (risos) ai.. e agora? ...É... o jeito porto alegre de ser, de tomar chimarrão na Redenção e de sair pra beber sempre no mesmo lugar, vamos lá...*

Você acha que isso tá presente no pessoal do grupo?

*Eu acho que sim. Eu acho que sim.*

Você acha que tem marcas culturais ou costumes que são mais valorizados dentro do grupo?

*Mais valorizados? Hum... costumes bem valorizados é sair pra beber, por exemplo. Né? E acho que... ah, vontade.. não sei... pessoal gosta muito de ir no parque que é uma coisa muito porto alegre assim, adoram tá fazendo um piquenique ou passeio em algum lugar mais natureza assim... e churrasco, sempre churrasco.*

Você acha que teriam marcas que seriam menos valorizadas aqui, e não sejam tão valorizadas no grupo?

*Hum.. acho que não. Acho que não.*

Em geral você acha que o pessoal tenta valorizar as marcas e as coisas daqui?

*Eu acredito que sim. Bastante até. Eles tentam colocar a nossa identidade de gaúcho em tudo que é coisa que a gente faz né. Por exemplo, no material do nacional agora é bigode, chapéu e... enfim... coloca o simbolozinho do nacional no gauchinho lá. O banner é uma foto de porto alegre e tal. Até o próprio, a própria chamada pro encontro nacional foi bastante gaúcha assim.*

Como foi?

*Chamando, uma convocação da República dos Pampas pra ir pro encontro nacional, pro pessoal trazer passaporte, enfim né, aquela coisa, pra eles virem visitar a República dos Pampas.*

Isso gerou algum conflito?

*É, algumas pessoas acharam um pouco segregacionistas assim. “ah, lá vem os gaúchos querendo mostrar que eles são outro país”, mas foi só uma brincadeira, daí a gente explicou: “não, calma aí, foi só uma brincadeira, não é bem assim, se a gente não quisesse juntar todo mundo a gente nem taria fazendo nada”.*

Você acha que tem marcas culturais identitárias que estão mais ligadas à comunidade? Vamos dizer assim... tem essas marcas que o pessoal usa muito... essas que você já citou, você acha que tem mais alguma?

*Hum...eu acho que não, acho que são essas.*

Na sua visão, a integração de pessoas de outros locais e culturas e o pessoal daqui da comunidade do CS POA, o pessoal se integra facilmente?

*Sim. Bem facilmente assim.*

E você acredita que as características culturais das pessoas que chegam de fora são plenamente respeitadas?

*Na maioria das vezes sim. Não me lembro de nenhuma ocasião que tenha, alguém tenha se sentido desrespeitado por ser, por ter uma cultura diferente. Não lembro de nenhuma situação assim.*

E como você interage via *Facebook*, no grupo do CS POA? O que você faz, geralmente? Pra quê que você vai lá? O que você posta? O que você compartilha, curte?

*Ahm... deixa eu ver... eu compartilho bastante, é... como é que eu vou dizer... posts de blogs que falam sobre viagem, porque é bom viajar. Ou alguma coisa interessante sobre algum país ou algum lugar do mundo. Também sobre promoções de passagem, sobre algum evento, alguma festa. Agora eu postei lá pra saber o quê que o pessoal ia querer fazer no Réveillon pra ver se alguém ia querer viajar junto, ou tinha alguma ideia de onde ir, algum lugar legal. Pra poder tá com os amigos, enfim. Né? E se várias pessoas gostariam de ir pra o mesmo lugar. Mas é isso aí, também se as pessoas compartilham alguma coisa legal, eu comento "ah, legal isso" e tal...*

Por que você acessa o grupo do CS POA no *Facebook*?

*Eu acesso porque... ah, boa pergunta. Agora eu acho que já virou um costume assim, mas é pra saber o quê que tá acontecendo, o quê que tá rolando, o quê que o pessoal tá combinando de fazer, se tem alguma coisa pra fazer no final de semana. Se tem alguma atividade, algum evento, alguma coisa. Pra saber o quê que é, se de repente eu vou também, ou se não...*

Pra você, qual é o papel desse grupo do CS POA no *Facebook* para as relações entre os membros da comunidade?

*Eu acho que o grupo no Facebook, ele estreita mais as relações, porque as pessoas conversam mais. Elas... ahm... é tudo rapidinho ali, por exemplo, no site do CS tu tem que abrir, tu aperta em escrever comentário e tem... agora mudou já, antes era diferente. Tinha que escrever tudo, depois você ia pra uma janela, e ia pra outra. Agora ele tá um pouco mais facebookizado assim, porque o Facebook é muito rápido, só escreve, dá um enter e todo mundo vai conversando e quando vê, um post já tem, sei lá, 100 comentários. As pessoas interagem um pouco mais, eu acho.*

Você acha que é mais fácil então, pro pessoal se comunicar, pelo *Facebook* ou do que através do site do CS?

*Com certeza. Até porque as pessoas visualizam muito mais as mensagens no Facebook. O mesmo post no Facebook e no site do Couchsurfing, no Facebook tem muito mais respostas e muito mais visualizações. No CS quase não tem nada.*

O que você costuma fazer nos meetings, além de conversar?

*Nos meetings eu costumo, quando eu não tô dirigindo, costumo beber e rever algumas pessoas que eu não vejo. Como eu não vou muito também e eu sei que tem umas pessoas que vão bastante nos meetings, às vezes eu vou lá pra ver os amigos, pra rever pessoas que eu não via há algum tempo e pra saber o que o pessoal anda fazendo, o quê que vão fazer.*

Pra você, qual que é o papel desses encontros pras relações entre os membros da comunidade? Os meetings.

*Eu acho... nossa, eu acho o meeting muito importante. Porque eu, quando entrei, eu ia sempre no meeting. Eu ia acho que toda semana. E pra mim, foi aquela coisa, foi assim que eu conheci as pessoas, foi assim que elas me conheceram e a partir daí, enfim, fui recebendo*

*solicitação de amizade no Couchsurfing, as pessoas foram me escrevendo depoimentos, eu escrevia pra elas, referências, e vouchers também, é importante. E conforme as pessoas vão te conhecendo um pouco mais, elas vão dizendo “Oh, essa pessoa é confiável, tu pode hospedar ela” ou “Não, não fica na casa dessa pessoa louca” (risos). Mas acho que é importante assim pra conhecer as pessoas também, porque só virtualmente não dá. Então a gente conhece pessoas novas em cada meeting também. Conhece gente nova. Até porque fazia muito tempo que eu não ia, esse ano eu fui poucas vezes. A última vez que eu fui, conheci pessoas novas, gente que eu nunca tinha visto antes pra estar sempre renovando. Então eu acho importante, meeting é super importante pra manter e as pessoas se conhecerem, e pra depois, via Facebook ou alguma coisa, só estreita um pouco mais o contato.*

No geral, você tava falando que geralmente os mais antigos é que mantêm esse estilo *couchsurfer* de viver, esse estilo de vida...

*Sim.*

Geralmente esse pessoal que entrou após essa popularização e que já tem uma outra ideia de *Couchsurfing*, eles frequentam os meetings, ou não?

*Tem bastante gente nova.*

Eles frequentam os meetings?

*Bastante.*

Mas você acha que em geral quem frequenta os meetings é mais o pessoal que tem essa ideia do *Couchsurfing* como estilo de vida ou se vai também gente que acha que é hospedagem grátis?

*Eu acho que dos dois assim, mas a maioria que vai nos meetings de verdade eu acho que é quem tem o espírito mesmo do Couchsurfing. Os outros, as pessoas que tãõ no Couchsurfing só pra, sei lá, também vão porque, sei lá, querem sair pra conhecer gente nova. Ou querer ter alguém pra beber junto, ou querem conversar, sei lá. Querem fazer alguma coisa. Eu quando comecei a participar mesmo do Couchsurfing eu fui porque eu tava sem nada pra fazer e eu queria fazer alguma coisa. Aí eu disse, é, vamo lá, ver como é que é disso aí. Vou ver o quê que essa gente faz aí. Daí eu fui, me diverti, adorei, conheci o pessoal e nunca mais parei.*

Pra você, a comunidade CS POA realiza alguma prática que tenha o sentido de cidadania?

*Prática no sentido de cidadania... hum... eu não me lembro bem mas eu sei que tem algumas pessoas que participam de alguns projetos ou que já comentaram sobre alguns projetos no grupo, mas nada que eu me lembre bem assim o quê que era. É que as vezes alguém comenta alguma coisa, convida alguém pra ver o projeto, projeto legal assim que esteja acontecendo pra alguma cidade ou pra alguma instituição.*

Mas que tipo de projeto, assim?

*Pois eu agora não me lembro bem. Eu sei que tinha alguma coisa. Sempre tem uma campanha, alguma coisa lá pra alguma cidade, sempre tem alguém que comenta “ah pessoal, tá rolando tal campanha, vamo ajudar e tal, recolher roupa, essas coisas”...*

Você disse que utiliza mais o Facebook que o site do CS?

*Sim.*

Você percebe alguma diferença entre o acesso as possibilidades de interação entre o *Couchsurfing* e o Facebook? Além de ser mais rápido de conversar como você falou antes.

*É.. eu acho.. não sei, acho o site do CS um pouco mais complexo de mexer. Eu usava mais, assim. Agora eu entro... sei lá... Eu entrava antes todo dia.*

No site do CS?

*É, no site do CS. Há um ano atrás, mais ou menos, eu entrava quase todos os dias. E depois que mudou tudo eu entro sei lá, acho que uma vez a cada 2 meses. Quase isso. Eu acho ele muito... mudou bastante e não sei, não gosto muito do design novo dele e nem da maneira de fazer as pesquisas, por exemplo. Então eu achei muito ruim, achei bem diferente assim do que era antes. E a maneira como eles organizam os grupos também. Porto alegre antes, eles organizavam os grupos por áreas, as cidades, principalmente. “Ah área da grande Porto Alegre”... Aí às vezes tu vai procurar, uma vez eu tava viajando e eu ia procurar uma cidade e ia direto pra área, não era um grupo. Eu acho que as postagens também tão um pouco confusas. Eu não gostei muito não, por isso que eu acesso mais o Facebook. Acho que ele é um pouco mais dinâmico, e um pouco mais fácil.*

E como você avalia os recursos que essas plataformas oferecem? O quê que é funcional e o quê que podia ser diferente pra facilitar as interações entre os membros? Tanto no face quanto no CS?

*Olha, no CS eu acho que as ferramentas de busca de couch poderia melhorar um pouco. Eu pelo menos, não gostei muito. Da última vez, até me acostumar bem, eu tive um pouco de dificuldade pra procurar um couch. Mas até que foi assim, mas eu acho que pode melhorar. O quê mais? Eu não gosto também da maneira como eles dividiram em áreas, tipo a área da grande Porto Alegre, ou às vezes cidades pequenas, eles colocam o estado inteiro e não, se eu quero aquela cidade, eu quero aquela cidade. E deixa eu ver, o Facebook, o problema é enfim... eu acho que o Facebook tá bom como tá porque o propósito dele não é ser o Couchsurfing né. O Couchsurfing é o Couchsurfing. Mas como ele deixou de ser um pouco Couchsurfing, as pessoas passaram pro Facebook.*

Você acha que principalmente por causa das mudanças as pessoas começaram a migrar mais pro Facebook?

*Eu acredito que sim. Eu acredito que sim. E também por ser mais um site pra acessar né? Se tá todo mundo no Facebook, por que a gente vai acessar mais uma rede social? Talvez tenha um pouco disso também. Mas apesar de que o Couchsurfing tenha sido uma ferramenta de acesso ao Facebook.*

Você disse que tinha algumas dificuldades nessa parte da procura no site do CS. Que outras dificuldades tu tens pra usar os recursos dessas plataformas do Face ou do CS?

*Hum, deixa eu ver. O problema do Face é que as vezes é mais difícil achar um post que tu viu há um tempo atrás e, daí tu tem que ficar procurando, procurando, procurando. Deixa eu ver... eu acho que no Couchsurfing, ah não sei, eu não me adaptei ao novo site. Eles mudaram varias coisas de lugar, então onde antes eu fazia uma pesquisa, agora já não tá mais, tipo, tinha algum botão especial, que eu ia ter que clicar, algum link que ia ter que clicar e agora eu tenho que ficar procurando. Então eles estão sempre mudando, e eu não sei, prefiro se eu puder não entrar em nenhum momento. Eu acho que deveria, eu digo que o Couchsurfing deveria ser o usado, que o site deveria ser usado porque ele é o site do CS, mas fica ruim assim desse jeito, então se eu pudesse escolher, eu usaria o CS, mas do jeito que tá, não!*

Você disse que as interações no Facebook facilitam a interação do grupo, mas e quanto à questão de ter muito menos pessoas no grupo do Face do que no site do CS?

*Eu acho que as pessoas que estão no face são as mesmas que participam no site do CS. Então quem tá publicando, quem publicava direto no CS, são as mesmas pessoas que tão agora no Facebook.*

Mas isso não tem problema pra quem tá de fora e ficou no site do CS?

*Talvez se exclua um pouco das pessoas que pudessem participar de alguma coisa, que poderiam tá participando de alguma atividade que o pessoal só publica no Face. Mas*

*também a gente às vezes tenta publicar nos dois assim, quando o evento é mais importante, como o nacional ou alguma coisa assim. Mas ahm... a maioria é no Facebook mesmo, que o pessoal vai. O grupo do CS é bem maior, e com certeza deve ter gente que fica de fora, mas eu acho que talvez essas pessoas que fiquem de fora elas... elas não acessam muito também. Até porque eu acho que se elas fossem mais participativas, elas conheceriam o grupo do Facebook.*

E em relação às culturas daqui, à identidade gaúcha. Como você acha que as culturas de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, estão presentes nas atividades da comunidade? Seria bem essa coisa que tu disse, de ir na Redenção...?

*É, eu acho que sim. É essa coisa de “ah, vamos fazer um churrasco, vamos ali na redenção, vamos tomar um chimarrão”. Sabe, eu acho que é mais isso assim. Do pessoal se reunir na Cidade Baixa. Eu acho que é mais isso.*

E você acha que a comunidade, ela incorpora em suas atividades elementos de outras culturas que hospeda ou que acolhe? Meio que uma absorção, tipo assim, dentro... a comunidade conhecem as pessoas daqui? Sim, e você acha que de alguma forma a comunidade absorve coisas de outras culturas?

*Eu acredito que sim. Principalmente se forem membros bastante ativos, eu acho que é possível. Algumas pessoas, pelo menos, saem mais que outras também, mas eu acho que sim.*

Como você acha que pode se dar essa absorção de outras culturas?

*Olha, hummm, vamos ver. Por exemplo, ahm..deixa eu ver. Eu não sei, eu acho que talvez coisas da própria culinária, coisas que a pessoa, “ah, vai, lá onde eu moro a gente bebe tal coisa, come tal coisa”. Então o pessoal... ahm... às vezes o pessoal, sei lá, pessoa traz pra experimentar, e todo mundo gosta, todo mundo faz. O próprio jeito de falar, eu acho que às vezes essas pessoas, talvez, não sei se pra brincar ou tirar com a pessoa também, falam igual, falam do mesmo jeito... não sei. Acho que mais essas coisas assim, comida, bebida e o jeito de falar bastante. Eu pego muita mania de falar das pessoas.*

E você acha que a disponibilidade pra receber pessoas de outros lugares, tipo a hospitalidade do pessoal daqui, relacionada a comunidade, já era um elemento presente na cultura gaúcha?

*Eu acho que não. A cultura gaúcha é uma cultura mais... todo mundo diz que a gente é muito fechado né? E eu acho que não é um elemento que tá bem presente na nossa cultura não. A gente recebe bem as pessoas, mas não é como se a gente fosse assim: “ah, vem, chega lá em casa qualquer hora que tu quiser”, sabe? Não é. A gente gosta de receber bem, de tratar bem, quando a gente tem um pouco mais de intimidade. Mas eu acho que o CS é diferente porque quando as pessoas se cadastram no site elas já sabem, elas já são pessoas diferenciadas, eu acho. Já são mente aberta, já sabem que se elas vão se cadastrar num site pra hospedar pessoas e se hospedar na casa das pessoas, elas têm que ter um pouco mais de flexibilidade com todo mundo. Então pra receber, tem que receber bem. Pra hospedar, tem que ser educado, ficar na casa das pessoas.*

E você acha que essa cultura de hospitalidade pode ser uma possibilidade de resgatar antigas tradições de moradores do interior?

*Eu acredito... provavelmente. Acredito que sim.*

E como é que você enxerga essa hospitalidade nas interações da comunidade?

*Ahm...dentro do CS POA? A hospitalidade, poxa, eu vejo que as pessoas adoram receber guest... “ah, tô recebendo fulano de tal”, “ah tô recebendo um gringo americano, europeu, sei lá”. E as pessoas ficam empolgadas com isso. Elas gostam de receber pessoas. Claro que às vezes tem uns que são mais abusados que os outros, assim. Uma amiga minha uma vez recebeu um guest que praticamente mandava na casa dela assim, e ela “tá, tudo bem e tal”,*

*mas ela não, não... ela se incomodou um pouco assim e tal, mas tudo bem. Depois que ele foi embora, foi.*

Mas aí tu acha que é só essa questão de receber, de se empolgar ou tem mais alguma coisa de hospitalidade?

*Não, eu acho que cada pessoa que vem traz alguma coisa assim de cultural, assim. Eu acho que, não sei, eu adoro conhecer pessoas. Eu falo um pouco por mim assim. Eu gosto muito de conhecer pessoas e acredito que o pessoal do CS também goste muito de conhecer pessoas diferentes, porque aqui a gente convive só com pessoas que, querendo ou não, têm a mesma cultura que a gente, que fazem várias coisas parecidas, que falam do mesmo jeito e a gente aprende muita coisa com quem vem de fora e com quem é diferente de nós. E eu particularmente gosto bastante quando vem alguém. Eu não hospedo ninguém porque eu moro com meus pais e principalmente agora, que a gente tá de reforma, não tem onde ficar bem acomodado. Mas eu sempre gosto de conversar com as pessoas que estão aqui, pra saber “ah, como é lá onde tu mora, o que vocês fazem? Aqui a gente faz diferente. O que acharam de tão diferente aqui do lugar que moram” e acho que mais isso assim, as pessoas terem um pouco de convivência, acreditar tipo “ah, tu vai deixar uma estranha entrar na tua casa?”. Tá, e qual é o problema, sabe? Tenha um pouco de fé na humanidade, um pouquinho. Tipo assim, não vai ser um ladrão, não vai sair daqui roubando.*

E qual é o teu papel na comunidade hoje?

*Eu acho que o meu papel já foi um pouco maior, um pouco mais ativo. Eu tava sempre convidando todo mundo pra fazer alguma coisa, hoje eu tô mais na minha assim. Mas tô tentando voltar um pouco, a ser um pouco mais ativa. Mas é questão de participar, de tá junto com as pessoas, tento sempre estar, sempre que tiver um evento que eu ache legal eu publico lá, aí convido as pessoas pra irem junto, porque eu gosto, já fiz amizade. Já crio um pouco de intimidade com as pessoas ali e gosto de estar junto com elas. Então as coisas que eu faço, eu gostaria que elas estivessem junto, se tem alguma festa, algum evento, sei lá, qualquer coisa que eu ache legal eu vou lá e a gente sai juntos assim. E também eu acho que tentar ajudar as pessoas... Eu gosto bastante de viajar, então eu vou e me hospedo na casa das pessoas, conheço gente nova e tal. E gosto de receber pessoas também. As pessoas às vezes me mandam mensagem perguntando se eu posso sair, mostrar a cidade e claro, sem problema nenhum, tô aqui pra isso... conversar... as pessoas viajam sozinhas e às vezes sentem falta de uma companhia, então, é legal também doar um pouco da tua companhia pras outras pessoas.*

Que papéis você observa existir na comunidade além do teu?

*Eu acho que tem os papéis das pessoas que estão... ahm... digamos assim... observando né, como é que é, como é que são as pessoas que frequentam o grupo, participam. Acho que o papel de um pouco moderador, acho que daqueles que foram moderadores não saiu muito deles assim. Acho que apesar de o papel não existir mais oficialmente, eles continuam sendo um pouco, do tipo “ah, a gente tá aí, tu é novato, tu quer vir falar com a gente? Tu quer uma dica de alguém com quem tu pode te hospedar, vem aqui e a gente conversa e tal”. Ou se o pessoal tá meio deslocado, essas pessoas vão lá, falam com elas, ou assim “ah, vem, participa mais”, incentivam um pouco mais a pessoa a participar. “ah, não tenho te visto muito, aparece”... e tem as pessoas também que gostam sempre de tá fazendo alguma coisa, tão sempre convidando todo mundo pra fazer tudo. Tem os que gostam de organizar as coisas, que gostam de tudo organizadinho, tem aqueles que só aparecem de vez em quando pra... sei lá... ter alguma coisa pra fazer, pra encontrar as pessoas, pra beber... é tipo isso assim.*

E você percebe a existência de regras que auxiliam as pessoas na convivência dos membros da comunidade?

*Atualmente, a presença de regras, regras mesmo não. Eu acredito que não assim.*

*Implícitas, explícitas...?*

*É mais, ahm... mais implícitas assim...que era... Na verdade, antigamente, antes da reforma do site, quando tinha os moderadores e tal, a gente tinha uma série de regras. “ah, tu não pode ficar publicando propaganda do teu trabalho ou de alguma coisa que tu faz, aqui não é lugar pra isso. Ou se tu quer buscar couch, usa a ferramenta de busca, não fica publicando toda hora um pedido de couch na comunidade, no grupo. E um pouco disso se mantem eu acho. Quando alguém faz alguma coisa assim as pessoas vão lá e dizem “oh, aqui não é o lugar pra isso e tal, acho que se tu quiser pedir couch, tu tem que usar a ferramenta de busca” ou então se é propaganda “olha, propaganda aqui não é a melhor coisa de fazer”, que nem o rapaz que postou dos ônibus e tal. Pessoal sempre tem algumas regras básicas de convivência assim. Então...*

E o que você acha dessas regras? Acha que elas facilitam ou não?

*Eu acho que elas facilitam. Eu, pelo menos, eu não gostaria de ter toda hora no grupo alguém pedindo couch aleatório sem ter olhado o perfil de ninguém. Ou então postando propaganda e fazendo spam na comunidade o tempo inteiro. Eu acho que facilita bastante assim. Porque eu já vi comunidades, principalmente no site do CS, que o pessoal tava o tempo inteiro nas comunidades, e o tempo inteiro “ai, eu quero couch, tal dia eu vou tá aí”... Poxa, tu não olhou o perfil de ninguém. Tu nem te deu o trabalho de conhecer o teu... sei lá... de buscar um host por afinidade, ou por...” ah essa pessoa parece legal”. Não, só foi lá e postou pra alguém. Tanto é que essa nova ferramenta também do site do CS que tu só posta “ah, eu vou tá em tal lugar, tal dia”, e aí as pessoas te oferecem convite de couch pra tu ficar na casa delas. Mas eu acho que isso é um pouco pessoal assim. Então, eu acho que as regras elas facilitam muito. Até pras pessoas se respeitarem um pouco mais e saberem que é um grupo que tem um propósito, que tem um... né?! Não é só oba oba.*

E como é que você definiria a comunidade CS POA?

*A comunidade do CS POA hum... deixa eu ver. Ah, é um grupo de gente muito louca às vezes. Ahm, mas eu considero, olha eu considero. Eu vejo como um grupo de muitos amigos. Pessoas que mesmo que não te conheçam muito, elas agem muito amigavelmente e eu vejo como um grupo de pessoas abertas, assim. O CS POA é um dos mais ativos eu acho, no Brasil, junto com o CS de São Paulo e do Rio, e de Curitiba. Então são dos grupos mais ativos que tão sempre fazendo alguma coisa, que têm maiores quantidade de pessoas participando ativamente. Então eu acho que é um grupo de amigos que gosta de tá junto, passear juntos, fazer coisas juntos, que começou como um grupo de viajantes mas que agora já é um grupo de pessoas que gosta, que tá sempre disposto a receber e aumentar o grupo de amigos cada vez mais.*

O quê que é ser membro dessa comunidade?

*Eu... ser membro dessa comunidade. Eu me sinto uma pessoa diferente por ser membro do Couchsurfing, do CS POA também. Porque eu me sinto uma pessoa que tem um pouco de... que confia nas pessoas, e bastante nas pessoas que não conhecem. Que dá um voto de confiança pras pessoas e que acredita que mesmo um estranho possa acrescentar alguma coisa na tua vida, né? E que busca experiências diferentes, que muitas das pessoas de fora do grupo não tem. Então acho que o CS foi bem importante pra mim.*

Que aspectos definem o CS POA?

*Aspectos... deixa eu ver. Hum... eu acho que é... o CS POA, ele é vivo, ele é... não sei, ele é as vezes doido, meio maluco assim, bem ativo. Ele é amigável, eu acho que bem amigável. Ahm... CS POA também é, não sei.. são risadas, companheirismo, confiança um pouco também.*

Que valores compõem essa comunidade?

*Hum... valores, vamos ver... ahm... eu acho que a confiança, não é? E essa questão de respeito. Respeito. Respeitar as pessoas diferentes. E ser aberto, mente aberta.*

Você acha que há diversidades na comunidade em relação a esses aspectos ou a esses valores ou você acha que é uma coisa de meio que todo mundo?

*Eu acho que tem gente que tem valores que são mais importantes, tem gente que tem. Mas eu acho que existe um equilíbrio assim, nem todo mundo também tem os mesmos valores, mas eu acho que tem... de certa forma é um pouco equilibrado. Alguns compensam por outros e fica uma coisa mais equilibrada.*

Você acha que meio que esses valores que você descreveu são uma coisa meio comum?

*É. É. Eu acho que sim, ate porque quando tu te registra num site com a proposta que ele tem, acho que mais ou menos tu sabe, tu te identifica com aquela proposta. E então, é um grupo de pessoas muitas vezes diferentes, né? Com gostos diferentes, mas com valores semelhantes, né. Eu acho bastante isso.*

Obrigada pela entrevista.